

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONHECIMENTO E  
INCLUSÃO SOCIAL

SEBASTIÃO CARLOS DOS SANTOS CARVALHO

**O IMPACTO DAS AÇÕES AFIRMATIVAS NA ESTÉTICA E NA IMAGEM  
CORPORAL DE JOVENS NEGROS E NEGRAS DA UNEB, CAMPUS GUANAMBI**

Belo Horizonte  
2021

SEBASTIÃO CARLOS DO SANTOS CARVALHO

**O IMPACTO DAS AÇÕES AFIRMATIVAS NA ESTÉTICA E NA IMAGEM  
CORPORAL DE JOVENS NEGROS E NEGRAS DA UNEB, CAMPUS GUANAMBI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Área de concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Afirmativas

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ednilson de Jesus

Belo Horizonte  
2021

C331i  
T

Carvalho, Sebastião Carlos dos Santos, 1972-

O impacto das ações afirmativas na estética e na imagem corporal de jovens negros e negras da UNEB, campus Guanambi [manuscrito] / Sebastião Carlos dos Santos Carvalho. - Belo Horizonte, 2021.

235 f. : enc, il.

Tese -- (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Rodrigo Ednilson de Jesus.

Bibliografia: f. 222-235.

1. Universidade do Estado da Bahia -- Estudantes -- Programas de ação afirmativa -- Teses. 2. Educação -- Teses. 3. Estudantes negros -- Teses. 4. Imagem corporal -- Teses. 5. Universidades e faculdades -- Relações étnicas -- Bahia -- Teses. 6. Universidades e faculdades -- Relações raciais -- Bahia -- Teses. 7. Universidades e faculdades -- Políticas públicas -- Bahia -- Teses. 8. Ensino superior -- Relações raciais -- Bahia -- Teses. 9. Ensino superior -- Relações étnicas -- Bahia -- Teses. 10. Discriminação na educação -- Teses. 11. Discriminação racial -- Teses. 12. Programas de ação afirmativa -- Teses. 13. Bahia -- Educação -- Teses. 14. Bahia -- Ensino superior -- Teses.

I. Título. II. Jesus, Rodrigo Ednilson de, 1979-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.19342

**Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
POS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL  
**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**O impacto das Ações Afirmativas na estética e na imagem corporal de estudantes negros e negras da UNEB, campus Guanambi**

Aprovada em 25 de maio de 2021, pela banca constituída pelos membros:

**SEBASTIÃO CARLOS DOS SANTOS CARVALHO**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Doutor em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Prof(a). Rodrigo Ednilson de Jesus - Orientador - UFMG  
Prof(a). Nilma Lino Gomes - UFMG  
Prof(a). Shirley Aparecida de Miranda - UFMG  
Prof(a). Dyane Brito Reis Santos - UFRB  
Prof(a). Ivanilde Guedes de Matos - UEFS

Belo Horizonte, 24 de novembro de 2021.

Professora Dra. Rosimar de Fátima Oliveira  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação:  
Conhecimento e Inclusão Social - FAE/UFMG



Documento assinado eletronicamente por **Rosimar de Fatima Oliveira, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 24/11/2021, às 12:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1101255** e o código CRC **755844E6**.

De minha parte, tenho certeza de que a ação afirmativa favorece a nação brasileira, ampliando as oportunidades abertas à maioria de nossa juventude para que esses meninos nos ajudem a superar as dificuldades que nos afligem há séculos.

Abdias Nascimento, *Ação afirmativa: o debate como vitória*

## AGRADECIMENTOS

Obrigado!

Ao meu amigo Marlon.

Foi ele quem me avisou do processo de seleção, me cobrou de fazer e entregar o projeto e me ligou dando a notícia de que eu tinha sido aprovado. Ele foi meu tutor para entrar por essa porta. Certamente ele não sabe que naqueles dias, do início de 2017, quando tudo isso aconteceu, eu estava vivendo dias difíceis e esse doutorado me tirou de um poço escuro em que eu estava mergulhado. Tenho lhe agradecido muito nos últimos anos e penso que por você ter acreditado tanto, não poderia deixar de te agradecer aqui também. Obrigado, meu grande amigo!

À UNEB.

Essa universidade que tem modificado milhares de vidas nesse país. Tem possibilitado que muita gente se descubra, se reinvente, se empodere, se liberte e se rebele. Estou incluído nesse bojo de novas pessoas forjadas em seu ambiente.

À Sônia.

Uma companheira revolucionária. Uma educadora incansável. Uma mulher linda! Obrigado por tanta caridade. Apenas pessoas caridosas se arvoram a plantar o que você planta: Frutos para alimentar os outros. Sônia nos faz acreditar que podemos ser sempre melhores e que podemos dar sempre mais do que damos.

Aos colegas do Dinter.

Jorge, Zelhinha, Edna, Kleide, Giane, Gildelson, Elvina, Fátima, Angelita, Ginaldo e Fausta. Me senti como um colegial ao lado de vocês. Foi, acima de tudo, muito divertido a nossa jornada. Aprendemos muito uns com os outros. A generosidade de vocês é algo inestimável. Quero agradecer de uma forma muito especial a Jorge e Fausta. Quando me lembro do professor Luís falando do suporte dos sujeitos, só me lembro de vocês. Vocês também não sabem disso, mas preciso agradecer por essa ajuda que me deram sem eu pedir. Vocês fizeram e fazem questão de deixar eu saber que se eu precisar de qualquer coisa, vocês estarão sempre por perto.

À Fae/UFMG.

Carmem, Ana Galvão, Luís Alberto.

Cada um, a sua maneira, me empurrou, me puxou, me esticou, me fez sair do lugar. As conversas solitárias que tive com vocês durante essa formação foram inquietantes, principalmente porque eu nunca sabia o que vocês iriam me responder. (risos)

À Shirley Miranda.

Me desarrumou já em minha em minha entrevista durante a seleção. Com uma simples pergunta fez com que eu desconstruísse toda a certeza que eu tinha de quem eu era e me fez repensar a minha ancestralidade. Shirley, através de uma pergunta, me ensinou o melhor caminho para começar a descolinizar o meu pensamento. Estou caminhando, professora.

À quem acreditou.

Não tenho mestrado. Durante anos na docência, negligenciei a formação *Stricto Sensu*. Ouvia de alguns colegas e de alunos e amigos que eu deveria tentar logo um doutorado. Não é que deu certo? Na figura de Téo, que no dia que saiu o resultado comemorou junto com muitos que acreditaram, eu agradeço. “O relento agora vai ser dotô”!

Aos amigos “de copo e de Cruz”.

Tempos difíceis, companheiros, mas estamos aqui. Sobrevivemos ao golpe de 16, ao que veio depois e haveremos de resistir e voltar a sorrir. Obrigado por me ouvirem teorizando quando o desejo de vocês era apenas tomar uma cerveja e falar de frivolidades.

Aos participantes desse estudo:

Letícia, Joselandia, Gabriela, Nina, Bárbara, Karina, Jonathan, Keila, Juliana e Queila. Muito obrigado por tanta entrega e verdade. Vocês estão tornando um sonho possível e estão dando visibilidade e voz a outros tantos que vivem experiências semelhantes, cada um à sua maneira. Pedro Aurélio, que deu o suporte técnico durante a realização da oficina registrando imagem e som. Obrigado a todas e a todos vocês.

À família Santos Carvalho.

Chefiada por uma mulher preta, que mesmo depois que faleceu, continua super presente em nossas vidas. Quando eu tinha alguma angústia, bastava eu me sentar no sofá da casa de minha mãe, conversar com ela alguns minutos, sobre qualquer bobagem que o coração acalmava. Queria muito poder ligar para ela e dizer que mais um filho dela está virando doutor. Dona Bezinha é a síntese daquilo que eu quero ser quando crescer. Obrigado, mãe.

Minhas irmãs... tenho até vergonha de dizer obrigado. Chega a ser injusto resumir tudo o que vocês fizeram e fazem por mim em apenas uma palavra. Meus sobrinhos, minhas alegrias, meus filhos mais velhos. Meu pai. Seu Tunin, parkinsoniano, preso a uma cadeira há anos, nem se alimentar sozinho consegue. Quando eu chego lá e digo assim:

- Bença, pai?

- Deus te abençoi!

- Como vai?

- Tô Bom!

Quantos doutorados eu teria que fazer para compreender a vida com essa simplicidade? Muito obrigado meu pai, por me dizer a cada dia que eu ainda não sei de nada.

Ao Meu lar.

Kakau, Florzinha e Bento.

Uma bússola, um sol e um par de asas.

Estou voltando, gente. A vocês, além de agradecer, peço desculpas pelas ausências. Pelos perrengues que vocês viveram nesses últimos anos. Mas está acabando. Só falta um pouquinho.

Um dia desses, Florzinha me disse:

- Pai, você tá tão ausente?

Pense aí: em plena pandemia, a gente confinado dentro de casa e sua filha lhe diz isso? Só não desisti porque já estava quase no fim. (Risos)

Kau, jamais esquecerei a sua cumplicidade e seu amor incondicional em cada pedacinho de nossa história. Obrigado por tudo. Nosso lar, lindo!

Ao meu orientador.

Rodrigo de Jesus. Muito obrigado, cara. Pela compreensão. Por falar para eu voltar quando eu estava indo pelo caminho errado. Por dizer para eu seguir em frente, quando estava certo. Obrigado pelas perguntas que demoravam 3 dias, 20 artigos e 2 livros para serem respondidas em um parágrafo. Você é um homem lindo e fantástico. Muito obrigado.

Desde menino tem uma entidade comigo que me dá umas dicas, me coloca umas dúvidas me dá conselhos. Às vezes quando acordo, outras durante o banho, ou mesmo quando estou dirigindo, essa entidade me ajuda com ideias divinas que tem contribuído para que eu sobreviva e obtenha êxito em muitas coisas em minha vida. Obrigado a você também, que mesmo quando eu não quero te ouvir, você encontra uma maneira de me dizer as coisas. Deus, obrigado.



## RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de relacionar o racismo brasileiro e suas implicações no processo educacional nas universidades brasileiras com as atuais dinâmicas associadas à politização da estética negra. O foco esteve no impacto das Ações Afirmativas na estética e imagem corporal de jovens negros e negras e como isso tem refletido e influenciado em sua cultura corporal. A pesquisa teve como objetivo geral compreender o processo de ingresso de estudantes negros e negras no *Campus XII* da UNEB, via Ações Afirmativas e os possíveis impactos em suas percepções estéticas e em suas imagens corporais. A base teórica utilizada nesse trabalho foi fundamentalmente formada por autores e autoras decoloniais a exemplo de Stuart Hall, Frantz Fanon, Nilma Lino Gomes, Rodrigo Ednilson de Jesus, Kabengele Munanga, dentre outros. O caminho metodológico foi caracterizado como pesquisa tipo qualitativa, investigativa exploratória, onde a pesquisa etnográfica ocorreu através da colheita de narrativas, feitas por meio de oficinas que foram gravadas e posteriormente analisadas, tendo as falas mais relevantes transcritas e interpretadas sob a perspectiva da Hermenêutica. Realizou-se também um mapeamento corporal dos/das participantes, buscando uma aproximação com uma técnica que denominamos de Mapas Corporais. Essa técnica analisa as mudanças no relevo corporal que possivelmente ocorrem/ocorreram a partir dos impactos das ações afirmativas. A percepção auferida foi que as Ações Afirmativas transcenderam a questão do ingresso, do acesso e da permanência dos negros e negras ao ensino superior. Elas têm promovido também uma reforma na constituição da estética corporal, no autorreconhecimento e na autoafirmação dessas pessoas. É um estudo reflexivo sobre os processos de ingresso, sobre as tensões, sobre a negação, a descoberta e redescoberta desses estudantes, buscando uma aproximação da dimensão das trajetórias dessas pessoas e de uma possível interferência dessas políticas afirmativas no desvelar dos corpos em questão.

**Palavras-Chave:** Ações Afirmativas; Estética Negra; Imagem Corporal; Universidade.

## ABSTRACT

The present work was developed with the objective of relating Brazilian racism and its implications in the educational process in Brazilian universities with the current dynamics associated with the politicization of black aesthetics. The focus was on the impact of Affirmative Actions on the aesthetics and body image of young black men and women and how this has reflected and influenced their body culture. The general objective of the research was to understand the process of entering black students at UNEB Campus XII, by Affirmative Actions and the possible impacts on their aesthetic perceptions and on their body images. The theoretical basis used in this work was fundamentally formed by decolonial authors, such as Stuart Hall, Frantz Fanon, Nilma Lino Gomes, Rodrigo Ednilson de Jesus, Kabengele Munanga, among others. The methodological path was characterized as qualitative, exploratory investigative research, where ethnographic research took place through the collection of narratives, made through workshops that were recorded and later analyzed, with the most relevant lines transcribed and interpreted from the perspective of Hermeneutics. A body mapping of the participants was also carried out, seeking an approximation with a technique that we call Body Maps. This technique analyzes the changes in body relief that possibly occur/occurred from the impacts of affirmative actions. The perception gained was that Affirmative Actions transcended the question of the admission, access and permanence of black men and women to higher education. They have also promoted a reform in the constitution of body aesthetics, in the self-recognition and self-affirmation of these people. It is a reflective study about the admission processes, about the tensions, about the denial, the discovery and rediscovery of these students, seeking an approximation of the dimension of the trajectories of these people and a possible interference of these affirmative policies in the unveiling of the bodies in question.

**Keywords:** Affirmative Actions; Black Aesthetics; Body image; University.

## RESUMEN

Esta disertación tuvo como objetivo relacionar el racismo brasileño y sus implicaciones en el proceso educativo en las universidades brasileñas con la dinámica actual asociada a la politización de la estética negra. La atención se centró en el impacto de las acciones afirmativas en la estética y la imagen corporal de los jóvenes negros y cómo esto ha reflejado e influido en su cultura corporal. La investigación tuvo como objetivo general comprender el proceso de admisión de estudiantes negros y negros en la UNEB Campus XII, a través de Acciones Afirmativas y los posibles impactos en sus percepciones estéticas y en sus imágenes corporales. La base teórica utilizada en este trabajo estuvo formada fundamentalmente por autores y autores decoloniales, como Stuart Hall, Frantz Fanon, Nilma Lino Gomes, Rodrigo Ednilson de Jesus, Kabengele Munanga, entre otros. El camino metodológico se caracterizó por ser una investigación investigativa exploratoria cualitativa, donde la investigación etnográfica se desarrolló a través de la recopilación de narrativas, realizadas a través de talleres que fueron registrados y posteriormente analizados, con las líneas más relevantes transcritas e interpretadas desde la perspectiva de la Hermenéutica. También se realizó un mapeo corporal de los participantes, buscando una aproximación con una técnica que llamamos Mapas Corporales. Esta técnica analiza los cambios en el relieve corporal que posiblemente ocurren / ocurrieron a partir de los impactos de las acciones afirmativas. La percepción que se ganó fue que las Acciones Afirmativas trascendían la cuestión del ingreso, acceso y permanencia de hombres y mujeres negros a la educación superior. También han impulsado una reforma en la constitución de la estética corporal, en el autorreconocimiento y autoafirmación de estas personas. Se trata de un estudio reflexivo sobre los procesos de admisión, sobre las tensiones, sobre la negación, el descubrimiento y redescubrimiento de estos estudiantes, buscando una aproximación de la dimensión de las trayectorias de estas personas y una posible interferencia de estas políticas afirmativas en la develación de los cuerpos en cuestión.

**Palabras clave:** acciones afirmativas; Estética negra; Imagen corporal; Universidad.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Pesquisa móvel e na Web em navegadores e aplicativos em 2018.....	66
Figura 2. Resultado para "corpo padrão brasileiro" no Google.....	67
Figura 3. Resultado para "corpo padrão brasileiro" no Yahoo.....	67
Figura 5. Resultado para "exemplo de corpo brasileiro" no google.com.....	69
Figura 6. Resultado para "exemplo de corpo brasileiro" no yahoo.com.br.....	70
Figura 7. Resultado para "exemplo de corpo brasileiro" no duckduckgo.com.....	70
Figura 8. Resultado da busca para "corpos bonitos" no Google.com.....	72
Figura 9. Resultado da busca para "corpos bonitos" no Yahoo.....	72
Figura 10. Resultado da busca para "corpos bonitos" no Duckduckgo .....	73
Figura 11. Resultado para "corpo ideal masculino" no google.com".....	75
Figura 12. Resultado para "corpo ideal masculino" no yahoo.com.br.....	75
Figura 13. Resultado para "corpo ideal masculino" no duckduckgo.com.....	76
Figura 14. Resultado da busca para "corpo ideal feminino" no google.com.....	78
Figura 15. Resultado da busca para "corpo ideal feminino" no yahoo.com.br.....	79
Figura 16. Resultado da busca para "corpo ideal feminino" no duckduckgo.com.....	79
Quadro 1. Apresentação dos parâmetros e similaridades para análise dos participantes.....	106

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>As Descobertas da negritude na Capital mais Negra do Brasil</b> .....	19
<b>A Capoeira e o contato com a Ancestralidade</b> .....	22
<b>O Retorno para a terra natal</b> .....	24
<b>CAPÍTULO I: O RACISMO BRASILEIRO E O PROCESSO EDUCACIONAL</b> .....	30
1.1 Pequeno Recorte Sobre a Implantação do Ensino Superior no Brasil até as Políticas de Cotas .....	42
1.2 As ações afirmativas e os debates em torno das reservas de vagas para negros.....	48
1.3 Os campos de disputa das ações afirmativas nos últimos anos .....	52
<b>CAPÍTULO II – A EDUCAÇÃO FÍSICA, A SOCIEDADE E A CORPOREIDADE</b> .....	57
2.1 Abordagem Hegemônica do Corpo na Educação Física. O esquecimento proposital dos corpos negros .....	60
2.2. As dimensões da corporeidade dos corpos invisibilizados .....	65
<b>CAPÍTULO III: Preceitos para a percepção das mudanças nas imagens corporais de jovens negros (as) universitários (as): O corpo e sua extrema necessidade de falar</b> .....	83
3.1 Oficinas para o Mapeamento Corporal.....	100
3.2 O Feijão, a feijoada e os caminhos trilhados no encontro dos Mapas Corporais .....	104
3.3 Corpos em evidência.....	110
<b>CAPÍTULO IV - Corpus Mundi: A representação da superfície corporal de jovens universitários (as) negros (as)</b> .....	117
4.1 Categorias, dimensões e arquétipos. Corpos e corporeidades, identificação e identidades .....	120
4.2 Da identificação a identidade: Cada um, é cada um .....	127
4.3 Café com Leite, Arroz com Feijão. Misturas, mestiçagens e miscigenação: o colorismo de nossos dias .....	134
4.4 Infância e adolescência, família e escola: Ser, e ser aceito. Quanta inquietude! .....	145
4.5 UNEB, <i>Campus XII</i> - Desafios da Permanência Simbólica. A voz de quem fez ou está fazendo a travessia .....	168
4.6 - O casulo da universidade.....	202
<b>CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	216
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	223

**INTRODUÇÃO**  
**FRAGMENTOS DA CONSTRUÇÃO DA MINHA IDENTIDADE**  
**Seria Eu Um Falso Negro ou Um Falso Branco? Religião e as Máscaras que me foram dadas na (Des) Construção da Minha Identidade**

**Respeitem meus cabelos, brancos!**

(Chico César)

“Respeitem meus cabelos, brancos  
 Chegou a hora de falar  
 Vamos ser francos  
 Pois quando um preto fala  
 O branco cala ou deixa a sala  
 Com veludo nos tamancos  
 Cabelo veio da África  
 Junto com meus santos  
 Benguelas, zulus, gêges  
 Rebolos, bundos, bantos  
 Batuques, toques, mandingas  
 Danças, tranças, cantos  
 Respeitem meus cabelos, brancos  
 Se eu quero pixaim, deixa  
 Se eu quero enrolar, deixa  
 Se eu quero colorir, deixa  
 Se eu quero assanhar, deixa  
 Deixa, deixa a madeixa balançar.”

A construção da minha identidade como homem negro, professor de uma universidade pública, não se deu de uma hora para outra. Na verdade, essa identidade vem sendo construída ao decorrer dos anos, de acontecimentos, encontros e experiências. O processo de autoidentificação tem atravessado minha existência e me trouxe até aqui: a corroboração da hipótese de que as Ações Afirmativas impactam/impactaram minha vida, minha estética, minha existência, minha realidade. Utilizarei aqui o recurso do gesto auto etnográfico para demonstrar já de início como foi impossível “afastar-me da ilha, para ver a ilha”.

Sou parte integrante desse trabalho de pesquisa e ao longo da escrita mencionarei como me encontrei inserido no projeto, assim como buscarei explicar como as trajetórias negras são sustentadas por aportes partilhados de forma direta ou indireta, consciente ou inconscientemente.

Como subgênero da etnografia, “o ‘gesto’ auto etnográfico consiste em aproveitar e fazer valer as ‘experiências’ afetivas e cognitivas de quem quer elaborar conhecimento sobre um

aspecto da realidade baseado justamente na sua participação no mundo da vida na qual está inscrito tal aspecto” 13 (SCRIBANO; DE SENA, 2009: 5)

Perceber-se negro, identificar-se como negro e posicionar-se enquanto negro numa sociedade vestida de máscaras brancas e tradicionalmente católica foi algo improvável durante minha juventude. Não havia nenhuma censura explícita, nenhum preconceito declarado que limitasse essa autoafirmação. Portanto, nunca foi necessária. Sendo eu um jovem de classe média baixa, estudante de boas notas na única escola pública de ensino médio da cidade, perpassava despercebido por essas questões. A escola, obviamente fazia seu Apartheid próprio, mas o fato de eu ter sido um “bom aluno” além de ter uma íntima ligação com a igreja católica, desfrutei um caminho mais favorável do que em comparação com os meus pares.

Categoricamente havia uma intrínseca relação entre escola e igreja. Grande parte das professoras e professores da época, exerciam com fervor a religião. A missa era parte da vida social de praticamente todos e não raramente nos encontrávamos nas procissões e orações dos domingos. Era norma, cantar o hino e rezar um “Pai Nosso” e uma “Ave Maria” antes de entrar para a sala. Tínhamos aula de religião duas vezes por semana. Era mais um catecismo do que aula sobre religião. Eu era um ótimo aluno!

Talvez essa tenha sido a estratégia utilizada pela comunidade na época, para “dourar a pílula” da meritocracia. A minha pessoa era considerada e referida como um ser exemplar, ou seja, diante minha condição de pobre e negro poderia conquistar uma vida digna.

Preciso situar o leitor no tempo e no espaço: minha narrativa ocorre em Caetité, cidade do interior baiano que se orgulha por ser o berço natal de Anísio Teixeira. Faço um recorte entre a década de 80 e o início da década seguinte, quando a cidade tinha um pouco mais de 45 mil habitantes. Contarei como a igreja, a escola e a sociedade esconderam de mim que eu era negro e como a força do colonialismo e do mito da democracia racial se encarregaram de me dar a falsa impressão de que eu não era quem eu era. Convidarei Fanon (1968, p.27) para essa conversa, pois, segundo ele:

O mundo colonial é um mundo dividido em compartimentos. Sem dúvida é supérfluo, no plano da descrição, lembrar a existência de cidades indígenas e cidades europeias, de escolas para indígenas e escolas para europeus, como é supérfluo lembrar o apartheid na África do Sul. Entretanto, se penetrarmos na intimidade desta divisão, obteremos pelo menos o benefício de pôr em evidência algumas linhas de força que ela comporta. (FANON, 1968)

Meu mundo foi construído assim, em compartimentos. Tudo muito bem-organizado e

orgânico. Os compartimentos não se isolavam e faziam parte de um complexo único, onde tudo se interligava: escola, igreja, trabalho e família. Tentarei explicitar aqui como essa organização funcionou comigo e como a força do colonialismo foi e é muito presente e latente.

Hoje percebo que durante muito tempo adotei sem perceber duas características comportamentais distintas, conseqüentes de uma ideologia colonial. Ao me relacionar com outro negro e/ou diferentemente, com uma pessoa branca assumia inconscientemente atitudes divergentes. Era um conflito gerado por uma educação que não me permitiu posicionar-me como negro. Eu era um menino, um adolescente que servia de exemplo para outros de pele negra e de pele branca também. Aos de pele negra eu era aquele que justificava o mérito; poderia ser considerado o exemplo de como a meritocracia funcionava. Aos de pele branca, funcionava como estímulo e até ameaça: se ele que é assim pode, você também pode, ou vai perder o seu lugar.

Em minha certidão de nascimento, sou identificado como pardo. Filho de mãe negra e pai branco. Nascido na década de 70, era o correto e mais confortável de se dizer: “Não é negro, é pardo”!

Era uma maneira das famílias tentarem afastar seus filhos do estigma da cor, que implicitamente marcava a todos os “quase negros”. Cresci numa perspectiva que me dividia sempre: não era negro, mas também não era branco. Em algumas situações era tratado como negro, em outras, era visto como um branco.

Quando menino, ouvi de um padre uma história um tanto peculiar. Disse ele:

*- Quando deus criou a humanidade, ele a fez de barro queimado. Terminado o serviço, imediatamente mandou que todos fossem se banhar num lago. Os brancos, logo foram na frente e se limpam, ficando todos bem alvinhos. Os negros, preguiçosos que eram, deixaram para depois, preferiram dormir um pouco. Quando decidiram se banhar a água além de suja estava bem pouquinha, resultado: só conseguiram lavar as palmas das mãos e as solas dos pés. A preguiça dos negros, fez com que eles ficassem daquela cor.*

Ao ouvir e relembrar desse conto, me pego pensando como isso impactou um menino “pardo” no auge dos seus nove anos. Ficava imaginando minha mãe, chegando por último e frustrada, molhando apenas as mãos... Havia culpa por minha preguiça e pelo fato de ter encontrado uma água bem barrenta e não ter conseguido ficar mais limpinho. Cresci com esse



filme rodando em minha cabeça, e de vez em quando, me pegava com vergonha da minha preguiça e da minha cor.

É fato que quando o padre usou a frase: “a preguiça dos negros, fez com que eles ficassem daquela cor”, de certa forma, ele tentou nos afastar “daqueles negros”. Eram sujeitos específicos, de um conto específico e que de certa forma, não me dizia respeito. Era apenas para me servir de exemplo para que eu não me igualasse a eles, para que eu não me sentisse como um negro. Durante minhas divagações, sempre tinha dúvida se minha mãe e eu havíamos participado daquele banho... Ao que me parece, essa confusão mental foi provocada de forma proposital. Era para ser assim mesmo. Era para eu sempre ficar na dúvida quanto ao que se travava: daqueles negros ou destes negros. Na hipótese de se tratar de mim, ou do não eu. Fanon (2008, p.104) me lembra que:

“O negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco. Alguns meterão na cabeça que devem nos lembrar que a situação tem um duplo sentido. Respondemos que não é verdade. Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica. De um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretensiosamente, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta (FANON, 2008”).

Cresci sob uma educação católica rígida. Aos oito anos já tinha que redimir de meus pecados. Havia que negar meu corpo e meus desejos. Aos nove, quando fiz a “Primeira Comunhão<sup>1</sup>”, confessei de joelhos todas as minhas faltas e me penitenciei. Repeti esse rito durante toda minha adolescência e tinha no sexo, na masturbação e na vaidade, os piores dos pecados. Negar meu corpo fazia parte do processo. Os outros certamente me viam, mas eu não sabia direito identificar quando eu me olhava.

As religiões de matrizes africanas não me foram apresentadas, ouvia apenas falar que eram coisas obscuras, ou até demoníacas. Havia em mim um medo enorme “daquelas coisas”. Era assim que era tratado o Candomblé, a Umbanda e outras manifestações religiosas afro-brasileiras. Entre a igreja e minha mãe, e eu, havia um mundo paralelo, onde antes de ir ao médico eu ia numa benzedeira. Por vezes a visita ao segundo era dispensada, visto a eficácia dos ramos que me passavam. No entanto, essa prática era vista como um costume antigo e

---

<sup>1</sup> A Primeira Comunhão ou Primeira Eucaristia é o ato religioso da Igreja Católica no qual é celebrada a primeira vez que a criança cristã irá receber o Corpo e o Sangue de Cristo de forma simbólica. Acontece ao final do período de catequização da criança que dura cerca de 6 meses.

sempre depois da Bênção, rezávamos um “Pai Nosso” e uma “Ave Maria”, para autenticar o ritual diante do Deus branco da igreja católica. Aprendi a crer na força da reza de “Tia Roxa”, como cria no poder da confissão e da comunhão. Mas aquela fé clandestina, obscura, mágica, precisava ficar distante da igreja. Era um pecado imperdoável, ao mesmo tempo que podia ser corriqueiramente cometido.

Hoje percebo a força que a religião do colonizador exerceu em minha infância e adolescência, sendo utilizada como um dos principais instrumentos do meu embranquecimento.

Era assim na igreja. Nas encenações, já fui ladrão, já fui o soldado que perfurou Cristo na cruz. Na “Missa do Lava Pés”<sup>2</sup>, o bispo em sinal de humildade, um dia lavou o meu pé direito. Já fui o pedreiro que ajudou Jesus a carregar a cruz, mas nunca fui um anjinho de procissão. Fui educado a temer a Deus. Lembro-me bem de um quadro de um rapaz loiro de olhos azuis que tinha na sala de casa (Figura 1). Minha mãe disse que era Jesus e que ele me acompanhava aonde eu fosse. Minha professora de catecismo e o padre na igreja já haviam me alertado sobre isso: “Ele está em todo lugar”! Raul Seixas, em sua canção Paranoia, de 1975, compartilhava o mesmo medo comigo:

*“Tinha tanto medo de sair da cama à noite pro banheiro  
Medo de saber que não estava ali sozinho porque sempre  
Sempre, sempre  
Eu estava com Deus!  
Eu estava com Deus!  
Eu estava com Deus!  
Eu estava sempre com Deus!  
Com amor e com medo!”*

Esse tipo de educação que recebi não me permitiu saber de ícones negros como Martin Luther King, Malcolm X ou Abdias do Nascimento. Zumbi, Machado de Assis, Elza Soares eram apenas personagens de uma conjectura distante da qual eu apenas ouvia falar de vez em quando. Não havia nem por que, nem para que me aproximar deles. Aparentemente, estava tudo muito bem resolvido. É fato que havia muito a se explicar e a se entender: por que nenhuma de minhas namoradinhas da adolescência quis assumir o namoro em público? Por que nas apresentações da escola e da igreja eu sempre tinha um papel de subalternidade? Por que eu ria

---

<sup>2</sup> Na liturgia católica, o termo lava-pés designa o gesto que se pratica na Quinta-Feira Santa em que o sacerdote, assistido por dois ministros, lava o pé direito de 12 homens, à imitação e em celebração do que fez Jesus a seus discípulos, na Última Ceia. O gesto é visto como uma demonstração da humildade de Cristo diante de seus amigos apóstolos.

das piadas de cunho racista que me eram contadas como não fosse eu um negro? Por que a religião cristã nunca me levou a refletir sobre minha existência e quando eu imaginava que Deus era minha imagem e semelhança eu nunca o via, negro?

Certamente, como disse Fanon (1968), a Igreja nas colônias é uma Igreja de brancos, uma igreja de estrangeiros. Não chama o homem colonizado para a via de Deus mas para a via do branco, a via do patrão, a via do opressor, sendo muitos os chamados e pouco os escolhidos. Dessa forma, naturalmente, eu deveria estar lá, mas não poderia fazer parte. Era necessário que eu cultivasse o meu complexo de inferioridade para que o *status quo* fosse mantido.

De minha parte nunca houve rebeldia. Minhas dúvidas e angústias eram aplacadas por cânticos e orações. Esmerava-me em ser uma boa ovelha, para que nada me faltasse. Caso uma ponta de subversão ou desobediência sobressaísse, havia sempre uma passagem bíblica para demover-me daquele ímpeto. Não por acaso, era recorrente a leitura do evangelho de São Pedro, em especial o capítulo 2, versículos de 13 a 21 que tratam do respeito pela autoridade (trecho completo no Anexo 2). Nele, dentre outras coisas, me foi ensinado que: *Escravos, sujeitem-se a seus senhores com todo o respeito, não apenas aos bons e amáveis, mas também aos maus. Porque é louvável que, por motivo de sua consciência para com Deus, alguém suporte aflições sofrendo injustamente.*

Ainda adolescente, trabalhei como “*office-boy*” na agência do Banco do Brasil em Caetitê-Bahia. Participei de uma seleção na escola e passei entre outros bons alunos. Tinha uma oportunidade de me tornar bancário, pois ao completar 18 anos teria a possibilidade de fazer um concurso e me efetivar. Em minha primeira semana de trabalho, fui chamado por uma supervisora que me disse que “aquelas roupas que eu estava usando não eram adequadas para o ambiente”. Fiquei chocado. Paralisado. Envergonhado de mim mesmo. Estava vestido com minha roupa de domingo, a que eu ia para missa, e não sabia como iria fazer... Fui para casa e naquele dia não retornei ao trabalho. Como iria explicar para minha mãe que minha melhor roupa não servia? Falei com minha irmã mais velha, que trabalhava num outro banco da cidade, que providenciou umas roupas para que eu usasse até que a minha farda ficasse pronta. Esse foi apenas o primeiro episódio de racismo que passei... Outros vieram e incrivelmente eu naturalizava todos. Não entendia, não percebia que minha cor de pele, associava-se a minha função e que, eu, de certa forma, era o menino da senzala que estava tendo a oportunidade de conviver na casa grande. Eram 52 funcionários, destes apenas três eram negros. Nenhum deles conseguiu ocupar um cargo de chefia.

De modo geral, a relação do meu emprego no banco com minha vida social foi muito impactante. Aquele trabalho me embranquecera mais ainda. Eu tinha dinheiro para comprar no comércio, tinha talão de cheques (aos 16 anos), tinha um salário razoável. Definitivamente não era um rapaz negro. Era um rapaz que tinha dinheiro e uma certa independência financeira. A discriminação que sofria em meu ambiente de trabalho, era vista como algo normal: eu era apenas o “office-boy” da agência, ou o “menor”, como alguns me chamavam. Meus amigos/colegas eram a moça da cantina, o pessoal da limpeza e o responsável pelo almoxarifado. Os outros eram meus patrões e a mim cabia servi-los, inclusive em tarefas impossíveis como “enxugar gelo”, encontrar a “ferramenta de extrair extrato” dentre outros trotes a que eu era submetido. Entre aqueles 52 funcionários, havia uma funcionária que me avistava como cidadão: Luíza. Ela foi quem me consolou no dia em que me vi nu, pois minhas roupas não serviam. Luíza foi/é de fato uma amiga... De conselhos, viagens, conversas e risadas. Ela foi uma das responsáveis por eu não perceber o quanto era subjugado pelos outros funcionários. Luíza criou uma ilusão de que todos poderiam ser iguais a ela e eu acreditei nisso.

Finalizo no ano de 89, minha estada pelo Banco do Brasil, sem conseguir ser aprovado no concurso, perdendo assim a oportunidade de ter me efetivado na carreira. Foi um fracasso! Uma frustração para mim, para minha família e para todos os que me conheciam. Parecia que ali eu estava perdendo a grande oportunidade da vida! Alguém como eu, não poderia desperdiçar uma chance como aquela. Não imaginava que aquela experiência me levaria a possibilidade de me tornar um homem negro.

### **As Descobertas da negritude na Capital mais Negra do Brasil**

Em 1991 decidi morar em Salvador. Fui a contragosto da minha família, mas fui. Na capital baiana, comecei a ter um contato mais profundo com a negritude. A princípio, morei de favor na casa de uma família conhecida e depois de um ano me mudei para o Barbalho: um bairro negro, localizado pertinho do Santo Antônio, além do Carmo, Pelourinho, Lapinha e Liberdade. Essa região da soterópolis<sup>3</sup> é caracterizada pela grande presença da população negra da cidade. Nesses bairros a cultura e as tradições negras têm sido perpetuadas ao longo dos anos.

O que me levou a Salvador foi a aprovação para a Faculdade de Música, que eu não cursei por falta de condições financeiras e uma aprovação para a antiga Escola Técnica,

---

<sup>3</sup> Forma carinhosa que alguns soteropolitanos tratam Salvador.

transformada em CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica), extinto para a criação do IFBA – Instituto Federal da Bahia. Fiz um ano de Escola Técnica e no final de 1991 prestei vestibular para Educação Física. Ouvi o resultado da minha aprovação sentado no chão da sala da casa da família que me abrigou. Estava sozinho, era tarde da noite. Foi uma das maiores alegrias da minha vida. Não consegui dividir com ninguém naquele momento. Apenas no dia seguinte, depois que comprei o jornal na banca e encontrei o meu nome, liguei para minha família para comemorar. Estava selada ali a passagem para um novo mundo, um mundo onde eu seria apresentado a mim mesmo.

Antes de chegar a UCSAL - Universidade Católica do Salvador, é necessário ilustrar o meu pensamento na época. Aos 19 anos acreditava que ao me mudar para Salvador, eu poderia aderir a moda afro. Teria condições de usar tererê<sup>4</sup> no cabelo e roupas com motivos africanos. Ledo engano. Tive que enquadrar num padrão de branquitude, onde o cabelo era “cortado na máquina dois” e a calça jeans e camisa gola polo era a indumentária praticamente obrigatória. Para conseguir um trabalho, isso era exigência. Para não ser sempre visto como suspeito, isso era exigido. Para agradar aos padrões de aparência de minha namorada da época, isso era exigido. Durante meus 10 anos morando na capital baiana, não era um jovem negro. Era mais um jovem pardo tentando embranquecer.

Foi na universidade que me descobri negro. Foi na universidade que percebi o quanto o racismo fere, diminui, mata expectativas, sepulta pessoas vivas.

Na Universidade Católica do Salvador, fui apresentado diretamente à discriminação, durante uma aula de Ginástica em Academia. O professor me tomou como exemplo negativo de aparência para apresentação em um estágio. Falou de minhas roupas e de meu cabelo (e olha que meu cabelo era bem curto na época) encerrando dizendo: “alguém com esse perfil, eu não permitiria que estagiasse em minha academia”!

Quando ele concluiu a fala, perguntei se ele estava falando de mim e ele confirmou... Foi chocante... Assustador... Desmoralizante!

Aquele foi o primeiro momento que me vi num corpo negro. Entendi, de uma forma pouco prazerosa, como meu corpo e minha aparência impactavam algumas pessoas. Naquele momento eu tive que morrer e nascer de novo. Eu não tinha condições de simplesmente morrer, desaparecer. Tive que me refazer, de me reinventar dentro de uma nova realidade apresentada para mim: Você é um jovem negro de periferia, e isso não é bom.

---

<sup>4</sup> Penteados afro, que utiliza contas, búzios ou missangas como enfeites.

Com base em Dyane Reis, 2007, muitos jovens negros, por sua história familiar ou do seu grupo social, não se veem como negros ou negras. Isto é uma descoberta propiciada pela construção de uma autoestima positiva, conhecimentos teóricos sobre a questão racial, laços afetivos e contatos com professores e intelectuais negros. Esta interlocução e o debate é que poderão promover a reflexão e até mesmo a mudança (DYANE REIS, 2007). Não foi exatamente o que aconteceu comigo. Minha história, até então não havia me permitido me ver como negro. Esta realidade começou ali, de forma inesperada e sem nenhum apelo afetivo positivo.

Aquela aula, sem dúvida, foi a mais importante durante minha formação. Apesar do sentimento ruim, foi ela que despertou para minha identidade. Infelizmente não foi de forma prazerosa e/ou positiva, mas serviu como o início de uma (re)construção.

O curso de Educação Física da Universidade Católica de Salvador era frequentado, àquela época, por jovens oriundos predominantemente da classe média trabalhadora. Em 1992, vivíamos ainda a reconstrução do país pós ditadura e pouco se falava sobre políticas de reparação e/ou ações afirmativas. Pelo menos por onde eu andava, era assim. Depois do episódio ocorrido, passei alguns dias me sentindo mal, mas resolvi buscar informações e ajuda. Tinha um estudante negro de uma outra turma do mesmo curso que era chamado pelo sobrenome “Cazumbá”. Conversando com ele por acaso sobre um assunto qualquer do qual não me recordo, ele me falou sobre o Movimento Negro Unificado de Salvador. A conversa evoluiu e acabei chegando a uma reunião do Movimento. Permeava as discussões assuntos como violência contra a população negra, a reestruturação do Pelourinho, cursinho pré-vestibular, e uma, que naquela fase da minha vida foi a que mais me atraiu: O fomento à beleza negra.

Ao final dos anos 80 e início dos anos 90 em Salvador, a comunidade negra aderiu ao movimento “Negro é Lindo”, inspirado no movimento cultural “Black is Beautiful”, difundido pelos Partido Panteras Negras e por ativistas como Ângela Davis e Malcolm X, nos Estados Unidos, tal como o Steve Biko e o Movimento da Consciência Negra, na África do Sul.

Esse primeiro contato com o Movimento Negro foi ponto chave para as mudanças em minha corporeidade, estética e consciência corporal. Nos dias que sucederam, mergulhei na moda afro soteropolitana. A minha identidade estaria em metamorfose e enquanto no ambiente de trabalho eu me trajava sempre de calça moletom e camisa de malha, fora dele e na universidade, fazia questão de vestir minhas roupas com temas africanos, aboli a calça jeans e

sempre que podia ostentava meu kufi<sup>5</sup> com as cores da África do Sul. Usava com frequência uma camisa estampada com a frase “Negro é Lindo”, calças vinda do Benin e sandálias e sapatos de couro, tudo encontrado na Baixa dos Sapateiros<sup>6</sup> e nas lojas do Pelourinho.

### **A Capoeira e o contato com a Ancestralidade**

Em 1994 comecei a fazer capoeira com o então professor, hoje contramestre Tony, aluno de Mestre Bamba, um dos alunos do Mestre Bimba, o criador da capoeira regional. O grupo fazia parte da Associação de Capoeira Mestre Bimba que era dividido em oito academias, cada uma com um professor/contramestre diferente. A sede funciona até hoje na rua da Laranjeiras, Nº 1, no Pelourinho, na academia do Mestre Bamba, que além de aluno de Bimba, também aprendeu com Vermelho 27, discípulo de Mestre Bimba que fundou a associação.

Eu treinava em Ondina, bairro de classe média alta, situado na orla de Salvador. Na verdade, a academia do Mestre Tony atendia aos moradores do Calabar e São Lázaro, onde a classe trabalhadora que vendia sua força de trabalho na Barra, Ondina, Chame-Chame e parte do centro da cidade morava.

Na capoeira aprendi muito sobre o povo negro. Foi o primeiro contato direto com minha ancestralidade. Aprendi a tocar berimbau e atabaque. Estudei cada toque, o seu sentido e significado. Decorava cânticos e ladainhas. Aprendia movimentos corporais novos e suas origens. O motivo do qual a “*Meia Lua de Compasso, a Cocorinha, O Aú, a Rasteira*”<sup>7</sup> deveriam ser executados de uma determinada maneira. Cada gesto tem um sentido/significado carregado de história, resistência e revolta. Não era só uma luta, ou uma atividade física. Tratava-se de uma prática corporal imbricada de sentimentos, memórias e identidade.

A história das capoeiras e capoeiristas de Salvador é repleta de episódios de preconceito e perseguição. Era comum uma roda ser interrompida pela ação da polícia e nossos professores recomendavam que não usássemos nossos abadás durante o deslocamento para as aulas. Poderíamos nos tornar um alvo. Resquícios de um período de repressão, onde praticar capoeira era crime. A descriminalização da capoeira, instituída em 1934 por Vargas, não a livrou do preconceito e perseguição. Apenas ao final da década de 70, quando alguns colégios da elite soteropolitana incluíram a prática em suas aulas de Educação Física, ela passou a ser mais aceita

<sup>5</sup> Tipo de chapéu africano que foi muito difundido seu uso em Salvador na década de 90. Era comum utilizá-lo nas festas de largo, ou mesmo no dia a dia.

<sup>6</sup> Bairro de Salvador, característico pelo comércio popular.

<sup>7</sup> Golpes utilizados na Capoeira Regional para defesa e ataque.

e respeitada pela comunidade.

A capoeira me encheu de força, conhecimento e autoconhecimento. Todas as quintas-feiras tinha uma roda num lugar diferente. Levávamos uma fruta para a confraternização ao final e sempre era uma festa.

Havia uma frase do Mestre Pastinha, “O Berimbau é uma foice! “, que me remetia ao sentido nato da capoeira: uma luta desenvolvida por homens negros escravizados, que inconformados com o sistema se rebelaram e contra-atacaram as violências sofridas. Sentia-me um capoeirista. Ter contato com aquele mundo, com aqueles habitantes desse mundo, me aproximou mais profundamente da minha existência, dos meus ancestrais, da diáspora do povo negro.

Em forma geral, todos os praticantes da capoeira recebem um apelido, com o qual são batizados. A mim não coube nenhum. Tony me chamava de Sebastian e assim ficou...

Havia uma música que sempre era cantada:

***A Manteiga Derramou***  
(Domínio público)

*“Vou dizer a meu sinhô  
Que a manteiga derramou  
E a manteiga não é minha  
E a manteiga é de ioiô*

***Vou dizer a meu sinhô  
Que a manteiga derramou***

*E a manteiga não é minha  
E a manteiga é de ioiô*

***Vou dizer a meu sinhô  
Que a manteiga derramou***

*A manteiga é de ioiô  
Caiu na água e se molhou*

***Vou dizer a meu sinhô  
Que a manteiga derramou***

*A manteiga é do patrão  
Caiu no chão e derramou*



*Vou dizer a meu sinhô  
Que a manteiga derramou*

*A manteiga não é minha  
É pra filha de ioiô”*

Carregada de história, a capoeira me remetia ao sofrimento do povo negro escravizado e a sua obrigação de manter tudo em ordem para que os seus senhores não se irritassem. Me pegava as vezes, cantarolando essa música, nos coletivos quando voltava para casa, ou quando descia e subia as ladeiras do bairro onde morava.

### **O Retorno para a terra natal**

No final do ano de 1999, fiz uma viagem para a Chapada Diamantina. Passei três dias imerso na natureza e em mim mesmo. Essa viagem associada a morte de uma irmã, foi fator preponderante por minha decisão para voltar para Caetité-Bahia. Era noivo e estava com os planos de casar-me em 2000. Minha noiva faria uma viagem aos Estados Unidos para intercâmbio e no seu retorno, marcaríamos a data. Não ocorreu. Adiamos o compromisso e em 2001 fui aprovado numa seleção para professor substituto da UNEB, no curso de Educação Física de Guanambi-Bahia. Naquele ano também ingressei como professor no ensino médio, através de um concurso público. Durante o ano de 2001, trabalhava na UNEB em Guanambi-BA de quinta a sábado e no Colégio estadual São Salvador, na capital baiana de segunda a quarta-feira. Às quartas-feiras a noite, me deslocava de ônibus para Guanambi e retornava aos sábados, também a noite. Ao final desse ano solicitei remoção da escola de ensino médio e fui trabalhar numa escola chamada “João Durval Carneiro”, também na cidade de Guanambi. Com isso, me mudei definitivamente para Caetité, e abandonei a vida da capital, incluindo o possível casamento.

Morando em Caetité e trabalhando na UNEB e no João Durval em Guanambi, tenho vivido estes últimos anos. Meu retorno marca a minha transição corporal completa. Passei a deixar o cabelo crescer e em pouco tempo ostentava um Black Power que facilmente chamava a atenção por onde passava. Dividia minhas atividades de professor com uma banda criada na universidade. Tocava sempre aos finais de semana e durante a semana me desdobrava nas salas de aula. A banda era formada por alguns alunos do curso, além de mim: Grillo - Carlos Magno, Camaçari – Wagner Fiúza e Domingos Perazzo. Com a alcunha de “Entre um Gole e Outro”, além do forró, fazíamos um humor ácido, com repertório recheado de músicas autorais.

Tínhamos na cachaça a principal fonte inspiradora e entendíamos que a bebida sofria de preconceito racial e social.

Segundo Melo e Silva, 2010, mesmo sendo o destilado mais consumido do Brasil, a “branquinha” sofre, ainda hoje, preconceitos na cultura brasileira. O significante “cachaça”, de maneira geral, representa desprestígio. Reforçando, assim, a estigmatização da representação cultural (MELO e SILVA, 2010). Dizíamos que a cachaça era um símbolo de resistência do povo preto e pobre. Fazíamos questão de bebê-la durante os shows, convidando o público para um brinde.

A relação com a banda e com a música impactaram diretamente em minha estética corporal. O cabelo, as roupas, os adereços ajudavam a compor a imagem de homem negro que estava crescendo dentro de mim. Comecei a perceber, a medida em que meu cabelo crescia e se transformava em dreadlocks, o quanto isso incomodava significativamente as pessoas ao meu redor. Ouvi de alguns “você vai deixar esse cabelo crescer até quando? Ou ainda, “quando vai cortar este cabelo? “

Aos poucos ia percebendo como enegrecer era algo quase que proibido. A posição social da qual ocupava indiretamente exigia o meu branqueamento. Decidi usar minha aparência como bandeira e como exemplo. Primeiro o Black Power, depois as tranças e por último os dreadlocks. Deixei de usar jeans e os trajes denominados de “sociais” só em ocasiões que não podia fugir deles. Ainda assim, fazia questão de trazer algo que remetesse ao continente africano, fosse um bracelete, um colar ou um anel. Percebi que essa minha atitude começou a influenciar outras pessoas, levando-as a assumir os seus corpos negros, dentro de toda a sua beleza e plenitude. Amigos, familiares, alunas e alunos, começaram a assumir a sua estética negra e vez por outra me confessavam que de certa forma eu estava servindo de inspiração.

Mas...

Na casa de meus pais, minha nova aparência não estava sendo bem recebida. Por duas vezes meu pai se ofereceu a pagar meu corte de cabelo. Minha mãe me olhava e dizia: “Eu quero meu Tiãozinho de volta!” Na cerimônia de Natal em 2002, eu ostentava um Black Power poderoso. Estava sentado no sofá da casa de minha mãe quando perguntei a ela:

- Mãe, o que a senhora quer de Natal?

- Que você corte o cabelo!

Levantei-me de onde estava e fui cortar o cabelo pela última vez. Enquanto as madeixas caíam, ficava me perguntando o porquê daquilo tudo. Seria tão mais fácil e tranquilo eu manter

minha negritude escondida! Seria tão mais confortável eu me vestir e me adequar aos padrões estéticos que a maior parte de minha família e amigos achavam corretos.... Desci a rua decidido que aquele seria e foi até então meu último corte de cabelo.

Quando meu cabelo voltou a crescer, usava uma touca para ir visitar meus pais. Era a forma de me esconder. Desisti de tentar explicar para minha mãe e meu pai os motivos de minha mudança. Finalmente estava mudando para uma autoimagem que de fato me identificava, mas não encontrava meios para explicar para eles. Justificava usando a idade avançada dos dois (ambos tinham mais de 70 anos), e sabendo dos efeitos que o racismo institucionalizado provocou na consciência deles. Quando criança e adolescente, minha mãe usava comigo um provérbio emblemático: “Primeiro a obrigação, depois a diversão!” Tinha a impressão de que um menino como eu não teria direito ao lazer. Estava fadado ao trabalho e as orações contínuas. Estudar, ir à igreja e ajudar nas tarefas de casa eram minhas obrigações corriqueiras. Para um menino negro, a diversão era oficina do diabo.

Minha mãe era casada com um homem branco. Talvez a sua existência e o seu casamento em algum momento ou lugar se entrelaçou com a existência e o casamento da Mayotte Capécia, presente na obra de Frantz Fanon (2008). Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, o autor relata a história de Capécia e o seu relacionamento com um oficial branco. Ela jamais foi totalmente submissa ao marido, no entanto buscava embranquecer seus filhos negros, talvez por ter desistido de enegrecer o mundo no qual eles viviam.

Minha mãe faleceu em agosto de 2014 sem aceitar e sem ver o meu cabelo rastafári. Meu pai, está com 86 anos e tem Parkinson num estado avançado da doença. Hoje, quando vou visitá-lo, não tento mais esconder meus dreadlocks. Ele já não se manifesta sobre eles. Jamais falamos sobre os motivos e as razões de eu ter adotado essa aparência atual.

Na universidade onde trabalhava, em algumas situações percebia que alguns colegas queriam fazer daquele espaço o meu não-lugar. Sentia em palavras, em alguns gestos, em determinadas situações, reuniões, que minha presença e também minha condição de ser professor era por vezes, questionada.

O curso de Educação Física do *Campus XII* da UNEB em Guanambi, tinha um corpo de professores predominantemente formado por professores especialistas. Em 2002, foi feito um convênio com a Universidade de Coimbra para a oferta de um mestrado interinstitucional. Foram oferecidas 30 vagas para o departamento de Guanambi e de Caetitê. Tentei fazer minha inscrição para participar, mas fui informado pela pessoa responsável em receber as inscrições

que tal feito não seria possível devido ao fato de ser professor em regime de substituição (professor substituto). Entretanto, pouco tempo depois, encontrei uma colega de trabalho que estava no mesmo regime de trabalho, fazendo o mestrado. Até hoje não recebi respostas de como isso aconteceu. O curso não foi adiante e foi interrompido no segundo semestre por problemas no convênio entre as universidades.

Sentia a descrença em meu trabalho e em minha intelectualidade quando percebia a admiração e ou desconfiança em projetos e textos aprovados, em orientandos desacreditados ou até mesmo críticas as minhas roupas e aparência. Essas críticas se estendiam aos alunos com os quais eu tinha mais afinidade, e um dia numa reunião de departamento, ouvi um colega dizer que precisávamos tomar cuidado com o tipo de roupas que os nossos alunos estavam usando. Segundo ele, aquilo não era roupa de aluno de faculdade. Por vezes, esse mesmo colega, assim como outros diziam que eu estava indo trabalhar de pijama.

Depois desse episódio, passei uma semana indo dar aula de terno. Dizia aos alunos que era uma experiência para saber se minhas aulas estavam melhorando ou não, por conta das minhas roupas de branco. Consegui chamar a atenção para o preconceito disfarçado de preocupação. Alguns alunos foram trajando fantasias, perucas de cabelo liso, gravatas e vestidos longos. Foi a última vez que trataram publicamente das minhas vestimentas e das vestimentas dos alunos e alunas.

Em 2003, com a implantação efetiva do sistema de cotas na UNEB, o tema Ações Afirmativas e tudo que girava em sua órbita era pouco debatido no departamento. A presença de negras e negros entre estudantes, professores e servidores respeitava a lógica nacional. O assunto “cotas” repentinamente começou a povoar os debates nas rádios, as conversas nos corredores e a revolta dos alunos de escolas particulares que começaram a sentir naquela política de reparação, uma ameaça.

Eu lecionava na escola de ensino médio João Durval Carneiro em concomitância com meu trabalho na UNEB. Na escola, comecei a levar a temática das Ações Afirmativas para minhas aulas de Educação Física. Ficava impressionado em como os adolescentes daquela escola tinham pouca expectativa quando se tratava da escola. Nas turmas de terceiro ano, poucos se interessavam pelo vestibular. Não tinham nos estudos, ou na faculdade uma perspectiva de Ascensão social ou melhoria de condições de vida. Era comum o discurso de concluir o ensino médio e procurar um emprego ou casar-se.

Aquela situação me incomodava e vez por outra tentava encontrar respostas a minhas perguntas. Percebia que havia uma dificuldade muito grande no autorreconhecimento e na formação da imagem corporal e corporeidade dos alunos. Em 2005, fiz um levantamento entre cerca de 200 alunos para saber como eles se autodefiniam. Fiz um pequeno questionário com algumas perguntas, dentre elas, “Qual a cor da sua pele”?

Recebi a mais diversa variedade de respostas:

- *Sou moreno(a)!*

- *Sou moreno(a) escuro.*

- *Sou mulato(a).*

- *Cor de chocolate!*

- *Cor de jambo!*

Apenas um aluno respondeu ser negro. A grande maioria dizia-se pardo e negava ser negro. Um caso específico, de um adolescente negro que usava seu cabelo descolorido, declarou-se como sendo um “*Negro loiro*”. Notadamente, havia ali um caso de dificuldade de compreensão de suas identidades. Em Guanambi, não era fácil ser e declarar-se negro. Era mais confortável encontrar um subterfúgio para distanciar-se ou adequar-se à realidade. Nesse cenário não era apenas uma necessidade, de enquanto professor, declarar-me e fazer-me negro diante de meus alunos. Era uma militância.

Na UNEB, aos poucos os corpos negros começaram a sair da invisibilidade. Junto com o meu corpo, outros corpos foram se autoafirmando e dizendo àquele espaço que também nos pertencia e que nós também poderíamos fazer parte dele. Apesar disso, a desconfiança sobre mim e minha competência, não cedia. Ao passo que meus colegas professores conseguiam os seus títulos de mestres e doutores, os olhares se afiavam sobre mim. Pensei em tentar mestrado e/ou doutorado nos programas sugeridos por alguns, mas não havia nada que me atraía. Alguns colegas faziam a seleção e eram aprovados com uma proposta de projeto e ao chegar ao curso eram obrigados a adotar outra ideia completamente distinta da sua original. Jamais iria me submeter a isso. Até que um dia veio o Programa de Doutorado Interinstitucional (DINTER) UNEB/UFMG.

Soube da seleção através do então coordenador do curso, Marlon Messias Santana Cruz. Tenho por ele uma grande admiração. Ele foi um dos meus alunos mais próximos quando foi estudante do curso e hoje, é um grato colega de profissão. Fiz minha inscrição após ler a proposta e perceber que finalmente teria a chance de aprofundar meus estudos nas ações

afirmativas e no impacto que elas têm provocado nos jovens da UNEB. Quando saiu o resultado do processo seletivo, a minha aprovação foi comemorada aos gritos por alunos e alguns funcionários do serviço geral. Vou concluir esse capítulo com a fala de Téo, trabalhadora da empresa terceirizada que presta serviços de limpeza no departamento:

“Tião passou!

Viva, Tião passou!

Não diziam que ele era relento<sup>8</sup>? Pois é! O relento passou e deixou os outros para trás!”

---

<sup>8</sup> Neste contexto, a palavra relento é empregada para definir uma pessoa desleixada, irresponsável, com pouca capacidade proativa.

## CAPÍTULO I: O RACISMO BRASILEIRO E O PROCESSO EDUCACIONAL

### **Pedrada**

(Chico César)

*“Cães danados do fascismo  
Babam e arreganham os dentes  
Sai do ovo a serpente  
Fruto podre do cinismo  
Para oprimir as gentes  
Nos manter no escravismo  
Para nos empurrar no abismo  
E nos triturar com os dentes  
Ê república de parentes pode crer  
Na nova Babilônia eu e você  
Somos só carne humana para moer  
E o amor não é para nós  
Mas nós temos a pedrada para jogar  
A bola incendiária está no ar (vai voar)  
Fogo nos fascistas  
Fogo, Jah!”*

Depois de relatar sobre a minha descoberta enquanto homem negro, preciso falar um pouco sobre a construção desse trabalho e da relação das ações afirmativas na construção e reconstrução da estética das pessoas negras. É um aprendizado diário, repleto de descobertas, construções e reconstruções, delineando um novo relevo estético nos corpos e imagens corporais da população negra.

Nos últimos anos, temos presenciado o surgimento e fortalecimento que se convencionou chamar de Geração Tombamento<sup>9</sup>. Embora localizado em uma parcela da juventude negra urbana, e com acesso às tecnologias, este movimento está diretamente associado à um movimento de politização da estética.<sup>10</sup> Partindo principalmente dos jovens, os cabelos, as roupas, as maquiagens, os adereços, parecem mandar um recado. É como se fosse a revelação de um código de empoderamento. Uma espécie de autoafirmação misturada com autorreconhecimento e fortalecimento da autoestima negra. A Geração Tombamento tem influenciado jovens negros de forma direta e indireta a identificarem e fortalecerem sua negritude. Além da formação política, busca estimular a presença negra nos nichos econômicos dominados, quase que exclusivamente, por brancos. O que podemos chamar de Movimento

<sup>9</sup> É o nome dado aos jovens com forte discurso e visão cultural, em sua maioria negros da periferia, que tem encontrado na música e na estética uma forma de colocar a sua posição política para rodar.

<sup>10</sup> <http://blogueirasnegras.org/2016/07/07/geracao-tombamento-a-juventude-negra-e-suas-novas-formas-de-fazer-politica/>

Estético Negro, tem modificado as estruturas do consumo e da estética corporal de jovens negros brasileiros. Por um lado, questiona-se uma possível rendição ao capitalismo associado a uma relativização das questões interseccionais de gênero, raça e classe. Do outro, fortalece a autoestima, a emancipação e empoderamento dos corpos, além do fortalecimento político e identitário.

Durante o período escravocrata, muitas foram as atitudes de afirmação racial. O povo negro jamais se conformou com a violência a que era submetido. Fugas, insurreições, enfrentamentos jurídicos e políticos eram constantes. Apesar da ausência na maioria dos livros que encontramos em nossas escolas, muitos foram os negros e negras que se autoafirmaram e a partir disso lutaram pela liberdade, pela vida, pelo direito de exercerem sua negritude com plenitude.

Entre o erudito e o popular, existem algumas disputas sobre o que de fato significa a palavra negritude no Brasil. Segundo Ferreira (2006), a primeira vez que a palavra foi empregada no mundo, foi pelo poeta francês Aimé Césaire, em seu poema de 1939, *Cahier d'un retour au pays natal* (Diário de um retorno ao país natal).

“Nessa obra, a palavra “négritude” aparece com três sentidos: a) o povo negro (“Haïti où la négritude se mit debout pour la première fois...”); b) o sentimento ou a vivência íntima do negro (“[...] ma négritude n’est pas une pierre, sa surdité ruée contre la clameur du jour / ma négritude n’est pas une taie d’eau morte sur l’oeil mort de la terre / ma négritude n’est ni une tour ni une cathédrale [...]); c) a revolta e a consternação (“je dis hurrah! La visible négritude progressivement se cadavérise...”)

(DAMATO, 1996: 116).”

A palavra negritude, durante muito tempo foi incompreendida e/ou banalizada, vista apenas como a existência dos negros no mundo dos brancos. Era definida a partir da percepção europeia, de pessoas brancas e nunca como algo inerente as pessoas negras.

‘Procurando ver a *negritude* apenas como uma atitude dos negros face ao mundo dos brancos, tentaram, por isto mesmo, fazer uma análise que nos levaria a uma posição metodologicamente equivocada; pois a veríamos apenas como um conceito para ser estudado, nunca uma ideologia para ser vivida e aplicada. Ou seja, procuraram analisar a *negritude* de fora para dentro, etnocentricamente, sem verem até que ponto isto vem demonstrar a sua incompreensão sobre o que lhe é mais relevante, isto é a sua práxis - certa ou equivocada, não importa -, a possibilidade de ser usada como instrumento de conhecimento e ação no processo de transformação de uma realidade problemática. Porque, se a *negritude* é apenas uma atitude psicológica de revolta inconsciente e vaga de negros intelectuais frustrados no mundo dos brancos, então não tem nenhuma validade



científica perdendo-se entre as milhares de vozes sem eco no imenso deserto do protesto social não conscientizado (MOURA, 1983, p. 40).”

Os ideais de negritude, originados na poesia de Césaire, ganham força no Brasil a partir da década de 1940, alicerçado pelo Teatro Experimental do Negro (TEN), que atuava em diversas áreas, sempre buscando a afirmação dos valores negros. Com o TEN a negritude passa a ter um sentido amplo de pensamentos e ações antirracistas. Domingues (2005) assevera que “mais do que um sistema de ideias, negritude era uma filosofia de vida, uma bandeira de luta de forte conteúdo emocional e mítico, capaz de mobilizar o negro brasileiro no combate ao racismo, redimi-lo do seu complexo de inferioridade”. Afirmar ainda que, por conseguinte, seria capaz de “fornecer as bases teóricas e políticas da plena emancipação”.

Um dos principais idealizadores desse movimento artístico, cultural, educacional e político, foi o intelectual Abdias do Nascimento. O “Leão Africano” (expressão que Abdias usava para se autodenominar, principalmente em momentos de lazer, jogando baralho), que foi um dos criadores do TEN, sentenciou:

“A Negritude, em sua fase moderna mais conhecida, é liderada por Aimé Césaire e Leopold Sedar Senghor<sup>11</sup>, mas tem seus antecedentes seculares como Chico-Rei<sup>12</sup>, Toussaint L’Ouverture<sup>13</sup>, Luís Gama<sup>14</sup>, José do Patrocínio<sup>15</sup>, Cruz e Souza<sup>16</sup>, Lima

---

<sup>11</sup> Leopold Sedar Senghor (1906 – 2001) - Escritor, Professor e Político. Desenvolveu movimento literário de exaltação à identidade negra. Após a independência do Senegal, em 1960, foi eleito Presidente da República, cargo que ocupou até 1980.

<sup>12</sup> Francisco Rei é um personagem lendário, presente na tradição oral mineira desde o século 18. Segundo esta tradição, Galanga era rei em uma tribo no reino do Congo e foi sequestrado e trazido como escravizado para o Brasil. Conseguiu comprar sua alforria e de outros conterrâneos com seu trabalho e tornou-se "rei" em Ouro Preto.

<sup>13</sup> François-Dominique Toussaint Louverture Toussaint Bréda (1743 - 1803), foi um líder da revolução haitiana. Nascido em Saint-Domingue, no decorrer de uma prolongada luta pela independência Toussaint conduziu os africanos escravizados a uma vitória sobre os europeus, aboliu a escravidão e assegurou o controle da colônia pelos nativos em 1797, enquanto era nominalmente seu governador.

<sup>14</sup> Luiz Gama (1830-1882) foi um importante líder abolicionista, jornalista e poeta brasileiro. Esteve sempre envolvido nos movimentos contra a escravidão, tornando-se um dos maiores líderes abolicionistas do Brasil.

<sup>15</sup> José do Patrocínio (1853-1905) foi um abolicionista, poeta, jornalista, político e escritor brasileiro. Participou ativamente dos movimentos para libertação dos escravos.

<sup>16</sup> Cruz e Sousa (1861-1898) foi o mais importante poeta simbolista brasileiro. Com os livros: Missal (poemas em prosa) e Broquéis (versos) inaugurou oficialmente o Simbolismo no Brasil.

Barreto<sup>17</sup>, Jomo Kenyatta<sup>18</sup>, Patrice Lumumba<sup>19</sup>, Sekou Touré<sup>20</sup>, Nkrumah<sup>21</sup> e muitos outros. Trata-se da assunção do negro ao seu protagonismo histórico, uma ótica e uma sensibilidade conforme uma situação existencial, e cujas raízes mergulham no chão histórico-cultural. Raízes emergentes da própria condição de raça espoliada. Os valores da Negritude serão assim eternos, perenes, ou permanentes, na medida em que for eterna, perene ou permanente a raça humana e seus subprodutos histórico-culturais (NASCIMENTO, 1968, p. 50).”

Nascimento sempre destacou e reivindicou o protagonismo do negro dentro da história do Brasil, assim como denunciou o racismo extremo sofrido por essa fatia da população brasileira. Seu chamamento para que o negro assuma a sua negritude, esteia-se na necessidade de enfrentar e derrubar o racismo à brasileira, que é fundante e estruturante de nossa sociedade, apesar de ainda ser negado por muitos. Ao proferir que a negritude é a “assunção do negro ao seu protagonismo”, Abdias do nascimento posiciona o negro brasileiro na condição de autor de sua própria história, capaz de elaborar uma visão de mundo a partir de sua condição afro-brasileira, carregada de valores nacionais desenvolvidos a partir de sua própria cultura.

Nesse sentido, aquilo que legalmente denominamos hoje de Ações Afirmativas, que é regido por leis, inclusive, começa a tomar corpo no Brasil, quando são instituídos os primeiros grupos organizados politicamente a fim de enfrentar o racismo e as desigualdades sociais. A

---

<sup>17</sup> Lima Barreto (1881-1922) foi um escritor brasileiro, “o romancista da primeira república. “ Foi um importante escritor do Pré-Modernismo - período histórico que precedeu a Semana de Arte Moderna. Sofreu vários preconceitos raciais durante sua vida, mas sempre lutou contra o racismo. Em sua obra prima, o livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o autor descreve a vida política no Brasil após a Proclamação da República.

<sup>18</sup> Jomo Kenyatta (1894 - 1978) foi primeiro-ministro do Quênia de 1963 até 1964 e o primeiro presidente do Quênia de 1964 até 1978. Um dos lutadores mais populares e influentes da independência africana, assumiu, em 1961, a direção do Kenya African National Unity (Kanu). É considerado o fundador da nação queniana.

<sup>19</sup> Patrice Émery Lumumba (1925 –1961), foi um líder anticolonial e político congolês. Aos 23 anos, participava ativamente na vida política do congo, então uma possessão belga, desenvolvendo os seus ideais independentistas e anticolonialistas. Esteve várias vezes preso. Fundou e tornou-se líder do maior partido nacionalista congolês, o Movimento Nacional Congolês (MNC) – o único constituído em bases não tribais. Nas eleições parlamentares de maio de 1960, o MNC e partidos que o apoiavam conquistaram a maioria dos votos. A 30 de Junho o Congo tornou-se independente e Patrice Lumumba foi nomeado primeiro-ministro do governo da república. Em setembro desse ano Lumumba foi demitido pelo presidente Kasavubu, apoiado pelos Estados Unidos e por militares golpistas comandados por um certo coronel Mobutu. Em novembro é preso e, a 17 de janeiro de 1961, depois de meses de detenção ilegal, é barbaramente torturado e assassinado.

<sup>20</sup> Ahmed Sékou Touré (1922 - 1984) foi um líder político africano e presidente da República da Guiné de 1958 até sua morte em 1984. Foi o primeiro presidente da República da Guiné após a independência da França em 1958, até 1984.

<sup>21</sup> Kwame Nkrumah (1909 – 1972), foi um líder político africano e um dos fundadores do Pan-Africanismo. Em 1951, tornou-se o primeiro chefe de governo de raça negra da história da África, em uma Costa do Ouro declarada semiautônoma em 1952. Em 1957, obteve a independência do país, no âmbito da Commonwealth, dando-lhe o nome de República de Gana.

Frente Negra, por exemplo durante os anos de 1920 e 1930, inspirou e amparou negros e negras do país a se organizarem pelos seus direitos. A maior organização do Movimento Social Negro na primeira metade do século XX, sem dúvida, foi a Frente Negra Brasileira (FNB) (PEREIRA, 2010). A FNB foi criada em 1931 na cidade de São Paulo e reunia milhares de associados. Cresceu e avançou por praticamente todo o estado nacional e em 1936 tornou-se um partido político. Notadamente a Frente Livre do Brasil tornou-se referência para a comunidade negra da diáspora, ganhando notoriedade em âmbito internacional.

Outra entidade organizada política e socialmente que atua no país há mais de 40 anos pela causa do povo negro é o Movimento Negro Unificado (MNU). O MNU tem braços em todo o território nacional e participa ativamente da construção de políticas públicas de reparação e equidade.

Ao lado da Frente Negra, do TEN, do MNU, temos a GELEDES, Instituto da Mulher Negra, fundada em 1988, tendo como principais linhas de atuação a questão racial, as questões de gênero, as implicações desses temas com os direitos humanos, a educação, a saúde, a comunicação, o mercado de trabalho, a pesquisa acadêmica e as políticas públicas. No cenário de luta, afirmação e autoafirmação da população negra brasileira, encontramos outros coletivos importantes como: o Coletivo Orgulho Crespo; Movimento Crespo; Crespos e Crespas; Revolução Crespa; Marcha do Empoderamento Crespo; dentre outros, que buscam diariamente a diminuição das desigualdades e a valorização da estética negra.

Essa realidade neste cenário tem como objetivo ilustrar a quantidade de ações e atitudes que nos últimos anos influencia a vida da juventude negra brasileira.

A professora doutora Nilma Lino Gomes, nos fala em sua obra, *Movimento Negro Educador*, que

“A ecologia do corpo e do gosto estético, presente na vida dos sujeitos das ações afirmativas, tem como característica central ser produzidas por aqueles que se encontram no eixo do Sul, entendido aqui como resistência à dominação do Norte e nele buscando o que não foi totalmente desfigurado ou destruído por essa dominação. Sendo assim, ela pode ser vista como uma forma de saber e resistência (GOMES, 2017, p. 92).”

Para Gomes, o Movimento Negro Brasileiro, tem desempenhado um papel pedagógico e educador na emancipação dos corpos negros deste país.

Dentro dessa lógica do enfrentamento ao racismo e das diversas formas de produzir, reivindicar e viver Políticas de Ações Afirmativas, é preciso buscar de dentro para fora, e de

fora para dentro das instituições de ensino, as interferências e influências das práticas excludentes junto à comunidade, em especial aos jovens negros.

Nesta direção, o tema em questão objetiva relacionar o racismo brasileiro e suas implicações dentro do processo educacional nas universidades brasileiras com as novas dinâmicas associadas à politização da estética negra. Tem um foco no impacto das Ações Afirmativas na estética e imagem corporal de jovens negros e negras e como isso tem refletido e influenciado em sua cultura corporal<sup>22</sup>. O estudo é relevante tendo em vista que a integração do negro no ensino superior carrega marcas do racismo e da luta do povo negro para ter acesso à educação e pela busca de uma sociedade igualitária e justa (GOMES, 2003).

Nossa percepção é que as Ações Afirmativas transcenderam a questão do ingresso, do acesso e da permanência dos negros e negras ao ensino superior. Elas têm promovido também uma reforma na constituição da estética corporal, no autorreconhecimento e na autoafirmação dessas pessoas.

Para corroborar a temática será feita uma breve análise sobre os processos de ingresso de alunos e alunas negras no *Campus XII Guanambi*, cidade de aproximadamente 90 mil habitantes, situada no Alto Sertão Baiano, distante cerca de 700 quilômetros (km) da capital do estado. Refletir sobre as tensões, sobre a negação, a descoberta e redescoberta desses estudantes, buscando uma aproximação da dimensão das trajetórias dessas pessoas e de uma possível interferência dessas políticas afirmativas no desvelar dos corpos em questão. No referido *Campus*, encontramos estudantes oriundos de diversas cidades circunvizinhas além daqueles do próprio município.

Nos últimos anos, um grupo formado essencialmente por jovens estudantes negras, criou um coletivo de Crespos e Crespas, movimento este responsável por intervenções e performances artístico-culturais, debates sobre políticas públicas de acesso e permanência, além de fazerem parte da base que ocupou a universidade no enfrentamento ao impeachment/golpe de 2016<sup>23</sup>. Essa ocupação, coordenada por esse grupo, agiu principalmente nos Campi de

---

<sup>22</sup> O termo cultura é muito amplo, abrange múltiplos significados, no contexto social é utilizado para especificar, dar sentido a algum termo: cultura familiar, regional, religiosa, alimentar, artística, estética, esportiva, linguística, corporal, etc. Hábitos que são incorporados por indivíduos inseridos em um grupo social, costumes repassados de geração para geração, que servem para identificar, caracterizar, aquilo que é próprio de um determinado grupo. Compreende-se cultura como um conjunto de conhecimentos adquiridos. Pode-se dizer que é o desenvolvimento da instrução mais apurada sobre determinado assunto e esse entendimento possibilita contextualizar o saber (DA ROSA E KRUG, 2009).

<sup>23</sup> Em 31 de agosto de 2016, Dilma Rousseff perdeu o cargo de Presidente da República após três meses de tramitação do processo iniciado no Senado, que culminou com uma votação em plenário resultando em 61 votos a favor e 20 contra o impedimento. Importante lembrar que no decorrer da história nenhum golpista de estado dá

Guanambi (*Campus XII*), Caetité (*Campus VI*) e Bom Jesus da Lapa (*Campus XVII*). Nesta época, foi uma ação articulada entre os Diretórios Acadêmicos (DAs) e outros coletivos, sendo que em Guanambi e Caetité a coordenação ficou praticamente com o Coletivo Crespos e Crespas.

A juventude negra se aquilombou na universidade numa luta contra o Golpe de 16<sup>24</sup> e, de forma premonitória, numa luta pela manutenção da autonomia das universidades públicas assim como dos direitos conquistados, a exemplo das cotas para acesso ao ensino superior. É importante resaltar que Ações Afirmativas no Brasil, e sua modalidade mais conhecida, as cotas para acesso as universidades, são frutos de lutas constantes de afirmação do povo negro. As pessoas que aqui foram escravizadas lutaram incansavelmente pela liberdade, pela sobrevivência e pela cidadania. A escravização e desigualdade nunca foram aceitas de comum acordo entre senhores e escravizados. Sempre houve resistência. Sempre houve luta. Sempre houve tensão.

Considerando o espaço-tempo, desde as insurreições e criações de quilombos, até a conquista das cotas raciais em concursos públicos, veremos que a comunidade negra no Brasil tem lutado, no decorrer de nossa história, por políticas de ações reparadoras e afirmativas, a fim de do desenvolvimento da sociedade com mais equidade. Podemos denominar isso como “Movimentos Sociais” que são produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra hegemônicos da nossa sociedade. Atuam como pedagogos nas relações políticas e sociais. Fazem emergir novas temáticas, questionam conceitos e dinamizam o conhecimento (GOMES, 2017).

Dentro do processo educacional brasileiro, a educação física, desde o momento de inserção como componente curricular 1874, e obrigatoriedade conforme o parecer para a Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da instrução pública de Rui Barbosa em 1883 (SANTOS e COUBE, 2012), negligenciou, desconsiderou ou marginalizou o

---

essa denominação ao ato. Outra observação importante é que nem sempre é necessário a utilização das Forças Armadas ou de guerras. Os recentes casos que precederam o brasileiro de 2016, como o de Honduras, em 2009, e o do Paraguai, em 2012, que extirparam da presidência desses países Manuel Zelaya e Fernando Lugo servem como exemplo.

<sup>24</sup> Muitos pesquisadores, cientistas políticos e historiadores retratam o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, culminado em 31 de agosto de 2016, como um golpe de estado. Autores como Marilena Chauí, Djamilia Ribeiro, Boa Ventura de Souza Santos, dentre outros definem a ação orquestrada em conluio por grande parte dos 3 poderes da república, associados aos grandes oligopólios de mídia e do mercado, como uma ação nefasta que chegou a derrubada do governo. Os desdobramentos desse golpe são sentidos e vividos até os dias atuais pelo povo brasileiro.

corpo negro. Considerado como o Paladino da Educação Física pelo seu feito, Rui Barbosa era um forte apoiador de um projeto higienista e eugenista no Brasil. À época, na Europa todo o sistema educacional passava por uma reestruturação, influenciada pelas ciências médicas, baseada dentre entre coisas naquilo que chamamos hoje de Racismo Científico ou Biológico<sup>25</sup>. Tal movimento desembocava num projeto higiênico e eugênico de escola e sociedade. A Educação Física escolar proposta pelo jurista teria como principais objetivos a prevenção dos hábitos perigosos da infância, a edificação de corpos saudáveis, um meio de impedir a degeneração da raça, o cultivo de valores cívicos e patrióticos além de ter uma óbvia função moralizadora e higiênica (ARANHAS, 2008).

Neste contexto, no que se refere às questões de gênero, a Águia de Haia recomendava aos meninos a ginástica e os exercícios militares e às meninas a calistenia, caracterizada como uma combinação de exercícios e movimentos cuja prática não prejudicaria o desenvolvimento muscular, a doçura das maneiras e a bela harmonia das formas femininas (SOUZA apud BARBOSA, 1883).

No âmbito daquilo que podemos considerar como estudos específicos da Educação Física voltados ao corpo e a cultura corporal, assim como os dedicados à estética e imagem corporal, os corpos negros foram praticamente esquecidos e invisibilizados no decorrer da história. Enquanto Cultura Corporal do Movimento e por ser conteúdo pedagógico da disciplina escolar, é basilar na perspectiva da inclusão social, uma vez que se orienta para a diversidade cultural. É fato que existem trabalhos voltados para o corpo do trabalhador, do homem do campo, dos moradores das periferias, das mulheres, dos estudantes<sup>26</sup>. Porém, de acordo com a pesquisadora Ivanilde Mattos (2006) sujeitos de direitos reconhecidos enquanto categoria social singular envolvidos pelos processos da globalização, estes jovens, norteiam nossos caminhos para tentar responder o que suspeitamos em relação à forma como o ensino da Educação Física

---

<sup>25</sup> Racismo Científico ou Biológico é/foi uma crença pseudocientífica que começou a ser difundida na Europa no século XVII, ganhou força no século XIX e resiste em alguns grupos extremistas até hoje. A teoria preconiza que existem evidências empíricas que apoiam ou justificam o racismo ou a inferioridade ou superioridade racial.

<sup>26</sup> Autores como João Paulo Subirá Medina (O Brasileiro e Seu Corpo, 2002 e A Educação Física Cuida do Corpo e Mente, 1996); Jocimar Daolio (Da cultura do Corpo, 1995); Carmen Lúcia Soares (Educação Física – Raízes Europeias e Brasil, 1994, Imagens da Educação no Corpo, 2002 e Corpo e História, 2001); são autores clássicos do trato do corpo e em suas obras não percebemos um trato específico ao corpo negro. Ivanilde Guedes Mattos, em seu trabalho “Estética Afirmativa: Corpo Negro e Educação Física”, trata dessa temática numa pesquisa realizada em cinco escolas públicas de Salvador – BA, a partir de um estudo feito com jovens adolescentes. Não sendo o único, provavelmente é um dos poucos voltados especificamente para o tema.

é conduzido nas escolas (MATTOS, 2006). Provavelmente, a autora busca contemplar a juventude negra e sua corporeidade.

Esse contexto é em parte resultante da forma como o racismo se instituiu no país. Ressalto “em parte” porque um efeito pode ter mais de uma causa em seu passado. Com base em análises psicológicas, diagnósticos sociais, através dos quais se entende que a alienação do negro não é apenas uma questão individual, e sim um fenômeno socialmente construído, que opera como importante mecanismo do colonialismo. Ou seja, funciona como engrenagem de um sistema político capitalista, sendo o racismo também, para além dos domínios coloniais, um mecanismo de distribuição de privilégios em sociedades marcadas pela desigualdade (FANON, 2008).

No Brasil, acreditou-se por muitos anos e ainda encontramos quem acredite, que vivemos ou vivíamos numa “democracia racial”. Este mito, reforçado por Gilberto Freire em seu livro “Casa Grande e Senzala”, habita a concepção de sociedade que tem atravessado as décadas, tentando furtivamente acobertar a discriminação racial no Brasil. A discriminação racial se distingue do racismo, já que se configura numa prática de exclusão, restrição ou preferência que impede, restringe ou dificulta o acesso igualitário de determinados grupos em razão da cor. Sendo assim, existe no Brasil uma invisibilidade da discriminação racial, justamente pelo fato de os brasileiros, em sua maioria, atribuírem à discriminação de classe, a situação de distribuição material em que vivem os negros.

O Racismo e a naturalização da escravidão do povo negro, para Munanga, 2003, têm a sua origem e legitimação dentre outras nuances, através da interpretação da igreja sobre uma passagem bíblica, na qual Noé amaldiçoa um de seus filhos.

“Câm, filho de Noé, e ancestral dos negros, foi condenado a ser negro por causa do seu pecado. A maldição do “ser negro” foi transmitida a todos os seus descendentes. Essa história dá um exemplo interessante dos objetivos e utilização ideológica dos mitos. A origem da maldição de Câm. É evidentemente bíblica (Gen. IX, 1-27) e rabínica. Mas, na versão judaica, a maldição diz respeito à escravidão e não à cor da pele, e se abate em Canaã, o mais jovem filho de Câm. E não sobre seus outros filhos, entre os quais Kusch, presumido ancestral dos negros. A lógica da história é clara e transparente: os escravizados dos israelitas eram os canaanitas, seus parentes próximos. Daí a maldição de Canaã, uma justificativa religiosa (de outro modo ideológico) para legitimar sua escravização. Os escravizados árabes não eram canaanitas, mas sim negros cuja maldição compreendia tanto a cor da pele quanto a escravização, que passou a ser um peso de sua hereditariedade (LEWIS, 1982, p. 67).”

Como exemplo de como funciona o racismo brasileiro, podemos tentar compará-lo com o que aconteceu na África do Sul em 1948 com a implantação do *Apartheid*. Este era um projeto político baseado nas diferenças étnicas dos povos sul africanos, o racismo se reformula e passa a ter como alvo os imigrantes dos países árabes, africanos e dos países de terceiro mundo (MUNANGA, 2003). Enquanto no Brasil as fronteiras raciais eram/são imprecisas, a segregação social é burlada pelas questões de classe e os casamentos inter-raciais foram inclusive incentivados por um projeto de Estado, no país africano esses episódios ocorrem de forma completamente contrária: as fronteiras raciais e a segregação social são profundamente ligadas a raça e os casamentos inter-raciais são praticamente inexistentes. Essas diferenças podem ser vistas como estratégias de poder onde se dificultaria e/ou em determinadas situações até impediria uma organização desses grupos preteridos.

No século XXI, assim como nos anteriores, o racismo vem acompanhado de várias reivindicações políticas das suas vítimas, em busca de direitos, provando que o tempo passou, mas as diferenças culturais e identitárias retrocederam muito pouco. Kabengele Munanga (2003, p. 10) sobre este aspecto destaca:

“Racistas e antirracistas carregam a mesma bandeira baseada no respeito das diferenças culturais e na construção de uma política multiculturalista (MUNANGA, 2010).”

Outros países avançaram contra o racismo consideravelmente em relação ao Brasil, que devido ao mito da democracia racial, recusou-se por muito tempo debater a questão do multiculturalismo no seu sistema educacional. Aliás, o Brasil, na questão do combate ao racismo, sempre caminhou a passos lentos. Foi o último país a abolir a escravatura, o que tem deixado profundas marcas na sociedade, principalmente, no que se refere aos diversos tipos de violência cotidiana. Após esse fato histórico não houve por parte do estado a implantação de políticas reparadoras para que o povo negro do Brasil alcançasse sua cidadania. O povo negro, em busca de sua emancipação e total identidade cidadã, tem se organizado ao longo desses mais de quatrocentos anos de exploração e preconceito. Esta organização conseqüentemente culmina em lutas constantes e diárias na tentativa de acabar com as desigualdades raciais.

Com o intuito de esconder a barbárie cometida contra as mulheres e homens negros escravizados o estado recorreu a algumas manobras, como ocorreu em 14 de dezembro de 1890, quando Rui Barbosa autorizou a queima de documentos oficiais que eram provas da escravidão, alegando que era preciso apagar um Brasil vergonhoso (COSTA, 1996).



Com o final da escravidão oficial, aquela versão disfarçada continuou por muitos anos e consegue atravessar o século XX, e chegar ao XXI. A desigualdade social, muitas vezes naturalizada, assim como foi a escravidão, empurra a comunidade negra para as periferias e zonas de risco social. Nos índices de violência, fome, desemprego e miséria, a pele negra aparece sempre nos primeiros lugares. O inverso é fato, no que se refere a ascensão social e acesso aos bens de consumo. É certo, que entre Zumbi e o Movimento Negro Unificado (MNU)<sup>27</sup>, muitos e muitas, de forma organizada ou em ações solitárias tem enfrentado o mito da democracia racial brasileira.

A partir de 2003, algumas demandas históricas dos movimentos negros passaram a ser acolhidas pelo Estado, como a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial com o objetivo de discutir políticas de ações afirmativas na Reforma Universitária. Adorno (1996, p. 35) sintetiza em suas palavras a realidade do racismo no Brasil dos dias atuais.

“Apesar do discurso que nega ou ameniza a presença do preconceito e da discriminação racial no país, não é difícil ver manifestações de racismo no dia a dia da vida social. O golpe de 16, seguido da eleição do presidente atual, acabou por trazer à tona pensamentos, ações e projetos de extermínio da população negra brasileira. São inúmeras as declarações do presidente e do seu vice, assim de como pessoas que ocupam cargos importantes em seu governo como o presidente da Fundação Palmares, negando a existência do racismo no país. Em alguns casos existe ainda investidas violentas contra os que lutam contra essa política de estado instalada. A impressão é que muitas dessas pessoas, que hora ocupam o poder, estão presos na década de trinta, em alguma nota de roda pé do Casa Grande e Senzala (ADORNO, 1996).”

No âmbito das diversas ações de políticas afirmativas e das Subjetividades Desestabilizadoras, o que Boaventura Santos define como sendo uma rebeldia ou rebelião contra as práticas sociais conformistas, rotinizadas e repetitivas, institui-se a política de cotas universitárias, uma medida para que grupos sociais em situação de desvantagem possam ingressar no Ensino Superior (SANTOS, 200). Essa medida foi criada com o objetivo de reduzir diferenças existentes entre pessoas de minoria étnica, racial ou sexual (GUIMARÃES, 1997).

No Brasil, o sistema de cotas é baseado em critérios para definição dos alunos que terão direito ao benefício, dentre eles tem-se o étnico que se refere aos indígenas, raciais para a

---

<sup>27</sup>O Movimento Negro Unificado (MNU) é uma organização pioneira na luta do Povo Negro no Brasil. Fundada no dia 18 de junho de 1978, e lançada publicamente no dia 7 de julho, deste mesmo ano, em evento nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo em pleno regime militar. O ato representou um marco referencial histórico na luta contra a discriminação racial no país.

população negra, sociais para o egresso da rede pública ou aqueles avaliados pela renda familiar e regionais dando prioridade aos estudantes da mesma localidade da universidade que se pretende fazer parte (GUARNIERI, 2008). É importante salientar que o critério racial é uma forte premissa para contextualização deste trabalho. Será usado também a estética negra para confrontar os parâmetros de competência. Desta forma, não se pretende discutir apenas o parâmetro estético, mas o que fundamenta os modelos e critérios de beleza que tem sido semeado ao longo da história.

É necessário considerar que as próprias universidades federais já chegaram a questionar se alunos cotistas seriam tão competentes quanto os não cotistas. Estudos comparativos foram feitos, onde muitas vezes o argumento “meritocrático” é utilizado para explicar resultados. No entanto, estudos e avaliações têm comprovado que em muitos casos o desempenho de alunos cotistas é igual ou até superior ao dos não cotistas. Jesus, 2011, em sua pesquisa “Ações afirmativas, educação e relações raciais: conservação, atualização ou reinvenção do Brasil?”, traz dados relevantes sobre estudos acerca do desempenho de jovens negros em universidades como a UFBA (Universidade Federal da Bahia) por exemplo. O estudo traz resultados de pesquisas realizadas em 2007 e 2009, onde a avaliação entre os estudantes, revelou que os cotistas apresentavam desempenho igual ou melhor aos não cotistas. (p. 135,136)

Em reportagem de dezembro de 2017 da revista Fórum<sup>28</sup>, foi divulgado um estudo feito pela Folha de São Paulo, onde se conclui que os estudantes cotistas apresentam “performance igual a dos demais estudantes, exceto em ciências exatas”. O jornal analisou o desempenho de 252 mil estudantes nas edições do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes - Enade, de 2014, 2015 e 2016. Em 33 dos 64 cursos analisados, a nota média dos estudantes cotistas foi superior ou até 5% inferior as dos demais estudantes. Esse desempenho foi considerado semelhante, pois representa diferença de até dois pontos em cem possíveis em uma prova.

A autoafirmação de estudantes negros e negras, cotistas ou não, pode revelar o que está além das políticas afirmativas dentro da universidade. As manifestações através da estética corporal destes estudantes, podem revelar algo além do que os olhos podem ver. A permanência num lugar que por décadas foi dito que não era seu e o enfrentamento de barreiras invisíveis pode ser algo revelador. Os olhares de censura que são lançados ao circularem nos corredores. As perguntas desconfiadas sobre sua origem. O racismo disfarçado de elogio para aplaudir o

---

<sup>28</sup><https://www.revistaforum.com.br/estudo-da-folha-aponta-que-estudantes-cotistas-tem-bom-desempenho-na-universidade/>

êxito. Esse elogio algumas vezes vem como um prêmio, uma frase iniciada com “apesar”, ou mesmo tentando negar a cor da pele do (a) estudante alegando que ele (a) não é negro, ou que não seja “tão negro (a) assim”. É recorrente o uso desse artifício na tentativa de negar ou mascarar o racismo que ainda permeia as relações acadêmicas. Quando se trata de cotistas, essa ênfase pode aparecer num tom ainda mais alto, estabelecendo formas de superação e reforço da meritocracia.

Nesse sentido, este estudo enfoca a questão da imagem corporal de negros e negras e sua relação com as políticas de ações afirmativas. Como afirma Gomes,

“a partir do advento das ações afirmativas configurou-se um novo perfil de juventude negra que se afirma por meio da estética e da ocupação de lugares acadêmicos e sociais. Juventude essa, em sua maioria periférica, que aprendeu a ter orgulho de ser negro e da periferia, numa postura afirmativa e realista (GOMES, 2017, p. 75).”

### **1.1 Pequeno Recorte Sobre a Implantação do Ensino Superior no Brasil até as Políticas de Cotas**

Falar do ensino superior no Brasil, trata-se principalmente de exclusão social e privilégios. Historicamente, nossa universidade tinha um público seletivo e predileto. A universidade brasileira primava pela branquitude nos cursos considerados de “elite”. A implantação do acesso através das políticas de cotas, assim como do Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM, tem provocado mudanças nesse cenário, apesar das intenções e perspectivas de recrudescimento apontadas pelo atual governo.

Ao considerar que as relações divergentes de poder e privilégios entre brancos e negros são antigas e podem ser compreendidas a partir do que Fernand Braudel (1992) chamou de estruturas de “longa duração”, podemos dizer que estas são estruturas que refletem velhos hábitos que se repetem no presente, observando uma dialética entre permanência e mudança. “Essa duração social, esses tempos múltiplos e contraditórios da vida dos homens, que não são apenas a substância do passado, mas também o estofado da vida social atual” (BRAUDEL, 1992, p. 43).

Ao adentrar na história da implantação das universidades no Brasil e percorrer esse caminho até os dias atuais, percebemos que o desinteresse do estado em permitir e facilitar a entrada e permanência de alunos negros no nível superior de ensino fez parte da política educacional brasileira por longos anos. Observando que, segundo Cruz, 2005-p.22, a História da Educação Brasileira não consegue contemplar a multiplicidade dos aspectos da vida social

e da riqueza cultural do povo brasileiro ao mesmo tempo em que funciona como a história da escolarização das camadas médias, podemos afirmar que essa não tem cumprido o seu papel na construção de uma sociedade com mais equidade e sim dado continuidade ao tratamento desigual a negros e índios.

As políticas recentes de inclusão, acesso e equidade foram e estão sendo diuturnamente combatidas por aqueles que sempre tiveram o privilégio do acesso.

Com a vinda da Família Portuguesa para o Brasil (1808) e com a Independência (1822), a preocupação fundamental do governo, no que se refere à educação, passou a ser a formação das elites dirigentes do país. Ao invés de procurar montar um sistema nacional de ensino, integrado em todos os seus graus e modalidades, as autoridades preocuparam-se mais em criar algumas escolas superiores e em regulamentar as vias de acesso a seus cursos, especialmente através do curso secundário e dos exames de ingresso aos estudos de nível superior.

A vinda da Família Real e a Independência do Brasil produziram modificações na educação brasileira. Pode-se afirmar que o objetivo das Reformas Pombalinas<sup>29</sup> passaria a ser concretizado, mas apenas no que tange ao ensino superior. Neste cenário, seria necessário formar no Brasil a elite dirigente do país. Por isso, D. João criou diversos cursos: No Rio de Janeiro, Academia da Marinha (1808), Academia Real Militar (1810), cursos de Anatomia e Cirurgia (1808), Laboratório de Química (1812), curso de Agricultura (1814), Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios (1816); Na Bahia, curso de Cirurgia (1808), cadeira de Economia (1808), curso de Agricultura (1812), curso de Química (1817), curso de Desenho técnico (1817).

Com a independência política em 1822, não houve mudança no formato do sistema de ensino, nem sua ampliação ou diversificação. A ampliação do ensino superior, limitado às profissões liberais em poucas instituições públicas, era contida pela capacidade de investimentos do governo central e dependia de sua vontade política.

A herança educacional que o Império levou à República pode ser visto, no aspecto qualitativo, que o ensino superior estava reduzido a umas poucas escolas isoladas, destinadas à formação de profissionais liberais, especialmente no campo do Direito (PILETTI, 1986). Teixeira corrobora essa questão ao dizer que:

---

<sup>29</sup> Reformas administrativas promovidas por Sebastião José de Carvalho, o Marquês de Pombal, o “superministro” do governo de Dom José I. Teve como grande preocupação modernizar a administração pública de seu país e ampliar ao máximo os lucros provenientes da exploração colonial, principalmente em relação à colônia brasileira.

“Até o final do século XIX existiam apenas 24 estabelecimentos de ensino superior no Brasil com cerca de 10.000 estudantes. A partir daí a iniciativa privada criou seus próprios estabelecimentos de ensino superior graças à possibilidade legal disciplinada pela Constituição da República (1891). As instituições privadas surgiram da iniciativa das elites locais e confessionais católicas. O sistema educacional paulista surgiu nesta época e representou a primeira grande ruptura com o modelo de escolas submetidas ao controle do governo central. Dentre os cursos criados em São Paulo neste período, constam os de Engenharia Civil, Elétrica e Mecânica (1896), da atual Universidade Mackenzie, que é confessional presbiteriana. Nos 30 anos seguintes, o sistema educacional apresentou uma expansão considerável, passando de 24 escolas isoladas a 133, 86 das quais criadas na década de 1920 (TEIXEIRA, 1969).”

A veemência à concepção da universidade no Brasil mostra-se de forma contraditória, visto que essas instituições não foram concebidas na época colonial, nem nos períodos monárquicos que alicerçaram a renitência. A República continuou essa tradição, estimulando as escolas agrícolas, liceus de artes e ofícios e, posteriormente, o ensino técnico-profissional (TEIXEIRA, 1968, p. 21-82). Dessa forma, foi a partir de 1940 que foram transpassados os obstáculos e a educação superior se ampliou de jeito abrupto, preeminentemente nas capitais, em especial, nas regiões Sul e Sudeste do país. Consequentemente, diversificaram-se iniciativas de Estados e Municípios com a criação de universidades, para amenizar, principalmente, a ausência da oferta de ensino superior nas regiões interioranas do país (BARBOSA; COSTA; COSTA, 2013).

De acordo com Nádya Fialho, o Estado da Bahia conviveu por mais de meio século com apenas uma única universidade da oferta federal, a Universidade Federal da Bahia (UFBA), instalada na capital (Salvador), desde a sua criação em 1946 até os anos de 2002 e 2005, com a criação da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, respectivamente (FIALHO, p.81-93, 2012).

Marta Miranda (2013) ressalta que a formação do sistema estadual baiano de educação superior começou a se constituir efetivamente, apenas no final da década de 1960, a partir do momento em que o governo do Estado assumiu a responsabilidade pela criação de faculdades isoladas no interior. E, posteriormente, essas faculdades foram agrupadas e deram origem às atuais universidades estaduais baianas (UEBAs). Nesse cenário, Saulo Rocha (2013) sustenta a tese de que o resultado das ações do estado no sentido de resolver as questões relativas à crescente demanda por educação superior, atribuiu às suas quatro universidades estaduais, que se encontravam situadas em diferentes regiões do Estado, a missão de contribuir com o desenvolvimento da sua região de abrangência. A UNEB atuando em vinte e quatro

municípios<sup>30</sup>, a UESB atuando em três municípios (Vitória da Conquista, Jequié e Itapetinga), a UESC por sua localização, atuando nos municípios de Ilhéus e Itabuna, e a UEFS no município de Feira de Santana.

A educação de ensino superior na Bahia concebeu as consequências da crise na economia do país no decorrer das décadas de 1980 e 1990, em detrimento do modelo econômico legitimado no Brasil. Dentre as diversas questões sociais emergentes, houve a falta de subsídios das instituições públicas federais, além da mudança ocorrida no mercado de trabalho (CUNHA, 2002).

Neste contexto, a inclusão social tornou-se um debate necessário. Fato é, que sendo esse debate imprescindível, de certa forma houve uma admissão da sociedade de que a dita inclusão ou democracia racial jamais existiu no país. Ao admitir a necessidade de cotas raciais nas universidades e nos concursos públicos, nossas instituições assumem que existe uma dívida a ser reparada. Neste ínterim, recorremos a Jesus, 2019 que nos alerta sobre a necessidade de identificar os “diversos” e questionar a quem se destina as políticas de inclusão. Em seu artigo “Inclusão social, diversidade e qualidade: é possível incluir os diversos mantendo a qualidade?”, o autor denuncia a forma, muitas vezes equivocada, em que o tema é tratado pelas instituições e pessoas de modo geral. Muitas vezes há uma confluência entre opiniões pessoais e o papel da instituição. Com isso, ao longo do tempo percebemos alterações sutis, mas profundas, nas políticas de inclusão, como por exemplo a troca das cotas raciais pelas cotas sociais (JESUS, 2011).

Segundo o relatório de desenvolvimento humano divulgado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) em 2019, o Brasil configurava como o sétimo país mais desigual do mundo. O abismo existente entre os mais ricos e mais pobres, revela de forma inversamente proporcional a presença de negros e brancos nas duas pontas dessa gangorra. Durante esse período de pandemia, essa desigualdade só faz aumentar. De acordo com o estudo desenvolvido pela PUCRS, juntamente com Observatório das Metrópoles e o Observatório da Dívida Social na América Latina (RedODSAL), entre o final de 2019 e o segundo trimestre de

---

<sup>30</sup> Salvador — *Campus I*; Alagoinhas — *Campus II*; Juazeiro — *Campus III*; Jacobina — *Campus IV*; Santo Antônio de Jesus — *Campus V*; Caetité — *Campus VI*; Senhor do Bonfim — *Campus VII*; Paulo Afonso — *Campus VIII*; Barreiras — *Campus IX*; Serrinha — *Campus XI*; Guanambi — *Campus XII*; Itaberaba — *Campus XIII*; Conceição do Coité — *Campus XIV*; Valença — *Campus XV*; Irecê — *Campus XVI*; Bom Jesus da Lapa — *Campus XVII*; Eunápolis — *Campus XVIII*; Camaçari — *Campus XIX*; Brumado — *Campus XX*; Ipiaú — *Campus XXI*; Euclides da Cunha — *Campus XXII*; Seabra — *Campus XXIII* e Xique-Xique — *Campus XXIV*.

2020, ocorreu um grande aumento da desigualdade de renda do trabalho nas metrópoles no Brasil, resultante da crise econômica do período, e tendo como agravante a pandemia da Covid-19. Dados apontam que os índices de desigualdade racial se mantêm elevados e tem sido potencializado durante esse período.

Uma das explicações para isso é a tardia abolição da escravidão e a completa ausência de políticas de reparação, integração e inclusão do povo escravizado. O estado brasileiro durante anos, jamais adotou políticas no sentido de reduzir a distância entre mais ricos e mais pobres. Com isso, a ampliação das desigualdades sociais, acirraram a exclusão social que afetaram e continuam afetando inúmeros setores da sociedade, principalmente o povo negro, inclusive no processo educacional.

Explicar sobre as políticas de reparação se faz necessário, além de mencionar a criação das cotas raciais, cujo objetivo era retificar as injustiças históricas oriundas pela escravidão na sociedade brasileira.

O primeiro país a adotar a política de cotas raciais foi a Índia, na década de 30 do século passado. Em 1949, a medida foi incorporada à constituição do país. Desde então são obrigatórias no serviço público, na educação e em todos os órgãos estatais.

No continente americano, os Estados Unidos da América, pressionados pelos movimentos negros das décadas iniciais do século passado, passaram a adotar as cotas a partir da década de 1960. Por força do empenho dos movimentos organizados que lutavam por direitos civis e buscavam diminuir a desigualdade socioeconômica entre brancos e negros, o presidente John Kennedy deu início ao fim da segregação racial.

No Brasil, as cotas raciais ganharam visibilidade a partir dos anos 2000, quando universidades e órgãos públicos começaram a adotar tal medida em vestibulares e concursos. Em relação as universidades públicas brasileiras, a UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro e a UNEB, dividem o pioneirismo na implantação do acesso ao ensino superior através das cotas raciais. Oficialmente, as cotas raciais no Brasil começaram a vigorar em 2003, nos processos de acesso dessas duas universidades estaduais. No ano seguinte a UFBA e a UNB – Universidade de Brasília também aderiram à reserva de vagas. Apesar de ter sido uma das primeiras a iniciar o debate, a USP –Universidade de São Paulo, foi a última das grandes universidades públicas a implantar o sistema de cotas, fazendo isso apenas em 2018, 15 anos depois da UERJ e UNEB.

A título de justiça história, é necessário dar um destaque ao processo de implantação de

cotas da Uneb, Universidade do Estado da Bahia. Em julho de 2022 a adoção de políticas de cotas da Uneb, completará 20 anos de aprovação no seu Conselho Superior, o CONSUR. Desta forma a universidade baiana se tornou a primeira do Norte/Nordeste e a segunda do Brasil a promover o acesso de estudantes negras e negros de forma consistente ao ensino superior. À época, sob a reitoria da professora Ivete Sacramento (!998/2005), primeira reitora negra de uma universidade pública no Brasil, a Uneb colocou a sua estrutura multicampi a serviço da formação em nível superior de milhares de jovens negros (as) baianos (as).

Em dezembro de 2004, foi criado pelo MEC – Ministério da Educação, o Programa Conexão de Saberes que tinha como objetivo, dentre outras ações estimular a articulação entre as universidades e as comunidades populares, assim como possibilitar que jovens universitários de origem popular desenvolvessem condições de permanência e êxito no ensino superior. Na FAE - Faculdade de Educação (Faculdade Educação) da UFMG, o programa durante seis anos implementou políticas de ações afirmativas no sentido de possibilitar a permanência de alunas e alunos negras e negros oriundos das classes populares. Nesse período, houve o fortalecimento das trajetórias acadêmicas desses alunos, ampliando os seus percursos na formação, na pesquisa e na extensão universitária. Estas ações se estendem até hoje através do Grupo Ações Afirmativas, que acolhe, orienta e auxilia os estudantes negros e negras que chegam até essa faculdade.

O Conexões possibilitou compreender melhor a trajetória do acesso dos alunos cotistas ao ensino superior, assim como superar dificuldades decorrentes do processo de inserção desses jovens pobres num ambiente ainda hostil da universidade, onde vez por outra poderia se transformar no “não lugar” dessas pessoas.

Como nos diz Mayorga e Souza, 2012, conhecer a história desses estudantes nos revela que sua trajetória é marcada por especificidades que questionam a lógica do mérito individual enraizada na instituição acadêmica e seu fundamento primordial. Sabemos que a lógica do mérito baseada no sistema escolar é apenas uma das maneiras de sustentar o *status quo* das classes dominantes.

As histórias desses alunos e alunas se cruzam e se tocam em diversas semelhanças. O caminhar desses jovens é marcado por episódios que envolvem raça, religião, estética e pertencimento ao longo das suas histórias no meio escolar. É impressionante a semelhança entre essas vidas e como os fatos se repetem em famílias diferentes, bairros distintos e cidades distantes. Ao citar o núcleo Conexões, com o engajamento de Cláudia Mayorga, foi possível



implementar o debate sobre políticas de ação afirmativa nas universidades públicas brasileiras; desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão que têm como objetivo: a) compreender, de uma perspectiva psicossociológica e psicopolítica, os processos da desigualdade social brasileira com foco na articulação entre questões de gênero, raça, sexualidade, território e geração; b) compreender processos de enfrentamento à desigualdade social brasileira através de análises de ações coletivas de resistência e ação política; c) desenvolver atividades de intervenção psicossocial que busquem contribuir com construção de dinâmicas menos marcadas por eixos de desigualdade e opressão na sociedade brasileira (REVISTA DA ABPN, 2017-18, p.339-365).

É preciso buscar conhecer quem são esses personagens. Quem são os sujeitos dessas narrativas. Essa ação nos remeterá a uma análise mais criteriosa e cuidadosa dos fatos, compreendendo mais profundamente as políticas de permanência e as ações afirmativas voltadas para esse público. Essa compreensão nos permitirá uma melhor definição do que venha a ser o “sucesso”, dentro de uma experiência mais realista do que seja o acesso a uma universidade pública e de qualidade, numa perspectiva de uma sociedade mais justa e com verdadeiros princípios de equidade.

Enfim, em 2020, a Lei de Cotas completa oito anos de existência e, atualmente, é considerada uma das maiores políticas de ações afirmativas para encurtar as desigualdades no Brasil. As ações afirmativas são políticas de reparação, que visam diminuir e enfrentar grandes dificuldades no país, nesse caso, as raciais, assunto que iremos tratar no próximo tópico.

## **1.2 As ações afirmativas e os debates em torno das reservas de vagas para negros**

Existe há mais de quinze anos, de maneira oficial em alguns estados e há oito anos no âmbito federal, uma política de ação afirmativa para as Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras que visa à inclusão de estudantes oriundos de classes minoritárias nas vagas do ensino público superior, as chamadas “quotas”. Alguns estudos sobre essa iniciativa (MOEHLECKE, 2004), ainda que iniciais, foram realizados em diferentes universidades federais brasileiras e apontaram as dificuldades enfrentadas e a necessidade do olhar acadêmico sobre o tema.

No Brasil, apesar do enfrentamento sistemático do racismo e das desigualdades raciais pelo Movimento Negro, foi somente com a realização da Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela igualdade e a Vida, em 1995, em Brasília, por militantes negros e ativistas das

lutas antirracistas, que o Estado reconheceu a existência das Ações Afirmativas. Integrantes da Executiva Nacional da Marcha Zumbi dos Palmares foram recebidos pelo então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. Na ocasião, um documento foi entregue ao presidente, denunciando o racismo, defendendo a inclusão dos negros na sociedade brasileira e apresentando propostas concretas de políticas públicas (SANTOS; MACHADO, 2008). Em decorrência destas ações a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR<sup>31</sup>, foi posteriormente criada.

Esse passo foi sem dúvida um marco na implementação de leis que buscam uma equidade e equilíbrio social, trazendo as reparações necessárias para uma aproximação de uma sociedade mais justa e equânime. Nos governos Lula (2003/2010) e Dilma (2011/2016) começamos a perceber a adoção de medidas de combate à desigualdade e ao racismo. Podemos pontuar a criação da Lei nº 10.639/2003, que estabelece o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas e universidades; a instalação da SEPPIR, em 2003, que mais tarde teve status de ministério, coordenado pela professora Nilma Lino Gomes; a criação do Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010) e da Lei de Cotas. Implementada em 2012, a Lei nº 12.711, regulamentada pelo Decreto nº 7.824/2012, que estabelecia que 50% das vagas de universidades e institutos federais de ensino seriam reservadas a estudantes pretos, pardos e indígenas, estendendo aos oriundos de escolas públicas, que tivesse renda familiar bruta igual ou inferior a um salário-mínimo e meio, e a criação das cotas de 20% para a população negra em concursos públicos através da Lei 12.990/2014.

A adoção dessas políticas impactou a sociedade e naturalmente provocou um movimento contrário. O grupo que sempre usufruiu dos privilégios do Estado, colocou-se em oposição as medidas implementadas. Apesar das ações tomadas e legitimadas pela lei, percebe-se que durante e após o golpe de 2016, sofrido pela Presidenta Dilma Rousseff, tais políticas têm sido constantemente ameaçadas. Comissões são formadas para rediscutir o tema e o atual

---

<sup>31</sup> A Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) foi um órgão do Poder Executivo do Brasil. Instituída pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 21 de março de 2003, com o objetivo de promover a igualdade e a proteção de grupos raciais e étnicos afetados por discriminação e demais formas de intolerância, com ênfase na população negra. Através de medida provisória nº 696, enviada ao Senado em outubro de 2015, a secretaria foi incorporada ao Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, unindo a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a Secretaria de Direitos Humanos, e a Secretaria de Políticas para as Mulheres.

Estiveram a frente da SEPPIR: Matilde Ribeiro (03/2003 à 02/2008; Édson Santos (02/2008 à 03/2010; Eloi Ferreira Araújo (03/2010 à 12/2010); Luiza Helena de Barros (01/2011 à 01/2015 e Nilma Lino Gomes (01/2015 à 10/2015).

governo eleito expôs durante a campanha ser contra tais medidas tomadas a fim de tornar nosso país mais eficiente. O presidente atual, quando em campanha eleitoral, afirmou que as causas da população negra, assim como dos LGBTQIA+, mulheres e nordestinos tratava-se de “coitadismo” e que deveriam acabar.

Em uma entrevista a uma emissora de televisão, quando arguido sobre as políticas adotadas em favor das populações em situação vulnerável, o então candidato afirmara que elas não fazem sentido e que deveriam ser extintas. Completou afirmando que *“Tudo é coitadismo. Coitado do negro, coitado da mulher, coitado do gay, coitado do nordestino, coitado do piauiense. Vamos acabar com isso”*. (Presidente JAIR BOLSONARO, 2018)

Em dezembro de 2018, durante um debate no XIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais e 2º Congresso da Associação Internacional, realizado em Guarulhos/SP, discutimos a situação de fragilidade que estamos enfrentando, assim como os pequenos passos que foram dados principalmente no que se refere a representatividade do povo negro nas instâncias de poder. Ainda há muito o que fazer.

“Todos os que investigam e/ou militam no campo das relações étnico-raciais e educação também concordam que, somada a essas características, é preciso efetivar uma educação que se posicione publicamente contra o racismo. Por isso, os intelectuais negros e negras e o movimento negro afirmam que a educação tem que ser antirracista. Por quê? Porque estruturalmente o Brasil é um país racista e para combater e superar esse fenômeno é necessário que todas as instituições sociais, sobretudo aquelas que se dedicam à formação das cidadãs e dos cidadãos, adotem o antirracismo como eixo de suas práticas, projetos e políticas. Ele tem que ser um princípio ético de todas as ações educativas.

Foi essa constatação, fruto da vivência e da luta contra o racismo na sociedade brasileira, que impulsionou ativistas, intelectuais e gestores, negras e negros, conscientes dos efeitos nefastos do racismo e da desigualdade racial, a lutarem para que o Estado brasileiro assumisse a superação do racismo e, por conseguinte, a pauta antirracista como um dos eixos centrais das diretrizes e bases da educação (GOMES, SILVA, MIRANDA 2018, p. 14)”

Para Gomes (1999), políticas criadas com o intuito de promover grupos socialmente discriminados deveriam ir além de reservas de vagas em espaços determinados, notadamente aqueles em que membros destes grupos não estão representados. Para o autor as Políticas de Ações Afirmativas, não devem apenas se pautar em aspectos compensatórios ou jurídicos punitivos, devem estar fundamentados também em práticas de promoção de identidades positivas, que possibilitassem a reversão de um quadro simbólico depreciativo sobre as populações discriminadas.

“As Ações Afirmativas podem ser entendidas como um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate à discriminação racial, de gênero e de origem nacional, bem como para corrigir os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por objetivo a concretização do ideal de efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais como a educação e o emprego. Diferentemente das políticas governamentais antidiscriminatórias baseadas em leis de conteúdo apenas proibitivo, que se singularizam por oferecerem às respectivas vítimas tão somente instrumentos jurídicos de caráter reparatório e de intervenção ex post facto, as ações afirmativas têm natureza multifacetária, e visam a evitar que a discriminação se verifique nas formas usualmente conhecidas – isto é, formalmente, por meio de normas de aplicação geral ou específica, ou através de mecanismos informais, difusos, estruturais, enraizados nas práticas culturais e no imaginário coletivo. Em síntese, trata-se de políticas e mecanismos de inclusão concebidas por entidades públicas, privadas e por órgãos dotados de competência jurisdicional, com vistas à concretização de um objetivo constitucional universalmente reconhecido – o da efetiva igualdade de oportunidades a que todos os seres humanos têm direito (GOMES, 2001, p. 39-41).”

Com o intuito de demonstrar e elucidar o princípio da igualdade dos cidadãos, Rodrigo Ednilson de Jesus (2011, p. 114) corrobora que além das denúncias apresentadas em relação à secular desigualdade entre negros e brancos, nos diferentes espaços da vida social brasileira, o manifesto em favor das cotas e do Estatuto da Igualdade Racial (2010) ressaltou as assimetrias raciais no contexto do ensino superior. Os argumentos apresentados no manifesto evidenciam ainda que as expectativas depositadas nas políticas aplicadas ao ensino superior, não se resumissem a amenização das assimetrias numéricas entre os grupos raciais neste nível de ensino, mas na construção coletiva de um novo senso de justiça multirracial e multiétnico entre os brasileiros.

A reflexão realizada dentro do ambiente educacional gera discussões e debates que merecem um olhar mais atento. Os questionamentos acerca dos dilemas existentes no âmbito social necessitam de conteúdo e prática aprofundadas, em que uma das expressões remonta justamente nas cotas raciais. Este é um tipo de polêmica que tem tomado conta dos debates acadêmicos.

Ainda conforme Rodrigo Ednilson de Jesus, as ações afirmativas são entendidas, aqui, como oportunidades acadêmicas coletivas e mais democráticas para incluir em patamar de igualdade os sujeitos sociais considerados diversos, produzindo uma nova cultura e uma outra

política de ensino superior. As cotas raciais e demais iniciativas de Ações Afirmativas que visam à permanência de estudantes negros na universidade, a despeito de toda a polêmica e opiniões contrárias e favoráveis, têm possibilitado aos próprios jovens negros rever conceitos e lógicas internalizadas sobre si mesmos, sobre suas capacidades e seus desempenhos. Jovens negros mais afirmativos. Mais do que mérito, trata-se da oportunidade de, por meio de experiências acadêmicas mais justas, possibilitar o direito ao ensino superior como um fato, uma trajetória possível a todos, e não somente para alguns. Enfim, trata-se de possibilitar a esses jovens o direito a uma trajetória acadêmica forte que permita, ao longo desta fazer uma revisão de si e de seu potencial humano contestador, dinâmico e criativo (JESUS, 2011, p.256).

### **1.3 Os campos de disputa das ações afirmativas nos últimos anos**

A possibilidade de obtenção um diploma de graduação aumentou quase quatro vezes para a população negra nas últimas décadas no Brasil. Após mais de quinze anos desde as primeiras experiências de ações afirmativas no ensino superior, o percentual de pretos e pardos que concluíram a graduação cresceu de 2,2%, em 2000, para 9,3% em 2017 (IBGE, 2018).

Entretanto, embora ocorrido crescimento, os negros ainda não alcançaram o índice de brancos diplomados. Entre a população branca, a proporção atual é de 22% de graduados, o que representa pouco mais do que o dobro dos brancos diplomados no ano 2000, quando o índice era de 9,3%. Os dados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O Censo do Ensino Superior elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) também evidencia o aumento do número de matrículas de estudantes negros em cursos de graduação. Em 2011, do total de oito milhões de matrículas, 11% foram feitas por alunos pretos ou pardos. Em 2016, ano do último censo, o percentual de negros matriculados subiu para 30%. A questão latente, apesar das barreiras existentes para ingressar no ensino superior, está no convívio com os preconceitos e obstáculos que surgem na vida acadêmica. Ingressar na universidade, enquanto negro e cotista, é suportar racismo institucional, com o epistemicídio e a violência simbólica. É estar num espaço em que o aluno negro terá que manejar com docentes racistas e com conteúdo curriculares que não fomentam à inclusão racial e social. Podemos validar esse cenário analisando os índices de escolaridade no ensino superior brasileiro. Conforme o pesquisador Marcelo Paixão, temos que:

“A taxa bruta de escolaridade no ensino superior da população residente branca passou de 12,4% em 1988, para 35,8% em 2008, correspondendo a uma elevação de 23,4 pontos percentuais, ou um aumento proporcional de 189,2%. Já no caso da população

preta ou parda, a taxa bruta de escolaridade no nível superior passou de 3,6%, em 1988 para 16,4%. Essa evolução corresponde a um aumento de 12,7 pontos percentuais, ou em termos proporcionais, de 350,4% em 2008 (PAIXÃO, 2010, p. 229).”

Para o professor Nelson Inocêncio, que integra o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade de Brasília (UnB), pioneira na adoção das cotas raciais entre as universidades federais, o crescimento é importante, mas é preciso pensar em outras políticas para garantir uma aproximação real entre o nível de educação de negros e brancos.

“Antes de falar em igualdade racial, temos que pensar em equidade racial, que exige políticas diferenciadas. Se a política de cotas não for suficiente, ainda que diminua o abismo entre brancos e negros, a gente vai ter que ter outras políticas. Não é possível que esse país continue, depois de 130 anos de abolição da escravatura, com essa imensa lacuna entre negros e brancos (INOCÊNCIO, 2018).”

Por certo, percebemos que há uma disputa no entendimento da necessidade ou não da utilização de cotas raciais para o acesso à universidade tanto na graduação quanto na pós-graduação. A pesquisadora Dra. Karine Pereira Goss, nos apresenta uma análise argumentativa dessa disputa a partir de proposições apresentadas por cientistas sociais, mais especificadamente representantes da antropologia e da sociologia. Em sua tese “Retóricas em disputa: o debate entre intelectuais em relação às políticas de ação afirmativa para estudantes negros no Brasil”, a professora nos apresenta versões a favor e contra a adoção das cotas como políticas de ações afirmativas.

Para Goss (2014), “há pelo menos duas posições bem demarcadas nas ciências sociais a respeito do tema: os intelectuais contrários às políticas de ação afirmativa; e aqueles que se posicionam favoravelmente”. A autora indica que “os autores que desenvolvem argumentos em oposição às ações afirmativas são partidários de uma retórica denominada de conservadora, enquanto os que defendem tais políticas são classificados como partidários de uma retórica progressista”. Nessa linha, são apresentadas três teses dentro da retórica conservadora: a tese da perversidade, a tese da futilidade e a tese da ameaça. Como antítese, os autores que se alinham a retórica progressista apresentam a “invocação da situação de crise desesperadora” assim como o fato de “estarmos perdendo o trem da história”. A autora também apresenta uma lista com alguns autores que se opõem às cotas para estudantes negros. Dentre eles estão o antropólogo Peter Fry (UFRJ), a antropóloga Yvonne Maggie (UFRJ), a antropóloga Eunice

Durham (USP), a antropóloga Lilia Schwarcz<sup>32</sup> (USP), o cientista político Marcos Chor Maio (Fundação Oswaldo Cruz), o antropólogo Ricardo Ventura Santos (UFRJ e Fundação Oswaldo Cruz), a historiadora Célia Maria Marinho de Azevedo (Unicamp), a historiadora Mônica Grim (UFRJ), o historiador Manolo Fiorentino (UFRJ) e o articulista do jornal *Folha de S. Paulo* e geógrafo Demétrio Magnoli. Esses autores, antes e depois da implantação das cotas, têm se posicionado efetivamente contra essa política, observando basicamente três teses: a tese da perversidade, a tese da futilidade e a tese da ameaça.

A tese da perversidade versa que as cotas em vez de combater o racismo, ao contrário, o fortalecem. Para os autores que defendem esse pensamento, a política de cotas conduz a sociedade através de uma cadeia de consequências imprevisíveis e não intencionais, ao caminho oposto a que ela se propõe. O antropólogo Peter Fry, em artigo publicado no jornal *O Globo*, questionou:

“Mas a “solução” das cotas vai aumentar os problemas e não diminuí-los. Alguém realmente acredita que é possível corrigir as desigualdades raciais grosseiras a custo zero aos cofres públicos? O verdadeiro custo será a consolidação do racismo, não o fim do racismo (*O GLOBO*, 21 de março de 2003).”

Segundo a tese da futilidade a política de cotas, não passa de uma ação de fachada, pois não provoca mudanças nas estruturas da sociedade. Goss, (2014, p-23) afirma que a tese da futilidade representa uma crítica à própria intenção de mudança, justamente porque não se pode mudar aquilo que não pode ser mudado. Nesse ponto se difere bastante da tese da perversidade. Para Durham (2003) as cotas são vistas como algo que não vai alterar a realidade da educação no país, pois o problema não está na educação superior, e sim no ensino básico. Para ela deve-se ir à raiz do problema, e não o atacar no final. Segundo a antropóloga as cotas são avaliadas como medidas paliativas, que não resolvem o principal problema da educação brasileira: uma escola pública de qualidade. Para os defensores dessa tese, as cotas enfraquecem a luta e a militância contra o racismo, em vez de fortalecê-la.

Por último, a tese da ameaça, que sem dúvida é a mais utilizada por quem se opõe às políticas de ações afirmativas e a que mais tem ganhado força nos tempos atuais. Para alguns

---

<sup>32</sup> A antropóloga Lilia Schwarcz, divulgou no dia 03 de junho de 2019, em sua página pessoal do Facebook, um “Manifesto a Favor das Cotas”, justificando que assinou por engano o “Manifesto Contra as Cotas” enviado em julho de 2006, ao Congresso Nacional, através de uma Carta pública coletiva com outras dezenas de assinaturas. A antropóloga finaliza o seu manifesto dizendo: “Sou a favor de cotas, pois, elas têm a potencialidade de criar, e vem criando, ambientes mais plurais e porque tenho certeza que “mais é sempre mais”. Com mais diversidade seremos muito melhores e menos apequenados, como se encontra o Brasil dos dias de hoje! Esse é, pois, o “meu manifesto a favor das cotas”.

defensores como Demétrio Magnoli, as cotas raciais trata-se do “ovo da serpente”, sendo uma política de alto risco, pois institui em âmbito federal, o negro como figura jurídica. Para os defensores desse pensamento o Estado, ao invés de se ignorar a raça como critério de classificação e de concessão de direitos, vai alçar a raça como forma de definição social, provocando a divisão do país em grupos raciais distintos. Para esse grupo de pensadores, esse tipo de ação traz mais dor do que alívio aos problemas que pretende resolver. Para eles trata-se da instituição de um novo Apartheid.

Em uma entrevista ao jornal A Folha de São Paulo (2005) O historiador Manolo Fiorentino faz o seguinte alerta, referindo-se as políticas de ações afirmativas:

“Mas o que está se agravando nesse ambiente histórico é uma coisa que já alertamos há muito tempo: cuidado, porque, ao criar um Brasil bicolor, você vai acabar exacerbando ódio onde não existe. O Brasil é um país racista, mas o ódio racial está sendo implementado com essa discussão meio enviesada realizada por diversos segmentos, inclusive pelo Estado brasileiro. Essa coisa estranha que chamam de afro-brasileiro, coisa que eu nunca vi. Nunca vi um afro-brasileiro. Eu conheço brasileiro (FIORENTINO, 2005).”

Na outra ponta dessa corda, encontra-se o campo de pensadores progressistas que entendem a necessidade da reparação histórica e percebem que as políticas de ações afirmativas são fundamentais para isso. Pensadores como o antropólogo José Jorge de Carvalho (UnB), a antropóloga Rita Segato (UnB), o antropólogo José Carlos Gomes dos Anjos (UFGRS), o sociólogo Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (USP) a socióloga Ilse Scherer-Warren (UFSC), a antropóloga Ilka Boaventura Leite (UFSC), a pedagoga Vânia Beatriz Monteiro da Silva (UFSC) e a Procuradora da Universidade Federal do Paraná Dora Lúcia Bertúlio, estão na linha de frente deste processo.

Outros nomes devem ser registrados nesse embate de defesa, manutenção e aperfeiçoamento do sistema de cotas: o sociólogo Rodrigo Ednilson de Jesus (UFMG), a professora Nilma Lino Gomes (UFMG), o filósofo e advogado Sílvio Luís de Almeida e o professor Wilson Roberto de Mattos (UNEB), dentre outros e outras. Nos últimos anos tem havido uma incessante busca de aperfeiçoamento dessas políticas não apenas por esses intelectuais, assim como por grande parte da sociedade civil organizada.

Os aqui denominados progressistas, compartilham a retórica da “invocação da situação de crise desesperadora”. Em 2006 no “Manifesto em favor da Lei de Cotas e do Estatuto da Igualdade Racial”, entregue aos deputados e senadores do Congresso brasileiro, o grupo



denunciava e alertava para o fato de que o sistema universitário nacional se encontrava em um alto nível de segregação.

De acordo com documento enviado à Brasília, “o quadro de exclusão racial no ensino superior era um dos mais extremos do mundo”. O Manifesto denunciava que “a porcentagem de professores negros nas universidades sul-africanas, ainda na época do apartheid, era muito maior que a porcentagem dos professores negros nas universidades públicas brasileiras”<sup>33</sup>.

Alinhados a esse pensamento, ainda é necessário apontar as desigualdades raciais existentes no país e o abismo que existe no acesso aos mecanismos de poder quando nos referimos às questões interseccionais como raça, gênero e classe. Os autores que defendem as políticas de ações afirmativas conseguem demonstrar como em outros países está sendo possível atingir um melhor nível de integração racial no sistema universitário por acionarem a política de cotas. Desse modo, é possível afirmar que a adoção de práticas reparadoras favoreceu o fato de que em 2006 aproximadamente 30% de negros e pardos conseguiam acesso ao nível superior e que segundo o IBGE, o número de alunos que se autodeclararam pretos ou pardos, ultrapassou a marca dos 50%, 50,3% para ter mais exatidão (IBGE, 2020). Todavia, é preciso salientar que apesar do crescimento desse percentual, nos cursos considerados de “elite”, a exemplo do de medicina, o acesso ainda é muito pequeno e a conclusão idem.

Os dados da Demografia Médica do Brasil de 2018 revelam que a maioria dos médicos recém-graduados no Brasil é branca e tem renda familiar elevada (SCHEFFER, M. et al.). O censo revela ainda que a maior parte dos formandos dependeram financeiramente dos pais na graduação e cursou ensino médio em escola particular e/ou fez cursinho pré-vestibular. Dos entrevistados, 77,2% se autodeclararam da cor branca, porcentagem que sobe para 89,5% na região Sul, 80,9% no Sudeste, e cai para cerca de 54% no Nordeste e no Norte. Apenas 1,8% se declararam negros e 16,2%, pardos.

Há de se pensar que ainda há um longo caminho a ser percorrido e muito “terreno” a ser disputado. Por derradeiro, nesse espaço de disputas acompanhamos a instauração de comissões e ou bancas de heteroidentificação<sup>34</sup>, adotadas por diversas universidades nos últimos anos. Isso

---

<sup>33</sup> Em 2006, quando o Manifesto em favor da Lei de Cotas e do Estatuto da Igualdade Racial foi entregue ao Congresso e ao Senado, a porcentagem média de docentes nas universidades públicas brasileiras não chegava a 1%, em um país onde os negros conformavam 45,6 % do total da população. Hoje esse número beira os 16%, numa população de 56,1% de brasileiros que se declara pretos ou pardos.

<sup>34</sup> Publicada no dia 10/04/2014 no Diário Oficial da União, a Portaria Normativa nº 4, regulamenta o procedimento de heteroidentificação complementar à autodeclaração dos candidatos negros que desejem entrar em concursos públicos federais por intermédio de cotas (Lei nº 12.990/2014). Isto significa que a autodeclaração do candidato será confirmada mediante procedimento no qual terceiros confirmem as informações sobre a cor da pele declarada.

tem ocorrido devido a supostas fraudes de candidatos que a fim de conseguir algum tipo de vantagem, declaram-se negros no ato de sua inscrição nos processos seletivos. Jesus, 2019, alerta que “*embora a exigência de autodeclaração racial para o ingresso em um dos cursos de graduação da UFMG já vigorasse há oito anos, nunca antes se observou, tal como no ano letivo de 2017, um número tão expressivo de denúncias de fraudes na auto declaração racial para o ingresso na UFMG*”.

A adoção das bancas e comissões de heteroidentificação, fomentou a necessidade de critérios cuidadosos para garantir os direitos a quem, de fato, tem o direito de tê-los.

Reforça-se assim a tese que a comunidade acadêmica desempenha papel primordial na efetivação das Ações Afirmativas. Dessa forma, a grande conscientização da população acadêmica, juntamente a lideranças políticas de maior representatividade, como sindicatos, pró-reitorias, diretores, orientadores, coordenadores, técnicos, professores e estudantes, acerca da necessidade de exterminar ou minimizar as desigualdades sociais que operam em prejuízo das minorias no âmbito da educação, notadamente minorias raciais, precisam participar ativamente da análise e resolução dessa questão que ocorre num nível mais amplo e mais complexo que o do indivíduo, pois envolve uma parte considerável da sociedade.

## CAPÍTULO II – A EDUCAÇÃO FÍSICA, A SOCIEDADE E A CORPOREIDADE

Beraderô  
(Chico César)

*“Os olhos tristes da fita  
Rodando no gravador  
Uma moça cosendo roupa  
Com a linha do Equador  
E a voz da Santa dizendo  
O que é que eu tô fazendo  
Cá em cima desse andor  
A tinta pinta o asfalto  
Enfeita a alma motorista  
É a cor na cor da cidade  
Batom no lábio nortista  
O olhar vê tons tão sudestes  
E o beijo que vós me nordestes  
Arranha céu da boca paulista*

---

*Cadeiras elétricas da baiana*  
*Sentença que o turista cheire*  
*E os sem amor os sem teto*  
*Os sem paixão sem alqueire*  
*No peito dos sem peito uma seta*  
*E a cigana analfabeta*  
*Lendo a mão de Paulo Freire*  
*A contenteza do triste*  
*Tristezura do contente*  
*Vozes de faca cortando*  
*Como o riso da serpente*  
*São sons de sins, não contudo*  
*Pé quebrado verso mudo*  
*Grito no hospital da gente*  
*Grito no hospital da gente”*

Todo mundo tem um corpo. Ou melhor, é um corpo (PONTY, 1999). Mente e corpo não estão separados. É na matéria do corpo que ocorre a vida. Ocupamos espaço no mundo e somos visíveis, e, como tudo o que existe, nosso corpo comunica, pode ser lido, interpretado. O corpo tem poder de comunicar algo sobre quem somos, nossa idade, sexo ou origens étnicas. Cobrimos o corpo com roupas e adereços e até o modificamos, comunicando nossos gostos, profissões, identidade de grupo. Gestos e atitudes refletem nosso estado de ânimo e personalidade.

O corpo pode ser pensado sob vários aspectos, dentre eles: como representação, as diferentes formas de representar visivelmente o corpo, como linguagem cênica, o corpo transmitindo códigos e símbolos de acordo com a cultura em que está inserido e como expressão pessoal. Não é de hoje que o corpo é usado como meio de comunicar aspectos culturais, manifestar-se artisticamente ou propor reflexões.

Desse modo, o corpo do ser humano transporta culturas, assim como o jeito que ele se vê e se expressa. De acordo com Gonçalves (2005, p. 14-15): “Cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores, suas leis...”, ou melhor, pode-se conceber o corpo como algo ativo, inserida na sociedade e na história. Houve um período na história em que o corpo tinha mais importância que a razão. Nesta época o corpo mostrava a mobilidade, a competência, o poder que o homem possuía. Desta forma, como corrobora Gonçalves (2005, p.18) “as relações sociais eram construídas e consolidadas pelo corpo”.

Na visão de educadores, pode-se entender que a corporeidade é a forma do homem estar encaixado no mundo, ou seja, a forma com que este convive e se relaciona com

as coisas e pessoas. Se aceita que a concepção de corporeidade tem no ser humano o eixo principal. Todos os aspectos que definem uma pessoa são, por conseguinte, aspectos da corporeidade do homem, como a cultura, a política, a religião, as ideologias, enfim, particularidades que podem diferenciar uma pessoa da outra, onde a identidade singular de cada sujeito pode se assemelhar em determinados grupos de pessoas. Um bom exemplo dessa semelhança são os povos e as civilizações.

Nesse sentido, Polak (1997) traz o propósito de um corpo que ocupa o lugar de fusão de fenômenos orgânicos e sociais, sendo o cenário no qual a cultura e a natureza dialogam, onde o coletivo e o individual se interpenetram. O ser humano se faz presente no mundo pelo seu corpo, este último representando uma dimensão construtiva e expressiva do ser do homem, sendo denominado de corpo próprio, corpo vivente. (COMIN; AMORIM, 2010).

As aprendizagens do corpo estão contidas nas manifestações de cada indivíduo, em que cada pessoa é entendida por sua individualidade, sendo nas vivências das brincadeiras, dos movimentos, das danças ou dos jogos, ou na troca de conhecimentos e culturas e experiências ao longo da vida. Diante disso, constata-se que a corporeidade inserida da Educação está em total equilíbrio com o aprender e com a composição das aprendizagens, pois ao se conceituar o indivíduo em suas peculiaridades corporais estará indo em direção da educação independente, onde as aprendizagens são relevantes, agradáveis e caracterizadas com a realidade de cada um. Com isso, pode-se entender que é através da vivência da corporeidade que o homem se encontra no mundo, desenvolvendo a si próprio e a sociedade.

Conforme Santin (1987) a corporeidade é a compreensão da consciência e da existência do eu. A Educação Física, avistada pelo autor, enquanto integrante do processo de desenvolvimento humano, lida diretamente com este corpo, com seus contextos, seus desejos, anseios, alegrias, tristezas, transformações, egos, e, por conseguinte, suas relações, fomentando os indivíduos a viverem e sentirem-se corporalmente. Por isso a significância de um indivíduo que adquire formação profissional e que trabalhará com esta área do conhecimento, vivenciar e estudar Frantz Fanon com sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008). Gonçalves coloca o seguinte:

“A Educação Física é, sobretudo, educação, envolve o homem como uma unidade em relação dialética com a realidade social. Os valores fins da Educação em geral e seus respectivos objetivos estendem-se, em sua totalidade, à Educação Física que, como ato educativo, está voltada para a formação do homem, tanto em sua dimensão pessoal como social (GONÇALVES, 2005, p.117).”

Constatou-se que há pouco tempo, o corpo e a corporeidade passaram a ser debatidos como oportunidades para refletir e reavaliar a condição humana e toda multiplicidade das suas relações. A julgar pelo fato que estar vivo consiste substancialmente numa interação dinâmica corporal, tanto de forma interna como com outros corpos, ou seja, permanecer-se alerta a tudo o que o corpo requer.

Nesse âmbito, alguns autores especializados na temática, como Gonçalves (2005), Assmann (1995), Santin (1987), dentre outros, retratam que crescimentos consideráveis vêm acontecendo a respeito da compreensão da corporeidade; seja na procura de linguagens novas e conceituações, na avaliação com abordagem rígida da ciência e do corpo ou até mesmo na busca de uma identidade para a Educação Física que transpasse os entraves que a tornem menos relevante.

### **2.1 Abordagem Hegemônica do Corpo na Educação Física. O esquecimento proposital dos corpos negros**

A disciplina de Educação Física a que todo estudante brasileiro foi submetido (a), tem em sua base teórica atividades corporais. Essas atividades corporais, pautadas inicialmente nas ciências médicas, tinham/têm na saúde, esporte e performance física os seus principais objetivos. Na busca pela saúde, a ginástica e o desporto/esporte eram/são os principais caminhos para atingir esse bem imensurável.

No início do seu ensino e prática nas escolas, a utilização dos métodos gímnicos europeus sustentava a defesa da sua obrigatoriedade como disciplina curricular. Assim, o método alemão, o francês e o sueco de Ginástica foram amplamente utilizados tanto nas escolas, quanto nos quartéis brasileiros. Crianças, adolescentes, estudantes e militares de um modo geral (Forças Armadas e Policiais Militares), eram submetidos a esses métodos de ensino ou adestramento corporal. Basicamente as mesmas “aulas” que eram ministradas nos quartéis eram reproduzidas nas escolas. O higienismo, patriotismo, o nacionalismo, a moral e os bons costumes eram os principais elementos dessas atividades corporais que primavam pelo adestramento e padronização dos corpos.

Para situarmos o apagamento proposital dos corpos negros na Educação Física brasileira, é necessário discorrer um pouco sobre as Tendências ou Concepções Pedagógicas que pautaram o ensino da disciplina nas escolas brasileiras. Desde quando foi introduzida nos currículos, até a década de 30, prevaleceu a Tendência Higienista. Tal tendência baseava-se nos métodos eugênicos e higiênicos amplamente difundidos na Europa. Afiada pela medicina,

biologismo e racismo científico, a Concepção Higienista encontrou campo fértil entre a elite branca brasileira.

Segundo Soares (1994), “Não interessava ao Estado modificar o padrão familiar dos escravos (africanos escravizados) que deveriam continuar obedecendo ao código punitivo de sempre”. A autora afirma ainda que “os escravos (africanos escravizados), juntamente com os desclassificados de todo tipo, serão trazidos a cena como aliados na luta contra a rebeldia familiar. Escravos, mendigos, loucos, vagabundos, ciganos, capoeiras etc., servirão de anti-norma, de casos-limite de infração higiênica”. Desse modo, podemos perceber que o corpo e a corporeidade do povo negro afro-brasileiro, eram considerados um não corpo, sem desejos, vontades, necessidades ou até mesmo sem alma. O corpo negro era a antítese daquilo que a Educação Física da época idealizava para uma sociedade forte, bonita e ideal. A Ginástica Médica seria a ponte para uma melhoria da raça branca dominante, fortalecendo a sua suposta superioridade e auxiliando na superação das precárias condições higiênicas da época.

No final do século XIX, quando a Educação Física chega às escolas públicas brasileiras, estava em curso um vigoroso projeto de eugeniação da população do país. Segundo o IBGE (2000), até meados do mencionado século, aproximadamente metade da população brasileira era formada por negros (IBGE, 2000). Para uma população de 5.520.000 de pessoas, encontravam-se 2.500.000 negros aproximadamente. Nesse contexto, Carmem Lúcia Soares em 1994, nos expunha que para a elite branca burguesa colonial da época “tornava-se necessário, neste quadro populacional, acentuar o caráter "irracional", "bárbaro" e "primitivo" dos negros, reforçar a ideia de sua inferioridade, configurá-los como ameaça”.

O ciclo da Tendência Higienista se encerra na década de 1930, com uma Europa e Norte América menos preocupadas com as questões médicas e focadas então na guerra.

A partir de 1930 até 1945, houve um predomínio da Tendência Militarista. A relação médico/paciente até outrora cultivada, seria substituída pela comandante/soldado. A educação física passa ter fortes influências das políticas de guerra e o recrutamento de possíveis soldados ultrapassa os muros dos quartéis e invadem os pátios das escolas. A “Ordem Unida”<sup>35</sup> passa a fazer parte das aulas de Educação Física ministradas pelo Brasil. Os professores, em sua grande maioria eram homens, militares reformados, tanto da Polícia Militar, quanto do Exército.

---

<sup>35</sup> Muito usada nos quartéis, serve para adestrar os corpos para atividades como a marcha e o desfile cívico. Existem padrões de posturas corporais tanto em movimento quanto parado, assim como da distância que deve ser mantida entre eles.

Volto a falar da minha história, pois apesar de ter cursado meu Ensino Fundamental e Médio nas décadas de 80 e 90, tive professores remanescentes dessa Concepção. As minhas aulas de Educação Física ocorriam em turno oposto e éramos obrigados a nos alinhar na quadra ou no campo, como se fôssemos soldados num quartel. Quando o professor chegava e a todos pulmões tinha o seu apito, era uma correria só. Alinhávamo-nos em quatro colunas, sempre do maior para o menor e tomando a distância com o braço para o colega da frente, sempre olhando para a nuca dele tendo-a como orientação milimétrica para o prumo da fila.

Tensos, aguardávamos as ordens de “Direita, volver!” Esquerda, volver!”, temendo um erro e a obrigatoriedade de ter que fazer dezenas de flexões em frente a turma, enquanto essa gargalhava. Não raro, o aluno que errava, além das penalidades recebia xingamentos e apelidos por parte do “professor”. Necessário frisar que a totalidade desses nomes atribuídos tinham caráter, machista, homofóbico e xenofóbico. Era comum sermos chamados de “mulherzinha”, indagados se era gay ou simplesmente subjugado como “da roça”.

Após a “Ordem Unida”, tínhamos uma sessão extenuante de ginástica, algo parecido com o que chamam hoje de Ginástica Funcional<sup>36</sup> misturada com o Crossfit<sup>37</sup> e acredito que era muito parecido com o que os praças e recrutas passavam nos quartéis.

Nessa metodologia adotada pelos meus professores da época, estavam incluídos testes de resistência e força, além de uma classificação dos alunos e alunas a partir de seu peso e sua estatura. Todo início de ano letivo, íamos todos para a sal de Educação Física para a tomada das medidas. As turmas eram montadas com os mais aptos separados dos considerados fora do padrão. Os de menor estatura ou de peso a mais ou a menos, segundo os parâmetros instituídos, eram relegados às turmas onde professoras ministravam as aulas. Havia essa hierarquia implícita de que as professoras deveriam se dedicar aos menos capazes. Tive sorte. Sempre estive em turmas consideradas de atletas. Tinha alguma habilidade para o handebol e o basquete. O baixo peso e pernas finas eram compensadas por uma boa envergadura e resistência física. Era um dos poucos adolescentes negros nas turmas de elite da Educação Física do Instituto de Educação Anísio Teixeira – IEAT, escola onde estudei da quinta série ao terceiro ano do ensino médio.

---

<sup>36</sup> Ginástica funcional é um método de atividade física que não utiliza aparelhos de academia, realizando exercícios de força, alongamento e flexibilidade.

<sup>37</sup> Crossfit é uma modalidade de treinamento que proporciona um condicionamento físico de forma geral em todo o corpo com movimentos funcionais (movimentos que são realizados naturalmente no dia a dia como, por exemplo, caminhada). Tanto a Ginástica funcional quanto o Crossfit, são métodos gímnicos com bases na antiga Ginástica Calistênica muito praticada nos quartéis.

Retornando aos anos 1930 a 1945, e falando especificamente da Tendência Militarista é preciso ressaltar O período militarista se configura entre o final da Primeira e a Segunda Guerra Mundial, sendo, uma época de muitas conturbações políticas. Desse modo, havia a necessidade de preparar futuros jovens para possíveis envios de tropas à guerra, assim o governo brasileiro encarou a Educação Física como um meio de treinamento para os alunos. Exercícios como polichinelo, abdominal, flexão de braço, corridas, defesa pessoal, instruções militares e ginásticas passaram a configurar como conteúdo da Educação Física escolar (GHIRALDELLI JUNIOR, 1998).

Entre 1945 e 1964 registramos a Tendência Pedagogicista. Caracterizou-se por carregar resquícios da área médica biológica assim como do militarismo, que se mantiveram presentes nas aulas da época. Ainda assim, finalmente instituiu-se enfim a relação aluno-professor. Outra característica marcante ó início do culto ao corpo de maneira consumista, influenciado principalmente por um novo estilo de vida estadunidense que passou a ser copiado pelos brasileiros. Ainda assim, essa tendência, influenciada pelo discurso liberal da escola nova, buscou superar os antigos métodos e dar um caráter mais educacional à disciplina.

Em 1964 os militares brasileiros, apoiados por parte da sociedade civil e de algumas vertentes da igreja e imprensa, deflagram o Golpe Militar de 64. Neste período o Estado brasileiro, mais uma vez, tem na Educação Física uma aliada para a imposição de seu pensamento hegemônico. Mais uma vez, corpos negros são esquecidos e marginalizados e vistos como inimigos do estado. A Tendência Esportivista, que durou de 1964 a 1985, tinha no esporte o seu principal instrumento ou conteúdo de trabalho.

O Brasil despontava como potência no futebol mundial, enquanto os aparelhos de televisão começavam a chegar aos lares das famílias tupiniquins. O sentimento nacionalista e o patriotismo obrigatório perpassam pelos meios de comunicação de massa e pelas escolas. A seleção de futebol 70, talvez pode ser o grande símbolo dessa época em que os militares sugeriam que o brasileiro deveria amar o seu país ou deixá-lo. O esporte, em especial o futebol, ganha a alcunha de alienador das massas e passa a ser usado pelo estado como um dos meios de propaganda do suposto sucesso do regime ditatorial militar dentro e fora do país.

Enquanto Pelé era tido pelo regime como “um preto que todo mundo gosta”, atletas negros que denunciavam a violência do estado, como o Reinaldo, atacante do Atlético Mineiro entre os anos de 1973 e 1985, eram perseguidos e tinham suas carreiras ameaças e comprometidas. Há relatos inclusive de que após comemorar um gol na copa de 1978 com o



punho cerrado para cima, fazendo uma referência ao Movimento Panteras Negras, no jogo seguinte o jogador perdeu a titularidade. Por ordens expressas do presidente Ernesto Geisel, o atacante foi remetido ao banco de reservas. A narrativa pode ser encontrada no livro biográfico “Punho Cerrado – A História do Rei”, de Philippe Van R Lima, lançado em 2016 pela Letramento Editora e Livraria.

A tendência Militarista, como uma das ferramentas do governo para atingir seus objetivos, fundamenta-se na prática do esporte na escola. A busca de talentos e a tentativa da formação de atletas nas escolas e universidades, é a tônica dessa concepção. A Educação Física abandona seus frágeis aspectos sociais e educativos e passa a se preocupar somente como rendimento e o aprimoramento das habilidades esportivas (FERREIRA e SAMPAIO, 2014).

O esporte passa a dominar os pátios e quadras escolares e, de forma generalizada, surge o fenômeno da esportivização. A relação aluno- professor deixa de existir e dá lugar ao atleta-técnico.

Com o fim do regime militar em 1985, estando o Brasil fervilhando através de movimentos populares, políticos, da sociedade civil organizada e sindicatos, nasce a Tendência Popular. Conceitos como inclusão, participação, cooperação, afetividade, lazer e qualidade de vida passam a vigorar nos debates da disciplina. O aluno, depois de um longo período, desde a tendência pedagógica, entre 1945 e 1964, passa a ser parte do processo, sendo ouvido, podendo sugerir e criticar (FERREIRA, 2009).

A Tendência Popular, permeada pelos anseios da classe trabalhadora, passa a englobar assuntos diversos que vão desde a emancipação dos corpos até o trato com a saúde e o sedentarismo. Percebe-se o início de um movimento de intelectualização da área, e diversas pesquisas no campo pedagógico começam a surgir. Com isso uma crise epistemológica se instaura e a disciplina. Autores divergem sobre os paradigmas que deveriam guiar os caminhos da disciplina. Várias vertentes entram em choque e agora, tendo uma autonomia e liberdade de ação a Educação Física sente a necessidade de responder diversas perguntas:

Qual a ciência da Educação Física? A que se destina? Qual o verdadeiro papel Educação Física na escola e na sociedade? Onde e como a corporeidade do povo negro brasileiro deve ser abordada?

Esta crise ainda não foi resolvida, essas perguntas ainda não foram respondidas. O conflito e as contradições desses embates ainda alimentam as mais calorosas discussões dos intelectuais da área e certamente não caberiam aqui nesse trabalho.

É fato que, apesar de termos a maior população negra fora da África Continental, os corpos, a história desses corpos, a estética desses corpos e a corporeidade das donas e donos desses corpos, tem sido negligenciada pela disciplina escolar durante esses longos anos de história. Esse “esquecimento proposital” poderá ser observado mais adiante, nos depoimentos das pessoas participantes desse trabalho. Há um silêncio ensurdecedor no que se refere as aulas de Educação Física pelas quais eles passaram enquanto alunos.

## **2.2. As dimensões da corporeidade dos corpos invisibilizados**

O menino negro que chegou à escola e foi brincar no pátio. Apenas brincava e não se sabia. Sentia-se um igual. Não compreendia que quem o olhava, o via como um diferente. No seu imaginário ele brincava igual, sorria igual, corria igual. A construção da sua corporeidade e subjetividades não vão ocorrer como a dos outros meninos não negros. Quanto mais retinta a sua pele, mais “nãos” ele terá que encarar ou driblar. No começo ele não vai perceber, depois ele não vai entender e em muitas situações será levado a se conformar. Ele não vai compreender os porquês de ser o primeiro em determinadas situações e em ser o último em outras. Enquanto acredita na casualidade das coisas, não perceberá que é tudo de acordo com regras não escritas.

A medida em que vai crescendo, o menino vai descobrindo que ele não será o noivo na quadrilha junina, a menos que seja para ser um noivo “engraçado”. Será exigido como bom corredor, bom jogador de futebol, bom em dançar, mas dificilmente será lembrado como um bom orador ou leitor. Os estigmas e estereótipos vão rondar esse menino até a sua adolescência. Sempre haverá um ar de desconfiança com relação a sua capacidade cognitiva. Poucos vão querer saber o que ele quer ser quando crescer. Subjugado que é, provavelmente será um cantor ou jogador de futebol.

Na adolescência o menino vai se apaixonar, vai querer “ficar”. Talvez descubra que poderá ser um ótimo amigo, mas não o namorado. Talvez um beijo escondido, sem permissão de falar até para o melhor amigo. Nas atividades escolares será cobrado por seus professores e família para que em tudo apresente algo a mais que os demais colegas. Certamente, poderá levantar a desconfiança de muitos, ao apresentar algo com excelência. Cadernos de páginas alvas e impecáveis. Farda cheirosa e a gola da camisa branca jamais poderá ficar manchada. O cabelo alinhado, cortado bem baixinho...

Numa cidade pequena do interior baiano, nas décadas de 80 e 90, sendo da considerada classe média da época, geralmente era dessa forma que um menino negro construía e percebia

a sua corporeidade. O mito da democracia racial de Freire, cultivava de forma implícita a cordialidade do brasileiro mestiço. Isso se materializava em seus gestos e ações. Aos poucos, a gente ia aprendendo onde era o lugar da gente e se conformando gradativamente. As facetas dos comentários e conselhos racistas, que apareciam disfarçados de instruções eram naturalizados e aceitas sem nenhum problema.

Não havia espelho para mim.

Trago essa ilustração a fim de discutir a complexidade da compreensão crítica da construção da corporeidade humana, em especial da corporeidade das pessoas negras, numa sociedade que se esmera em inviabilizá-las, excluí-las, limitá-las, invisibilizá-las e marginalizá-las. Carvalho (2018), recorrendo a Fanon, diz que “o colonizado sabe de imediato o que o colono pensa a seu respeito. O ar de superioridade do branco, a certeza que tem da inferioridade do negro, não o permite dissimular a realidade”. Essa percepção tem sido comum e permanente e afeta diretamente a corporeidade das pessoas negras, pois cerceia a liberdade de presença concreta no mundo.

A partir das normas e padrões estabelecidos pela sociedade os indivíduos vão construindo a sua corporeidade. Preceitos morais, éticos e religiosos, assim como condições geográficas e climáticas interferem no “delinear” dos corpos e na materialização desses nos espaços. Essa tomada de consciência corporal nem sempre é percebida de forma consciente. Ela está sempre pressionada pelos olhares e pelas opiniões. A professora Ivanildes Mattos, afirma que:

“Os estereótipos são recursos utilizados há décadas pelas elites dominantes. Teorias foram utilizadas para assegurar a veracidade dos estereótipos, como por exemplo, a classificação hierárquica entre as raças branca e negra - sendo a primeira sempre concebida como superior e a segunda como inferior. O eugenismo, o darwinismo e o próprio capitalismo quando da necessidade de modernização das sociedades, afirmaram que o negro era preguiçoso, incivilizado, sujo e violento (MATTOS, 2006).”

Nossa sociedade estabelece sobre os indivíduos negros e pobres, desde o seu nascimento, limites normas e padrões. Delimita os espaços e direciona possibilidades corporais que partem desde a religião à possível escolha de uma profissão. O padrão de sucesso e normalidade é o branco, com isso, involuntariamente o menino e o jovem negro sentem a necessidade de negar-se e buscam incansavelmente sua semelhança com o seu opressor. Sua constituição vai ocorrendo inclusa na visão das imagens corporais que se encontram na ordem social determinada. Ao invés de instituir-se dentro de sua corporeidade natural, vai tentando se

adequar aos modelos que são o tempo todo positivados pelo meio.

“Afastado de seus valores originais (...) o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de tornar-se gente”. (...) É a autoridade da estética branca quem define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classista, onde os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. Ela é quem afirma: “O negro é o outro do belo”. É esta mesma autoridade quem conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimento de outros (SOUZA, 1983, p.26).”

Tendo a sua corporeidade reprimida, os indivíduos acabam por assumir um corpo de acordo aos modelos pré-estabelecidos pela sociedade. O corpo em vez de ser corpo, é roupa que veste o corpo. Desse modo, são criados “Skins<sup>38</sup>” e/ou “Avatares<sup>39</sup>”, corroendo a realidade da vida, na tentativa de esconder-se atrás de personagens de si mesmos. É uma conduta mecanizada e até certo ponto já automatizada, não resultante da criatividade e manifestação natural do indivíduo, que busca a definição de seu corpo, longe de ver o seu corpo na sua totalidade.

A fim de melhor entender/explicar essa pressão social sobre a corporeidade e em especial sobre a corporeidade da pessoa negra, e de como ela transcende o mundo físico e se traduz no mundo virtual, recorri a uma busca simplificada em três sites de buscas distintos: o google.com, o yahoo.com.br e por último do duckduckgo.com. A saber, que segundo o site sparktoro.com, a empresa Google<sup>40</sup> detinha em 2018, 89,8% de todo tráfego de busca da internet, enquanto o Yahoo alcançava 2,4%. O Duckduckgo é uma ferramenta de busca alternativa e não conseguia configurar nas estatísticas. Dessa forma utilizei como critério as

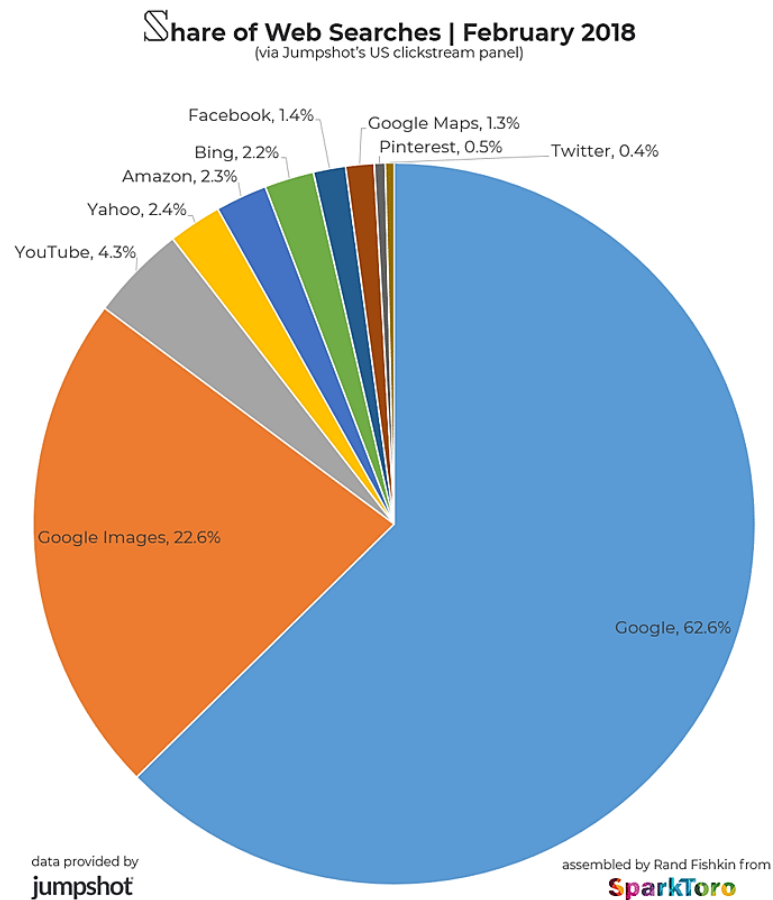
---

<sup>38</sup> Skins, que em português quer dizer, peles, são recursos utilizados em alguns jogos eletrônicos em primeira ou terceira pessoa onde o jogador pode editar a personagem que ele “vive” no jogo. Dentre outras coisas, pode mudar a cor da pele, o cabelo, olhos e formato do rosto.

<sup>39</sup> O nome avatar é originado da religião Hindu, e significa uma manifestação corporal de um ser superior. No mundo dos jogos, o personagem criado pelo usuário é chamado de avatar. Isso começou em 1986, no jogo de videogame Habitat, para representar corpos virtuais. A relação do videogame com os Avatares da religião Hindu é que o usuário do game estaria encarnando-se dentro do personagem criado, assim como os deuses hindus encarnam nos corpos de pessoas. É uma transcendência da imagem da pessoa no corpo virtual.

<sup>40</sup> O Google, também conhecido como Gigante das Buscas, é uma empresa multinacional que oferece serviços online e softwares para download. A companhia tem um leque grande de produtos, entre eles: o Google Tradutor (Translate), o Google Map (com o recurso Street View) e o Google Earth, o navegador Chrome, a assistente virtual Google Now e o Ok Google, a loja de aplicativos Google Play Store, o Google Acadêmico, Google Docs, Google Fotos, e muitos outros. Entretanto, o mais conhecido e usado o buscador Google.com (para o Brasil, Google.com.br), utilizado por mais de 90% dos usuários de Internet. A ferramenta de pesquisa, muito acessada inclusive por quem busca imagens por conta do Google Imagens, processa mais de um bilhão de solicitações e 20 petas bytes de dados todos os dias.

duas maiores ferramentas de busca e uma outra, bem pequena e de pouca expressão no meio digital, para realizar esse pequeno experimento.



**Figura 1.** Pesquisa móvel e na Web em navegadores e aplicativos em 2018.

A ideia seria identificar quais os resultados de imagens de corpos seriam encontrados, ao digitar palavras-chave que remetessem ao corpo e a corporeidade. Quais “tipos de corpos” essas ferramentas de buscas da internet dariam como respostas para as palavras-chave digitadas. As seguintes palavras-chave foram usadas nos três sites de busca:

“Corpo padrão brasileiro”

“Corpos bonitos”

“Corpo ideal masculino”

“Corpo ideal feminino”

Abaixo apresento o resultado desse experimento e algumas anotações sobre ele. O primeiro resultado de busca foi para “corpo padrão brasileiro”. Encontrei os seguintes resultados:

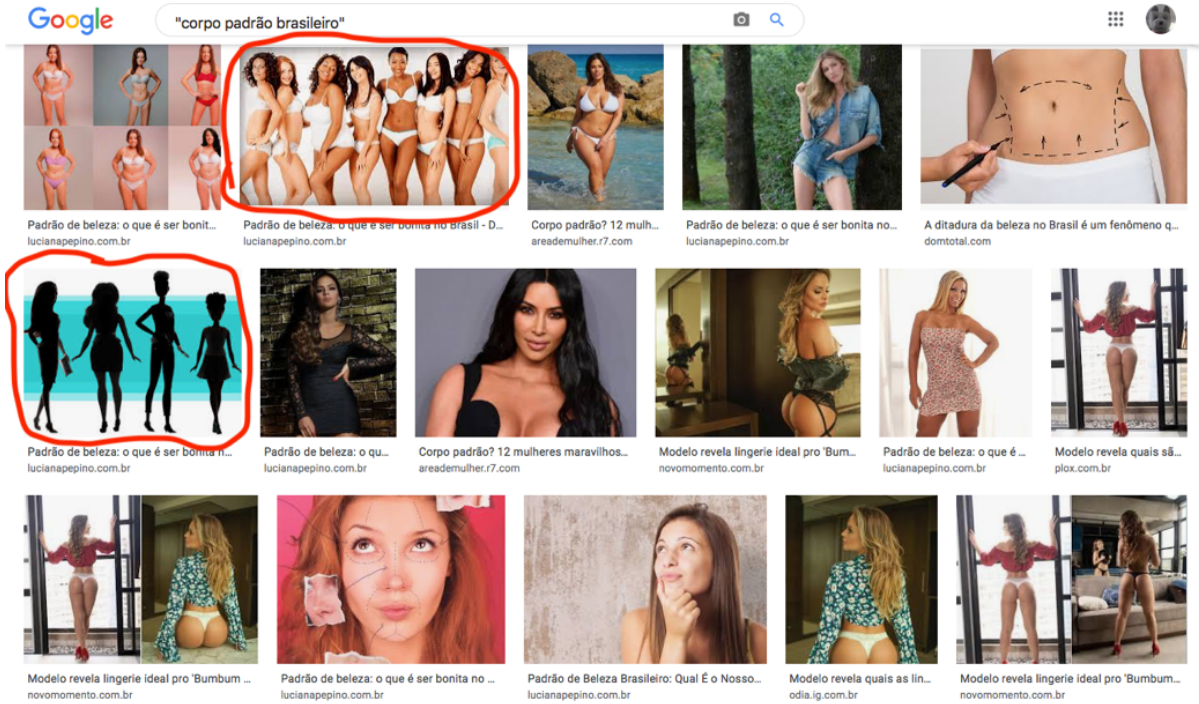


Figura 2. Resultado para o termo "corpo padrão brasileiro" no Google.

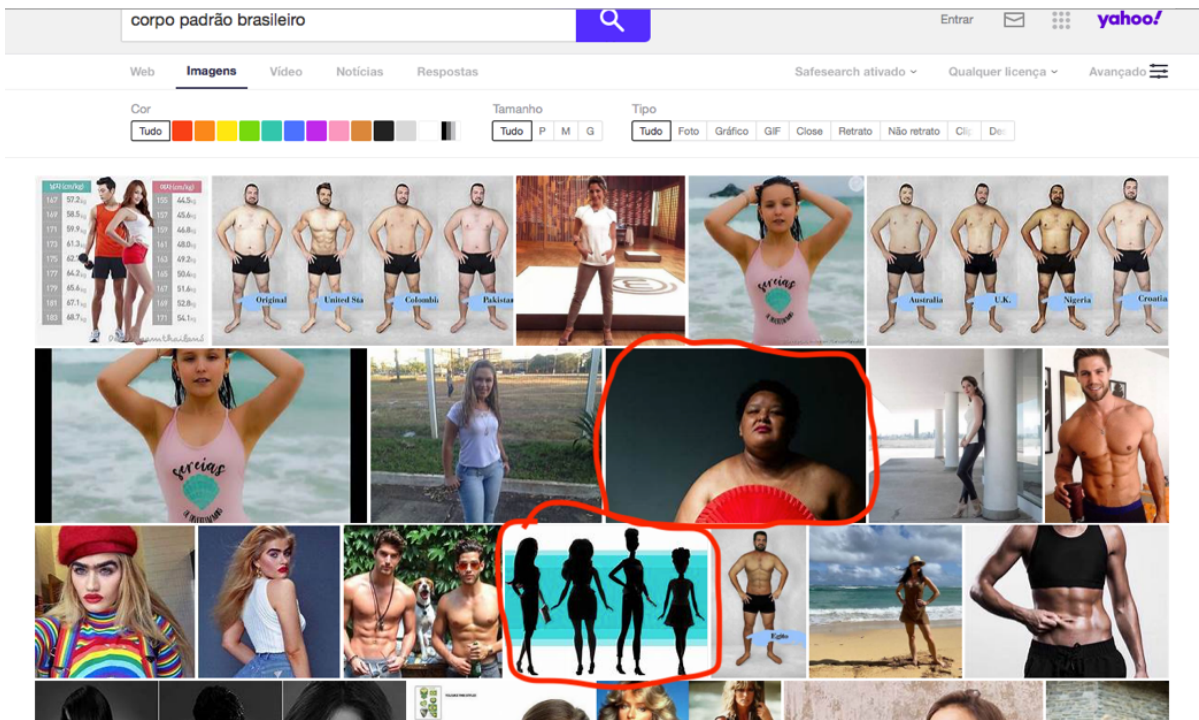
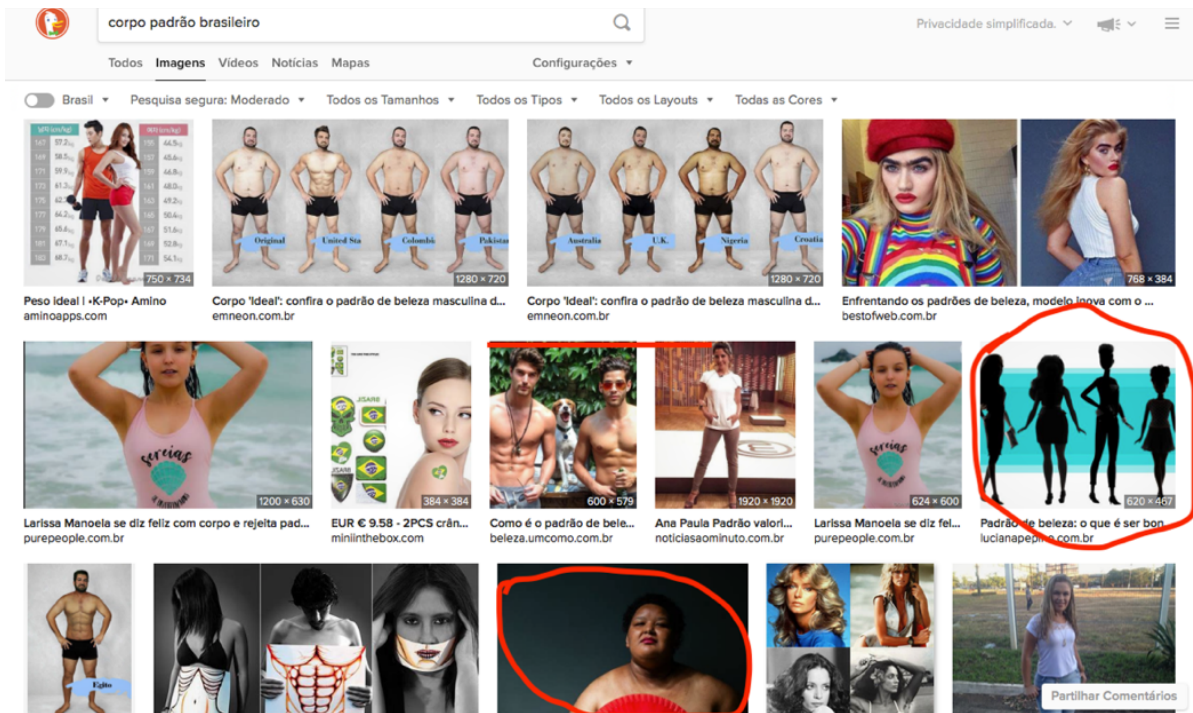


Figura 3. Resultado para "corpo padrão brasileiro" no Yahoo.



**Figura 4.** Resultado para "corpo padrão brasileiro" no Duckduckgo.

É possível observar que a busca realizada pela plataforma do Google é apresentada 16 respostas com 29 corpos de mulheres e 04 silhuetas também remetendo ao feminino. Dos 29 corpos, apenas 02 são de mulheres negras e das 04 silhuetas, 02 possibilitam aferir, sem muita precisão que são de mulheres negras. Nas 16 respostas encontramos 07 corpos de femininos em poses sensualizadas. Os resultados obtidos a partir da busca no Yahoo, temos 15 respostas com um total de 28 imagens que remetem a corpo padrão brasileiro. Além da imagem da silhueta encontrada no google, temos uma, de uma mulher negra na oitava imagem da resposta. Aparecem 13 corpos de homens brancos. Nenhum corpo de homem negro.

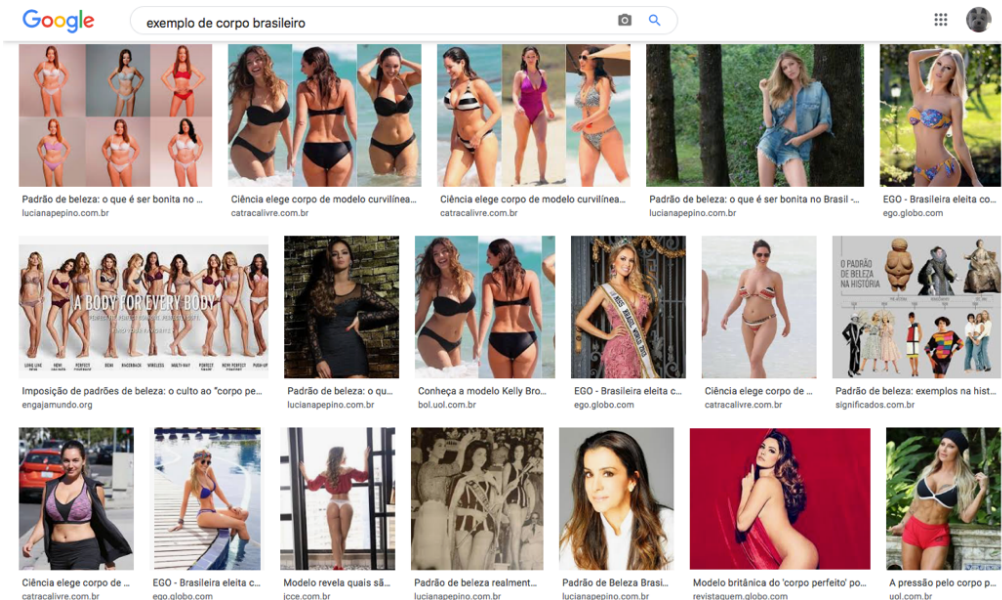
No Duckduckgo, o resultado do Yahoo praticamente se repete, com poucas variações. A página apresenta em seus 15 resultados iniciais a mesma quantidade de corpos negros, sendo as imagens as mesmas do Yahoo, só que numa ordem diferente. Enquanto o Yahoo trás as silhuetas como 13ª resposta, o Duckduckgo traz como 10ª. A mesma imagem de uma mulher negra que o Duckduckgo mostra como 13ª resposta, o Yahoo apresenta como 8ª. Percebemos nessa busca 13 corpos que remetem ao corpo de homens e 20 ao de mulheres. O corpo do homem negro aqui também está ausente.

Em todos os resultados encontrados a predominância de corpos brancos e a quase

ausência de corpos negros é impactante. Podemos deduzir que para essas três ferramentas de busca corpos negros não são padrão.

Para Ivanilde Mattos, isso pode contribuir para a construção de uma autoimagem negativa para aqueles que não se enquadram nesse padrão veiculado pelas mídias e propagandas. Adolescentes e pessoas mais jovens podem se sentir feios e, conseqüentemente, diminuídos nas possibilidades de autoaceitação e autocuidado, quesitos tão necessários para a construção de uma autoestima equilibrada assim como a busca de prazer nas relações afetivas. A ausência de corpos negros relacionados ao corpo padrão brasileiro pode revelar um desejo antigo de inviabilizar esses corpos, deixando-os à margem, relegados a um possível esquecimento.

Apesar dos corpos negros estarem em todos os lugares da sociedade brasileira eles não aparecem nesta pesquisa com a mesma intensidade e relevância. Ao que parece, as ferramentas de busca utilizadas nesse experimento não entendem o corpo negro brasileiro como um possível corpo padrão do brasileiro. Não defendo aqui padronização de corpos, mas questiono o fato de numa pesquisa sobre um possível padrão, o corpo negro não ser considerado. A palavra “padrão” pode ser substituída pela palavra “exemplo” e o resultado será semelhante no Google e remeterá a questões biológicas nas outras duas plataformas, como ilustra as figuras abaixo.



**Figura 5.** Resultado para "exemplo de corpo brasileiro" no google.com.



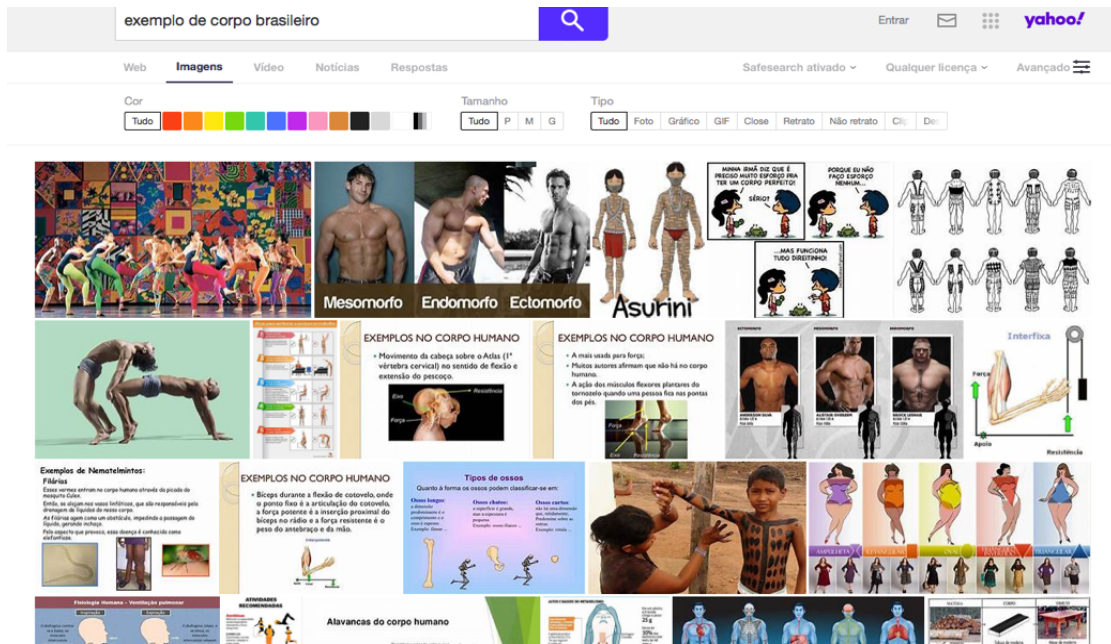


Figura 6. Resultado para "exemplo de corpo brasileiro" no yahoo.com.br.

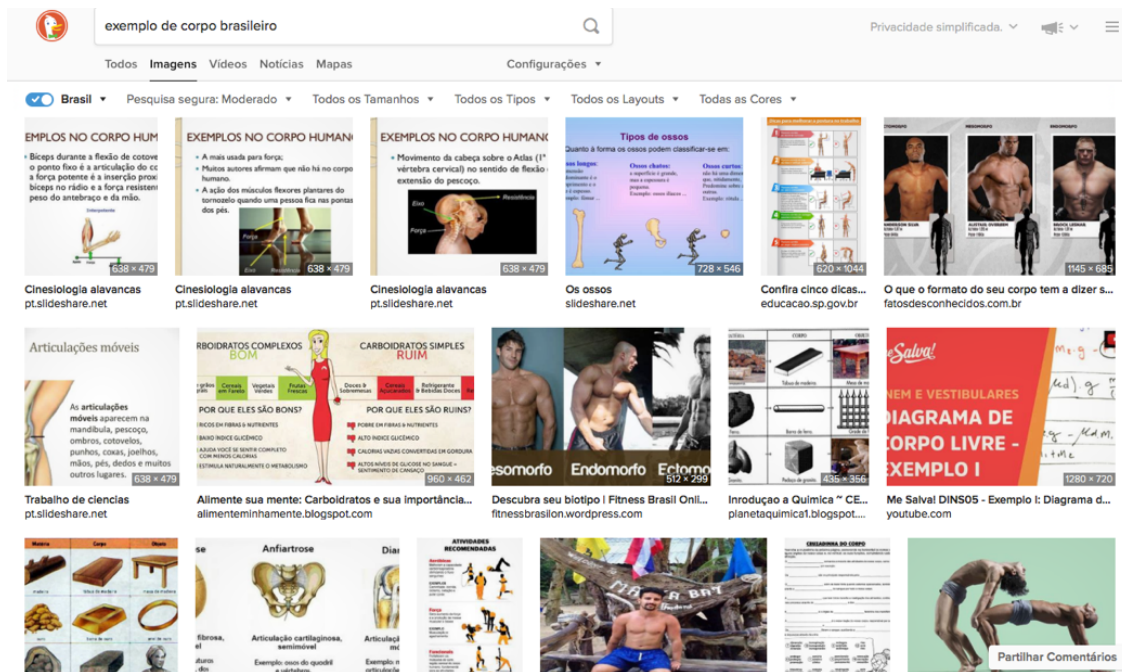


Figura 7. Resultado para "exemplo de corpo brasileiro" no duckduckgo.com.

Ao retirar o corpo negro dos principais resultados de busca, descartando esse corpo um possível “corpo padrão do brasileiro” ou “exemplo de corpo do brasileiro”, as plataformas tentam reproduzir a ideia de branqueamento do pensamento hegemônico eurocêntrico. Para Joyce Maria Rodrigues, em seu artigo: A relação do corpo negro para a construção da identidade negra, o corpo, “no processo complexo da gênese social, forma e constrói a identidade do

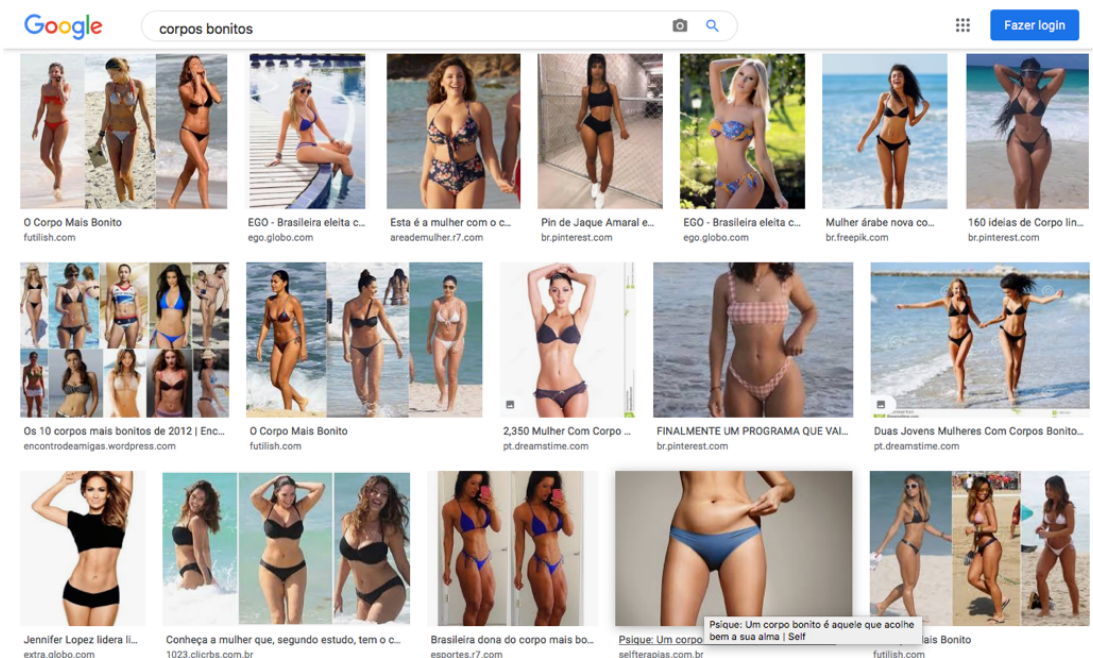
*sujeito, não somente a categoria de tempo e espaço, no sentido de pertencer a uma nacionalidade”.* Rodrigues afirma ainda que:

“O corpo se destaca como manifestação e expressão de sentimentos e sentidos de afirmação, negação, sofrimentos, dores, alegria e felicidade. Nessa premissa o corpo é fruto das relações e interações sociais de domínio, de campos afirmativos e de negações de padrões e identidades físico-corporais e culturais, construindo assim, um sistema de valores e classificações de cor e padrões estéticos, sendo o corpo branco europeu utilizado como parâmetro de padrão comparativo e normativo, para definir como se configura a estruturação da beleza.

(...) o corpo do negro brasileiro é construído na sociedade como sentido negativo de estereótipos, que negam a existência de fatores positivos associados ao universo negro (RODRIGUES, 2012, p. 63).”

Munanga (2008), nos lembra que a mestiçagem foi incorporada ao pensamento brasileiro inferindo a nossa sociedade a construção de um modelo hegemônico racial branco, não discutindo, em nenhum momento a possibilidade de consolidar uma sociedade plural em termos de futuro, já que o Brasil nasceu historicamente plural.

Ao digitar o termo de pesquisa “corpos bonitos” nas três plataformas de busca tem-se como resultado:



**Figura 8.** Resultado da busca para "corpos bonitos" no Google.com.

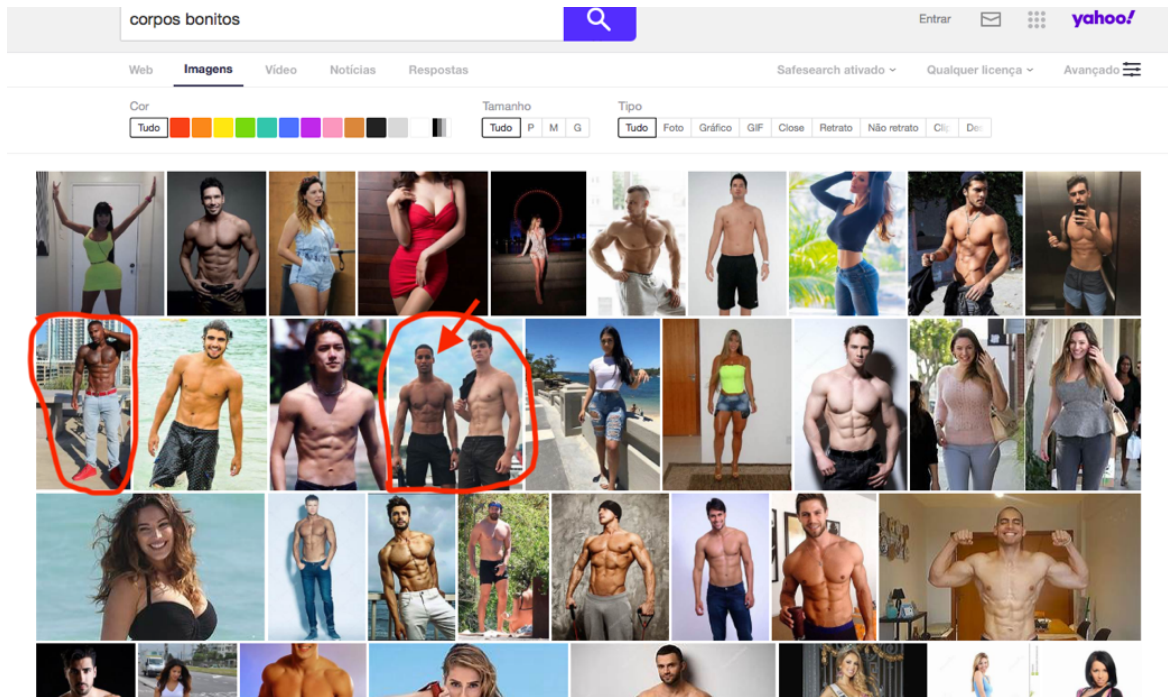


Figura 9. Resultado da busca para "corpos bonitos" no Yahoo.

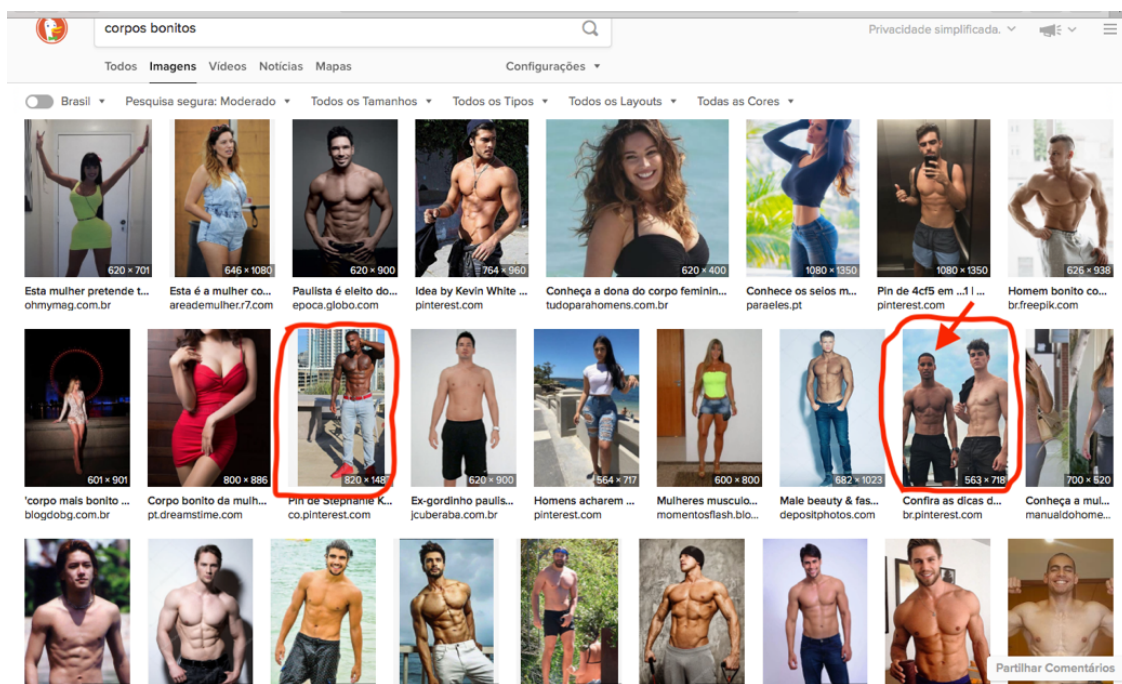


Figura 10. Resultado da busca para "corpos bonitos" no Duckduckgo.

Em uma situação hipotética da qual seria utilizado o conceito-chave “corpo padrão brasileiro” obtivemos poucos corpos de mulheres negras (10/99, 10%) dissolvidos entre o total apresentados como resultado. Ainda assim essa proporção não foi encontrada neste trabalho,

visto que nenhum corpo de mulher negra apareceu como sendo umas das primeiras respostas para a palavra-chave “corpos bonitos”.

Neste resultado são elencados 91 corpos, sendo apenas 04 de homens negros e repetindo, nenhum corpo de mulher negra. O Google não retorna nenhum corpo negro nas primeiras 17 respostas. O Yahoo mostra um homem negro na 11<sup>a</sup> e na 14<sup>a</sup> resposta e o Duckduckgo na 11<sup>a</sup> e 16<sup>a</sup> respostas, repetindo as imagens do Yahoo.

O resultado do Google, não inclui nenhum corpo masculino e nenhum corpo negro. Todos os 36 corpos apresentados são corpos de mulheres em trajes íntimos, de banho ou algo que se assemelhe a isso.

O Yahoo apresenta como resultado de busca um total de 28 corpos, sendo 10 de mulheres e 18 de homens. Desses 28, dois são corpos de homens negros. Todos os homens das imagens estão sem camisa, sendo que 17 apresentam um tronco e abdômen supostamente definidos através de exercícios físicos.

O Duckduckgo em suas 26 respostas iniciais apresenta 18 corpos de homens, sendo 02 negros e 08 corpos de mulheres brancas. Assim como no resultado do Yahoo, todos os homens estão sem camisas e apenas 01 não tem o tronco torneado.

Estes resultados podem nos remeter para uma questão referente ao que a sociedade considera belo e qual o papel da Educação Física na busca e construção desse belo. Maria do Carmo Saraiva, nos alerta que a Educação Física escolar

“É dotada de práticas culturais que reproduzem os estereótipos de gênero e normatiza modos de ser e agir dentro de um padrão de identidade masculina, branca e de classe média. Os critérios de seleção de conteúdo, a organização dos espaços destinados às vivências e as posturas e linguagens adotadas pelos meninos e meninas são exemplos do cotidiano escolar onde as diferenças de gênero se mostram mais explícitas (SARAIVA, 2005).”

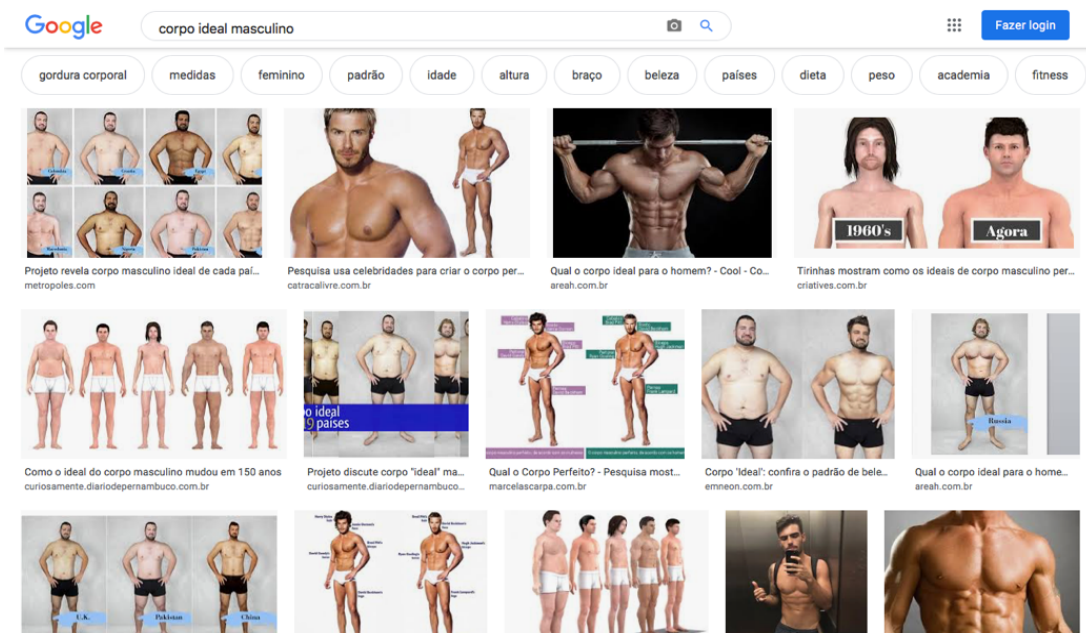
Esses valores transpassam os muros das escolas e são ecoados nas academias e centros de ginástica de médio e alto padrão socioeconômico. Os corpos que não atendem a essa demanda são poucos vistos transitando por esse meio. Nilma Lino Gomes, em seu artigo *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*, construído a partir algumas reflexões decorrentes da sua tese de doutorado, defendida em junho/2002, “*Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte*”, nos conta que durante a sua pesquisa buscou entender:

“Como essas pessoas “comuns” pensam a questão da estética corporal negra em um

país que, apesar da miscigenação racial e cultural, ainda se apoia em um imaginário que prima por um ideal de beleza europeu e branco. Assim, considero que para o negro e a negra, a forma como o seu corpo e cabelo são vistos por ele/ela mesmo/a e pelo outro configura um aprendizado constante sobre as relações raciais. Dependendo do lugar onde se desenvolve essa pedagogia da cor e do corpo, imagens podem ser distorcidas ou ressignificadas, estereótipos podem ser mantidos ou destruídos, hierarquias raciais podem ser reforçadas ou rompidas e relações sociais podem se estabelecer de maneira desigual ou democrática (GOMES, 2002).”.

Nos espaços pedagógicos da Educação Física, isso inclui as academias de ginástica, muitas vezes percebemos percebe-se os processos de negligência e invisibilização do corpo negro em detrimento do padrão branco europeu.

Vejamos a seguir qual resultado foi encontrado para “Corpo ideal masculino” nas três plataformas:



**Figura 11.** Resultado para "corpo ideal masculino" no google.com"

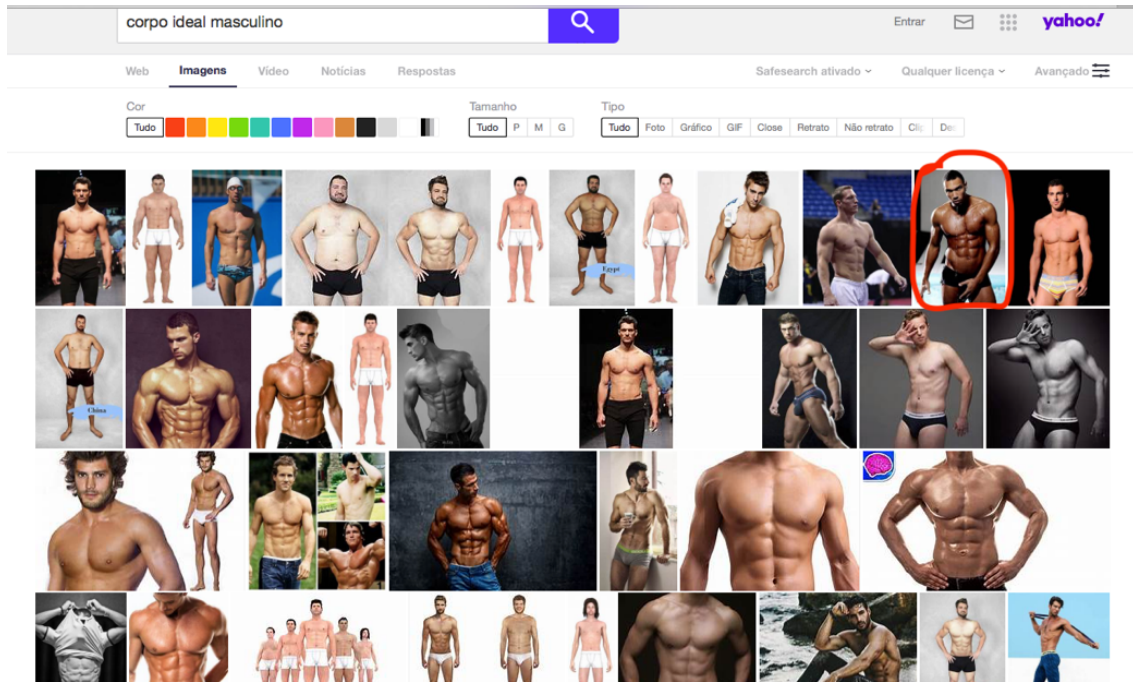


Figura 12. Resultado para "corpo ideal masculino" no yahoo.com.br.

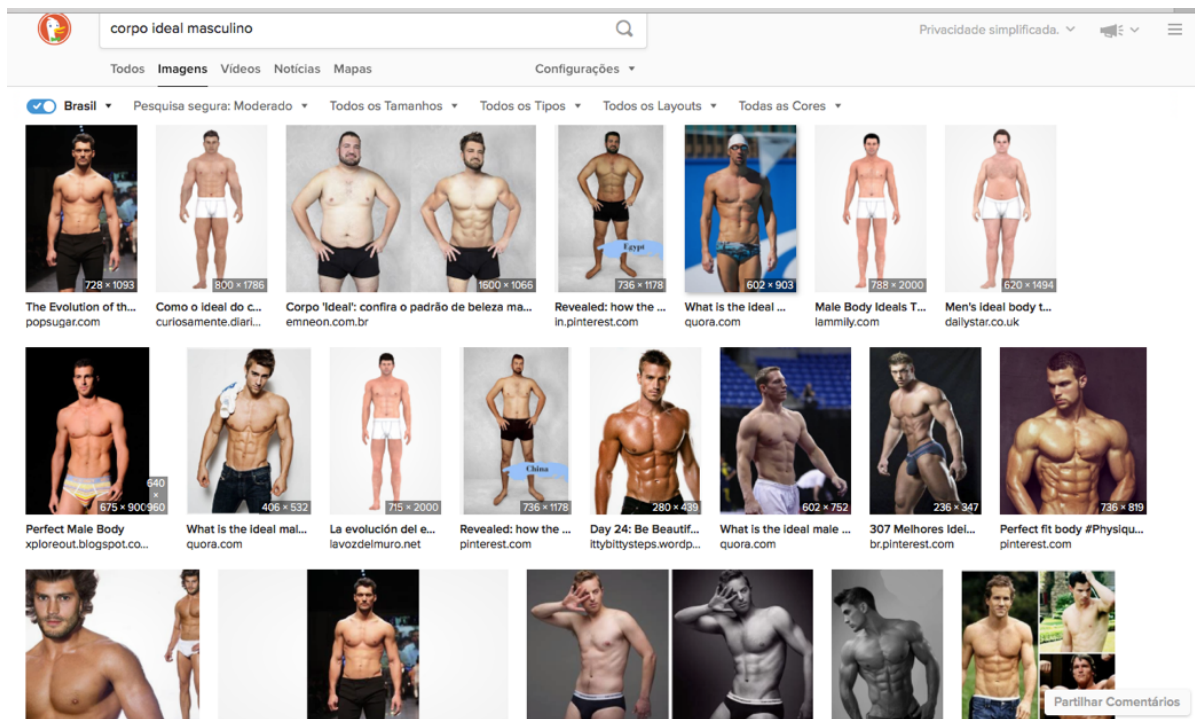


Figura 13. Resultado para "corpo ideal masculino" no duckduckgo.com.

Somando os três resultados temos um total de 100 corpos de homens, sendo que apenas um deles é de um homem negro. O Google apresentou 34 corpos de homens brancos para a

tag<sup>41</sup> “corpo ideal masculino”; o Yahoo 43 sendo que o 10º resultado foi o único corpo negro e por fim o Duckduckgo que apresenta 25 corpos de homens brancos.

De acordo com essas ferramentas de busca a imagem do corpo ideal masculino, não é o corpo negro. É um corpo branco, magro e de tronco e braços musculosos. Para Fanon,

*No mundo branco o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal, uma vez que em torno do corpo negro reina sempre uma atmosfera densa de incertezas”. Fanon observa ainda que “para o homem negro, abaixo do esquema corporal há um esquema histórico-racial. O esquema corporal desmorona, cedendo lugar a um esquema epidérmico-racial”.*

(FANON, 2008, p. 105)

O corpo do homem negro é negado, negligenciado invisibilizado. O reflexo do pensamento hegemônico sobre o corpo masculino ideal, revela a marginalização do corpo do homem negro brasileiro. Numa sociedade estruturada pelo racismo, onde o corpo do homem negro é naturalizado como o não corpo, ou o não ideal, o resultado dessa busca pode não provocar espanto algum. Essa perspectiva é normatizada e replicada diariamente. Atribuir marcas positivas a um corpo como sendo ideal, automaticamente pode atribuir a outros corpos as marcas negativas do não desejado. A atribuição da superioridade do corpo branco em detrimento da inferioridade do corpo negro é constatada por Fanon, quando ele afirma:

Se o negro aos olhos do branco não tem resistência ontológica, precisamos ir além do estudo dos seres em si e nos engajarmos no estudo da relação entre seres e não-seres a fim de entendermos como este último experiencia sua vida. A experiência vivida do negro será sobretudo dada pelo olhar do branco: “É o racista que cria o inferiorizado” (FANON, 2008, p. 90).

A matriz negra desta maneira é clareada e melhor aceita nos diferentes meios, em que ainda predominam aqueles que não são negros, a elite brasileira. As consequências desta construção para a corpo negro implica na estigmatização de suas atitudes corporais. O que poderia e deveria ser positivo se tornaria uma referência negativa quando generalizada e instigada com os recorrentes estereótipos negativos com relação às atividades oriundas da raça negra.

A naturalização da inferiorização corpo do homem negro brasileiro, pode ser explicada

---

<sup>41</sup> Tag é uma forma de organização e classificação de informações extremamente comum na internet e na Web 2.0, que utiliza palavras-chave para relacionar informações semelhantes. Essas palavras-chave também são conhecidas como metadados. Metadados são dados usados para classificar e organizar arquivos, páginas e outros conteúdos.

também a partir projeto eugenista e da ideologia de branqueamento que agiu na adequação dos corpos negros aos padrões europeus no início do século XX. Essa foi/é uma das particularidades mais presentes no racismo brasileiro: Negar sem dizer que está negando, subalternizar sem dizer que está subalternizando, excluir sem dizer que está excluindo. O jovem negro não se vê na TV como os heróis dos filmes ou os galãs das novelas. Na construção do corpo ideal pelas elites, o corpo do herói, do galã, do mocinho, na maioria das vezes, é o corpo do homem branco. Já chegou a ser em todas as vezes, mas por força das lutas encapadas, tem se modificado um pouco.

No caso Brasil, a miscigenação ocorrida desde o início da colonização, tem um papel preponderante nessa negação do corpo do homem negro. Historicamente, ao corpo do homem negro foram associados valores voltados ao trabalho braçal ou a violência. Rolf Ribeiro de Souza, em seu artigo, *As Representações do Homem Negro e Suas Consequências*, nos alerta sobre a desqualificação a masculinidade negra. O pesquisador, citando Fanon nos diz que “no imaginário ocidental o homem negro não é um homem, antes ele é um negro”. Souza reitera que nos debates sobre a construção do Brasil como nação moderna houve por parte do estado brasileiro, uma política de estado de branqueamento da população através da miscigenação dos imigrantes europeus com as mulheres brasileiras. Essa premissa, associava-se ao mito da democracia racial, amplamente difundido no país nas primeiras décadas do século passado. Esse ideal de nova sociedade, nova “imagem” de um povo, exclui o corpo do homem negro. Essa exclusão ideológica, silenciosamente tem atravessado o tempo e pode ser verificada ainda hoje.

Na etapa final do experimento, a palavra-chave “corpo ideal feminino” foi submetida às plataformas de busca:



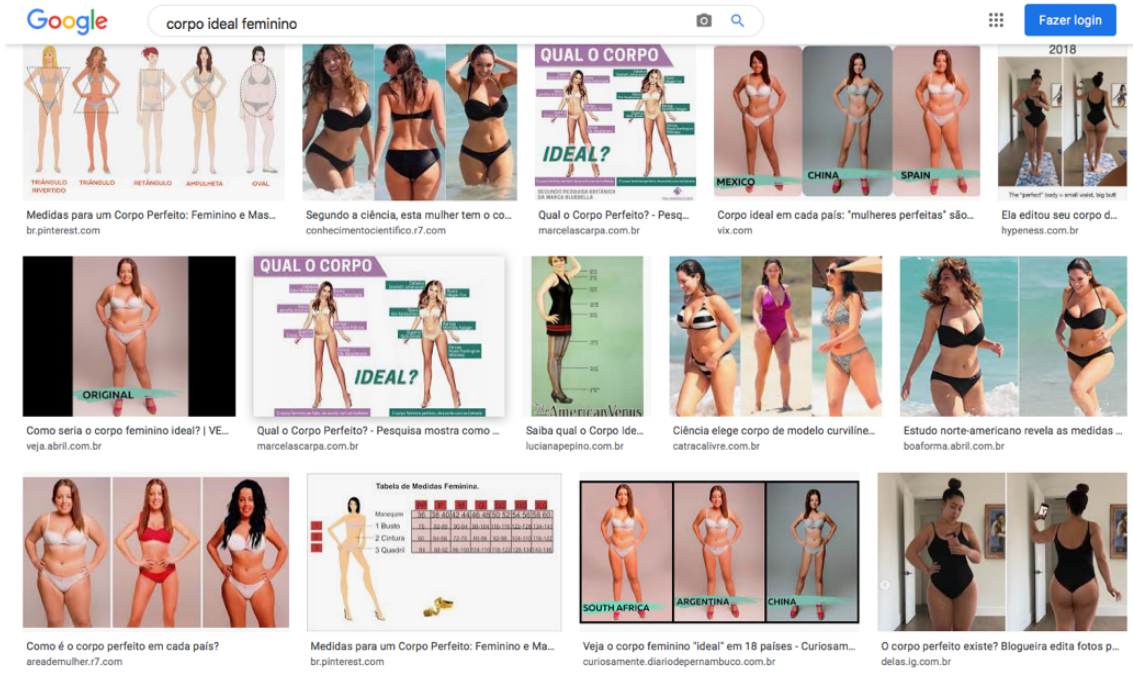


Figura 14. Resultado da busca para "corpo ideal feminino" no google.com.

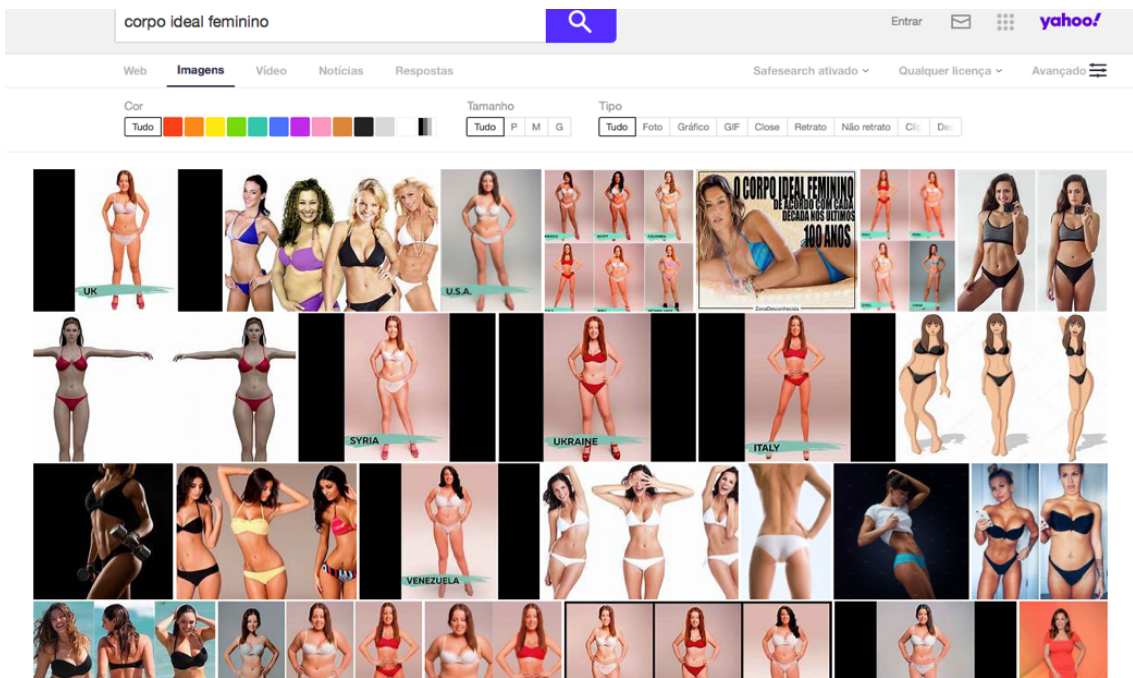
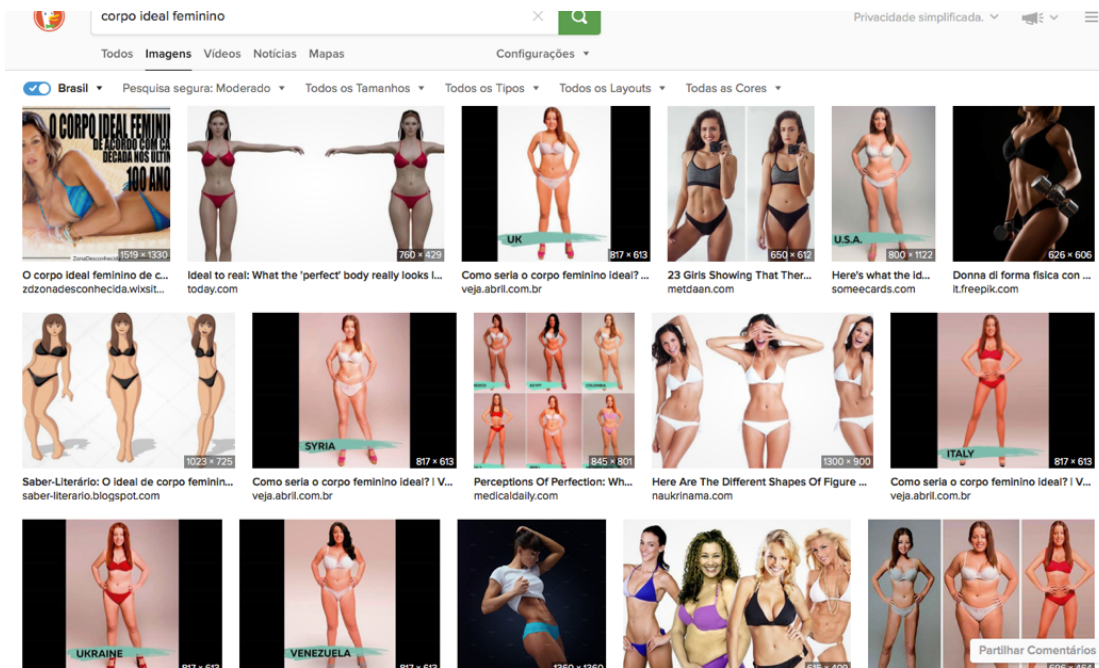


Figura 15. Resultado da busca para "corpo ideal feminino" no yahoo.com.br.



**Figura 16.** Resultado da busca para "corpo ideal feminino" no duckduckgo.com.

Da mesma forma que o corpo do homem negro não apareceu nos principais resultados da busca para “corpo ideal masculino”, o mesmo ocorre com o corpo da mulher negra na busca para “corpo ideal feminino”. Certamente não se trata de coincidência, mas de uma lógica algorítmica racista e excludente. Trata-se de uma lógica estereotipada que está presa ao ponto de vista colonizador e preconceituoso que inferioriza e silencia os corpos negros.

Ao todo, tivemos 119 imagens de corpos de mulheres, sendo 33 no Google, 54 no Yahoo e 32 no Duckduckgo. Nenhum corpo de mulher negra aparece como resposta. Essa desumanização e invisibilização proposital é carregada de estereótipos e estigmas que prende o corpo da mulher negra à natureza e à hipersexualidade. Há uma desvalorização desse corpo enquanto ideal, visto que mulheres negras, historicamente tiveram/têm menor acesso à supressão das necessidades básicas do ser humano. São as mulheres negras as que mais morrem em decorrência de assassinato<sup>42</sup>. São as mulheres negras as mais impactadas no mundo do trabalho em relação à remuneração, promoções e condições de trabalho<sup>43</sup>. São as mulheres negras as principais personagens colaboradoras desse estudo aqui proposto.

<sup>42</sup> Em 2018, 68% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras, segundo o Atlas da Violência 2020, estudo anual produzido pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

<sup>43</sup> As mulheres, em geral, recebem apenas 76,5% do salário dos homens, em média e, segundo o estudo “Retrato das desigualdades de gênero e raça — 20 anos” do Ipea, o salário médio das mulheres negras entre 1995 e 2015 foi de 40,9% da remuneração dos homens brancos. Mulheres negras em cargos de gerência? 1,6%. Nas diretorias,

O Brasil, segundo os dados do último censo, tem aproximadamente 54% da população formada por negros, onde 15,9 milhões de famílias são chefiadas por mulheres negras. Existe um paradoxo a ser superado. Existe um enorme grupo de pessoas que precisam ser vistas. São corpos, que através de sua estética e corporeidade estão reivindicando não apenas a sua existência, mas os seus direitos e a reparação de séculos de exploração e preconceito. É uma busca incessante pela humanização.

“O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema da sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que depende seu valor e sua realidade humana [...] ‘A operação unilateral seria inútil, porque o que deve acontecer só pode se efetivar pela ação dos dois’ (FANON, 2008, p. 180-181).”

É preciso pontuar que essa negação ou inviabilização dos corpos negros, nunca foi aceita com passividade. Em todos os momentos da história a rebeldia esteve presente. Hoje podemos percebê-la também nos movimentos estéticos quem tem fortalecido a identidade e corporeidade de negras e negros. Temos percebido que as vertentes de matrizes africana tem participado cada vez mais da cultura de massa, tornando a corporeidade negra, sim visível. O corpo negro com toda a sua corporeidade, englobando expressões corporais, estética e comportamento, tem se tornado visível a partir das lutas das populações negras em legitimar sua cultura, lutando pela anulação dos estereótipos.

Faz-se necessário lembrar que os algoritmos utilizados pelas plataformas de busca dependem muito da configuração desenvolvida pelos humanos que os constroem. Deste modo é fundamental considerar o papel dos programadores e dos algoritmos na tomada de decisões, especialmente nos casos em que os algoritmos desempenham um papel fundamental na formação de um processo de decisão e identificação. Numa matéria publicada no site: ceet.org.br, em novembro de 2020, André L. Miceli, coordenador do MBA da FGV – Fundação Getúlio Vargas, afirma o seguinte:

“Os algoritmos são apenas automatizados. E se você não corrigir o viés, automatizaremos o preconceito. Portanto, a questão que devemos enfrentar é se continuaremos projetando e implantando ferramentas que levam a essa direção, visando atender a determinados propósitos. Se não queremos a tecnologia seja usada para perpetuar o racismo, devemos garantir que não conflitemos problemas sociais como

---

apenas 0,4%, segundo os resultados do estudo Perfil social e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas, do BID (Inter- American Development Bank), em parceria com o Instituto Ethos.

crime, violência ou doença com negros e pardos, por exemplo. Quando fazemos isso, corremos o risco de transformar essas pessoas nos problemas que implantamos para nossa tecnologia resolver, na ameaça que projetamos para erradicar (MICELI, 2020).”

Assim, a corporeidade negra brasileira tem a sua história contada a partir destas óticas, reforçando o racismo e a discriminação racial. Isto retrata o que Fanon (2008) delineou em seus estudos sobre a alienação psíquica do negro, que diz que “o negro, mesmo sendo sincero, é escravo do passado”, ou seja, mesmo após décadas do fim da escravidão, ainda existem grilhões a serem quebrados (FANON, 2008).

Voltando a dialogar com Gomes, 2017, percebemos que a corporeidade e a estética negra estão imbricadas num processo de construção de um corpo político. Esse corpo não quer apenas resistir, mas existir. Impor-se diante de uma estética branca, cultuada por séculos. Há um rompimento com a regulação do corpo e da corporeidade negra. Essa regulação é o impedimento do corpo negro ter liberdade de ser negro. É exigência de tentar adequá-lo aos padrões estéticos brancos (GOMES, 2017).

A presença do corpo negro em sua plenitude, rompe com o prisma do mito da democracia racial, a partir do momento em que, não se adequando ao hibridismo imposto por ela, revela-se pungente, exalando sentido, significado, existência e sabedoria. Para Gomes

“Os saberes estéticos corpóreos produzidos pela comunidade negra... dizem respeito não somente a estética da arte, mas à estética como forma de sentir o mundo, como corporeidade, como forma de viver o corpo no mundo. “Deste modo, percebe-se a construção e reconstrução desses relevos corporais, a partir do contato com outrens, da imersão na história e na cultura negra e, de forma explícita e implícita, com o acesso/contato com políticas de ações afirmativas (GOMES, 2017).”

### **CAPÍTULO III: Preceitos para a percepção das mudanças nas imagens corporais de jovens negros (as) universitários (as): O corpo e sua extrema necessidade de falar**

**Lok Ok**  
(Chico César)

*“Ok ele é lok  
Não precisa ser Sherlock para saber  
Basta só dar um look e ver  
Seu cabelo dreadlock  
Sua calça de overloque  
Tudo lok muito lok pode crer  
Ok ele é lok  
Não precisa ser Sherlock para saber*

*Basta só dar um look e ver  
 Os seus olhos de woodstock  
 Seu jeito de dar um toque  
 Tudo lok muito lok pode crer  
 Ok ele é lok  
 Não precisa ser Sherlock para saber  
 Basta só dar um look e ver  
 Cospa na tropa de choque  
 Na viola toca rock  
 Tudo lok muito lok pode crer  
 Ok ele é lok ok  
 Mas meu mano quer saber  
 Lok, lok e você  
 Ok ele é lok ok  
 Mas lok, lok é você”*

Analisar as mudanças na estética e imagem corporal de jovens negros (as) universitários (as) a partir da perspectiva da corporeidade e do impacto das ações afirmativas sobre esses corpos, é o desafio desse trabalho. A proposta metodológica visa provocar os jovens a identificarem mudanças ocorridas em suas imagens e estéticas corporais, assim como nos seus autoconceitos enquanto jovens negros (as) universitários (as), a partir do impacto causado pelas Ações Afirmativas no decorrer do tempo. Essa estratégia metodológica, busca analisar e identificar através de imagens corporais – viabilizadas por meio de fotografias, vídeos e/ou desenhos – mudanças ocorridas na corporeidade desse grupo. Tem por objetivo perceber/identificar possíveis mudanças ocorridas na estética corporal desses estudantes, em decorrência do acesso direto ou indireto, consciente ou inconsciente às Políticas de Ações Afirmativa. Essas mudanças podem ir desde o corte de cabelo, ao uso ou não de maquiagem, roupas, acessórios e tatuagens, passando pela forma de andar, dançar, estar nos lugares.

É possível descrever essas mudanças como se fosse num mapa?

Na literatura, encontramos algumas referências de pesquisas com a utilização de metodologias denominadas “Mapas Corporais” e/ou “Mapas Corporais Narrados”. O mapeamento do corpo é uma abordagem prática, vinda da cognição incorporada largamente e utilizada na neurociência e na psicanálise. De acordo com Gastaldo, Carrasco, Magalhães e Davy (2012), “o propósito de usar o mapeamento corporal é o envolvimento dos participantes em um exame crítico do significado de suas experiências únicas, que não podem ser simplesmente alcançadas por meio de conversas.

A expressão “mapas corporais” tem sido utilizada principalmente pela psicologia numa técnica terapêutica e/ou de produção de dados científicos denominada mapas corporais narrados, que são imagens do corpo em tamanho real, criadas a partir do desenho e pintura, complementadas por narrativas orais (MURASAKI e GALHEIGO, 2016).

Essa técnica foi descrita primeiramente como técnica terapêutica utilizada para mulheres e homens que vivem com o vírus HIV e/ou aids. Posteriormente, foi adaptada como método de geração de dados primários, utilizada para engajar os participantes na reflexão de temas cotidianos.

De maneira geral “Os mapas corporais podem ser definidos como uma representação gráfica do corpo em tamanho real do participante, utilizando-se de desenhos, colagens, pinturas, dentre outras maneiras artísticas de criação” (GASTALDO et al., 2012). Esse método propõe narrativas de experiências pessoais, e além da oralidade, por meio de outras ferramentas o participante contar a sua história de vida rememorando fatos e detalhes.

A técnica de desenhar o contorno de seu corpo e através de uma narrativa ir adicionando elementos a esse desenho, é considerada um método ativo nas ciências sociais e da saúde. Ela permite que os participantes, a partir da construção síncrona de sua imagem corporal, tenham um senso crítico de percepções do meio e de si mesmos.

Segundo Gaunlett & Holzwarth, 2006, a técnica, como outras metodologias criativas, facilita a expressão de ideias, experiências, para além das entrevistas convencionais. É possível que as pessoas reflitam sobre suas experiências vividas, e sobre as marcas que essas eventualmente, deixaram em seus corpos. O quanto a percepção corporal, a imagem e estética de um indivíduo pode mudar a partir de ações intrínsecas e extrínsecas.

No caso específico desse trabalho de pesquisa, optamos por utilizar fotografias e/ou vídeos dos participantes, em vez de sugerir a técnica do auto desenho. A partir de fotografias e/ou imagens de vídeo o colaborador descreve momentos de sua vida, relatando e demonstrando através das imagens apresentadas as eventuais mudanças ocorridas em sua imagem corporal e corporeidade.

Um dos trabalhos que instigou a utilização desse percurso metodológico foi a dissertação de mestrado intitulada “*Juventude Quilombola: projetos de vida, sonhos comunitários e luta por reconhecimento*”, da pesquisadora Aline Neves Rodrigues Alves (FAE-UFMG, 2015), que utilizou a técnica de “mapas mentais” a fim de descrever o seu foco de estudo. Os mapas mentais são, segundo Alves,

“representações do vivido, uma expressão de nossa história com os lugares experienciados. Ou seja, eles revelam como o lugar é vivido e compreendido pelas pessoas. É uma representação que se faz integrada ao englobar várias representações que colaboram para a interpretação da realidade ao redor. (ALVES, 2015, p. 31,33).”

Ao utilizar mapas mentais, imagens de lugares, espaços geográficos por onde os participantes da pesquisa viveram ou estiveram, Alves conseguiu cumprir o propósito central de sua investigação que foi: “problematizar o que é ser um jovem quilombola, considerando o contexto de certificação da comunidade”. A técnica permitiu aos jovens participantes do estudo, rememorar suas experiências vividas, compreender, apreender e revelar o que venha a ser um jovem quilombola.

“Essa pesquisa, ao se lançar a tal finalidade e ao levá-la a campo, antecipou-se em compreender o histórico de ressignificação do conceito de comunidade quilombola, travada em arena jurídica, sobretudo pela antropologia, instituições governamentais e pelo movimento social negro e quilombola brasileiros. Contudo, o que os jovens-adolescentes nos trazem à tona foi justamente algo mais leve, algo vivido, mas não menos complexo. Então, antes de explicar o que foi considerado ser jovem quilombola, talvez seja mais interessante compreender quais são as experiências de um jovem quilombola. (ALVES, 2015, p. 167).”

Em contrapartida, nesse estudo aqui apresentado, os mapas corporais tratam de imagens e desenhos do próprio corpo. A abordagem aqui utilizada permitiu reflexões dinâmicas na geração das informações obtidas, a partir das experiências relatadas pelos participantes, tendo como parâmetro inicial suas próprias fotografias. O ambiente da oficina favoreceu uma dinâmica de coletividade e cooperação entre os membros. A escuta, um aperto de mão, um abraço num momento de fala mais dolorida, contribuiu para que houvesse uma certa cumplicidade entre o grupo, facilitando assim, as revelações e descobertas de cada um dos envolvidos no processo.

Ao longo desse estudo pode-se perceber que o desafio de ler a imagem corporal, é um desafio tanto do pesquisador, quanto dos próprios jovens que participam da oficina, ou seja: não é apenas o pesquisador, com base nas fotos e depoimentos que vai fazer uma interpretação sobre as mudanças corporais, mas também os jovens que têm a oportunidade de olhar para si e fazerem a leitura dessas suas imagens a partir dos episódios que vivenciaram, atravessados pela experiência na universidade.

É possível entender as marcas deixadas pelas experiências vividas no enfrentamento ao racismo diário como sendo alterações e/ou mudanças no relevo corporal? As transformações

estéticas ocorridas nos corpos de pessoas negras, a partir de pressões externas e internas podem ser consideradas fenômenos que atuam na sua projeção corporal? Ao olhar para uma pessoa e analisar a sua estética corporal, seria possível identificar a presença ou ausência de fatores natos ou inatos que remetessem para a possibilidade do desenho/construção de um mapa corporal? Seria possível identificar nesse mapa situações, lugares, características próprias de determinados corpos, considerando a ação do tempo e do espaço? Como dizer que o mapa de um corpo é passível de construção a partir de suas experiências positivas e negativas impactadas em sua aparência e em seu sentir-se?

As respostas encontrarão as suas perguntas a medida em que encontremos o caminho, ou os caminhos a serem trilhados numa perspectiva de exploração das mudanças na estética corporal a partir do acesso e da vivência dos jovens negros (as) com um tempo de autoafirmação e de valoração da estética negra.

“Por se moverem em diferentes contextos sociais, os/as jovens partilham linguagens e valores diferentes; suas diferentes maneiras de pensar, de sentir e de agir resultam de diferentes mapas de significação, que orientam suas condutas, suas relações interpessoais e suas trajetórias. A partir de seus cotidianos, é possível perceber a diversidade de comportamentos entre os jovens, portanto, se não há um único modo de ser jovem, o que há são “juventudes”. Essa percepção revela que, embora apoiada sobre situações e significações diferentes, a juventude é reconhecida como condição válida, que faz sentido para diferentes grupos sociais, sendo várias as formas como cada sociedade, num tempo histórico, e cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo (WARREN, 2014, p. 88).”

No capítulo anterior foi apresentado um pequeno esboço sobre a órbita da Educação Física em nossa história, propondo a necessidade de um aprofundamento em pesquisas realizadas em relação ao corpo e corporeidade de jovens negros. Penso que precisamos esquadrihar com muito cuidado e critério, esse tema, buscando uma melhor compreensão desse corpo, que durante praticamente toda a história da Educação Física e no nosso país esteve invisibilizado ou ocupou um lugar de subalternidade. Esse corpo fala. Fala de forma abundante. Com gestos, palavras, cheiros, dores, tremores, calafrios e suor. É preciso ouvi-lo. É preciso deixá-lo falar.

O corpo do jovem negro deve ser entendido como emissor de cultura, bem como, suporte de signos sociais. É preciso sempre explicitar que o corpo não deve ser uma peça que cumpre a sua função dentro da engrenagem social, em que os aparelhos ideológicos e repressivos do Estado se encontram a serviço da classe dominante. O corpo negro, base central desse estudo,



é impactado no decorrer de nossa história sempre de forma depreciativa. A resistência e rebelião desses corpos é percebida através dos movimentos de luta que podem ser considerados desde as fugas e revoltas de pessoas escravizadas, até movimentos politicamente organizados do Século XX a exemplo da Frente Negra Brasileira (FNB)<sup>44</sup> e o Movimento Negro Unificado (MNU)

É fundamental não seguir pela leitura dogmática do corpo. Isso significa que é preciso abrir-se para realizar movimentos críticos sobre ele, tentando libertá-lo dos rótulos, buscando sempre torná-lo mais pleno, mais leve, mais feliz.

A fim de avaliar o estado da arte do foco de nosso estudo, o resultado da busca das palavras chaves que indexam esse trabalho: “Ações Afirmativas”, “Estética Negra”, “Imagem Corporal” e “Universidade” foram sumarizados e estão apresentados na Tabela 1. O resultado é apresentado a seguir. Alguns critérios foram estipulados para organizar essa busca, para obtenção de resultados mais precisos. Utilizei os três mais famosos motores de busca (ou portais de busca) de artigos acadêmicos: A Scientific Electronic Library Online (SciElo), que é uma biblioteca virtual onde são encontrados artigos, relatórios e periódicos; o Google Acadêmico ou Google Scholar - um dos mais populares sítios de pesquisa, sendo uma ferramenta da empresa Google - voltada para publicações científicas ([scholar.google.com.br](http://scholar.google.com.br)), e o portal da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que contempla publicações científicas nacionais e internacionais, além de obras de referência, livros, enciclopédias, materiais de normas técnicas, artigos e outros recursos e informações para alunos, professores e pesquisadores.

Optei em utilizar como filtros nos três buscadores: “publicações de maior relevância”; “publicações em qualquer idioma”; “publicações relacionadas às ciências sociais e de saúde”. Apresento na tabela abaixo, os primeiros 11 resultados de cada motor de busca, considerando que na SciElo não encontrei nenhum, no Google Acadêmico aproximadamente 13 mil resultados e no Portal Capes, 11 (onze). Desse modo, fiz um recorte dos 11 primeiros resultados encontrados em todos eles. Há uma disparidade na quantidade dos resultados apresentados por cada plataforma de busca. Em todos eles, a busca foi feita da mesma maneira, utilizando as mesmas palavras-chave e os mesmos parâmetros.

---

<sup>44</sup> Fundada em 16 de setembro de 1931, na cidade de São Paulo, foi criada a Frente Negra Brasileira (FNB). Durante a primeira metade do século 20, a FNB foi a mais destacada entidade negra no Brasil, com um programa preestabelecido de luta, visava conquistar posições para o negro em todos os setores da sociedade brasileira.

Tabela 1. Resultados da busca da palavras-chave “Ações Afirmativas”, “Estética Negra”, “Imagem Corporal” e “Universidade” em diferentes portais de pesquisa acadêmica.

SciELO	Google acadêmico	Periódicos CAPES
Não foram encontrados resultados sobre a pesquisa.	G1 - A negação do corpo negro: representações sobre o corpo no ensino da educação física IG de Mattos - Plurais Revista Multidisciplinar, 2010 - revistas.UNEB.br	C1 - Livro: Raças: novas perspectivas antropológicas Osmundo Araújo Pinho; Livio Sansone 01 January 2008 Coedição EDUFBA-ABA
	G2 - O movimento negro o Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. NL Gomes- Política & Sociedade, 2011- periodicos.ufsc.br	C2 - Artigo: Fundamental rights as anti-hegemonic strategies: a study on the multidimensionality of oppression/ direitos fundamentais como estratégias anti-hegemonicas: um estudo sobre a multidimensionalidade de opressões Moreira, Adilson Jose Quaestio Iuris, 2016, Vol.9(3), p.1559(46)
	G3 - Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil J Bernardino - Estudos afro-asiáticos, 2002 - SciELO Brasil	C3 - Artigo: O navio negreiro. Refiguração identitária e escravidão no Brasil. Saillant, Francine Tempo - Revista do Departamento de História da UFF, July, 2010, p.111(27)
	G4 - Avaliação da imagem corporal, hábitos de vida e alimentares em crianças e adolescentes de escolas públicas e particulares de Belo Horizonte AER Fernandes - 2007 - repositorio.ufmg.br	C4 - Artigo: Prevalência de transtornos alimentares em trabalhadores urbanos de município do Nordeste do Brasil. Kalil Prisco, Ana Paula; De Araújo, Tania Maria; Guimaraes De Almeida, Maura Maria; Bernardes Santos, Kionna Oliveira Ciência & Saúde Coletiva, Abril, 2013, Vol.18(4), p.1109(10)
	G5 - Uma universidade negra é possível? A criação da UFRB no contexto das políticas de ações afirmativas no Brasil NS Colen - 2019 - repositorio.ufmg.br	C5 - Livro: Identidades brasileiras: composições e recomposições Cristina Carneiro Rodrigues; Tania Regina de Luca ; Valéria Guimarães 01 January 2014 (conclusão)
SciELO	Google acadêmico	Periódic (Continua)
	G6 - O negro no mundo alemão: cidade, memória e ações afirmativas no tempo da globalização. MF Nunes - 2009 - repositorio.ufsc.br	C6 - Artigo: Construções de identidades femininas: as narrativas sobre a Seleção Brasileira Feminina de Futebol no "Globo Esporte" e "Esporte Espetacular".

		Nascimento, Isadora; Said, Gustavo Correspondências & Análisis, 2018, Issue 8, p.97(24)
Não foram encontrados resultados sobre a pesquisa.	G7 - Negra sou! Políticas de ações afirmativas e trajetórias de identidade de mulheres negras na UFG. EC SILVA - catarinas.info	C7 - Artigo: The Feminine Presence in Youth Subcultures: the Art of Getting Visible. Weller, Wivian Estudos Feministas, 2005, Vol.13(1), p.107
	G8 - Afros com estilo e muita raça: da linguagem do cabelo crespo na produção de identidades negras. AB BRAGA–UFPB - leffa.pro.br	C8 - Artigo: The court of gender and the problem of effective human rights of women/ O gênero da justiça e a problemática da efetivação dos direitos humanos das mulheres. Severi, Fabiana Cristina Direito e Práxis, 2016, Vol.7(1), p.80(36)
	G9 - Mercantilização da estética negra: reflexões das estudantes autodeclaradas negras do curso de Serviço Social da UFOP. AP Souza - 2018 - monografias.ufop.br	C9 - Livro: Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo. Neuza Guareschi 01 January 2008
	G10 - Pela graça da mistura: ações afirmativas, discurso e identidade negra no curso de direito em universidades públicas paraibanas LA Barreto - 2014 - repositorio.ufpb.br	C10 - Livro: Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas Ismara Tasso; Pedro Navarro 01 January 2012
	G11 - Gestão, relações de poder e docentes negras: a percepção do racismo e do padrão estético contemporâneo na atuação e na subjetividade de docentes negras em instituição de ensino pública e privada do distrito federal.FFS Silva, PMS Dourado, S Guillaumon - 2014 - repositorio.ufsc.br	C11 - Confira seu desempenho em 90 testes. (SIMULAD 1a FASE) Guia do Estudante, 2014, p.80(36)

Das 11 primeiras referências encontradas no Google Acadêmico:

- 01 trata de forma específica da relação da educação física com o corpo e a estética negra. Na tabela, o resultado G1;
- 01 trata do Movimento Negro no Brasil e a produção de saberes, inclusive os corpóreos. Na tabela, o resultado G2;

- 01 trata da relação da alimentação e formação da imagem corporal em crianças e adolescentes de escolas públicas, sem racializar o tema. Na tabela o resultado G4;
- 03 abordam questões da estética negra feminina. Na tabela os resultados G8, G9 e G11.
- 05 tratam das questões relacionadas diretamente às políticas de ações afirmativas. Na tabela os resultados G3, G5, G6, G7 e G10.

Na busca realizada através do Portal Capes encontramos 11 trabalhos a partir das palavras chaves utilizadas, sendo: quatro livros (C1, C5, C9 e C10) um guia (C11) e seis artigos (C2, C3, C4, C6, C7 e C8). De acordo ao tema principal abordado em cada trabalho temos:

- 01 aborda a questão das raças e etnias no Brasil. Na tabela, o resultado C1;
- 01 trata dos direitos fundamentais de negros e homossexuais. Na tabela, o resultado C2;
- 01 é relacionado a transtornos alimentares em trabalhadores nordestinos, na tabela, o resultado C4;
- 01 fala da contribuição de programas televisivos de esporte na construção de identidades femininas no brasil, na tabela, o resultado C6;
- 01 trata da ausência de pesquisas sobre a cultura feminina na área de estudos da juventude e nos estudos de gênero. Na tabela, o resultado C7;
- 01 aborda a composição da justiça brasileira considerando as questões de gênero. Na tabela, o resultado C8;
- 01 trata das estratégias da psicologia social no mundo contemporâneo. Na tabela, o resultado C9;
- 01 está relacionado a orientações e testes para pré-universitários. Na tabela, o resultado C11;
- 03 tratam de questões identitárias de negros e pessoas marginalizadas no Brasil. Na tabela, os resultados C3, C5 e C10.

No âmbito da discussão sobre a construção da corporeidade da pessoa negra na Educação Física, as publicações utilizando e discutindo o que chamamos aqui de mapas corporais são ainda inexistentes. Entretanto, podemos encontrar importantes referências aos temas corpo negro, corporeidade negra, estética negra e Ações Afirmativas em diversas obras publicadas. Além disso, cresceram nos últimos anos as pesquisas dentro do campo específico da Educação Física relacionadas com a problemática da construção cultural do corpo voltadas para o campo específico dos estudos relativos à saúde e à atividade física. A apropriação do

próprio corpo, o empoderamento e a autoafirmação através da estética, também tem chamado a atenção do meio científico.

No que se refere a questão específica da corporeidade negra, a professora Nilma Lino Gomes, em sua obra intitulada “Sem Perder a Raiz. Corpo e cabelo negro como símbolos da identidade negra”, de 2006, traz à tona a importância da leitura da forma de posicionar-se que mulheres e homens negros tem tomado. Desvela a emancipação desses corpos, buscando uma construção de uma corporeidade própria, assumindo sua corporeidade, seu cabelo e seu lugar no mundo. Ao falar da estética negra Gomes (2006, p. 22) ressalta que “para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária”.

Na obra supracitada, a pesquisadora trata de questões relevantes na construção da identidade negra a partir de seus corpos, sua estética e as relações de pertencimento e reconhecimento. Ela aborda os conflitos pessoais na esfera da subjetividade desses indivíduos, mesmo aqueles/as que se auto reconheçam e definam como negros/as e/ou estejam integrados em grupos étnico-raciais (o que você quer dizer com estar integrado?). Ressalta que o enfrentamento é constante pois o olhar lançado para o corpo negro na sociedade brasileira, na maioria das vezes é carregado de preconceitos e destituído de beleza. Há, geralmente, uma desconfiança, uma rejeição explícita, em alguns casos o racismo disfarçado de elogio:

“Até que você é um (a) negro (a) bonito (a) “!

Nesse sentido, Gomes é incisiva em dizer que:

“Quando a sociedade brasileira olha para o negro e para a negra e os destitui do lugar da beleza, ela afirma uma determinada proposição, um julgamento em relação ao negro e sua pertinência étnico/racial, o que pode ou não ser internalizado pelo sujeito. Contraditoriamente, ao tentar destituí-los do lugar da beleza, essa mesma sociedade reconhece-os como negros, uma vez que, para se rejeitar, é preciso antes reconhecer (GOMES, 2006, p.146).”

Em outro livro de 2017, “O Movimento Negro educador”, a autora descreve a trajetória educativa que o Movimento Negro traçou, sempre tencionando e orientando, inclusive e principalmente, através da estética negra. Gomes percebe a unicidade e unidade do corpo negro, mesmo que submetido a coletividade. Unicidade no sentido ser único, ímpar em meio a tantos. De ter suas características próprias e diferentes de indivíduo para indivíduo. E único, pelo fato de não poder ser dissociado do sujeito. O sujeito é o corpo e o corpo é o sujeito.

“O corpo negro não se separa do sujeito. A discussão sobre a regulação e emancipação do corpo negro diz respeito a processos, vivências e saberes produzidos coletivamente.

Isso não significa que estamos descartando o negro enquanto identidade pessoal, subjetividade, desejo e individualidade. Há aqui o entendimento de que assim como “somos um corpo no mundo”, somos sujeitos históricos e corpóreos no mundo. A identidade se constrói de forma coletiva, por mais que se anuncie individual (GOMES, 2017, p. 94).”

É possível dizer que a maneira como a professora trata a questão da corporeidade negra pode ser amplamente utilizada pela educação física no sentido de compreender as nuances da construção da imagem corporal dos negros e negras brasileiras. É possível perceber como a regulação desses corpos ocorre no decorrer do tempo e como ele ganha conotações de exótico, marginal, erótico ou violento. Foi possível perceber durante o percurso desse processo de investigação como esses estigmas são enfrentados e superados pelos participantes. Nesse sentido Gomes (2017, p. 98) diz que “é esse entendimento sobre o corpo que nos possibilita dizer que a relação da negra e do negro com a sua corporeidade produz saberes”.

Desse modo, podemos considerar que os sujeitos produzem saberes sobre seus próprios corpos. E isso, iminentemente pode ser o foco e o mérito dessas oficinas. Pois a sua principal premissa é deixar os sujeitos falarem sobre seus próprios corpos.

Dentro deste contexto, esse trabalho de pesquisa se posiciona na investigação das mudanças na estética e imagem corporal de estudantes negras e negros do departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia do Campus XII de Guanambi, utilizando como proposta metodológica a realização de oficinas. Por conseguinte, não foram encontrados projetos de pesquisa nos mecanismos de procura “Google Acadêmico”, “Portal CAPES” e “SciELO”, que trouxesse algo referente a estudos feitos sobre a concepção e construção da imagem corporal de grupos que se assemelham ao que estamos estudando.

A pesquisa através de oficinas tem uma característica que a distingue das outras que é o seu pluralismo metodológico. As oficinas são espaços onde podemos interagir mais profundamente com os colaboradores, de forma que potencializamos os aspectos críticos de produção coletiva de sentidos e significados. No espaço das oficinas, podemos aprofundar as relações dialógicas e de construção e reconstrução interpessoal de identidades, num exercício de reflexão constante.

A potencialidade dessa pesquisa deverá nos ajudar a identificar, documentar e tornar visíveis a diversidade de significados humanos, para dar conta do que as pessoas experimentaram e de que forma elas representam essa multiplicidade de coisas através dos seus

corpos, dos seus projetos de vida decorrente do relevo de seu passado e da construção intermitente de seu tempo presente.

Utilizando essa técnica investigativa poderemos avaliar o impacto afetivo-emocional ético e estético das vivências das pessoas no mundo na vida, nas artes na e educação, mostrando também as suas nuances e nas suas zonas de contato, seus pensamentos, as suas articulações e seus espaços e seus templos vazios.

As oficinas como procedimento metodológico, representam uma possibilidade de produzir um tipo de conhecimento, mais próximo das realidades dos colaboradores e de como as ações afirmativas vem impactando os corpos, a estética e a vida dessas pessoas. Do ponto de vista metodológico elas propiciam a criação de um espaço coletivo, facilitando a interação e participação dos atores, num ambiente de compartilhamento de experiências, diminuindo hierarquias. Pressupõem-se que as oficinas sejam espaços dialógicos, com um grande potencial crítico de produção coletiva.

“As oficinas são configuradas como ferramentas ético- políticas privilegiadas, pois propiciam a criação de espaços dialógicos de trocas simbólicas e a co-construção de outras possibilidades de sentidos acerca das temáticas discutidas, cujos efeitos não se limitam aos usos que os pesquisadores possam fazer desse material, mas também alertam para potenciais transformações nas práticas discursivas geradas naquele contexto, numa fusão inseparável entre o que se convencionou chamar de “coleta de informações e produção de informações” (SPINK, MENEGON & MEDRADO, 2014, p.33).”

Essa estratégia possibilitou um maior contato com o foco desse estudo, pois permitiu o aprofundamento em questões que surgiram espontaneamente durante o processo. Ao seu modo, cada participante descreveu suas experiências, fazendo conexões com seus corpos e em alguns momentos com as experiências corporais dos outros. Foi possível traçar uma relação com aquilo que nos dispomos a estudar/investigar/discutir: Como as Ações Afirmativas têm impactado a imagem corporal de jovens negros.

A possibilidade de realizar um mapeamento corporal, registrado através de imagens/fotografias/vídeos/desenhos, os resultados das experiências e vivências em determinado período demonstram que essa estratégia pode ser significativamente abrangente e facilitadora do/no processo de produção de dados. Nosso corpo registra tudo! Acontecimentos, proezas, encantos, desencantos, fantasias, sonhos, utopias. Gravamos em nossa corporeidade nossas vivências, nossos sentimentos e expectativas, o olhar de outras pessoas e a possibilidade de olhar para nós mesmos também. A nossa presença e interferência nesse mundo, assim como

a presença e interferência desse mundo em nós, está implícita e explicitamente ligada a formação e percepção da nossa imagem corporal. O contato direto e indireto de jovens negros com políticas de ações afirmativas pode oferecer condições para que essas mudanças aconteçam de forma mais consciente.

“É possível observar que jovens negros que participam de processos de ações afirmativas, tendem a estabelecer relações diferentes com a sua corporeidade. Há então, a produção de outro saber sobre o corpo, que passa a ser compartilhado com pessoas de outros segmentos étnico-raciais e a ser notado pelas famílias. (...)No caso da universidade, o fato de esses jovens passarem a frequentar os espaços acadêmicos traz uma outra corporeidade acompanhada de uma produção de uma outra experiência e significados (GOMES, 2017, p.115).”

O cantor e compositor baiano Raul Seixas em parceria com o escritor Paulo Coelho, em uma canção de 1974 escreve que “cada um de nós é um universo”. Na música de nome “Meu Amigo Pedro”, os autores fazem essa afirmação num propósito de destacar o paradoxo de que apesar sermos seres relativamente pequenos, em tamanho na natureza, em contrapartida no campo metafísico somos infinitos em possibilidades, sentidos, sentimentos e significados. Consoante a isso, voltamos aos princípios da unicidade e unidade do corpo, no âmbito da reflexão sobre a autoafirmação de jovens negros e negras universitários, buscando entender e ponderar seus corpos e corporalidade. Significa que quando esses jovens interagem com as suas trajetórias, sua construção, suas decisões, revelam conteúdos e experiências pautados pelas marcas de suas vidas vividas enquanto pessoas de determinado espaço e tempo, diferindo de quaisquer outras pessoas de quaisquer outros lugares e tempos.

Acredito que a ideia de corpo e autoimagem dos jovens negros e negras continuam apoiadas nas relações cotidianas e nos discursos em que estão imbricados na/pela sociedade, na qual o modelo de corpo perfeito (magro, moldado, sarado, em suma, o corpo veiculado nas grandes mídias) é o padrão social de beleza. O “modelo” de corpo adotado pelo senso comum, ainda é o modelo europeu de beleza, e a visão do corpo ainda é a instrumental.

Esse é um dos motivos de trazer esse debate para a Educação Física, a fim de preencher uma lacuna no que se refere à construção social e cultural do corpo do brasileiro e da brasileira, de como nossa cultura formata e dá sentido aos corpos, aos padrões de beleza, às questões relativas à cor e raça. É necessário refletir acerca dos valores estéticos e representações sobre o corpo do jovem negro brasileiro e da jovem negra brasileira.

A educação física, ao longo de sua história, tem delimitado e classificado os corpos,



impondo-lhes conceitos, utilizando de parâmetros positivistas e utilitaristas para tal. “Corpo ideal”, “corpo perfeito”, “corpo saudável”, são nomenclaturas utilizadas para impor ao corpo determinados padrões e alinhamentos com uma lógica hegemônica que não respeita as individualidades. Nesta linha o IMC<sup>45</sup> – Índice de Massa Corporal e a RCQ<sup>46</sup> – Relação Cintura Quadril, são amplamente utilizadas para atribuir e justificar padrões de normalidade, saúde e beleza aos corpos. Neste espectro, o corpo negro muitas vezes é o anormal, é o estigmatizado, é o fora do padrão.

Os parâmetros positivistas balizados pela fisiologia humana<sup>47</sup> e fisiologia do exercício<sup>48</sup>, quando utilizados de forma ampla e acrítica por revistas, blogs, mídia em geral e até artigos científicos, desconsideram características naturais fisiológicas dos corpos de mulheres e homens negros. Desse modo, aquilo que é anatomicamente natural e característico da raça negra, toma ar de anormalidade e em certos casos de possível enfermidade.

Em 2016, estudos realizados por pesquisadores das universidades de Alberta e de Manitoba, no Canadá, publicados pelo jornal científico *Annals of Internal Medicine*, realizado com mais de 50 mil voluntários, assim como em pesquisa da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, realizada a partir de um levantamento populacional, o IMC mostrou-se ineficaz para determinar riscos ou não à saúde (BARROS, 2016). Os estudos apresentados não fazem um recorte racial, mas já apontam para essa lacuna e para um resquício hodierno do Racismo Científico.

Desse modo, transita na sociedade como um fantasma, algo não pode ser dito abertamente, mas subentendido, uma desqualificação e desvalorização dos corpos negros. A cor da pele e as características físicas das pessoas negras, seriam como define Goffman (2004, p. 4), “a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena”.

---

<sup>45</sup> O Índice de Massa Corporal - IMC é o indicador antropométrico mais utilizado para avaliar o risco nutricional, por ser uma medida facilmente aplicável, não invasiva e de baixo custo. O cálculo do IMC deve ser feito usando a seguinte fórmula matemática:  $\text{Peso} \div (\text{altura} \times \text{altura})$ . De acordo com a OMS - Organização Mundial da Saúde, o IMC entre 18,5 a 24,9 representaria o peso ideal e o menor risco de algumas doenças.

<sup>46</sup> Relação Cintura Quadril – RCQ, consiste em avaliar a distribuição central de gordura corporal e é obtida pela medida da cintura dividida pela medida do quadril, sendo muito utilizada na mensuração da quantidade de gordura corporal juntamente com o risco cardiovascular. Os resultados da relação cintura-quadril variam de acordo com o sexo, devendo ser de no máximo 0,80 para mulheres e 0,95 para homens, segundo a OMS.

<sup>47</sup> Fisiologia Humana é uma área da biologia que tem por objetivo principal a descrição da função dos diversos órgãos, integrados em aparelhos ou sistemas e a aplicação dos conceitos e conhecimentos biológicos e biomédicos, aprendidos nas ciências básicas para o ser humano.

<sup>48</sup> A Fisiologia do Exercício, área de conhecimento derivada da Fisiologia, é caracterizada pelo estudo dos efeitos agudos e crônicos do exercício físico sobre as estruturas e as funções dos sistemas do corpo humano.

Ao tratar dos mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros, Jesus (2018), trava um debate acerca dos corpos considerados normais e anormais. O autor diz que a sociedade ao “reforçar a anormalidade dos corpos e sujeitos fora dos padrões”, numa outra ponta indica que há um reforço “a aparente normalidade dos corpos brancos, magros e são” (grifo meu). Em consequente, referindo-se à produção social da normalidade e da estigmatização dos corpos negros, o pesquisador afirma que:

“A perpetuação de imagens depreciativas associadas aos corpos negros, tomando-os como corpos anormais, deriva, ainda que indiretamente, do racismo científico do século XIX. Apesar da dimensão histórica, estes imaginários depreciativos não podem ser vistos apenas como reminiscência do passado, já que são cotidianamente atualizados, seja por meio de conversas triviais e troca de apelidos entre pessoas comuns, seja por meio do discurso midiático ou dos currículos escolares hegemônicos (JESUS, 2018).”

Ao avançarmos nesta análise, fazendo uma intersecção com gênero e raça, podemos perceber, que essas “marcas” aparecem ainda mais fortes sobre os corpos das mulheres negras assim como da comunidade LGBTQIA+<sup>49</sup>. Há uma concepção conservadora de corpo, que tem encontrado respaldo nas políticas atuais do governo, que buscam uma incessante regulação da corporeidade. Nesse cenário, o corpo da mulher negra ou é invisibilizado ou é estereotipado.

Temos visto ultimamente alguns setores do mercado se interessar por esse público. No entanto, na literatura da Educação Física ele ocupa um lugar bem pequeno, e de subalternidade. Se a Educação Física tem um gênero, ele é masculino. Se tem uma cor, ela é branca.

Além da discriminação e da pouca valorização da participação da mulher negra no esporte e em demais áreas consideradas práticas, ela ainda é tratada pelas obras produzidas entre a primeira metade do século XIX e o início da segunda metade do século XX de forma totalmente invisível e/ou anatômica. Passei toda a minha formação e grande parte de minha vida profissional sem notar as imagens de corpos de mulheres negras nas publicações as quais tive acesso. Lembro-me de tê-los vistos em apenas em alguns compêndios de fisiologia, como exemplos de corpos obesos e sem saúde.

“Os dispositivos de poder que fabricam o corpo normal adotam uma lógica, ao mesmo tempo, durável e flexível o bastante para normalizar as diferenças, entre as quais a raça é uma das mais controladas. A circulação de estereótipos que associam cor negra à exclusão e depreciação racial colabora para a formulação de imagens negativas, como uma outra

---

<sup>49</sup> Com base nas definições da Aliança Nacional LGBTI, as letras LGB, refere-se à orientação sexual da pessoa, ou seja, as formas de se relacionar afetiva e/ou sexualmente com outras pessoas, e outra parte, TQI+, diz respeito a identidade de gênero, ou seja, como a pessoa se identifica, e vai além do gênero feminino ou masculino.

pele que se cola ao corpo negro. Esse é um dos efeitos de uma branquitude normativa que se move da negação do corpo negro até sua circunscrição a parâmetros adequados de aceitação. As práticas da feminilidade já são tão naturalizadas que sua opressão se tornou rarefeita, e se exercem por si mesmas para “modelar” o corpo negro com o estilo branco (GOMES & MIRANDA, 2014).”

Neste percurso, procuro entender/explicar o processo da construção do padrão de beleza no Brasil, e paralelamente apresentar uma discussão panorâmica, mas aprofundada, dos condicionantes sociais na apreensão dos indivíduos sobre os seus e os de outros corpos. Será um caminho para tentar compreender a construção cultural do corpo humano e certamente confrontar pensamentos que mostram de forma estereotipada como esses sujeitos são construídos. Para isso, é necessário acatar os donos e as donas das falas, das histórias, das trajetórias, dos corpos. Perceber como o seu relevo corporal foi/é impactado pelas suas experiências.

Lilia K. Moritz Schwartz, em um texto chamado “No país de cores e nomes”, nos fala de como a cor é utilizada para se pensar o Brasil. Das referências ao tema, tomadas desde Antonil (século XVI) até as discussões travadas no século XIX, a autora mostra como a cor serve para entender como se pensou e como se pensa o país. A partir de 1930, dá-se o aprofundamento das discussões acerca de nossa identidade e a da identidade da nação, nas quais o “colorido todo especial da população brasileira” ganha destaque e serve de base para importantes trabalhos. De Macunaíma a Gilberto Freyre, Lilia nos mostra que a cor é “uma seleção cultural que se transforma em fator explicativo fundamental”, discutindo o papel do mito fundador das três raças nas obras e reflexões dos autores tratados e dos brasileiros como um todo, mostrando como, no Brasil, se fez e se faz um “uso social da cor” e da miscigenação em relação ao nosso estilo de racismo. Espero, através das oficinas, compreender como esses elementos dialogam com as experiências vividas por estes jovens.

A estética e imagem corporal fazem parte da história e, portanto, devem ser estudadas dentro dos seus contextos sociais, econômicos, políticos, históricos, educativos. Os seres humanos são, por natureza, seres carregados de cultura, de cultura corporal e de histórias. Gerações e gerações repercutem através de seus corpos e do movimento a sua marca e presença no mundo. Nossos corpos, quase que involuntariamente, sempre tem contado uns aos outros, sobre as coisas da nossa vida, através da sua “língua silenciosa da comunicação não verbal” (WEIL & TOMPAKOW, 2003). Nossos corpos possibilitam a preservação, continuidade e/ou mudança de uma história, uma identidade própria de um povo e de um lugar. Nesse enredo,

retratara importância da corporeidade como forma de reconstrução de histórias de vida, tanto numa perspectiva individual quanto social. Nessa direção Frantz Fanon nos aponta que:

“A análise do real é delicada. Um pesquisador pode adotar duas atitudes diante de seu tema. Na primeira ele se contenta em descrever – à maneira do anatomista que se surpreende quando, ao descrever a tíbia, alguém lhe pergunta o número de depressões antiperoneais que ela possui. É que, nas suas pesquisas, os anatomistas nunca tratam de si próprios, mas dos outros; no início dos nossos estudos médicos, após algumas sessões nauseabundas de dissecação, pedimos a um calejado para nos dizer como evitar o mal-estar. Ele nos respondeu simplesmente: “meu caro, faça como se você estivesse dissecando um gato, e tudo irá bem”. Na segunda atitude, após ter descrito a realidade, o pesquisador se propõe a modificá-la (FANON,2008, p. 145).”

Ao abordarmos a corporeidade é necessário falar da imagem corporal, que é a representação mental que cada um de nós tem do seu próprio corpo. Ela não é fixa. Está em constante modificação e tem ligação com o que vemos, o que sentimos e o que pensamos. Para Schilder (1977), A imagem corporal é um conceito capaz de operar com as três estruturas corporais: estrutura fisiológica, responsável pelas organizações anatomofisiológicas; estrutura libidinal, conjunto das experiências emocionais vividas nos relacionamentos humanos; e estrutura sociológica, baseada nas relações pessoais e na aprendizagem de valores culturais e sociais.

Damasceno (et al, 2005), diz que “a formação da imagem corporal pode ser influenciada pelo sexo, idade, mídia, bem como pela relação do corpo com os processos cognitivos como crença, valores e atitudes inseridos em uma cultura”. Entende-se assim que a imagem corporal é uma construção que abrange várias dimensões e representações internas e externas, refletidas em nossa estrutura corporal e aparência física.

A imagem corporal e a identidade estão fortemente associadas, pois ela não está apenas relacionada com nosso físico, mas também com toda a representação que temos/fazemos de nós mesmos. A maneira pela qual nosso corpo aparece para nós, é a representação mental, a identidade corpórea das experiências vivenciadas ao longo da vida. O corpo possui memória, história e identidade. É a representação dessa identidade corporal que podemos chamar de imagem corporal.

Dentro da estrutura sociológica em que vivemos, o corpo e as percepções sobre ele – a nossa percepção e a percepção dos outros - assume um papel vital em nosso convívio. Toda a linguagem e imagem corporal que é construída pelo indivíduo a partir de seu corpo e de seu contato com o meio onde vive, é influenciada pela atuação do corpo no ambiente e desse

ambiente nesse corpo.

A Corporeidade é a maneira como reconhecemos e utilizamos nosso corpo interagindo com o mundo. É através dela que exprimimos nossos desejos, sentimentos, emoções, personalidade. Num mundo onde se exalta os padrões, a corporeidade é por muitas vezes suprimida por exigências como fardamento, cortes de cabelo, forma de falar etc. um bom exemplo de como a corporeidade pode ser suprimida pode ser visto nos colégios militares, onde os alunos e alunas são obrigados e obrigadas a usar determinado fardamento; determinado penteado ou corte de cabelo; limita-se o uso de maquiagem e acessórios como bijuterias; obriga-se a “ordem unida” e a cantar o hino nacional.

Nessa relação íntima entre Imagem corporal e corporeidade os sujeitos se constroem e desconstroem, se mostram e se camuflam, se afirmam e/ou desaparecem. Sob o olhar do outro e sobre o próprio olhar, numa luta constante entre o ser, o poder ser e o ter que ser, construímos de forma consciente ou não o nosso corpo em suas diversas dimensões.

Sendo assim, é relevante deixar explícito, que a estratégia metodológica utilizada nesse trabalho, prima pela participação efetiva e fundamental, de cada um (a) dos (as) jovens, na análise de suas imagens corporais e na compreensão de como se deram as possíveis mudanças em seus “mapas corporais”. As oficinas são partes constituintes desse processo e o pesquisador é um mediador desse procedimento de construção.

A oficina, portanto, se constituiu num espaço onde cada participante, olhando para os seus corpos, foram fazendo suas reflexões sobre as mudanças experienciadas em suas trajetórias. Algumas impostas, outras ocasionais e aquelas que consideramos emancipatórias.

Dessa forma, esse trabalho propõe-se a juntar-se a outros estudos, a fim de ampliar o debate quanto a corporalidade dos negros e negras, expandindo as informações acerca de um “tipo corpóreo” que está tomando conta dos pátios das universidades, das ruas, mídias, cinema...

### **3.1 Oficinas para o Mapeamento Corporal**

No Alto Sertão Baiano, distante cerca de 700 quilômetros da capital do estado, como os jovens, negros e negras tem se posicionado corporalmente frente a invisibilidade que lhe foi imposta ao longo dos anos? Após ingressarem na universidade, há alguma mudança em sua estética corporal? O que levaria muitos a mudarem o seu modo de se vestir, de se maquiar, de cortar ou não cortar o cabelo, de pentear-se ou não? É possível que em alguns casos a questão da própria sexualidade seja revista ou redimensionada, assim como convicções religiosas e

políticas? Estas possíveis mudanças e novas escolhas, podem refletir de forma perceptível na imagem corporal dessa população universitária, transformando a sua forma de existir no mundo?

Seria possível verificar, através da utilização de imagens - desenhos, fotografias e vídeos - possíveis mudanças corporais em jovens universitários (as) e relacioná-las com as políticas de ações afirmativas? Esses jovens percebendo a sua corporeidade, poderiam durante a oficina, desvelar horizontes ainda não percorridos pela comunidade científica?

A parte introdutória da oficina se constituiu na apresentação, por parte do professor pesquisador, dos procedimentos que seriam seguidos a partir dali para a produção de dados adicionais para esse trabalho de pesquisa. Além de serem lembrados (as) de todos os processos legais e de segurança que cercam um trabalho de pesquisa científica, os (as) participantes foram advertidos sobre o uso das informações ali coletadas e que possivelmente estariam passíveis de serem publicadas.

Todas as pessoas participantes leram e concordaram com os termos do TCLE - O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, inclusive aquelas que decidiram participar do processo na manhã em que a oficina foi realizada.<sup>50</sup> O termo foi entregue devidamente assinado antes do início da atividade.

Após explanar sobre os procedimentos legais e documentais, fiz uma breve introdução da parte prática recapitulando um pouco da minha trajetória, rememorando fatos marcantes que ao longo da minha vida subsidiaram a formação do meu autoconceito e da minha corporeidade. Falo mais detalhadamente sobre isso mais adiante. Depois de me apresentar e apresentar a proposta inicial da oficina, partimos para o segundo momento.

O segundo momento dessa oficina, constitui-se numa livre apresentação de si mesmo, feita por cada um(a) dos/das participantes. O(a) integrante da oficina, poderia de forma resumida dizer o seu nome, sua idade (se assim o desejasse), o seu lugar de origem e se estudou ou não em escola pública. A partir dessa breve descrição, seria estimulado(a), através de uma pergunta, a rememorar a sua trajetória antes da universidade, dentro e fora da escola, assim como as suas relações sociais familiares e comunitárias. Neste processo de reavivar seu passado, poderia utilizar de imagens suas, fotos, vídeos, ou mesmo memórias/lembranças, para

---

<sup>50</sup> Havia a intenção de se realizar uma segunda etapa da oficina, onde as (os) participantes poderiam levar mais imagens para a discussão e o debate pudesse ser ampliado. Essa etapa ocorreria após a banca de qualificação desse trabalho que ocorreu no início de março de 2020. Entretanto, na segunda quinzena do mesmo mês, o Brasil entrou em estado de lockdown o que impossibilitou que essa etapa acontecesse.

ajudar na narração daquele momento específico de sua vida. Em casos narrados onde a imagem não estivesse disponível no momento da fala, esse material poderia ser enviado posteriormente para compor a contribuição do(a) participante no processo de produção de dados da pesquisa.

O(a) participante seria sempre estimulado a descrever com o máximo de detalhes, o entendimento que teria de si mesmo e de como percebia o seu próprio corpo nas situações por ele (a) narradas. Aspectos como peso, estatura, silhueta, cor do cabelo, estilo do cabelo, roupas que usava diariamente ou em ocasiões especiais, assim como outras variáveis que porventura possam ocorrer, que não estejam aqui elencadas.

Prosseguindo, ele ou ela, deveria descrever como se sentia naquele corpo. Qual a percepção que ele ou ela tinha da imagem que aquele corpo transmitia para si e para os outros. Deveria ser capaz de falar sobre sua autoestima, sua ideia de beleza estética, sua sexualidade, sua autoafirmação, seus desejos, sua libido, seu modo de se vestir, fazendo assim uma análise detalhada da sua corporeidade.

Enquanto os(as) participantes estivessem expondo momentos históricos de sua vida, fatos ocorridos que de lhe foram marcantes, seria observado e provocado uma reflexão, se ou como esses episódios promoveram ou não algum tipo de mudança comportamental e/ou estética visual nos corpos de cada um(a). Enquanto pesquisador/observador seria necessário estar atento para possíveis relações de influências e/ou interferências das experiências vividas por esses jovens, com impactos em suas imagens corporais. Nesse recorte temporal e corporal, buscaríamos uma intersecção entre as ações e políticas afirmativas nesses corpos.

O mapeamento dessas mudanças pode permitir um entendimento mais profundo do relevo corporal que é percebido pela própria aparência, assim como pelo movimentar-se. A análise engloba, desde tatuagens a cortes de cabelo, do caminhar ao correr, do dançar ao se relacionar sexualmente, da religiosidade a sexualidade.

Pretende-se buscar um contato mais profundo com a organização corporal de cada indivíduo. A percepção de si mesmo. A ideia de como o outro lhe percebe e por último a relação entre o perceber-se no mundo e a construção de sua identidade. Esse percurso poderá/deverá passar pela ancestralidade, pelo autorreconhecimento, assim como pelos “filtros” e dificuldades encontradas nesse exercício de ver a si mesmo.

A percepção dessas mudanças em minha geografia corporal associada a observações realizadas ao longo do tempo, de forma empírica, aponta para a possibilidade de que essa técnica metodológica de observação e análise, pode ser eficiente no sentido de entender/explicar

a nova relação do jovem negro com seu corpo. Uma relação mais profunda, íntima, emancipada e transgressora. Transgressora, principalmente no sentido de romper com toda a tradição de uma sociedade dominada pelo patriarcado, machismo e colonialismo branco europeu ou estadunidense.

A geografia do corpo está intimamente e historicamente ligada às políticas ativas de identidade, classe, raça, gênero e sexualidade. Ela abre um espaço de significação do mundo em um movimento no qual o sujeito e o mundo se interpretam mutuamente. Nóbrega (2005), nos diz que

“Considerando a extensão do conceito de corporeidade, as diferentes disciplinas ou pedagogias, ao intervir sobre o corpo, precisam considerar que o corpo que tenho é também o corpo que sou e que os padrões de ser e de viver, colocados por nossa condição corpórea, são bem mais flexíveis que os dispositivos normalizadores das instituições. Assim, quem sabe por meio dessas práticas sociais possamos transgredir, impulsionados pela paixão, para compor uma nova perspectiva de vida, mais ética e mais estética (NÓBREGA, 2005).”

Nóbrega nos conduz para um entendimento da necessidade de estarmos voltados para o corpo e a corporeidade, a fim de que possamos melhor compreender a geografia do corpo. É preciso, segundo a autora, traçar novos “mapas” a fim de compreender melhor esses corpos.

“Precisamos desenhar novos mapas para compreender a geografia do corpo, com sua espacialidade diferenciada, possível porque se move e, ao fazê-lo, ao mover-se, coloca em cena diferentes possibilidades de abordagem, diferentes lugares, com diferentes perspectivas espaciais e temporais: do biológico ao pós-biológico, da reversibilidade da cultura como carne do mundo à carne como aspecto simbólico e transcendente do humano; dos sentidos que a historicidade cria em narrativas temporais distintas; dos encontros e desencontros que constituem a nossa existência (NÓBREGA, 2005).”

Há uma proposição ou proposições, que me trazem inquietações ao observar as mudanças corporais manifestadas em alunos e alunas negros e negras pouco tempo depois de ingressarem na Universidade. É possível traçar uma relação dessas mudanças corporais com as políticas de ações afirmativas?

Essas políticas são influentes no sentido de alterarem substancialmente as relações sociais, afetivas e corporais de grande parte dos/das jovens negros e negras?

Como o relevo corporal desses jovens foi alterado a partir do contato com essas políticas e ações?

Eles são capazes de identificar essa relação (caso ela exista)?



O fato de ingressar na universidade possibilitou um redimensionamento do próprio corpo e corporeidade?

O quão oprimido ou liberto esses corpos se sentiram ou se sentem nesse tempo e espaço?

O que mudou no entorno desses corpos durante o período compreendido entre cada registro de imagem?

Qual a importância, o peso, a relevância do acesso a políticas afirmativas para o acesso e permanência na universidade?

Como tem sido a (re) construção da identidade a partir dessas novas possibilidades de apropriação e emancipação corporal?

Critérios para a participação nas oficinas:

- Alunos e alunas autodeclarados (as) negros e negras, matriculados (as) ou que tenham concluído nos últimos 05 anos a sua graduação em dos cursos da UNEB Campus XII;
- Todos os gêneros;
- Apresentar-se de forma voluntária para participar desse trabalho de pesquisa;
- Ler, concordar e assinar o TCLE;

Procedimentos:

- Apresentação da proposta do trabalho;
- Apresentação do pesquisador, abordando o tema da oficina;
- Dinâmica de relaxamento e desprendimento;
- Atividade para apresentação dos e das participantes;
- Exposição da primeira “bateria” de imagens;
- Roda de conversa;
- Pequeno intervalo (05 a 10 minutos);
- Exposição da segunda “bateria” de imagens;
- Roda de conversa;
- Encerramento.

### **3.2 O Feijão, a feijoada e os caminhos trilhados no encontro dos Mapas Corporais<sup>51</sup>**

---

<sup>51</sup> Breves anotações metodológicas

Era o último sábado do mês de novembro de 2019, quando houve a reunião para a primeira etapa presencial da nossa pesquisa. Já havíamos conversado num grupo de *WhatsApp*, criado em julho do mesmo ano, sobre o trabalho. O grupo tinha o nome “Pesquisa doutorado Tião” e foi onde trocamos algumas informações e lá foram postadas algumas fotos pelas pessoas que se dispuseram a participar do projeto. Os/As participantes da pesquisa<sup>52</sup> já haviam dado uma prévia do que seria nosso encontro presencial, no grupo virtual.

O grupo foi criado por mim com o intuito de mantermos contatos preliminares e de trocarmos informações relativas aos procedimentos da pesquisa. No decorrer desse trabalho, utilizaremos de algumas dessas conversas para elucidar ou orientar a escrita e alguns procedimentos utilizados no caminhar da construção final desse texto. Todas as conversas, diálogos, imagens contidas nesse trabalho, tiveram a sua divulgação previamente autorizada pelos participantes. As transcrições buscaram reproduzir com fidedignidade todas as palavras, interjeições, suspiros anotados em cada depoimento colhido.

---

Abro esse espaço para trazer algumas anotações importantes a cerca da metodologia adotada, criada e a adaptada a esse trabalho. O caminho metodológico trilhado perpassou por terrenos ainda não explorados. A fim de identificar e detalhar os corpos e de quais corporeidades estávamos falando, buscamos referências da construção e identificação dos corpos negros em referenciais teóricos de alguns clássicos da História da Educação Física no Brasil, a exemplo de “O Brasileiro e seu Corpo”, de Medina e “Raízes Europeias e Brasil”, de Soares.

Foi feita também uma pesquisa minuciosa em importantes sites de busca (Google, Yahoo e Duckduckgo), utilizando-se palavras chaves centrais ao tema. A procura se destinou a encontrar as referências de corpo bonito, perfeito e ideal para homens e mulheres.

Com relação as produções científicas relacionadas ao tema, a investigação foi feita na Scientific Electronic Library Online (SciELO), que é uma biblioteca virtual onde são encontrados artigos, relatórios e periódicos e no Google Acadêmico ou Google Scholar, ferramenta do google que indexa produções científicas.

Quanto a realização da oficina, proposta central da estratégia metodológica, a construção desse momento foi feito juntamente com as participantes e o participante, através de conversas em um grupo de aplicativo, onde acordamos a realização de uma feijoada para celebrar nosso encontro.

No que se refere à técnica denominada aqui como construção de mapas corporais, trata-se de uma nova modalidade de análise que busca relatar a partir de imagens corporais, preferencialmente fotografias, de diversos momentos da vida dos participantes, mudanças ocorridas na aparência corporal. Trata da observação da submissão a uma estética ou rompimento com essa e apropriação de outras, impactando a imagem corporal.

<sup>52</sup> A pesquisa foi autorizada pelo Conselho de Ética da UFMG – CEP, em outubro de 2019, através do Parecer Consubstanciado de número: 3.662.571.



**Figura 17** “Capa” utilizada no grupo de *WhatsApp* dos participantes da pesquisa

Em nossas conversas no aplicativo, explanei rapidamente sobre as atividades que faríamos, assim como uma breve explicação daquilo chamo de Mapa Corporal. Os diálogos aqui apresentados correspondem com fidedignidade aos que ocorreram no grupo. A transcrição respeita a íntegra das conversas.

*“Olá pessoas, bom dia! Antes de mais nada agradecer por vocês estarem aqui, depois explicar um pouquinho sobre nossa pesquisa.*

*É preciso de dizer que é algo inédito na Educação Física e na educação de um modo geral. Pretendemos "criar" mapas corporais e interpretá-los a partir das mudanças corporais ocorridas em consequência das ações afirmativas.*

*Precisaremos de fotos de vocês. das mais antigas as mais recentes.*

*Realizaremos algumas oficinas (2 ou 3) onde faremos algumas experiências corporais e logo depois rodas de conversa.*

*A princípio, preciso de vcs imagens (fotos, vídeos, desenhos) ... de antes da universidade - pode ser da infância e adolescência - e depois da*

*universidade. Seria bom ter essas imagens digitalizadas. Quem se sentir a vontade de postar aqui no grupo, pode ficar à vontade. Esse espaço aqui também servirá para conversarmos a respeito de tudo e também falarmos de nossos corpos, nossas belezas, nossas descobertas, nossas conquistas e nossas derrotas, nossa existência enquanto povo negro que ocupa o seu lugar de direito.*

*Um beijo enorme e vamos mantendo contato”.*

Esse primeiro contato foi feito após ter tido a autorização dos convidados a participar da pesquisa da criação desse grupo. O grupo era formado por mim e por 17 (dezessete) participantes. A proposta da pesquisa seria utilizarmos as informações de 10(dez) deles para a construção desse trabalho. A princípio faríamos um sorteio para definir os participantes, o que não foi necessário, visto que das 17 pessoas presentes no grupo do aplicativo, apenas 08 compareceram na realização da oficina. Outras duas participantes, souberam pelas colegas que eu estava fazendo esse trabalho de pesquisa, se interessaram e voluntariamente me procuraram e se colocaram a disposição. Nos falamos pessoalmente durante a semana e no sábado agendado, elas compareceram.

Dessa forma, utilizamos a plataforma do aplicativo para diálogos acerca da metodologia e explicações assim como dos caminhos da pesquisa, na intenção de deixar os participantes confortáveis e seguros em relação a experiência que viveríamos juntos.

Até a realização da nossa primeira oficina no mês de novembro, utilizamos o grupo do aplicativo para falarmos superficialmente sobre algumas fotografias postadas, de encontros e cursos que o grupo poderia fazer e de trivialidades, de um modo geral. Marcamos por duas vezes um encontro que foram frustrados. Já estava preocupado com a situação, quando Letícia, uma das participantes da pesquisa, sugeriu uma feijoada para o primeiro encontro:

*“Prof. Marca uma feijoada no sábado, para ir todo mundo no mesmo dia...*

*Ai já faz a roda de debate com todes de uma vez só*

*E teile e zaga”*

A ideia aceita por todos. Imediatamente solicitei que fosse pensado um local e avisei que eu cozinaria para nós. Um desafio acadêmico realizar uma intervenção de pesquisa, acompanhada de uma Feijoada. É certo, que os sentimentos de pertencimento e ancestralidade

foram ainda mais estimulados tanto para mim, enquanto pesquisador, quanto para aqueles jovens que voluntariamente decidiram participar dessa pesquisa.

*- Gostei da ideia da feijoada! Gostei mesmo! Arrumem o lugar. Além de cozinhar ainda patrocino!*

*- Poxa!!!!!! Maravilha*

Contando com a aprovação de todos, restava agora marcar uma data e realizarmos nossa primeira oficina para mapeamento dos corpos ao longo da história de vida de cada um e de cada uma. O último sábado do mês de novembro foi o dia escolhido e naquela manhã nos reunimos, primeiro na Residência Universitária do Campus XII, de onde nos dirigimos para a área onde fica a lanchonete do departamento.

*Pessoas, bom dia. A sugestão de Lety foi aceita e faremos nossa feijoada para a coleta de dados.*

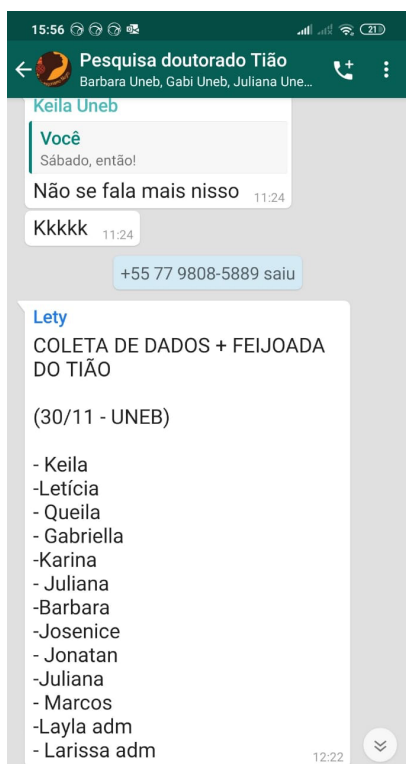
*Será no próximo sábado dia 30/11, na casa de Nina (Tais).*

...

*Estamos propondo uma nova metodologia científica onde os corpos serão a base da pesquisa. A técnica recebe o nome de Mapas Corporais. Espero contar com vocês e poder contribuir com a formação de vocês assim como estão contribuindo com a minha.*

*A ideia desse trabalho surgiu das inquietações que percebia e percebo no pátio, nas salas e nos espaços acadêmicos. Autoafirmação, respeito e dignidade é a base de tudo.*

*Durante nosso encontro, além dessa parte "acadêmica" teremos uma feijoada oferecida por mim..."*



**Figura 18.** Confirmação no grupo daqueles que participariam da oficina

A princípio faríamos a atividade na Casa da Taís (Nina), uma das participantes da pesquisa. Depois pensamos em fazer na residência, mas como apenas alguns dos moradores faziam parte da pesquisa, decidimos buscar um local mais reservado. Ao lado da lanchonete do departamento existe uma cozinha equipada, onde os estudantes que ficam manhã e tarde, esquentam ou fazem suas refeições. Levamos para esse local os ingredientes da feijoada e as panelas. Enquanto o grupo chegava, coloquei a comida no fogo (tudo havia ficado de molho na noite anterior) e depois organizei o ambiente externo para que a atividade acontecesse.

O grupo do *App* era composto por mim e por 17 estudantes. Destes 13 confirmaram presença, mas apenas 08 compareceram: Keila, Letícia, Queila, Gabriela, Karina, Juliana, Bárbara e Jonathan. Outras duas pessoas, Nina e Joselandia que não estavam no grupo inicial do *APP*, compareceram de forma também voluntária, após uma conversa que tivemos dias antes. Todos os participantes já haviam devolvido os seus TCLE devidamente assinados.

No planejamento inicial, essa primeira oficina teria uma duração aproximada de uma hora e meia. Não foi suficiente. Foi necessário utilizar o dobro do tempo.

Tudo foi registrado em fotografias e vídeos através de câmera profissional pelo fotógrafo Pedro dos Santos. Os registros encontram-se em anexo e algumas fotografias ao longo do trabalho.

O áudio foi captado pela câmera e também por um aparelho de celular. As falas foram transcritas com o auxílio de uma ferramenta do “Google Drive” denominada “Voice Typing”, que faz parte do “Google Docs.”.



**Figura 19.** Registros da realização da oficina.

### 3.3 Corpos em evidência

Comecei oficialmente a atividade de oficina de Mapas Corporais falando um pouco da minha pesquisa, minha trajetória e o porquê decidi pesquisar o impacto da Ações Afirmativas sob essa perspectiva:

*Bem, esse trabalho parte de uma inquietação que tenho tido nos últimos anos... vou começar me apresentando: quando eu saí de Caetité para morar em Salvador, aos 19 anos de idade, eu imaginava que lá eu iria encontrar um lugar onde eu poderia cultivar meu cabelo afro e tal... só que quando eu chego lá, eu me deparo com a história do mercado de trabalho (não era o mundo do trabalho era o mercado mesmo); da própria universidade, que era uma universidade particular e então não cabia esse*

*corpo negro que eu havia imaginado. Então o que eu fiz? Me adequei a essa realidade. Por exemplo: eu cortava meu cabelo na máquina 02<sup>53</sup>. Eu tinha uma namorada que quando meu cabelo crescia um pouquinho, ela pegava assim, segurava assim no meu cabelo (demonstro com as pontas dos dedos fiscalizava o tamanho do meu cabelo), para dizer que já estava dando para segurar e então que eu tinha que cortar.*

Letícia interrompe em tom afirmativo:

- “A sua namorada era branca! “

*Era Negra!*

Retruco e há uma surpresa ao ouvirem.

(Nogueira *apud* Souza, 2016) analisando o processo histórico de alienação dos negros brasileiros diante de seu próprio corpo, nos diz que “*por vezes os negros são levados ao ódio com relação ao seu corpo e à sua condição, enveredando-se em um processo de autodestruição que se inicia pelo “apagamento” de marcas físicas (branqueamento físico, mutilações, entre outros) e psíquicas (negação de sua condição física de negro).* “Mais adiante ela frisa o processo que ela denomina de pseudomorfose, que é a aquisição de uma falsa identidade, que não representa o que eles são verdadeiramente. Seria uma tentativa de branqueamento para adequar-se a padrões sociais exigidos em determinados contextos. É a construção de uma identidade ou imagem corporal rotulada, estabelecida a partir da anulação da capacidade de autoafirmação. Em consequência a pessoa negra acaba internalizando um estigma que a impede de construir uma identidade racial positiva, baseada na autoestima e no sentimento de pertencimento.

Na sequência, contei como me adaptei a esse relacionamento e a esse novo meio social que se desvelava:

*... e eu me encaixei nessa história. E eu não era negro. Eu era bem branco: Os lugares que eu frequentava, os amigos que eu tinha, as coisas que eu fazia... não eram coisas de pessoas negras. Até que um dia na faculdade, no meu terceiro semestre, quando a gente está fazendo uma disciplina, onde teríamos que ir a uma academia (de ginástica) para fazer um estágio de observação, o professor da disciplina começou a descrever como seria*

---

<sup>53</sup> Tipo de corte de cabelo, geralmente masculino, feito com uma máquina elétrica com um pente específico. Geralmente varia de zero a 04, sendo o zero raspado e o 04 com cerca de 03 centímetro de altura.



*uma pessoa que ele não receberia em sua academia. A descrição batia comigo. Perguntei se ele falava de mim. Ele respondeu: Exatamente. Alguém vestido como você, da forma como você está, nunca vai entrar em minha academia! (Naquele dia eu tive que morrer e nascer de novo no mesmo dia)*

*Depois disso, em vez de eu ficar mais preto eu fiquei mais branco. Mas dentro de mim havia uma coisa doida (forte) efervescendo, crescendo, tentando me libertar disso (do medo de me autoafirmar enquanto negro). Então eu vivi onze anos em Salvador nesta lógica. A empresa que eu trabalhava – eu trabalhava na APAE (Associação de Pais e Amigos do Excepcional) – e ela de certa forma também exigia esse meu embranquecimento. A boa aparência em Salvador significava muito isso de ser branco.*

**A TARDE ● Domingo ● 15/10/1989**

## SECRETÁRIA EXECUTIVA

Para atender à presidência de empresa de grande porte.

**EXIGIMOS:**

- Experiência mínima de 5 anos na função;
- Prática em coordenação de gabinete;
- Domínio da língua portuguesa;
- Conhecimentos contábeis;
- Desenvoltura;
- Boa aparência;
- Disponibilidade de horário.

**OFERECEMOS:**

- Salário compatível com a função;
- Assistência médica;
- Seguro de vida;
- Ótimo ambiente de trabalho.

**Figura 20.** Informativo de vaga de emprego do Jornal A Tarde em 1989.

Apesar da população da cidade de Salvador ser formada majoritariamente por negros, nas décadas de 80 e 90 do século passado, os jornais estampavam anúncios de empregos onde

era exigida a “Boa Aparência”. Não se via em lojas de shopping ou recepções de consultórios ou escritórios pessoas negras atendendo. Os principais blocos carnavalescos negavam a participação de pessoas negras, mesmo as que podiam pagar pelo abadá ou fantasia. Essa negação era velada. Era um impedimento que estava subentendido e que era estampado quando os “grandes blocos” tomavam as ruas de Salvador. No cadastro para ter acesso ao bloco era necessário anexar uma foto 3x4, que era usada como filtro para permitir ou não a participação do folião. A gente enviava a proposta de sócio pelo correio ou entregava na própria sede do bloco. Depois, através de uma correspondência ou por telefone, os escolhidos recebiam a confirmação de sua participação, ou “aceitação como sócio”. As fantasias, ou abadás só eram entregues àqueles “associados” mediante a apresentação da “carteirinha de sócio”, que deveria ter uma fotografia, acompanhada da carteira de identidade.



**Figura 21.** Foto 3x4 do autor aos 21 anos



**Figura 22.** Foliões no bloco da banda Eva em 1994 — Foto: Reprodução/EVA  
<https://g1.globo.com/ba/bahia/carnaval/2020/noticia/2020/01/12/fotos-veja-imagens-dos-40-anos-de-trajetoria-da-banda-eva.ghtml>



**Figura 23.** Carro de apoio do Carnaval de Salvador, Bloco Eva 1994

*Quando eu venho morar em Guanambi, eu decido que... chegou a hora de eu assumir minha negritude. Aí, eu começo a deixar meu cabelo crescer. Eu tive um Black Power primeiro, depois trançei. Com isso eu começo a enfrentar as barreiras de você assumir-se negro. Isso acontece dentro de uma família onde minha mãe era negra e minha mãe foi uma das principais combatentes do meu cabelo. Em um Natal que eu estava com um Black bem grande, eu cheguei em casa e perguntei: Mãe, a senhora quer o quê de presente de Natal?*

*- Que você corte o cabelo!*

*Com toda dor no coração, cortei o cabelo, cheguei com cabelo cortado e disse a ela: Foi a última vez que eu lhe perguntei o que a senhora queria de presente de Natal.*

*Em outras vezes, meu pai (que é branco) me dava R\$ 5,00 (cinco reais) para eu cortar o cabelo:*

*- Você "tá" com o cabelo assim, vai ter "tá" sem dinheiro.*

*Esse tipo de piada eu ouvia dentro da casa da minha mãe. Eu visitei minha mãe durante 10 anos, usando uma touca. Era chegar na porta de casa, botar uma touca para não entrar com meu cabelo rasta na casa da minha mãe. Até que um dia eu falei: se eu não brigar por isso aqui dentro de casa, como é que eu vou ter moral para brigar por isso lá fora?*

Durante alguns anos, depois de ter retornado de Salvador e voltado a morar em Caetité, resolvi deixar meu cabelo crescer. Com isso cultivei vários penteados afro, dentre eles o Black Power e as tranças. Depois de alguns anos, decidi criar os Dreads e deixar o cabelo Rastafári. Ao visitar minha mãe, sempre depois que eu pedia a benção ela me dizia: "Eu quero meu Tiãozinho de volta"! Essa frase que eu ouvia todas as vezes que ia a casa da minha mãe, era dita exclusivamente por conta da minha estética corporal. Apesar de eu estar profissionalmente bem-sucedido, de eu ter um certo status social, para a minha mãe, aquele Tião, não era o que ela queria. Ela queria aquele outro amordaçado num corpo que não era dele. Um corpo embranquecido, longe daquela estética negra que a cada dia ficava mais evidente, apesar de seus insistentes pedidos.

Jamais me propus a estabelecer um diálogo com minha mãe a respeito de eu decidir assumir minha estética negra. Subjuguiei-a. acreditava que ela jamais entenderia ou respeitaria

minha decisão. Dona Bezinha faleceu em agosto de 2014, aguardando que eu me vestisse e me penteasse como quando eu era um adolescente que a acompanhava nas missas de Primeira Sexta-feira do mês.

Percebe-se que minha mãe, assim como tantas outras mães e pais negras e negros, teve sua criação e sua personalidade moldada sob a égide do racismo estrutural. Imbricado em nossa sociedade, essa estratégia de dominação e de poder do branco colonizador, tem se perpetuado sutilmente em nossas famílias, escolas, universidades, repartições públicas... no dia a dia. Para Almeida, 2018, o racismo estrutural é uma forma de violência reproduzida no tecido social não mais na forma direta, mas nas formas institucional e cultural.

Retomando a parte introdutória da nossa oficina, reforcei a importância daquele momento e fiz questão de demarcar que, apesar de já existirem muitos trabalhos que tratam da temática racial e das ações afirmativas, havia em mim uma necessidade de fazer esse estudo nesse tempo e lugar, pois sinto a necessidade de compreender como esses fenômenos (racismo, corporeidade, ações afirmativas) têm impactado os corpos dos jovens negros daqui de Guanambi.

*No dia da minha entrevista eu fui bem específico em dizer que eu sabia, que eu sei, que o tema é muito falado. É um tema que eu sei que atualmente está sendo muito debatido, mas as pessoas daqui, de onde eu sou, essas pessoas não aparecem nessa discussão. Então, se eu passar nesse doutorado eu quero exclusivamente falar dessas pessoas. Desses meninos e dessas meninas daqui. Dessa galera com quem eu convivo. Eu estive morando em Belo Horizonte por 2 anos. Nesse tempo eu refleti que a forma como o racismo acontece em BH, a forma como racismo acontece em Salvador, é completamente diferente da forma como o racismo acontece aqui em Guanambi. A forma como a gente reage aqui é completamente diferente como as pessoas reagem lá. Eu penso que é importante a gente a gente ter essa dimensão.*

Ao encerrar a minha explanação fiz uma breve anamnese com o grupo. Chamo de anamnese o ato de promover uma lembrança individual e coletiva a respeito da existência de cada pessoa ali presente.

A atividade foi guiada por algumas perguntas básicas que foram feitas para todos (as) os (as) participantes. O grupo formado por 09 (nove) moças e 01 (um) rapaz, sentado em torno de uma mesa não se absteve de nenhuma resposta:

- 1- Qual o seu nome, o seu curso e a cidade de onde veio?
- 2- Quem é fruto de um casamento inter-racial?
- 3- Onde você estudou antes da UNEB? Era escola pública ou particular?
- 4- Como era a sua relação com seu próprio corpo antes de ingressar na universidade?
- 5- Você se recorda de algum fato da sua infância e/ou adolescência que tenha provocado algum incômodo ou questionamento relacionado a sua corporeidade?
- 6- Como o ingresso na universidade impactou a sua imagem corporal e corporeidade?

Esse roteiro de perguntas, foi previamente memorizado pelo pesquisador e utilizado no decorrer da oficina, buscando sempre seguir essa ordem. A bem da verdade, nem sempre a pergunta foi feita exatamente como consta nesta lista. Em alguns casos, quando o (a) interlocutor (a) direcionava a sua narrativa para algo que seria posteriormente perguntado, valia-me daquela deixa para estimular uma resposta. Usava pequenas perguntas como:

- Como isso te influenciou?
- Você tem registros dessa época?
- Como isso aconteceu?
- Como você reagiu a isso?

Essas pequenas arguições serviam para manter o foco da discussão e também para facilitar os depoimentos em momentos específicos em que o participante se emocionava ou perdia um pouco o cerne da discussão. Utilizei essas perguntas como um roteiro para direcionar as conversas.

#### **CAPÍTULO IV - Corpus Mundi: A representação da superfície corporal de jovens universitários (as) negros (as)**

##### **Nas Fronteiras do Mundo** (Chico César)

*“Sou tu sou ele  
E muitos que nem conheço  
Pelas fronteiras do mundo  
E no medo em seus olhos  
Jogado à própria sorte*

*E à ambição de poucos  
 Soy tu soy él  
 Y muchos que aqui no llegan  
 Desperdigados del hambre  
 Despojados de la tierra  
 Olvidados del destino  
 Heridos en tantas guerras  
 Sou tu sou ele  
 Nós todos e todos eles  
 Escravos do novo século  
 Obrigados ao desterro  
 Desterrados pela vida  
 Condenados ao inferno  
 Soy tu soy él  
 Sou tu sou ele  
 Soy tu soy él  
 Mano de obra barata  
 Sin contrato sin papeles  
 Sin trabajo e sin casa  
 Ilegales sin derechos  
 O legales sin palabra  
 Sou tu sou ele  
 E uma foto na carteira  
 De onde te olham os olhos  
 Três meninos e uma velha  
 Que esperam poder salvar-se  
 Com o dinheiro que não chega  
 Soy tu soy él  
 En el nuevo paraíso  
 Horizonte de grandeza  
 De los que serán más ricos  
 Construyendo su fortuna  
 Con la sangre de tus hijos  
 Sou tu sou ele  
 Aquarela de mil cores  
 Humano de muitas raças  
 Caldo de muitos sabores  
 Nas portas de um futuro  
 Que nos nega seus favores  
 Soy tu soy él  
 Sou tu sou ele  
 E muitos que nem conheço  
 Y muchos que aqui no llegan  
 Nós todos e todos eles  
 Mano de obra barata  
 E uma foto na carteira  
 En el nuevo paraíso  
 Aquarela de mil cores*

*Soy tu sou ele  
Sou tu soy él*

Após minha apresentação e introdução à nossa oficina, enquanto a feijoada chegava ao ponto, estimei as pessoas participantes a se apresentarem e falarem sobre a história de cada uma e da relação e descobertas dos seus corpos em suas trajetórias (a anamnese). A ideia seria que durante a fala de cada uma delas, pudéssemos ir fazendo demarcações a respeito de possíveis mudanças em suas imagens corporais, associadas aos momentos e fatos narrados, delineando assim seus mapas corporais. A partir das vivências na oficina, cada participante, a sua maneira e no seu tempo, passou a compreender o processo e a relacionar impactos a sua imagem corporal a episódios passados em suas vidas. É certo que alguns revelaram inclusive fronteiras percorridas, pelas quais não sentem saudades nem desejo de retornar.

Cada participante, ao seu modo, foi percebendo que o corpo é carregado de marcas visíveis e invisíveis e que a sua imagem corporal é reveladora daquilo que queremos mostrar e daquilo que tentamos ocultar. Essas marcas estão relacionadas com experiências do corpo vivido e com a potencialidade que essas experiências têm em modificar a “geografia” de cada um e de cada uma.

Como citei a expressão “corpo vivido” sinto a necessidade de referenciá-la dentro deste estudo. Durante alguns anos, no curso de graduação de licenciatura em Educação Física ministrei uma disciplina chamada Educação psicomotora ou Psicomotricidade. Nela falava sobre o desenvolvimento humano e gostava muito de falar sobre o corpo na perspectiva de Merleau-Ponty. Para o filósofo seria necessário fazer aparecer o corpo como sujeito do movimento e sujeito da percepção - se isso não é verbal, isso quer dizer: “o corpo como tocante-tocado, o vidente-visto, lugar de uma espécie de reflexão e, através disso, capaz de relacionar-se a uma outra coisa que não a sua própria massa, de fechar o seu círculo sobre o visível, sobre o sensível exterior”. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 337)

Eu sempre costumava dizer aos alunos que tudo o que vivemos se materializa em nosso corpo e no fazer do nosso corpo. Afirmava que a gente só sabe fazer aquilo que de fato a gente um dia já se propôs a fazer, por pelo menos uma vez. Dizia também que a gente só sabia o que era sentir uma coisa, a partir do momento que de fato a gente sentia e que esse sentir seria diferente para cada um de nós, pois naturalmente cada um é cada um. Nesse sentido encontrava embasamento em Merleau-Ponty (2011), quando ele diz que nosso corpo “projeta em nós nosso passado, nosso futuro, nosso meio humano, nossa situação física, nossa situação ideológica,



nossa situação moral, ou antes que faz com que estejamos situados sob todos esses aspectos”. Para o autor “o corpo é o veículo do ser no mundo”.

#### **4.1 Categorias, dimensões e arquétipos. Corpos e corporeidades, identificação e identidades**

Delineando o caminho percorrido nesse trabalho de pesquisa, é necessário apresentar o (as) participante (s) numa perspectiva de entender o que os une e o que os separa. Necessário fugir das armadilhas da história única que deturpadamente transforma o continente africano num só país e todas as negras e negros num só personagem. *Chimamanda Ngozi Adichie* chama a nossa atenção para o Perigo de uma História Única e do poder que essa tem exercido no decorrer dos tempos;

“É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é *nkali*. É um substantivo, que livremente se traduz: "ser maior do que o outro." Como nossos mundos econômicos e políticos, histórias também são definidas pelo princípio do *nkali* (ADICHIE, 2009)<sup>54</sup>.”

Vamos abaixo propor categorias que nos ajudarão a entender o corpo, a corporeidade e o papel das Ações Afirmativas nas mudanças desses corpos. Observar como as percepções podem ser diferentes, e como caminhos podem se encontrar ou se desencontrar nos mapas de corpos quer trazem em seus relevos os registros de suas histórias, desejos, realizações, tristezas e afirmações.

Perceber as diferenças entre identificação e identidade racial, possibilitará uma melhor compreensão e análise dos dados colhidos. Todas as pessoas do grupo se autodefinem como negras. Algumas delas desde o nascimento já foram percebidas e orientadas como negras enquanto outras descobriram ou entenderam isso ao longo da vida, em alguma situação ou circunstância inesperada, geralmente pegadas de surpresa pelo racismo.

Para o menino e a menina negra, nem sempre a consciência racial foi apreendida de

---

<sup>54</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Último acesso: 30/01/2021. Original em inglês: The single story creates stereotypes. And the problem with stereotypes is not that they are untrue, but that they are incomplete. They make one story become the only story. Of course Africa is a continent full of catastrophes. There are immense ones, such as the horrific rapes in Congo. And depressing ones, such as the fact that five thousand people apply for one job vacancy in Nigeria. But there are other stories, that are not about catastrophe. And it is very important, it is just as important, to talk about them.

forma positiva. É recorrente que isso ocorra a partir de um trauma, do bullying, de uma agressão preconceituosa. Para uma criança negra, aprender sobre si mesma e sobre os seus iguais de uma maneira afetuosa, potente, poderosa e igualitária deve ser sem dúvida algo transcendente. Digo “deve ser” pelo fato de ter sido “protegido” de minha própria negritude em minha infância. Sei que não houve nenhuma maldade nisso, pelo contrário, foi a maneira mais afetuosa que minha mãe e minha família encontraram para me criar.

Neste estudo, vamos perceber que durante os depoimentos colhidos, os participantes falam sempre dos seus processos de autoidentificação, assim como da construção das suas identidades. Os seus corpos, em algumas situações são marcados pelos conflitos desse processo que em muitas das vezes foram vazios de prazer.

Hall (2005) nos diz que identificação se dá a partir da apreensão de características ou fatos em comum que são partilhadas com pessoas ou grupos afins.

“A identificação é, pois, um processo de articulação, uma saturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *différance*. Ela obedece à lógica do mais-que-um. A identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para “consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui” (HALL, 2006, p.106).”

Nesse aspecto, de acordo com Menezes (2014), “o processo de identificação, rompe com uma visão essencialista, destacando as características dinâmicas e mutáveis das fronteiras simbólicas”. O autor faz essa afirmação pois aponta a “identidade como um processo dialógico e dinâmico, assegurando o espaço das práticas sociais na compreensão dos processos de identificação”.

Em seu estudo “Identidade e processos de identificação: um apanhado teórico”, de 2014, Menezes, ao analisar teóricos como Woodward, Bauman, Appiah, Hall, Gilroy, Fraser e Butler, conclui que:

“A identidade, ou as identidades, são um dos grandes pilares da sociologia compreensiva. A sua importância expressa também as diversas formas de enxergar o fenômeno, relacionando-se a isto a produção intelectual dos autores e o contexto histórico e social no qual o conhecimento é produzido. Os diversos termos em que se dá a inclusão- exclusão dos indivíduos, assim como o posicionamento dos sujeitos individuais e coletivos em distintas esferas de poder, são problematizados pelas ciências sociais como relações sociais inseridas em um contexto desigual de possibilidades e oportunidades. Enxergar os indivíduos enquanto sujeitos participantes do processo de

identificação resulta em uma crítica ao modelo de identidade como uma via de mão única, no qual a identidade estática é simplesmente aceita por indivíduos ou grupos. Ressalta-se aqui a defesa da identidade como processo dialógico e dinâmico, assegurando o espaço das práticas sociais na compreensão dos processos de identificação (MENEZES, 2014).”

A seguir apresento um quadro onde podemos observar alguns parâmetros de diferenças e similaridades que podem auxiliar no diálogo com os participantes desse trabalho. São informações sociodemográficas que nos ajudarão a nos aproximar desses jovens que se propuseram a falar de si mesmos e de revelarem suas geografias.

**Quadro 1.** Apresentação dos participantes.**(continua)**

Nome	Nascimento	Sexo	Orientação Sexual	Local de Origem	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ingresso na UNEB	Curso	Ano de Conclusão
Bárbara	05/04/1990	F <sup>a</sup>	Heterossexual	Carinhanha -BA	Escola Municipal Castro Alves São Paulo, pública, Zona urbana	Luiza Salete junca de Almeida São Paulo, pública, Zona urbana	2017.1	Educação Física	2022.2
Gabriela	26/10/1997	F <sup>a</sup>	Bissexual	Ibotirama - BA	Escola Municipal Centro da Esperança, Pública, Zona Urbana - Ibotirama	Colégio estadual Marechal Castelo Branco, Pública, Zona Urbana, Ibotirama	2016.1	Educação Física	Cursando 8º semestre
Jonathan	11/03/1997	M <sup>b</sup>	Homossexual	Brumado - BA	Brumado-BA, prof. <sup>a</sup> Idalina Azevedo Lobo, zona urbana.	Colégio estadual de Brumado, zona urbana	2015.1	Educação Física	2020.2
Joselandia	19/03/1993	F <sup>a</sup>	ND	Lagoa Real - BA	Colégio Estadual Luís Prisco Viana, público, Zona urbana	Colégio Estadual Luís Prisco Viana, público, Zona urbana	2012.1	Educação Física	2017.2
Juliana	03/03/1994	F <sup>a</sup>	Não declarou	Guanambi - BA	Colégio Estadual Governador Luís Viana Filho, Guanambi Público, Zona urbana	Colégio Estadual Governador Luís Viana Filho, Guanambi Público, Zona urbana	2014.1	Educação Física	2019.2
Karina	15/02/1987	F <sup>a</sup>	Heterossexual	São Caetano do Sul - SP	1a e 2a série Anacleto Campanella, Pública, Urbana - São Caetano do Sul	Colégio Luís Viana filho, Guanambi, Pública, Urbana	2011.1	Pedagogia*	2015.2

					3a e 4a Oswaldo Samuel Massei, Pública, Urbana - São Caetano do Sul 5a a 8a Colégio Estadual João Durval Carneiro Pública, urbana				
Keila	23/10/1996	F <sup>a</sup>	Não declarou	Caetitê - BA	Colégio Estadual Tereza Borges de Cerqueira, Público, Zona Urbana	Colégio Estadual Tereza Borges de Cerqueira, Público, Zona Urbana	2015.1	Educação Física	2020.2
Leticia	01/07/1994	F <sup>a</sup>	Bissexual	Brumado - BA	Escola Nossa Senhora de Fátima, Escola Privada, Zona Urbana	Escola Nossa Senhora de Fátima, privada, zona urbana Obs.: As 2 últimas unidades do 3º ano fez no Colégio modelo do mesmo município	2014.1	Educação Física	2019.2
Queila	30/09/1997	F <sup>a</sup>	Lésbica	Distrito Mutans/Guanambi - BA	Escola Municipal Pedro Barros Prates, Pública, Zona urbana, Mutans	Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães, Pública, Zona urbana - Mutans	2016.1	Educação Física	Cursando 8º semestre
Tais –Nina	27/09/1994	F <sup>a</sup>	Lésbica	Bom Jesus da Lapa - Ba	Escola Estadual Isabel Bonfim, Bom Jesus da Lapa, Público, Zona Urbana	Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, Bom Jesus da Lapa, Público, Zona Urbana	2016.1	Educação Física	Cursando 8º semestre

<sup>a</sup>: Sexo Feminino; <sup>b</sup>: Sexo Masculino; ND: Não declarou; \*Apenas uma aluna do curso de Pedagogia se apresentou para participar desse estudo. Em nosso contato inicial, através do aplicativo de conversa, havia alunos de todos os cursos do departamento (Educação Física, Pedagogia, Administração e Enfermagem, no entanto, apesar de terem confirmado a presença anteriormente e até feito o envio de fotografias, os alunos dos demais cursos não compareceram à oficina.

Como podemos verificar o período de nascimento dos participantes vai de 1987 a 1997, o que dá uma distância de 10 anos entre a pessoa mais jovem e a de mais idade. A idade média dos participantes é de 25,6 anos variando de 23 a 33 anos de idade.

O grupo era formado por nove moças e um rapaz. Praticamente todos eles declararam a sua orientação sexual, espontaneamente durante as suas falas. Apenas 03 participantes não falaram sobre essa questão. 04 moças se declararam lésbicas, duas heterossexuais, 03 não abordaram a sua orientação sexual e o rapaz participante declarou-se homossexual.

As pessoas participantes são originadas de diversas cidades diferentes, sendo que a Karina vem de uma cidade de outro estado, nesse caso São Caetano do Sul – SP. As demais, são de Guanambi ou de cidades baianas localizadas num máximo de 150 quilômetros de distância. Ninguém se conhecia antes do ingresso na Universidade, mesmo Letícia e Jonathan que são de Brumado, só começaram a amizade depois do ingresso de Jonathan, pois Letícia já estava cursando Educação Física.

Brumado é uma cidade localizada a cerca de 140 km de Guanambi, na região sudoeste do estado da Bahia. Tem aproximadamente 68 mil habitantes, IDH – Índice de Desenvolvimento Humano de 0,656, ocupando a posição de número 39 no estado, segundo o IBGE. Em Brumado existe um Campus da UNEB, o Campus XX, onde funciona o Departamento de Ciências Humanas e Tecnológicas com os cursos de Direito, Letras – Língua Portuguesa e Literaturas e Pedagogia.

Bárbara, nascida em Carinhanha relata que foi muito cedo para a capital de São Paulo, ainda assim, prefere registrar que é nativa desse município ribeirinho limitado pelos rios Carinhanha e São Francisco. A cidade faz fronteira com o estado de Minas Gerais, sendo separada pelo rio que lhe dá o nome. Segundo o IBGE, tem aproximadamente 29 mil habitantes e IDH de 0,576, ocupando o 272º lugar dentre 417 municípios no ranking da Bahia.

Gabriela é a que vem da cidade mais de distante em se tratando das cidades baianas. Ela é de Ibotirama, que fica a 232 km de Guanambi. Assim como Bom Jesus da Lapa, a cidade faz parte do Vale do São Francisco e está localizada na região oeste. De acordo com o IBGE – 2010, tem aproximadamente 25.500 habitantes com um IDH de 0,636 o que lhe dá a posição de número 55 no ranking dos 417 municípios baianos. Em Ibotirama não existe Campus da UNEB.

Joselandia é de uma cidade chamada Lagoa Real. A cidade fica a 98 km de Guanambi e tem uma população estimada em 15.550 habitantes segundo estimativa demográfica do IBGE

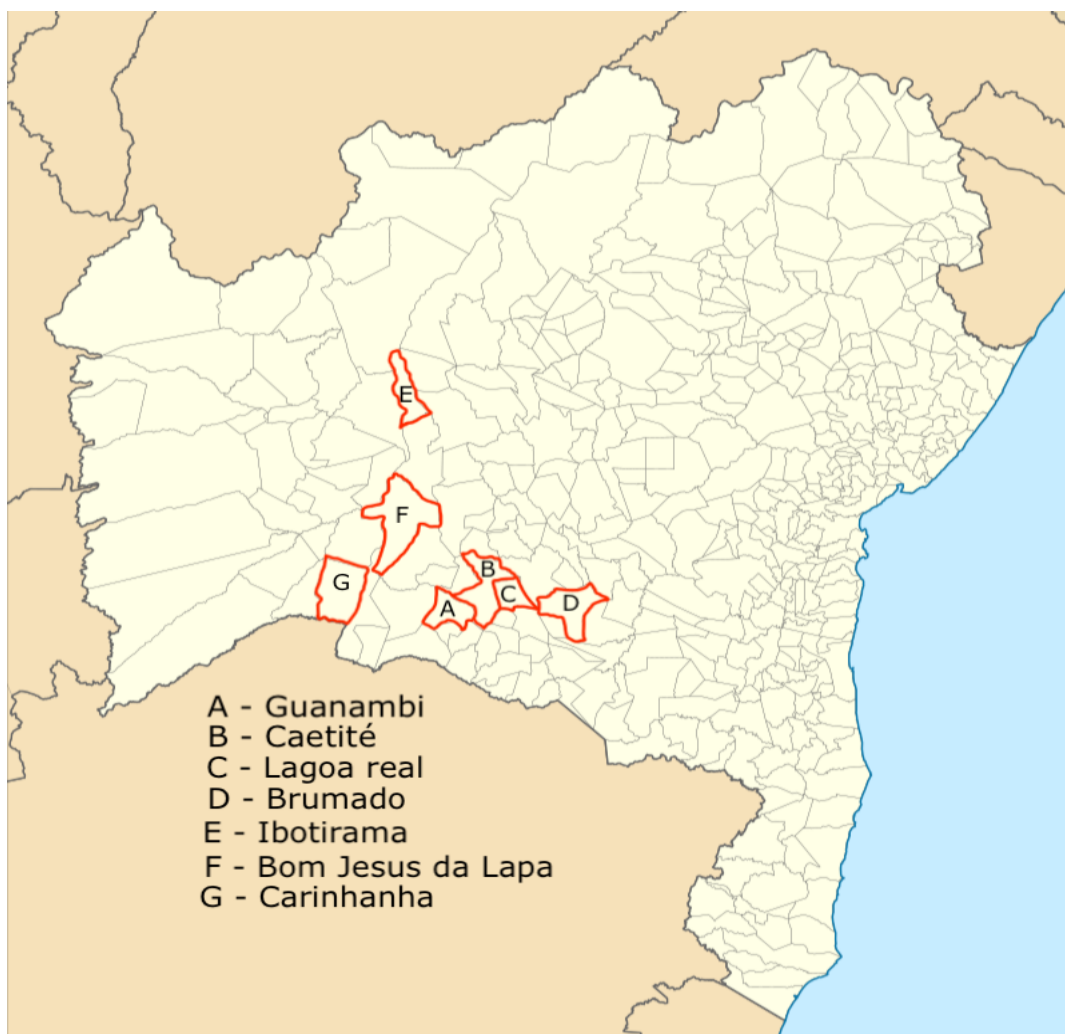
em 2018. A cidade pertencia ao município de Caetité até junho de 1989, quando conseguiu sua emancipação. O IDH do município é de 0,545, considerado baixo que coloca Lagoa Real na posição de número 383 num universo de 417 cidades baianas. Preferencialmente os jovens lagoa realenses que buscam o ensino superior, optam pela UNEB, Campus VI em Caetité, devido uma maior comodidade no transporte. Ainda assim, o curso de Educação Física e Enfermagem em Guanambi, tem atraído muitos estudantes também.

Juliana é a única natural de Guanambi. Nos últimos anos a cidade tem avançado bastante em seus índices de desenvolvimento e aparece hoje com um IDH de 0,673, ocupando a 25<sup>a</sup> posição no ranking estadual. A população aproxima-se dos 85 mil habitantes, segundo o IBGE-2010, concentrando-se principalmente na sede. A cidade tem se transformado num polo comercial importante e está distante 680 km da capital baiana. O Campus XII da UNEB de Guanambi oferece através de seu Departamento de Educação os cursos de Educação Física, Administração, Enfermagem e Pedagogia.

Keila é de Caetité. A cidade dista 39 km de Guanambi e é muito comum alunos de um município estudar no outro, devido a pequena distância e fácil acesso entre as cidades. Em Caetité a UNEB mantém o Campus VI, um dos mais antigos do interior do estado. O Departamento de Ciências Humanas do Campus VI oferece os cursos de graduação em Ciências Biológicas, Geografia, História, Matemática, Letras – Língua Inglesa e Literaturas e Letras – Língua Portuguesa e Literaturas. Em 2018 O Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) foi recomendado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) em nível de Mestrado Profissional naquele departamento. Caetité tem aproximadamente 51 mil habitantes e IDH de 0,625, ocupando a 74<sup>a</sup> posição no estado. Dados do IBGE, 2018.

Queila é uma estudante proveniente de um distrito guanambiense denominado Mutans. O distrito tem aproximadamente 12 mil moradores e fica a 30 Km da sede do município.

Taís ou Nina, como prefere ser chamada, é natural de Bom Jesus da Lapa, que fica a 161 Km de Guanambi. A cidade é famosa pelo turismo religioso e fica localizada na região oeste do estado, banhada pelo Rio São Francisco. Tem aproximadamente 67 mil habitantes, segundo o IBGE (2018) e apresenta um IDH de 0,633, que coloca o município na 61<sup>a</sup> posição no ranking dos municípios baianos. O *Campus XVII* da UNEB, localizado na cidade, oferece os cursos de Administração e Pedagogia em seu Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias.






**Figura 24.** Municípios baianos de onde se originam os participantes da pesquisa.

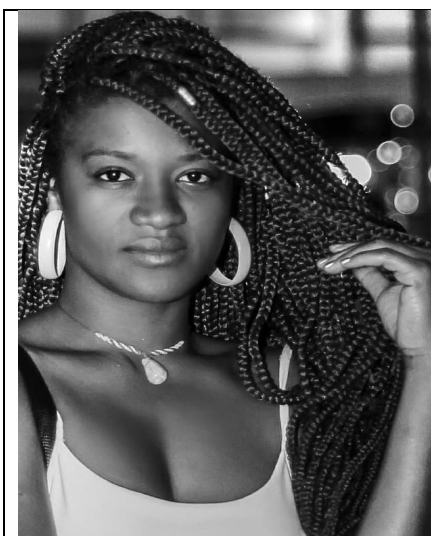
#### **4.2 Da identificação a identidade: Cada um, é cada um**

Apresento a seguir um quadro com uma breve descrição do/das participantes desse estudo baseada em suas falas durante o processo de produção de dados. As fotos de Bárbara, Gabriela, Jonathan e Keila foram retiradas das suas redes sociais com a devida autorização. Joselândia, Juliana, Karina, Letícia, Queila e Nina enviaram as imagens por aplicativo de conversa via *smartphone*.



Quadro 2 – Fotografias recentes dos participantes deste estudo

	<p style="text-align: center;"><b>Barbara</b></p> <p>30 anos, natural de Carinhanha - BA, estudante do 6º semestre do curso de Educação física. Evangélica, revela que o ingresso na universidade influenciou bastante em suas concepções de corpo e corporeidade. Reconhece que viveu e ainda vive conflitos relacionados à sua imagem corporal mas tenta supera-los e ajudar a sua filha de 11 anos a entender-se melhor enquanto menina negra.</p>
	<p style="text-align: center;"><b>Gabriela</b></p> <p>23 anos, natural de Ibotirama - BA, estudante do 8º semestre do curso de Educação Física. Vive na universidade uma fase profunda de auto reconhecimento e compreensão da própria identidade. Revela que a partir da UNEB passou a ter uma melhor relação com seu corpo e sua sexualidade.</p>
	<p style="text-align: center;"><b>Jonathan</b></p> <p>23 anos, natural de Brumado - BA, concluinte do curso de Educação Física. Homossexual, vem de uma família onde as questões raciais e são bastante conflituosas. A universidade é um espaço de enfrentamento da homofobia e de sua autoafirmação enquanto homem negro gay. Associa mudanças em sua imagem corporal às vivências na universidade.</p>



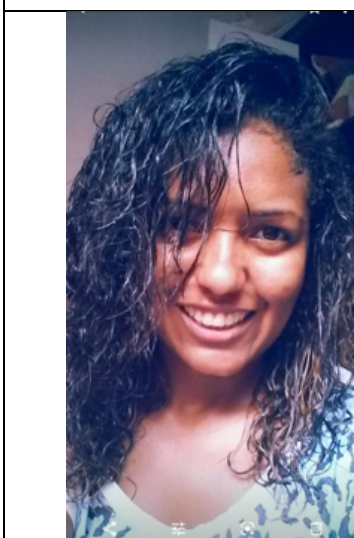
Joselandia

27 anos, oriunda da zona rural de Lagoa Real - BA, concluiu o curso de Educação Física em 2017. Sua imagem corporal e corporeidade foram profundamente impactadas durante o período de estudante. Como ela diz, uma verdadeira metamorfose. Hoje ela é uma das inspiradoras de outras estudantes negras.



Juliana

26 anos, natural de Guanambi - BA, concluiu a licenciatura em Educação Física em 2019. Modelo e manequim, relata que a universidade permitiu que ela compreendesse melhor a sua condição de mulher negra e pudesse (re)construir a sua identidade assumindo os seus traços físicos marcantes que, em muitas ocasiões, era forçada a escondê-los por questões familiares ou por exigência do trabalho.



Karina

33 anos, natural de São Caetano do Sul - SP, concluiu o curso de Pedagogia em 2015. Tem na universidade a grande responsável por suas mudanças estéticas e de empoderamento feminino. Segundo ela, foi o contato com a universidade que possibilitou o aceite ao seu corpo e compreendesse a força que o racismo e o machismo estrutural exerce sobre ele.



Keila

24 anos, natural de Caetité - BA, em 2020 concluiu o curso de Educação Física e foi aprovada no mestrado da UFMG. Diz que foi profundamente impactada pelas vivências acadêmicas e que foi capaz de produzir mudanças em sua corporeidade inspirada e fortalecida pelo contato com o dia a dia da universidade. Feminista atuante, inspira outras meninas negras com seus trabalhos fotográficos.



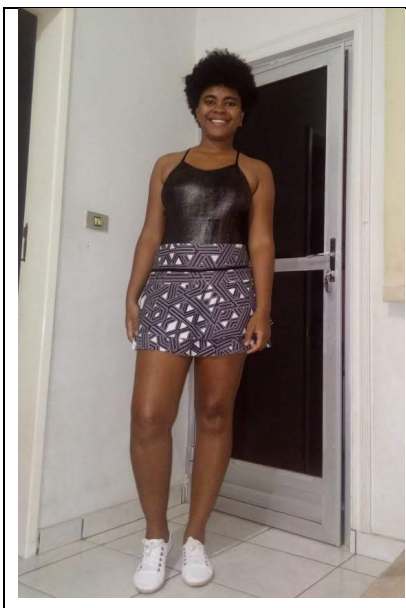
Letícia

26 anos, oriunda de Brumado - BA, concluiu Educação Física em 2019 e hoje cursa o mestrado profissional em educação também na UNEB. Feminista, lésbica, ativista, encontrou na UNEB os caminhos para desconstruir-se e reconstruir-se dentro da lógica do empoderamento feminino. Sua estética corporal é o reflexo das suas mudanças e conquistas.



Queila

23 anos, do distrito de Mutans, município de Guanambi - BA, concluinte do curso de Educação Física. Para ela a universidade foi um espaço onde se sentiu segura e motivada para viver sua corporeidade de forma mais completa. Apesar de alguns percalços, encontra em um grupo de amigas o suporte para se autoafirmar.



Taís – Nina

26 anos, natural de Bom Jesus da Lapa - BA, está cursando o último semestre do curso de Educação Física. Integrante do MST, foi na universidade que pode assumir sua homossexualidade e ter uma compreensão melhor de seu corpo. Afirma que ainda convive com alguns dilemas, mas o contato que está tendo com o ambiente universitário tem ajudado a superá-los.

Durante a oficina e transcrição das falas, análise dos vídeos e realização de leituras complementares, a percepção do quão diferentes são as pessoas que participaram desse estudo foi se fortalecendo. Apesar das tentativas de juntá-las em um grupo ou classificá-las de acordo a prerrogativas pré-estabelecidas, essas pessoas, mesmo tendo muito em comum, são completamente diferentes. Reforço aqui a armadilha e o perigo da história única que, em determinadas situações, nos deixamos levar para estabelecer uma observação acerca dos processos de identificação que podem influenciar na construção das identidades. É o risco da estereotipia e essencialização<sup>55</sup> das pessoas negras. Cada pessoa, um corpo, cada corpo uma história diferente.

No decorrer da história do Brasil podemos observar em diversas frentes a tentativa de desconstruir o processo indenitário do povo negro trazido para cá e depois dos aqui nascidos. Uma das principais estratégias utilizadas é/são as políticas de exclusão. Essas políticas transpassam todo o nosso contexto histórico social e cultural e estruturam a nossa sociedade como coluna central de um país excludente. Não apenas excludente, mas como diz Abdias do

<sup>55</sup> O essencialismo pode ser entendido como uma heurística usada durante o processo de categorização, que apesar da extensão e da universalidade do uso, é aplicada com mais facilidade a algumas categorias sociais do que a outras. O pensamento essencialista facilita a expressão dos juízos negativos sobre grupos específicos e exerce um efeito importante na manutenção dos preconceitos, na expressão da discriminação, na reafirmação do racismo e na justificação da exclusão social. (PEREIRA, ÁLVARO, OLIVEIRA & DANTAS, 2010)

Nascimento (1968): Genocida. Em relação a exclusão proposital dos corpos negros, Hall (2013, p. 324) relata que dentro de toda exclusão e opressão sofrida na colonização restou às populações de descendência africana o seu corpo como forma de expressão e identificação na diáspora. Dessa forma, podemos perceber que o corpo é onde se materializa a existência de cada um de nós. O corpo coletivo e o corpo individual. Um se reflete no outro, mas não é o outro.

Durante a oficina, no processo de construção e reconhecimento dos mapas corporais, cada participante foi se apresentando e falando um pouco sobre a sua existência corporal no mundo. Todos (as) falaram sem controle de tempo e utilizavam suas memórias e fotografias para tratarem acerca das suas trajetórias de vida. Naturalmente, nessa primeira experiência, alguns dos participantes acabaram sendo difusos (as) em suas narrativas. Nesse sentido, trarei para esse campo das análises aqueles depoimentos que se mostraram mais diretos. Em anexo, encontram-se as transcrições de todas as falas em sua íntegra, respeitando inclusive alguns vícios de linguagem dos interlocutores.

Durante a apresentação, muitos acabaram revelando um pouco da sua estrutura familiar e da importância que a mesma teve e ainda tem em suas vidas. Certamente, uma forma de se fazerem entender melhor e de talvez dizer ao outro de qual lugar estava falando. A filósofa negra feminista Djamila Ribeiro (2017) diz que as minorias, compreendidos pelos grupos marginalizados na sociedade, ainda ocupam poucos espaços políticos, além de serem menos representadas e, por consequência, menos ouvidas. É nesse momento que entra o lugar de fala. A autora explica que essa hierarquia estruturada na sociedade faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes desses grupos sejam tratadas de maneira inferior, fazendo com que as condições estruturais os mantenham em um lugar silenciado. Nesse contexto, acredito que o grupo que contribuiu com esse estudo apresentou uma reivindicação em dizer de onde eles estavam falando.

Bárbara:

*“Meu nome é Bárbara. Eu sou nascida em Carinhanha mas fui pra São Paulo com 5 anos de idade. Então a minha vida, minha criação, ela foi toda em São Paulo e aqui na Bahia estou há mais ou menos 03 anos. Fui criada em um bairro periférico de São Paulo, convivendo com todas as mazelas do negligenciamento do estado, entre eles o crime organizado, enquanto representação do estado dentro das periferias, e quando eu...*

*Em São Paulo eu comecei a trabalhar com 14 anos de idade, né? Trabalhando cuidando de criança, pra ajudar a minha mãe, porque aos 14 anos eu perdi o meu irmão. Ele era quem mantinha a casa junto com outro meu irmão, então, tipo quando a gente perdeu ele, acabou que dando uma desestruturada na minha família.”*

Keila:

*“Eu não sou muito de falar de mim. Eu sou de um bairro periférico de Caetité e sou filha de mãe solteira. Sempre morei com minha avó e com a minha mãe. Por mais que os filhos de vó, uma vez ou outra chegasse a morar um pouco, mas foi sempre eu, minha avó e minha mãe.”*

Gabriela:

*“Meu nome é Gabriela. Eu sou de uma comunidade ribeirinha. Eu não venho especificamente do campo mas venho de uma família pobre. Não sei se eu posso dizer, hegemonicamente preta, assim. Não sei se posso, não. Não posso afirmar isso. Não vou mentir aqui. Não posso mentir num espaço desse, principalmente. Mas assim... chegar a universidade foi um processo complicado pra mim. Digo isso porque perdi meu pai aos 7 anos de idade. A única pessoa que eu tinha que me dava carinho no lar. Que me dava o apoio. Pensava no afeto como construção também do ser humano, né? Perdi ele aos sete anos de idade- e de lá para cá, fui educada pela minha mãe e pelo meu irmão, que sempre fez essa figura de pai.”*

Jonathan:

*“Eu sou de Brumado. Crescido e criado em Brumado. De bairro periférico. Inclusive bairro perigosíssimo e periférico. Estudei a minha vida inteira em escola pública e minha trajetória em questão de auto aceitação de reafirmação é muito complicada. Porque a minha família por parte de pai, ela é totalmente negra e é umbandista. Então ela é adepta da afirmação de quem eles são. E a família da minha mãe, não. Inclusive a família da minha mãe ela é toda branca. E se você ver as minhas tias, elas casam com homens brancos e tem filhos brancos. E esta questão dentro da minha casa, sempre foi muito complicada.”*

Taís (Nina)

*“Eu me chamo Taís. Mas eu não me identifico como Tais, porque desde nova, desde de bebê me deram o nome de Nina. Então é Nina! Pra toda a vida, é Nina. Eu passei por muita coisa, sabe? Minha mãe é do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST. Para minha mãe chegar lá... (pausa... respira fundo e continua)*

*Voltando aqui...*

*Vou contar uma história: Minha mãe ela era vendedora ambulante. Então a gente morou em barraco. Invasão de terra, né? (...) lá da cidade, do bairro. E aí, minha mãe botou o arame e falou: “vou morar aqui com meus três filhos. “ Eu ainda não tinha nascido. E ela começou a morar lá com meus três irmãos. E ela foi construindo. Construindo... construindo...”*

Esses depoimentos reúnem características básicas de muitos estudantes do *Campus XII* da UNEB de Guanambi. Oriundos de uma cidade onde não existe a possibilidade de acessar o ensino superior de forma presencial, mesmo com a família não tendo as condições financeiras ideais, mudam-se para outra localidade com o objetivo de seguir os estudos. O detalhe de ser de outra cidade diz muito sobre a construção e reconstrução de nossas corporeidades. A distância de casa, os percalços passados sozinhos, a cumplicidade das amizades, serão/foram fatores importantes no percurso traçado por cada um desses jovens negros universitários.

É preciso destacar a característica de *multicampi* da UNEB, uma vez que tem possibilitado a interiorização do ensino superior na Bahia com uma oferta de mais de 150 opções de cursos e habilitações nas modalidades presencial e de Educação a Distância (EaD), nos níveis de graduação e pós-graduação, oferecidos ao longo de 29 Departamentos. Essa expansão tem possibilitado que alunos de baixa renda familiar, assim como filhos e filhas de pequenos agricultores, tenham a possibilidade de ingressarem numa universidade. A escassez de recursos próprios e familiares é uma característica dominante do grupo de jovens que compõe esse estudo.

#### **4.3 Café com Leite, Arroz com Feijão. Misturas, mestiçagens e miscigenação: o colorismo de nossos dias**

*Você nem é tão negro assim!*

*Até que você é um negro bonito!*

Certamente, negros (as) de pele mais clara que conseguem alguma ascensão social ou ainda que tenha traços físicos associados a branquitude, já foram alvos desses comentários racistas em tom de elogio. Acontece comigo de vez em quando e sei que não é por acaso.

O grupo que se propôs a participar desse trabalho é formado por jovens de diferentes matizes de pele. Dos mais retintos aos de pele bem clara. Essa variedade de tons de pele são fatores interferentes na nossa construção de identidade e corporeidade. No Brasil, isso é diretamente influenciado pela mestiçagem. A explicação está nas uniões inter-raciais que foram usadas inclusive no intuito de promover um embranquecimento da população. Essa questão é atravessada pelo ideal político da criação de uma identidade nacional. Os resquícios desse projeto de estado da década de 30 do século passado, são sentidos até hoje.

“A crença na existência de uma identidade nacional brasileira pressupõe a existência de uma identidade brasileira que omite diferenças regionais, culturais ou sociais, não atentando para a heterogeneidade do povo brasileiro; a ideia de democracia racial contribui fortemente para ocultar essas diferenças e criar uma narrativa unificadora de nação, cujo conteúdo “serviu para fortalecer a ideia de uma história nacional caracterizada pela ausência de conflitos, porque, afinal, não somos e nem fomos um povo guerreiro (a própria independência foi pacífica, assim como a libertação dos escravos) e, internamente, vivemos sem problemas decorrentes de racismos, preconceitos étnicos ou ainda, discriminações, exclusões. Em sua face mais perversa, essa mesma teoria serviu para dissimular as desigualdades sociais e econômicas, e para justificar a situação de miséria de grande parte da população: um povo mestiço, que carrega os males de uma fusão de grupos selvagens indolentes (índios que não queriam ser escravos e se rebelavam contra esse trabalho tão digno para a grandeza da pátria) e de negros africanos submissos e sem vontade própria, sem desejos de vencer na vida! A preguiça e a indolência, frutos dessa mestiçagem democrática, eram, ou ainda são, os responsáveis pela pobreza da maioria da população (BITTENCOURT, 2010, p. 199).”

Na época, após a chamada Revolução de 1930, o Estado posicionou-se como organizador do desenvolvimento social. As ideias eugênicas que condenavam a relações inter-raciais, uma vez que estas supostamente promoveriam uma degeneração racial e social, começaram a perder espaço para ideologias que acreditavam que a miscigenação poderia conferir uma “limpeza” na cor da pele do povo brasileiro e que, em algumas décadas, dificilmente nasceria um negro brasileiro.

“Nesse período, as teorias raciológicas cedem espaço às ideologias que lidam mais com o conceito de cultura do que o de “raça”, destituindo das “raças” características



anteriormente entendidas como biologicamente inerentes, e conferindo à mestiçagem um caráter de positividade. A ideologia da mestiçagem, do mito das três “raças” passa, a partir de então, a ser socialmente explicadora da cultura. “O que era mestiço torna-se nacional (ORTIZ, 1994, p. 41).”

O ideal do branqueamento pregava que a superioridade da raça branca em alguns anos iria suprimir as características dos indígenas e negros, considerados inferiores e somava-se ao mito da democracia racial o ideal do branqueamento populacional, um dando suporte ao outro.

“(…) a crença principal entre os setores dominantes se baseava no pressuposto segundo o qual a superioridade branca, a redução e posterior desaparecimento do negro solucionariam o dilema racial no Brasil. Associado com tal crença e reforçando-a, a ideologia do branqueamento acreditava na homogeneização racial, ou seja, julgava possível eliminar as divisões raciais para construção ideológica do país como paraíso racial (SILVA, 2017, p. 40).”

Sendo eu nascido de uma relação inter-racial e tendo percebido o quanto isso impactou na formação da minha autoimagem, decidi incluir esse questionamento na oficina: *Quem ali seria fruto de um casamento ou relação inter-racial?*

Do total de participantes (10), 06 responderam afirmativamente a essa pergunta, sendo que uma delas, a Joselandia, afirmou que acabou sendo incentivada a repetir a história de sua mãe e também se casou com um homem branco. Joselandia fala sobre o seu casamento e apresenta uma fotografia desse dia. Apesar de fazer uma breve descrição do seu ex-marido, ele foi subtraído na fotografia apresentada por ela. Não quis mostrar, propositalmente, a foto inteira. Recortou e deixou apenas o seu rosto.



**Figura 24** Foto do dia do casamento

*“... esse processo da negação da minha cor da minha pele foi tão intenso assim, que até a questão de eu ter que casar com homem branco, comigo aconteceu. E eu casei muito cedo, aos 17 anos, casei com um homem e era “galego” assim, sabe. Alguns da minha família apoiavam, outros não. Mas, justamente a questão daqueles que não apoiavam era que não queria ver a filha dela sofrendo na mão de homem branco. Porque para minha avó por exemplo, que pegou um restinho ali do período escravocrata, para ela era fod\* essa relação do homem branco. Então ela não queria ver uma neta dela casando com homem branco, né? Mas as outras pessoas da família faziam a leitura de que eu me casando com homem branco era um meio de meus filhos não sofrerem com o racismo, né! Que quanto mais claro você é, mais a sociedade te abraça. E quanto mais retinto mais*

*acontece com nosso corpo o que tá acontecendo agora, né. Que passa ano e não muda.”*

Bárbara também viveu relações inter-raciais e, para ela, essas relações foram determinantes em sua vida. Em uma delas, recebia elogios aparentemente saudáveis que enfatizavam o fato de ter a pele menos retinta. Hoje percebe que além do abuso, sofria com o preconceito.

*“Eu vivi um relacionamento abusivo extremo. E toda a questão de não ter reconhecimento, não entender que eu era negra e que eu não era morena, não era parda... eu não tinha essa consciência ainda do que era ser negra. Eu não tinha essa consciência. Além de não ter consciência, eu convivia com toda aquela ideia de que se você se relacionasse com branco era o melhor, né? E aí, lá em São Paulo mesmo, termino o relacionamento que era abusivo, me envolvo com outra pessoa que é branca, descendente de italiano. E aí vem o relacionamento lindo camuflado de abusos, né? Eu era - para ele era lindo - a preta, né? A preta é muito linda para ele, com cabelo Black, com cabelo afro. O mais louco de tudo isso, assim: que eu não entendia no relacionamento, porque ele foi uma pessoa que me incentivou a me aceitar enquanto negra. Em soltar os meus cabelos, soltar os meus cachos. Em parar de alisar o meu cabelo. Ele falava: - É muito linda! A tua cor é muito linda! A tua pele é muito linda! O seu cabelo. Por que que você faz isso? Ele era alguém que me incentivava nesse sentido. Mas, eu nunca conheci a família. Tinha outras questões, mas eu nunca conheci a família dele.”*

As relações inter-raciais no Brasil acontecem desde a época da colonização. Neste tempo, ocorria principalmente como forma de estupro ou violência sexual cometidas pelo colonizador branco contra as nativas, assim como contra as mulheres negras escravizadas. A elite branca brasileira buscou inocentar os agressores e transformar a violência em convivência pacífica. Lembro-me aqui de quando fui surpreendido pela professora Shirley Miranda em minha entrevista durante o processo de seleção para o doutoramento, quando afirmei que a

minha bisavó era uma indígena e que fora capturada “a dente de cachorro”, “pega no laço”. Miranda, imediatamente me questionou:

- “*Então você é descendente de um estupro*”?

A pergunta foi desconcertante porque, até então, eu romantizava essa história. Contava com algum orgulho o fato de ter essa ancestralidade “selvagem”. Sem perceber, aceitava essa condição de violência imposta pelo colonizador como algo positivo.

É possível que esta minha interpretação ingênua da violência sexual sofrida por minha bisavó tenha sido forjada por um dos braços do mito da democracia racial no Brasil. Paradoxalmente, amparado a preceitos eugenistas e higienistas, a miscigenação no Brasil e as uniões inter-raciais tiveram a base desse mito construído por Gilberto Freyre (1933), em sua obra “Casa Grande e Senzala”. Para o autor, havia sempre consentimento nas relações inter-raciais e no seu imaginário, as mulheres violentadas pelos homens brancos sentiam até prazer nessas relações.

Grande parte dos casamentos inter-raciais no Brasil seguia uma lógica de eugenia e embranquecimento da população. Há, sem dúvida, uma contradição na raiz desta junção entre eugenia e mestiçagem, pois os preceitos ideológicos de ambos aspectos se encontram, embora não fosse nada que o racismo das elites brasileiras não desse um jeito e promovesse uma adaptação. Pseudociência, ideologia e preconceito se unem em torno do projeto de uma nação brasileira embranquecida. No início do século passado, metade da população brasileira era composta por negros e negras. A pobreza e a miséria eram predominantes nesta parcela da população, visto que era formada por ex-escravizados e seus descendentes. O paradoxo entre o mito da democracia racial e os preceitos eugenistas está na base da tese do projeto de “melhoramento racial” brasileiro.

“O Brasil foi um dos primeiros países da América do Sul a criar um movimento eugenista organizado. O termo já era citado em alguns artigos e pesquisas médicas no começo do século 20 mas sua consolidação aconteceu em 1918, com a fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo — que ganhou mais força ao longo da década de 1930, especialmente com a publicação do Boletim de Eugenia. A teoria casou muito bem com o pensamento abertamente racista de diversas esferas brasileiras que acreditavam que a mistura entre raças era algo prejudicial para a melhoria nação. Com o apoio de médicos, membros da classe média e da elite local, esse movimento pseudocientífico contribuiu para a ideia de que o povo brasileiro deveria “embranquecer”. A eugenia influenciou políticas sanitárias, além de inspirar leis anti-imigração de povos não-europeus e ajudar a formar o pensamento racista acerca da identidade de pessoas negras, pretas e indígenas

no país. A eugenia foi tão importante no Brasil que foi colocada no artigo 138 da Constituição de 1934 como um dos deveres da União, Estado e Municípios a estimular a "educação eugênica" entre jovens e adultos — envolvendo desde o incentivo de práticas de melhoria física, como a prática de esportes, até a defesa da exclusão social e segregação racial como meios para evitar "reproduções indesejadas (DECLERCQ, 2020)."

Ao final do século XVIII e durante as primeiras décadas do século XIX, a corrente eugênica brasileira tramitava de forma paralela com a corrente da miscigenação. Os eugenistas contavam com o apoio de parte da elite brasileira, intelectuais e celebridades da época, a exemplo do médico maranhense radicado na Bahia, Nina Rodrigues e do escritor paulista Monteiro Lobato. O primeiro esmerou-se em estudos que tentavam comprovar cientificamente a supremacia branca, a inferioridade e violência inata dos negros, enquanto o segundo é autor de diversas obras incentivadoras do tema, dentre elas o livro “O presidente Negro<sup>56</sup>”.

“Ao falar sobre os negros, Nina Rodrigues compara estes, já na fase adulta e com grau máximo de maturidade desenvolvida, a crianças, apontando que seriam igualmente instáveis e com níveis de desenvolvimento mental próximos. Além disso, outro fator que determinaria sua propensão a cometer atos criminosos estaria na violência herdada de forma hereditária: ”O negro crioulo conservou vivaz os instintos brutais do africano: é rixoso, violento nas suas impulsões sexuais, muito dado à embriaguez e esse fundo de caráter imprime o seu cunho na criminalidade colonial atual (RODRIGUES, 2011, p.49).”

Rodrigues (2011) aponta ainda que, apesar das tentativas ocorridas ao longo dos anos, a simples convivência com os brancos não teria sido capaz de civilizar o povo negro que apresentou melhora, mas não deixou de pertencer à sua raça, não sendo, portanto passível de ser submetido às mesmas condições sociais dos arianos.

“Tais características presentes nas raças selvagens puras são, de acordo com Rodrigues (2011, p.54), passadas quase que completamente para os mestiços que deles descendem. Os mestiços seriam então vistos como um “tipo mental sem valor”, uma vez que não conseguem se adaptar às condições de vida nem da raça dominante, nem da dominada. (RODRIGUES, Apud BOCCA, 2020, p. 21,22).”

---

<sup>56</sup> De acordo com, Rodrigo de Oliveira Ribeiro, em artigo publicado pelo portal GELEDES, em 12/12/2015, a fim de atingir o público norte-americano e de divulgar as ideias da eugenia no Brasil, Lobato lançou a obra *O Choque das Raças*, posteriormente renomeada para *O Presidente Negro*. Publicada em partes no jornal *A Manhã*, a história se passe no distante ano de 2228, quando nos Estados Unidos elegeriam o primeiro presidente da República negro, a elite branca levaria a cabo um plano para esterilizar todos os negros e extinguir a raça: tudo em prol da supremacia da raça ariana e a criação de uma Supercivilização ariana (com esse maiúsculo no original mesmo). Nesse livro, vemos o que o autor pensa da miscigenação ao apontar uma piora no caráter de quem é miscigenado, o que consubstancia uma generalização ofensiva a todo um grupo social (se não a toda a humanidade mesmo), representado pelos miscigenados.

Eugenia é um termo que veio do grego e significa “bem-nascido”. A antropóloga social Lilia Schwartz (2017) relatou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, através de uma tese orientada por Miguel Couto – autor de diversos livros sobre educação e saúde pública no país - que a eugenia chegou oficialmente ao Brasil em 1914.

De forma implícita, atravessada pelo racismo fundante e estruturante de nossa sociedade, parte da família de Joselandia apoiava seu casamento com um homem branco em uma perspectiva de melhora de vida em vários sentidos, mas, principalmente, nas questões sociais. Para uma mulher negra, casar-se com um homem branco dava a ela a possibilidade de não ter filhos tão negros quanto ela. Tendo uma “barriga boa”, esses filhos certamente seriam brancos ou quase brancos.

Os filhos dessas relações são muitas vezes impactados pelas exigências familiares, tanto de um lado, quanto do outro. O depoimento de Juliana deixa isso explícito:

*“Eu vim de uma família que a minha mãe é branca. A família toda da minha mãe é branca. E família toda do meu pai é preta. Eu sofri muito quando eu era criança. Minhas tias falavam:*

*- Alisa o cabelo dela. Olha pra você ver como é o cabelo dela. Todo quebrado!*

*Aí olhavam pra mim e falavam assim:*

*Ah! Por que que não coloca Juliana pra cuidar da filha de tal pessoa?*

*E por que a minha prima podia ir pra escola? Ela não podia trabalhar.*

*Agora eu, podia trabalhar.”*

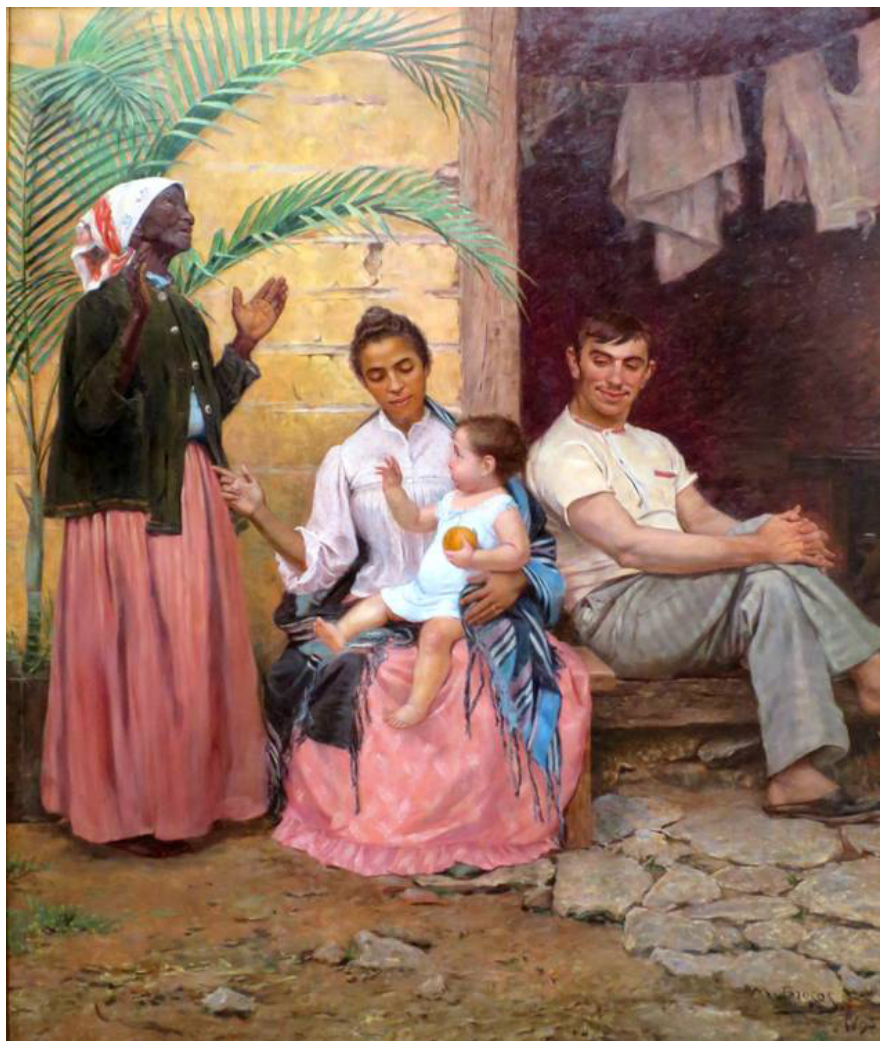
Ao falar do casamento de seu pai e sua mãe, Jonathan nos revela uma história que ainda é comum para filhos e filhas de casais inter-raciais. Ele nos contou como foi a reação da sua família ao nascimento de seu irmão e ao seu:

*“Lá em casa a gente passa por uma situação mais ou menos assim: a minha família por parte de pai é totalmente negra. São candomblecistas, todo mundo muito negro. E a família da minha mãe, já é diferente. Se você olhar a minha mãe é branca, com traços de gente branca, e a família dela é toda desse jeito. Se não me engano acho que só tenho um tio que você olha e diz: olha ele puxou meu avô. Então ele é negro. Toda a minha família por parte de pai (...) eles sempre se relacionaram com gente negra*

*e eram todos muito negros. Então, quando o meu pai se casou com a minha mãe e o meu irmão nasceu branco, eles festejaram. A família da minha mãe festejou por ele nascer branco, pois eles não queriam que o meu irmão nascesse preto. Até que eu nasci. Quando eu nasci, eles ficaram tudo...”*

A não palavra nesse momento diz muito. Enquanto fez silêncio, Jonathan torceu a boca fazendo um “bico”, demonstrando como aquela família se decepcionou ao perceber que uma criança negra acabara de nascer em seu seio. Outro ponto a se observar é que certamente ele soube dessa história por terceiros, visto que seu irmão nasceu anos antes. Alguém, em algum momento de sua vida, lhe contou sobre esse evento familiar.

O depoimento de Jonathan a respeito do nascimento de seu irmão e do seu próprio nascimento nos remete ao quadro “A Redenção de Cam” (1895), do pintor espanhol Modesto Brocos, que retrata o que boa parte da intelectualidade do final do século XIX/início do século XX defendia: a teoria do embranquecimento ou branqueamento. Para os intelectuais da época, o negro representava o atraso, o passado, a ignorância. Essa teoria propunha como solução para esse suposto problema misturar a população negra com a branca, incluindo os imigrantes europeus, geração por geração, até mudar o perfil “racial” do país, de negro a branco.



**Figura 25.** Óleo sobre tela - A Redenção de Cam, de Modesto Brocos (1852-1936).

Ainda hoje é comum percebermos essa alegria ou esse luto ao nascer uma criança filha de uma relação inter-racial. A expectativa de que venha alguém mais “branquinho” ainda replica esse pensamento implantado na sociedade brasileira desde o final do século XIX. Na Figura 22 podemos perceber a materialização do pensamento racista da época, um retrato fiel daquilo que denominamos mito racial brasileiro. Na enciclopédia Itaú Cultural (2021), encontramos a seguinte descrição para a obra:

“A cena (...), quase fotográfica, destaca três gerações distintas. No campo esquerdo, vê-se uma mulher negra mais velha, com as mãos erguidas para o céu em agradecimento. No centro, uma mulher negra mais jovem, que tem sobre os joelhos o filho quase branco. Este, por sua vez, olha para a avó - e para a sua origem - com simpático interesse. (...) A metade direita da pintura (segmentada em duas partes quase idênticas por uma linha vertical central formada pelo batente de madeira, pela criança que está no meio das atenções e se prolonga na delicada franja do xale materno) é ocupada por um homem



branco que observa satisfeito, com um pequeno desvio de torso, aquele que provavelmente é seu filho. A brancura de sua tez é reforçada por ele estar diante de um vão de porta e ter, ao fundo, uma sombreada imagem de interior.”

O homem branco, nesse caso, o redentor, não parece fazer parte da família. Aparece ali apenas como um salvador, alguém com um olhar de superioridade, que sorri, regozijando-se de sua própria caridade.

Na sequência de sua fala, Jonathan conta que o seu nascimento, além de ter provocado uma decepção nos parentes da sua mãe, incitou uma disputa entre as famílias paterna e materna. Segundo ele, toda a linhagem de seu pai é formada por negros candomblecistas ou umbandistas que fazem questão de se auto afirmarem enquanto negros, além de terem sempre procurado se casar com pessoas negras. Ao perceberem que o segundo filho viera com as características do pai, comemoraram:

*“Aí a família do meu pai começou a festejar, porque eles começaram como se fosse um combate. Porque a família da minha mãe começou a festejar que meu irmão nasceu branco. Aí, já achou que o segundo filho ia ser branco e o terceiro ia ser branco. Veio eu, e depois veio a minha irmã.”*

Jonathan, ao descrever essa disputa familiar em torno da imagem corporal dessas crianças, valorizando uma em detrimento da outra, nos situa dentro da herança deixada pelo mito da democracia racial no Brasil. Revela que não foi, ou melhor, não tem sido um processo pacífico e amoroso. Demonstra que o ideal *freyriano* da mestiçagem cordial e dócil esbarra na “indispensabilidade” do branqueamento esperado das uniões inter-raciais que tem atravessado gerações e ainda oprime e regula corpos de meninos e meninas. Tudo isso dentro de uma lógica racista que tenta inferiorizar as pessoas negras.

A pigmentocracia, também conhecido como colorismo, conceituado Walker (1982) como uma das faces do racismo na qual sujeitos com diferentes tons de pele são tratados de acordo com os sentidos sociais que revestem seus grupos étnicos, ainda é corriqueiro em nossos dias. Diversas vezes o colorismo contribui para que a gente faça uma confusão, sem saber direito se a gente é negro ou não. Começa lá no nascimento, quando colocam em nossa certidão de nascimento o termo “pardo”. Cresce com a gente quando nos chamam de moreno (a), mulato (a), mais moreninho (a) ou menos moreninho (a). A adjetivação é infinita e por trás dela está o racismo.

Nesse sentido, penso que seja importante destacar um momento da fala de Gabriela, para que se tenha, na prática, um entendimento de como o colorismo age e funciona:

*“É isso, gente. O corpo da gente tá falando, a todo momento. A autoafirmação, se aceitar nos espaços, se reconhecer. E para mim, me reconhecer enquanto negra, deixar que o meu corpo fale enquanto mulher negra, é muito difícil também, né? E eu não tô falando aqui no sentido, difícil de sofrer muito racismo, não. Porque eu sei que eu não sofro em questão de quantidade o mesmo racismo que Land sofre. Porque embora eu tenha fenótipo negro, minha pele, a cor da minha pele não é negra. E esse é um fator determinante. A cor da minha pele não é escura. E esse é um fator determinante para que o racismo exista na sociedade. E esse eu acho que é o maior fator, né? E assim: A leitura corporal que as pessoas fazem de mim, a leitura de ser humano que as pessoas fazem de mim, não é a mesma leitura que as pessoas fazem de uma menina como Taisnara, da minha sala. Embora a gente tenha a mesma cor de pele. A leitura que as pessoas fazem de mim, não é mesma leitura que as pessoas fazem de Cláudia<sup>57</sup>. Embora a gente tenha a mesma cor de pele, né? E assim... isso tá pautado no racismo. Isso é racismo”.*

#### **4.4 Infância e adolescência, família e escola: Ser, e ser aceito. Quanta inquietude!**

A relação corpo, corporeidade e escola é intrínseca e duradoura. Durante o ensino fundamental e médio a minha relação com o meu corpo foi uma e na universidade foi diferente. Minha imagem corporal durante a minha adolescência era distorcida da minha realidade. Não conseguia ver de fato como meu corpo era: minha pele, meu tronco, minhas pernas meu cabelo... eu imaginava uma coisa e era outra. Eu me via de um jeito e eu era de outro jeito.

Eu tinha o cabelo crespo e achava que era liso ou que pelo menos poderia parecer liso; tinha as pernas longas e afinadas e as imaginava musculosas e robustas; era magérrimo, mas, no banho, ao ver minha sombra refletida no chão, via um tronco fortificado e musculoso, com um vasto peitoral; não tinha noção da minha cor de pele e não percebia o racismo que me cercava, que ia desde de piadas de mau gosto até a exclusão ou inclusão em determinadas

---

<sup>57</sup> Taisnara e Cláudia são duas colegas de curso de Gabriela. Taisnara é uma jovem negra retinta, já Cláudia é loira de olhos claros. Gabriela tem a mesma cor de pele de Cláudia, no entanto apresenta traços característicos da raça negra: Lábios grossos, nariz arredondado e cabelo crespo.

classificações ou desqualificações.

Recordo-me quando eu fazia a oitava série e uma professora resolveu perguntar a cada aluno da turma qual a profissão que ele ou ela seguiria no futuro. Eu estudava na melhor escola pública da região e estava na “Turma A”. Fazia parte daquele grupo seletivo de alunos, em sua grande parte, filhos das famílias mais abastadas da cidade e naturalmente brancas em sua maioria. A pergunta foi dirigida a praticamente todos os alunos da sala. No entanto, alguns poucos ficaram de fora, inclusive eu. Certamente, no imaginário daquela senhora, o nosso futuro já estaria selado: meu pai era marceneiro, certamente eu seria marceneiro; o pai de um outro era agricultor analfabeto, certamente ele trabalharia na roça também. Quanto aos filhos dos médicos, políticos e comerciantes, desejar ser médico, engenheiro ou advogado era realmente algo que despertaria interesse e curiosidade.

Apenas uma participante desse estudo teve uma experiência escolar em escola particular. Letícia declarou que sempre estudou em escola particular, exceto nas duas últimas unidades do 3º ano do ensino médio, quando concluiu no Colégio Modelo do mesmo município onde morava. Ela não revelou o porquê de ter acontecido isso.

Os demais participantes declararam terem estudado todo o ensino fundamental e médio em escolas e colégios públicos. Algumas experiências vividas no período escolar foram narradas por praticamente todos os participantes revelando como os seus corpos eram vistos e como isso impactou seus mapas corporais.

No avançar da conversa fomos “mapeando” nossos corpos a partir de nossas lembranças boas e ruins. A infância e adolescência são fases de profundas modificações em nossos corpos. Mudanças fisiológicas que naturalmente interferem nas questões emocionais e sociais. Tudo muda: peso, estatura, cabelo, pelos, voz, libido, preocupações, paixões, complexos... tudo junto numa mesma embalagem e para a menina e o menino negro ainda tem o racismo. Caso seja homossexual, acrescenta a homofobia. Caso seja pobre e periférico, adiciona os riscos sociais. Nesse grupo de estudo, encontramos todos esses ingredientes.

Ao falarem de suas infâncias e adolescências e associarem as vivências dessa época à construção de seus mapas corpóreos, ficou explícito em todas as falas o quanto esse período foi impactante e, em alguns casos, traumatizante. Houve relatos de não aceitação da própria imagem corporal por si, pela família e pela comunidade e até mesmo de abusos sexuais. Do sofrimento causado pelo alisamento utilizando produtos químicos e ferro quente até ter que

reprimir sua sexualidade. Da desvalorização de sua estética negra em detrimento da ditadura do padrão de beleza branco, até os limites da depressão e da vergonha do próprio corpo.

Bárbara:

*“Eu sou nascida em Carinhanha, mas fui pra São Paulo com 5 anos de idade. Então a minha vida, minha criação, ela foi toda em São Paulo. E aqui na Bahia, estou há mais ou menos 03 anos. Fui criada em um bairro periférico de São Paulo, convivendo com todas as mazelas do negligenciamento do estado, entre eles o crime organizado enquanto representação do estado dentro das periferias, e quando eu... Em São Paulo eu comecei a trabalhar com 14 anos de idade, né? Trabalhando cuidando de criança, pra ajudar a minha mãe, porque aos 14 anos eu perdi o meu irmão. Ele era quem mantinha a casa junto com outro meu irmão. Então tipo, quando a gente perdeu ele, acabou que dando uma desestruturada na minha família. Minha mãe começou a beber muito. Meu irmão começou a usar alguns tipos de drogas. Era a forma que eles conseguiram de encontrar uma válvula de escape. E eu me vi dentro desse... desse lugar, vendo minha mãe se acabar na bebida, vendo meu irmão começando a ir para as drogas, e eu sozinha nesse espaço. E foi um momento muito difícil para mim, porque além disso tinha toda a questão de uma estrutura, né, da sociedade, de você precisar de um quadrado dentro de uma sociedade.”*

Gabriela:

*“Quando eu estudava (no ensino médio) nenhum menino se interessava por mim, mas se interessava por todas as minhas amigas. (Fala isso chorando muito) Era porque eles sabiam que a minha imagem corporal não era bacana. Que a minha forma de existir na sociedade não era bonita. Não era esteticamente bonita. E não é só porque eu sou branca, que eu vou ser queixada<sup>58</sup>, né? Que eu tenho a pele branca, que eu vou ser queixada, não que eu seja branca. Porque eu não vou ser queixada pelos boys. E se for, o interesse a gente sabe, né? Quando os homens, a*

---

<sup>58</sup> Termo utilizado por alguns jovens baianos para definir o ato de ter recebido um pedido de namoro ou como se diz popularmente receber uma cantada. - “Vou queixar aquela garota”. – Vou pedi-la em namoro.

*maioria dos homens se interessam pela a gente, a gente sabe qual é o interesse: É sexo. O corpo da gente é sexualizado, é objetificado o tempo todo.”*

Jonathan:

*“Quando minha irmã nasceu de cor clara, e eu nasci de cor escura, os meus pais tentavam fazer as vontades da família e deixar a gente vestidos iguais: cabelos iguais, indo para as mesmas escolas, frequentar os mesmos lugares, para ter as mesmas linhas de amigos... então eu não tinha condições de ter uma identidade, sendo que meus pais queriam que a minha identidade fosse igual a do meu irmão (referindo-se ao irmão mais velho que nasceu a pele clara). Isso perpassou por toda a minha infância. O meu Ensino Fundamental 01, Fundamental 02, quem olhar, fala que eu e meu irmão éramos irmãos gêmeos. Porque a gente sempre vestiu igual. A gente sempre ia para o mesmo lugar, sempre os mesmos amigos, sempre os mesmos gostos... E chega um ponto, no meu ensino fundamental 02, que o meu irmão perde de ano, então a gente já não estuda mais junto. Foi o momento que eu pude dar um passo à frente e saber, que não! Que agora eu posso criar e eu posso ser quem eu sou, da forma que eu quero ser. Foi aí que eu comecei a deixar meu cabelo crescer de verdade.*

- Quantos anos você tinha? (Perguntei)

*14 anos!*

*E meu cabelo começou a crescer de verdade. Eu comecei a deixar... e isso começa a mudar tudo dentro de casa. Minha mãe começa a brigar com o meu pai, porque a minha mãe gosta e o meu pai não. E era o meu pai querendo cortar o meu cabelo e a minha mãe brigando com ele para não. Porque eu já tinha uma certa consciência do que eu queria. Eu queria manter o meu cabelo. Manter o meu estilo. E foi sempre assim. Chegando no ensino médio, eu fui diretamente para uma sala, aonde totalmente era na sua grande maioria, de gente branca. E de gente branca padronizada. Então eu sofria muito racismo, bullying e homofobia dentro da sala. Então, o que que eu tinha como válvula de defesa?*

*Vai eu me embranquecer também. Cortei o meu cabelo. Fiz aquele cortezinho social, que a gente corta aqui, dá uma alisada aqui em cima, pra ficar o cabelinho na régua. Pra poder ser aceito. Isso é o que acredito, que a maioria das pessoas que estudavam na escola que eu estudava, fazia. Porque a gente não tinha essa escolha da identidade própria. Passando disso eu terminei o ensino médio e graças a Deus, eu entrei na UNEB.”*

Joselandia:

*“Eu sou Joselandia Alves, eu venho de uma zona rural chamada Fazenda Santa Maria, que pertence a Lagoa Real. Esse meu processo de, de ... E a gente sabe que a gente cresce com a sociedade dizendo sempre que você tem que “clarear e tudo mais”. Esse processo de clareamento e de não aceitação da sua identidade, pra mim por exemplo, partiu desde o ir pra escola. Eu ia para escola na cidade no período matutino, onde os meninos da cidade estudavam. A maioria dos meninos da cidade tinha a questão sócio e financeira, né. Hoje eu faço essa leitura - onde o capital influencia - e a questão da tonalidade de pele. A maioria dos alunos que estudaram nesse horário eram brancos. Os meninos que estudavam lá a tarde ou a noite que eram da tez da pele próximo a minha, mas como eu ia estudar a pé, eu estudava com esses meninos e isso também era uma influência a mais para dizer que eu tinha que estar tentando clarear. Até meus 11, 12 anos de idade eu fazia de tudo: minha mãe alisava, né! Com pente. Com pente de ferro... Ali, era um castigo!*

*-Queimava a pele! (Queila fala ao fundo)*

*Mas era só em ocasiões pontuais: Vai numa festa, vai na missa, eu vou fazer isso. Depois dos meus 11 anos, 12 anos de idade, vieram as tranças. E aí eu colocava essas tranças no cabelo. Essa era uma trança que não é uma trança igual a que Letícia tá usando ali bonitinha, maravilhosa! É uma trança pra esconder o cabelo. Que era o mais próximo do cabelo liso. Por exemplo: meu cabelo crespo não tem movimento, mas o cabelo com trança já tinha um movimento. Então ali era uma maneira de eu estar mais próximo do padrão que era imposto. Eu não conseguia alisar o cabelo porque minha mãe não tinha condição financeira para, mas eu conseguia*

*colocar uma trança. Então eu fiquei presa a trança dos meus 12 anos de idade até a minha entrada na universidade. Então foi até a minha vinda pra Universidade com o meu cabelo assim.”*

Juliana:

*“Falando de corpo aí... eu, aos 15 anos eu comecei a desfilar. E acontecia de eu ir para algumas lojas, me chamavam. Tinha um produtor, ele me chamava pra gente ir fazer as fotos ou desfilar. E aí, já aconteceu várias vezes de eu entrar em uma loja e tá lá o meu cabide, e aí chegar a dona da loja e falar bem assim:*

*- Ela não vai desfilar. Não tem roupa que serve pra ela.*

*Infelizmente, como ela que estava pagando para o meu produtor, ele falava bem assim:*

*- Jú, infelizmente eu não vou poder... você não vai poder fazer esse desfile. E aí eu voltava pra casa frustrada. Eu chorava. Eu falava: gente como pode ser uma coisa dessas? Eu não sirvo pra usar uma roupa de marca. Eu não posso usar uma sandália da Carmen Steffens<sup>59</sup>. Eu não posso usar um vestido da Lança Perfume<sup>60</sup>. E aí eu voltava frustrada. Agora que passou um tempo, eu voltei a ser chamada a fazer desfiles, a me apresentar, a fazer fotos. Gente! Eu sofri muito com essa pressão durante a minha adolescência. Meu corpo negro não poder estar presente na moda.”*

Karina:

*“Até antes da UNEB, eu falava que eu era uma mulata com orgulho, né? Porque eu achava que eu tinha representatividade. Antes de 10 anos de idade, minha mãe sempre mantinha meu cabelo cacheadinho, se fosse solto, cacheadinho com gel. Gel e creme. E as escolas lá - eu sou paulista de São Caetano do Sul - e lá em São Paulo elas não permitiam o cabelo solto. Não permitiam de jeito nenhum! E se eu quisesse ter o cabelo solto,*

---

<sup>59</sup> Rede de bolsas e sapatos de grife, a Carmen Steffens que tem 505 lojas, sendo 45 delas espalhadas em grandes cidades de 18 países (a lista inclui Paris, Hollywood, Las Vegas, Orlando, Marbella, na Espanha, e Perth, na Austrália).

<sup>60</sup> Marca de roupas, especializada em moda feminina que possui uma franquia de lojas espalhadas por todo o Brasil.

*meu cabelo tinha que tá trançado. E eu não tinha muita convivência com as crianças. Por que? Porque quando meu cabelo tava trançadinho, bonitinho com a chiquinha nas pontas, as professoras gostavam. Achavam bonito. Falavam que eu estava arrumada, né? Então eu sempre tive contato mais com as pessoas adultas do que com as próprias crianças. Porque um dia eu resolvi na escola, eu tinha 10 anos de idade, eu falei assim: Não! Hoje eu vou com meu cabelo solto do jeito que ele é. Porque eu tenho até uma foto aqui do meu cabelo molhado e a gente só tirava foto com cabelo molhado ou duro de gel, né? Eu falei assim: Não! Eu vou com o meu cabelo do jeito que ele é. Se ele ficar do jeito que tá, eu vou. Tá bom. E aí chegou lá na escola e um menino falou assim:*

*- Nossa! Hoje você tá parecendo a Globeleza!*

*Eu acho a Globeleza maravilhosa! Linda, maravilhosa! Mas eu não quero ter, eu não queria ser a representatividade da Globeleza. Aí eu voltei para casa e nunca mais soltei o cabelo, né? E nos 12 anos de idade eu alisei meu cabelo e fiquei até na UNEB.... Só que a questão de assumir o meu peito, eu falo que eu assumi com uma pessoa branca. Eu não assumi como referência das pessoas negras. Na minha família sempre teve pessoas com seios fartos, né? E aí, eu vim assumir o meu peito com Gisele Bündchen. Quando apareceu aquele furacão porque ela era magra, dos seios grandes. Tanto que hoje ainda me pego assim, de vez em quando, né. (Karina curva o tronco jogando os ombros para a frente, numa postura comum em adolescentes que se envergonha dos seios). Mas aí eu venho e venho com a postura por conta de Gisele Bündchen. Não foi por conta de uma representatividade negra. E tem a segunda parte que eu descobri o meu cabelo na UNEB e não foi ali.”*

Keila:

*“Quando eu fui pra escola... eu nunca estudei nas escolas dos bairros de onde eu moro. Minha mãe sempre quis me colocar pra estudar nos bairros do centro. E aí, desde pequena eu já sofria aquilo de ferro quente no*



*cabelo, da Guanidina<sup>61</sup> ardendo o olho, do bolo de cabelo caindo na pia... (não consegue conter o choro) Eu acho que eu não consigo falar agora! (Sussurrou, tomou ar e continuou.)*

*Então, sempre foi assim: quando não era o pente, era a prancha, puxando aqui o olho. A testa subia aqui... E era sempre aquilo pra ir pra escola.*

*Minha mãe sempre fez de tudo. Sempre trabalhou na limpeza. Limpando banheiro, fazendo comida, limpando cozinha em casa de família, lavando roupa. Tudo pra me ver estudando. Ela fala que quando eu nasci, vó sugeriu me dar, né? Porque uma mãe solteira, como é que iria criar? Quando a escola começou a exigir o nome do pai na certidão – não podia ter mais só o nome da mãe, tinha que ter o nome do pai – com 13 anos eu tive que fazer o teste do DNA. Minha avó paterna exigiu que minha mãe fizesse para provar que eu era filha dele. Até hoje, eu não sei... eu carrego muito isso comigo. Tem gente que prefere falar que é porque eu sou rancorosa, escorpiana. Mas eu lembro, isso é muito forte na minha infância. Eu não gosto de falar quem é a minha avó, não gosto de falar quem é o meu pai. É só uma pessoa lá, que que por um acaso, eu tenho o sangue, né? Mas aí com 13 anos eu tive que fazer o teste de DNA para provar que eu era filha, porque por eu ter os traços mais finos e eu andar sempre, desde pequena, com cabelo alisado, eu era branca. Então eu fiz esse teste, porque começou a pedir nas escolas o documento.”*

Letícia:

*“Durante toda a minha vida eu sempre fui assim de querer estar na academia, malhando, em busca do corpo perfeito, aquele corpo fitness, né? Aquele corpo, porque eu não me via em outra situação. É aquela coisa que Nina, disse: “A pessoa vê primeiro nossa bunda, nosso corpo”. A pessoa vê primeiro isso, né? E era o que eu tinha. Era o meu corpo. O que eu tinha era o meu corpo! Então qual era a maioria de possibilidades de trabalho para mim? Era o corpo! Tanto é, que quando eu comecei a*

---

<sup>61</sup> As guanidinas são uma espécie de substâncias puras cristalinas muito alcalinas, formadas a partir da oxidação da guanina. Se encontram de maneira natural na urina como um produto normal do metabolismo das proteínas. Não devem ser confundidas com a guanosina, uma das bases que formam o ADN.

*trabalhar, meu primeiro emprego foi com dança. Não só porque eu queria, mas é porque é o que era determinado para o corpo negro. Eram atividades culturais. Atividades corporais. Era o corpo que era a Globeleza. O corpo que sabe sambar. É o corpo que sabe dançar. Tá no sangue, tá na pele, tá na cor. É peito, é bunda... é como se tivesse preso no meu corpo a cultura, a dança, o samba... como se estivesse preso em mim. E não tá preso em mim. Eu aprendi isso ao longo da minha trajetória. E aí a necessidade, né? De ser filha de mãe solteira. De ter todas essas dificuldades que toda mulher preta tem. E eu não quero romantizar e nem assim emocionar demais enquanto a isso, né? Mas, por uma questão de terapia... após eu começar a trabalhar com dança, o lugar que eu tinha para poder receber dinheiro era trabalhar dançando com banda. Então o meu corpo esteve alienado em cima de muitos palcos. Dancei já em vários lugares. Dança em cima de caminhão e tinha alunas minhas que as vezes olhava fotos e falava:*

*“Ah, professora, meu sonho é isso”!*

*E hoje, tipo assim, com a consciência que eu tenho eu digo: Pô, velho! Não é isso! Não é esse o caminho. E aí assim: Me submeti a muitas coisas que era o que estava direcionado para o meu corpo negro, né? Estava direcionado ao meu corpo negro dançar. Ser exposta de forma ultra sexualizada. Era onde eu me via sendo representada e onde eu achava que deveria estar. Débora Brasil<sup>62</sup> e a Globeleza.*

*Nina interfere contribuindo:*

*- Além do que, a gente ainda vê nas novelas que a empregada era negra e ela era usada pelo patrão. Que muitas vezes tinha um filho com o patrão e o patrão não assumia o filho. Então a gente sempre se via nesses locais: de dançarina, de exposição do corpo, da doméstica... a gente não se via nos lugares que a gente poderia olhar e andar mais confortável.*

*É, justamente! (Assentiu Leticia e continuou)*

---

<sup>62</sup> Débora Brasil era dançarina do grupo de pagode baiano, “É o Tchan”, na década de noventa.

*E aí foi quando eu comecei a dançar em banda. E logo que comecei a dançar em banda, e trabalhar em academia, ainda sem ser formada em educação física, um cara que também é egresso daqui falou:*

*“Lety, vá para a universidade. Na Universidade você vai ver. Vai ser bom para você, e tal”. Aí eu fiz o vestibular para UNEB daqui de Guanambi.”*

Queila:

*“Meu nome é Queila, eu sou de Mutans. Eu vou partir do que você falou da questão da sexualidade.*

*(Fala apontando para Karina)*

*Que me pegou muito quando você começou a falar, porque eu também fui abu ... (Queila interrompe por uns instantes sua pois começou a chorar, não conseguindo terminar a palavra “abusada”.) Sabe? Durante muito tempo isso me impediu de ter relações com as pessoas. De me relacionar, de encostar em alguém, sabe? Isso me impediu muito. Durante muito tempo essa situação me impediu de eu assumir quem eu era. Me levou para caminhos assim, que eu me submetia a diversas violações. Em que eu passei por situações que eu não deveria ter passado. Porque eu não conseguia entender que aquilo não era minha culpa. E que eu colocava a culpa toda em mim, que era minha culpa e que eu escutei da minha própria família, que a culpa era minha. Que eu tinha feito aquilo. Que eu tinha feito alguma coisa para merecer aquilo. Então isso me impediu muito de conseguir me afirmar enquanto uma mulher negra, lésbica, dentro da sociedade. Principalmente da nossa sociedade. Então quando eu entrei na universidade, que aí para mim foi outra, outra situação, assim... Eu tinha entrado em transição. Eu entrei na transição em 2014, sem nem saber o que era transição, sem nem saber o que eu tava fazendo da vida. Eu só virei para minha mãe e falei: Eu quero parar de alisar o meu cabelo.*

*E ela falou: “Tá bom! Pode parar”! E aí eu parei de alisar o meu cabelo. Não sabia o quê que fazia; não sabia como é que cuidava do cabelo; não sabia de nada.*

*(...)*

*Quando eu parei de alisar meu cabelo - eu sou a primeira na minha cidade a parar de alisar o meu cabelo - então eu sofri muito. Eu era xingada na rua. E aí quando eu me assumi lésbica, aí era pior ainda, sabe? As pessoas me xingavam de “macaca”, eu escutei tanta coisa... Crianças! Crianças paravam na rua e falavam que meu cabelo era feio, meu cabelo era sujo. Eu tive que passar por tudo isso! Aqui dentro foi o local que eu me senti... que eu tive força pra poder me impor. (...)*

*Depois de ter parado de alisar o cabelo e tudo mais, minha mãe parou de alisar o cabelo. Minha irmã... minha irmã... minha irmã virava pra mim, quando eu era mais nova... isso dói tanto! Que minha irmã, ela é mais escura que eu. E os traços dela são mais acentuados que os meus, ainda. E ela virava pra mim e falava que eu era quase branca. Que eu era morena... quase arranca meu coração fora. Que eu era morena e que eu era muito bonita. E as pessoas – eu coloquei até no meu projeto de TCC – que quando eu era criança, eu era a salvação da família. Porque na minha família eu sou a que tem os traços mais finos, sabe? Até o meu cabelo. O meu cabelo. Cachos do meu cabelo, assim. O meu e o da minha mãe. Mas na minha família, dos meus irmãos, tudo, eu sou a que tem os traços mais finos. Então, eu cresci escutando que eu era a salvação da família, porque o meu nariz era o mais pequeno, que a minha boca era mais fina e o que ...*

Letícia interrompe:

*- E olha que você tem traços negroides bem fortes!*

*Pois é! Justamente! E aí eu alisava o meu cabelo e eu vivia de toquinha no cabelo. As minhas amigas, até hoje elas falam assim comigo: como eu mudei.”*

Nina:

*“(...). Então a minha mãe, eu com 12 anos de idade, foi morar no MST. Eu tinha raiva, eu tinha ódio do MST. Eu não tinha mãe dentro de casa. Não tinha! Em nenhum momento, eu tinha minha mãe dentro de casa. Eu tinha que cozinhar. Chegava da escola, eu tinha que cozinhar para o meu pai, para os meus irmãos, que iam trabalhar, que eram mais velhos que eu...*

*Eu tinha dois sobrinhos, que eram filhos do meu irmão. Eu tinha que cuidar deles. Então eu não tive isso de escola, de educação, sabe? De curso. Eu até brigava com minha irmã. Eu morria de ciúmes da minha irmã. Porque eu falava assim: Minha irmã tem tudo. Por que que eu não tenho? E aí minha mãe foi indo. Foi labutando com o MST... labutando com o MST... eu passei a gostar do MST na primeira caminhada que teve. De Camaçari a Salvador. Eu fui. Minha mãe não podia ir e eu fui. Foi ali que eu vi que o MST é tudo para mim, sabe? Tipo assim: Eu andei mais de 27 km. Todo dia de manhã a gente acordava e andava 9 km. Todo dia de manhã acordava e andava 9 quilômetros. Pra reivindicar a Reforma Agrária. Para reivindicar, muitas vezes, o assentamento que não tinha escola. Que não tinha casa. Que o pessoal tava debaixo da lona e já tinha mais de 20 anos debaixo da lona, sabe? E aí eu comecei a admirar o MST. Perguntei:*

*Foi quando isso?*

*Foi em 2013. Foi a maior luta que teve. Foi em 2013. Que reuniu todos os movimentos sociais da Bahia. Todo mundo tava reivindicando. Governo Lula. E aí, eu falei: Velho, eu tenho que ir pra lá. A maior reivindicação do MST foi em 2013, no Governo Lula. Que era para quem a gente poderia se acomodar e falar: Não! Ele é nosso, então a gente vai se acomodar. Não! A gente estava nas ruas. Eu ficava pensando: minha mãe lutou tanto pra que a gente... lutou tanto sozinha! Porque meu é alcoólatra. Até hoje! Meu pai é fraco. Eu cuido do meu pai. Quando eu chego em casa - tem 6 meses que meu pai não bebe - às vezes meu pai tá lá falando... eu fui fazer uma cirurgia do coração e meu pai não sabia. Não sabia nem que eu tinha ido fazer a cirurgia do coração. Minha mãe ligou e falou bem assim:*

*- “Você sabe que eu tô aqui com sua filha fazendo uma cirurgia do coração”?*

*Meu pai falou:*

*- “Vocês foi que dia”? Sabe? De não saber nada, nada!? Nada do que se passa em casa! E eu tenho o maior orgulho da minha mãe, porque minha mãe sempre falou assim:*

- “Ó: O primeiro macho da mulher é os estudos! Não pensa que homem vai te dar tudo, não”!

*Minha mãe sempre falava isso pra mim.*

(Entre lágrimas, Nina tenta falar um pouco como tem construído sua corporeidade.)

*E aí passou, passou, passou... no Ensino Médio eu sofri muito bullying. Eu não sofri tanto no Ensino Fundamental, como eu sofri no Ensino Médio. Porque eu queria me identificar com aquelas meninas, sabe? Eu vi os colegas meus do Ensino Fundamental que foi para o Ensino Médio olhar para mim... eu criar peito, criar bunda... e olhar para mim como um símbolo sexual. Que era só isso que eu era para eles. E tipo assim: Eu não ficava com ninguém. Eu não era aquela menina que se reprimia dentro da sala de aula. Eu estudava pra c\*\*\*\*\*! O sonho da minha mãe era eu passar em medicina. Então eu queria fazer de tudo para dar orgulho a minha mãe. Porque o que ela fez por mim? Eu tive depressão com 12 anos de idade. Eu tive numa situação que eu nunca imaginei, com 12 anos de idade, sabe? Eu passei por coisas que eu não identificava como eu ser negra. Eu, no Ensino Médio, eu e alisava o cabelo e ia para escola toda alisada. Colocava salto. Colocava aquela calça jeans colada, que era para marcar o corpo, sabe? De dizer assim: pelo menos assim, as pessoas vão me ver. As pessoas vão dizer: “Olha, ela é bonita!”*

Letícia faz uma intervenção:

*- E é a única forma que a mulher negra é vista, né? Sexualizada!*

Nina retoma:

*E eu me lembro que no último ano que eu ia sair do Ensino Médio, um menino virou: (Eu tava toda me achando, né?) “Você tá parecendo uma travesti! “Eu tava com cabelo liso. Eu tava toda no padrão que a sociedade queria. Porque a sociedade me expulsava, sabe? Eu não entendi aquilo! Porque eu tava no padrão que eles queriam! Eu tava com cabelo liso! Eu tava toda no padrão. Por que eles me expulsavam? E aí foi onde eu falei assim: Eu não quero mais isso para minha vida.*

*Gente! Procedimento de alisamento, eu já caí a frente do cabelo todinha, sabe? De procedimento de alisamento. De procedimento de querer embranquecer.”*

Durante os depoimentos, inevitavelmente alguns participantes foram tomados pela emoção e choraram, interrompendo suas falas por alguns instantes. O grupo e o pesquisador compreendiam e aguardavam até que houvesse uma retomada da narrativa. Havia uma compreensão de que era necessário paciência e empatia.

A vida escolar de uma criança e adolescente negra(o) é repleta de desafios que dificilmente são percebidos na trajetória de seus congêneres brancos. A autora Gomes (2011) nos chama a atenção para o fato de que:

“Os negros deparam-se, na escola, com diferentes olhares sobre o seu pertencimento racial, sobre a sua cultura, sua história, seu corpo e sua estética. Muitas vezes esses olhares chocam-se com a sua própria visão e experiência da negritude. Estamos no complexo campo das identidades e das alteridades, das semelhanças e diferenças e, sobretudo, diante das diversas maneiras como estas são tratadas pela sociedade (GOMES, 2011, p. 172)”

O autor Munanga (2004), nos diz a respeito acerca do corpo ser a sede concreta de todos os outros aspectos identitários. A experiência vivida por essas pessoas demonstra o quanto elas se esforçavam para atender uma demanda de padrão de corpo e cabelo que não eram a delas. Uma imposição silenciosa disseminada furtivamente, obrigando jovens a se submeterem a situações vexatórias, negando o seu próprio corpo para atender a uma demanda externa.

Essa relação entre corpo e escola, atrelada a questões traumáticas familiares, pode ser atenuada por fatores jurídicos que podem aprofundar ainda mais a baixa autoestima de jovens negros. A partir do caso específico de Keila, onde ela relata a humilhação que passou ao ser obrigada a fazer um teste de DNA para confirmar a paternidade de seu pai biológico, pode-se perceber como isso acontece:

*“Quando a escola começou a exigir o nome do pai na certidão – não podia ter mais só o nome da mãe, tinha que ter o nome do pai – com 13 anos eu tive que fazer o teste do DNA. Minha avó paterna exigiu que minha mãe fizesse para provar que eu era filha dele. (...) porque por eu ter os traços mais finos e eu andar sempre, desde pequena, com cabelo alisado, eu era*

*branca. Então eu fiz esse teste, porque começou a pedir nas escolas o documento.”*

Em 2010 o CNJ – Conselho Nacional de Justiça instituiu um programa denominado “Pai Presente” com o objetivo de “facilitar” o reconhecimento de paternidade no país. As escolas públicas, através do processo de matrícula, foram vinculadas ao programa, o que forçou as mães e as alunas e alunos a se submeterem a esse processo de reconhecimento, inclusive através dos testes de DNA. O que para alguns foi uma oportunidade de descobrir quem era o seu pai, para outros foi uma experiência traumática e humilhante.

Alinhado a esse episódio, Keila descreveu o processo de alisamento pelo qual passava. Contou os detalhes do sofrimento que era ter que se submeter a um processo doloroso, físico e mental para modificar a sua aparência e não parecer negra. Havia uma exigência implícita e uma não aceitação de sua aparência de menina negra, forçando a sua mãe a tentar embranquecê-la no intuito de que ela não sofresse com a rejeição dos colegas e possivelmente dos professores. Nesse sentido, a pesquisadora Gomes (2003) nos diz que:

“As experiências negativas vividas na escola por causa do cabelo crespo não param por aí... Até mesmo hoje, depois de adultas, as mulheres negras continuam enfrentando um verdadeiro “patrulhamento ideológico” em relação à sua estética. Alguns as desejam com o cabelo “crespo natural”, considerado por um grupo como autêntica expressão da negritude; outros querem-nas de tranças, por julgarem que esse penteado aproxima a mulher (e o homem negro) de suas raízes africanas; outros, com o cabelo alisado, por considerarem que tal penteado aproxima as mulheres negras do padrão estético branco, visto socialmente como o mais belo. Enfim, esse tipo de cerceamento da liberdade da expressão estética e corporal do negro, sobretudo da mulher negra, demonstra que continuamos mergulhados nas malhas do racismo e do preconceito racial. Na realidade, o que pode parecer uma simples opinião ou um mero julgamento estético, revela a existência de uma tensão racial, fruto do racismo ambíguo e do ideal do branqueamento desenvolvidos no Brasil. Essas questões deveriam ser consideradas com mais seriedade pelos educadores e pelas educadoras (GOMES, 2003, p. 176-177).”

Os impactos estéticos corporais provocados nos corpos destas pessoas durante os anos do ensino fundamental e médio ainda são fortes e presentes. O racismo, elemento que estrutura as nossas relações cotidianas, inclusive na escola, é capaz de modificar corpos, destruir a autoestima e até adoecer pessoas.

Dos 10 participantes desse trabalho de pesquisa, 08 entenderam que a sua sexualidade era algo relevante e que interferiu em sua imagem corporal e corporeidade. Entenderam que a



orientação sexual é um fator demarcatório importantíssimo na construção de suas imagens corporais. Dessas pessoas que trouxeram o tema para a discussão, 02 se declararam heterossexuais, 01 homossexual, 04 lésbicas e 01 bissexual. 02 não abordaram o tema.

O fator identitário do gênero e da orientação sexual foi potente e apareceu em alto relevo nas declarações de alguns participantes do grupo. Os processos subjetivos vividos por essas pessoas relacionados às questões de suas sexualidades acabaram aflorando em seus discursos e refletindo em suas imagens corporais. As falas apontam para momentos de dor, tristeza e superação.

Queila:

*“Quando eu parei de alisar meu cabelo - eu sou a primeira na minha cidade a parar de alisar o meu cabelo - então eu sofri muito. Eu era xingada na rua. E aí quando eu me assumi lésbica, aí era pior ainda, sabe? As pessoas me xingavam de “macaca”, eu escutei tanta coisa...”*

Nina:

*“... toda a minha adolescência eu andava com as meninas lésbicas. Andava com as meninas sapatão. E minha mãe me tirou do futebol, porque ouviu uma conversa de que eu tinha ficado com uma menina. E na verdade eu não fiquei. Eu comecei a ficar com meninas aqui na universidade. Há um ano atrás, na verdade. Mas eu me coloquei aqui na universidade. E minha mãe falou que não ela não, não vou deixar você não, porque influencia. E me tirou de futebol por conta disso. Eu sempre fui de jogar, de participar. E aí, quando eu entrei na universidade, eu comecei a me soltar. Tanto em relação a minha sexualidade, em relação do meu cabelo, do meu corpo. Hoje eu falo que meu corpo fala pela Universidade. Quando entro ali as pessoas sabem quem é Nina, sabe? Pelo cabelo, pelo o corpo, pela cor, por tudo.”*

Letícia fala de si e logo depois faz uma pergunta a Jonathan:

*“Eu sou uma mulher negra que faz parte da comunidade LGBT. Então, Além de eu sofrer com o racismo, eu sofro com a LGBTfobia. Por exemplo: como que para você, você sofre com a questão de ser negro e com a questão LGBTfóbica? Isso junto, entendeu? Como é que isso acontece para você por exemplo, na sala de aula, na atividade da educação física?”*

*É que a educação física sempre teve essa questão, né? Do homem, masculino... aquela coisa do militarismo, né? Que é da onde que nasceu a educação física. Porque você é uma pessoa extremamente vinculada às práticas desportivas. Joga futebol, basquete, handebol...você é negro e gay... porque toda pessoa que faz parte do meio masculino e não reproduz a masculinidade tóxica, ela de certa forma, mesmo não sendo gay, já é questionado, né? Já falam assim: Ah, mulherzinha! Fresquinha! Mas a pessoa que tá nesse meio, que já não reproduz isso, e ainda não é heterossexual, ainda tem um agravante para essas relações sociais. Como é isso para você? Estar nesses espaços?"*

A resposta de Jonathan foi incisiva:

*"Nessa questão eu já cheguei aqui bem firme mesmo. Porque como eu comecei a dançar muito antes de eu entrar na universidade, eu já tinha sofrido muito, por essa questão. Na família, na sociedade que cerca a minha família, na escola, tudo isso por causa da dança. Então eu aprendi que sempre que eu chegar em um espaço que eu queira estar, que eu queira fazer o que eu gosto de fazer, eu tenho que me posicionar de forma firme, e dizer com todas as palavras que eu pertença, que eu consigo estar ali. Para tudo! Se eu ia jogar futsal e os meninos falavam assim: Que ninguém me escolhia. Beleza, OK! Mas a hora que eu entrar eu iria jogar melhor do que todos eles. Porque eu sei jogar. Então, eu jogava o melhor do que todos eles. Ai depois, já passa a ver. No próximo jogo já era diferente. Já era escolhido antes. Já não era mais para o final. Então eu sempre me coloquei de forma... busquei sempre fazer o meu melhor nessas questões, para que eles consigam entender que eu era capaz. Eu sempre falava que eu não precisava fazer isso, mas eu tou fazendo, porque eu tenho que mostrar pra eles, que só porque eles são homens e são héteros, não é porque eles são homens e são héteros que eles sabem jogar bola melhor do que todo mundo, e que eu só porque eu sou gay, eu não deva jogar, entendeu? Então eu tô lá o tempo inteiro. Mas dentro de mim tava tipo: Eu nem precisava tá fazendo isso. Devia ter deixado de jogar bola, inclusive. Às vezes, nunca nem queria tá lá. Porque eu sempre via os*

*olhares. Via a forma dos contatos..., mas eu sempre fui muito forte. Então, dentro de mim eu sempre descobri tudo isso. Para mim eu tô: F\*\*\*-se pra eles, então.”.*

Os participantes, ao mesmo tempo que falavam de si, que iam construindo os seus mapas corpóreos, demonstravam curiosidades sobre os outros. Se interpelavam como os seus corpos ocupavam espaços diversos, sempre permeados pelo machismo e preconceito racial e como seus corpos estavam enfrentando a partir da imposição diante de um mundo a ser mudado através de suas atitudes afirmativas.

Esses posicionamentos a respeito de suas orientações sexuais/sexualidades reportam à corporalidade e à forma como os corpos, por vezes, são marcados por essas experiências, sejam elas positivas ou negativas, a saber que nenhuma experiência corporal existe fora dos processos sociais e históricos de construção de significados. Nesse sentido, o feminismo negro e o empoderamento das mulheres negras ganham relevância. Mattos e Santos (2018) reforçam que o empoderamento diz respeito ao enfrentamento da naturalização das relações de poder desiguais entre homens e mulheres, é sobre lutar por igualdade e liberdade em relação às escolhas de seus corpos e sexualidade. As autoras retratam o empoderamento feminino e o definem da seguinte maneira:

“Compreendemos que o empoderamento não perpassa somente o viés estético e que se trata de uma construção de consciência social, uma luta e uma missão coletiva visando a emancipação de cada uma e cada um de nós, pois seu conceito inclui autorreconhecimento, fortalecimento de competências e autoestima (MATTOS e SANTOS, 2018, p. 280).”

Enquanto as jovens mulheres negras enfrentam problemas ao assumirem as suas orientações sexuais, vale dizer que para o jovem negro não é muito diferente. Assim como existe a objetificação sexual do corpo negro feminino, há também a do corpo negro masculino. Durante a sua fala, Jonathan relatou como foi o seu processo de assumir-se negro e homossexual num contexto social altamente repressor e machista. Ao longo da história, mitos são criados em relação a virilidade do homem negro. O racismo científico em alguns momentos afiançou esse mito, como nos revela Fanon (2008), ao tratar de como a Europa via a sexualidade do homem negro.

“... o negro foi eclipsado. Virado membro. Ele é pênis. Pode-se imaginar facilmente o que tais descrições devem provocar em uma menina de Lyon. Horror? Desejo? Em todo caso, nunca a indiferença. Ora, onde está a verdade? O comprimento médio do pênis do negro

da África, diz o Dr. Palès, ultrapassa raramente 25 milímetros. Testut, em seu *Traité d'anatomie humaine*, indica as mesmas medidas para o europeu. Mas são fatos que não convencem ninguém. O branco está convencido de que o negro é um animal; se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona. Ele tem necessidade de se defender deste “diferente”, isto é, de caracterizar o Outro. O Outro será o suporte de suas preocupações e de seus desejos (FANON, 2008, p. 146).”

Além do racismo científico e das credences populares, identificar-se como negro e homossexual numa perspectiva positiva não é algo fácil, pois vai de encontro a todo um processo histórico e machista, alimentado pelas elites brasileiras que sempre associou aos corpos da população negra valores de sexualidade, virilidade, violência, inferioridade e subalternidade. Nesse contexto, Gomes (2017) reporta que:

“Durante séculos a corporeidade negra viveu sobre um intenso processo de regulação marcado pelo processo de colonização, pelo tráfico negreiro e pela escravidão. Essa regulação não deixou de existir após a abolição da escravatura, mas assumiu contornos diferenciados junto com os processos de regulação capitalista e, nos dias atuais, com aqueles gerados pela globalização neoliberal (GOMES, 2017, p. 97).”

Desafiar e transgredir essa lógica revela a complexidade da (re) construção da identidade de pessoas negras no Brasil. Da miscigenação ao colorismo, da escravidão à branquitude, do pelourinho ao racismo reverso, do machismo a homofobia. Todos esses fatores implicam numa construção positiva de si mesmo. Essa construção e reconstrução não acontece isoladamente, não é solitária. Ela ocorre intercortada pelo meio em que estamos inseridos.

O autor Menezes (2013), em uma perspectiva cultural e pós-colonial, ressaltou que, segundo Woodward (2012), a construção da identidade é simbólica e social. Isso significa dizer que, estruturada a partir da construção de símbolos, a identidade se apresenta como um elemento configurador e reconfigurador das práticas sociais. O autor enfatiza que uma das principais características da identidade é a marcação da diferença, estabelecendo relações de pertencimento, participação e igualdade, além de segregação e distanciamento.

Durante as contribuições de Karina e Letícia, elas lembraram o quanto foram influenciadas por mulheres negras que tinham seus corpos expostos pela mídia durante a década de 1990 e início dos anos 2000. Para Karina, a *Globeleza*. Para Letícia a *Débora Brasil*.

Karina chega a declarar que se sentia orgulhosa em ser chamada de mulata.

*“Até antes da UNEB, eu falava que eu era uma mulata com orgulho, né? Porque eu achava que eu tinha representatividade.”* (Karina)

*“Era o corpo que era a Globeleza. O corpo que sabe sambar. É o corpo que sabe dançar. Tá no sangue. Tá na pele. Tá na cor. É peito, é bunda...Era onde eu me via sendo representada e onde eu achava que deveria estar. Débora Brasil e a Globeleza.” (Letícia)*

Essas falas ilustram como se deu ou ainda se dá a construção da imagem de muitas mulheres negras no Brasil, através de um discurso midiático estereotipado e sexualizado. O termo “mulata”, que durante algum tempo foi utilizado inclusive para definir uma profissão da mulher negra brasileira, a lembrar das Mulatas Tipo Exportação do Sargentelli<sup>63</sup>, é utilizado por Karina como um elogio.

Durante anos, nos meses que antecipavam o carnaval, a Rede Globo de televisão veiculava uma vinheta promocional protagonizada por uma mulher negra despida, sambando freneticamente. É difícil fazer a dissociação do discurso de ideologias raciais e de gênero com o reconhecimento como esse conjunto de práticas é estruturante na justificativa do intercuro sexual com as mulheres negras. Durante muito tempo a mulher negra foi representada pelo arquétipo da “mulher fogosa”, “boa de cama”, “mulata”, criando-se assim, o imaginário de superficialidade e inferiorização em relação ao seu corpo e a sua história.

Em “Pele Negra, Máscaras Brancas, Sobre a mulata”, Fanon (2008) faz algumas observações contundentes a respeito da mulher negra e da mulata:

*“Antes de mais nada temos a negra e a mulata. A primeira só tem uma perspectiva e uma preocupação: embranquecer. A segunda não somente quer embranquecer, mas evitar a regressão. Na verdade, há algo mais ilógico do que uma mulata que se casa com um negro? Pois é preciso compreender, de uma vez por todas, que está se tentando salvar a raça (FANON, 2008, p. 62-63).”*

Nesse momento de sua obra, Fanon (2008) fala da “Nini”, uma mulata que é pedida em casamento por um homem negro. Quando o autor diz que é ilógico para uma mulata se casar

---

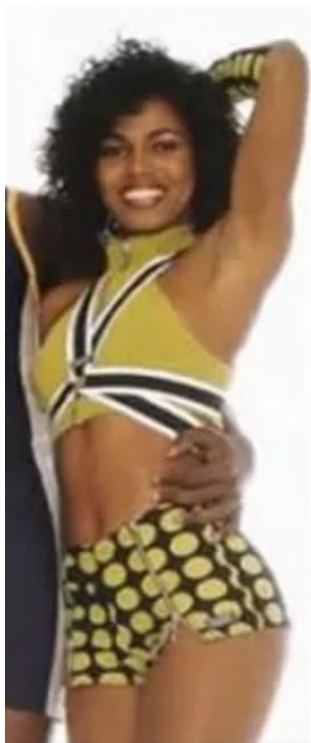
<sup>63</sup> O radialista Oswaldo Sargentelli produzia shows de samba com mulheres negras brasileira as quais denomina Mulatas do Sargentelli. Começou no Rio, avançou para São Paulo e depois ganhou muito dinheiro levando essas dançarinas para o exterior. Em 1969 abriu uma casa noturna em Copacabana, o Sambão. No ano seguinte, ampliou os negócios com a inauguração do Sucata e, em 73, do Oba-Oba, que ganhou uma filial na avenida Paulista, em São Paulo. No auge do sucesso, quando chegou a ter 40 mulheres contratadas, foi acusado de racismo e de facilitar a prostituição. Até hoje, em muitos eventos internacionais e/ou catálogos ou publicidade sobre o turismo no Brasil, a imagem da mulher negra aparece como atrativo. (Folha de São Paulo, abril de 2002)

com um negro porque ela teria a incumbência de salvar a raça, retomo uma fala da Karina sobre representatividade, onde, em determinado momento, falando sobre o seu corpo e de como ela tem percebido esse corpo no decorrer de sua história, fala dos seus seios. Ela diz o quanto era difícil aceita-los, devido ao tamanho, e de como conseguiu aceitar-se, através de Gisele Bündchen.

*“E aí, eu vim assumir o meu peito com Gisele Bündchen. Quando apareceu aquele furacão porque ela era magra, dos seios grandes.”*



**Figura 26.** Valéria Valenssa, a "Mulata Globeleza de 1991 a 2005.



**Figura 27.** Débora Brasil, dançarina do Grupo "É o Tchan" na formação inicial da banda entre 1994 e 1997.



**Figura 28.** Gisele Bündchen na semana de moda de um shopping carioca, em 1998. Foto: Divulgação.

Durante muito tempo, meninas e mulheres negras não se viam (e muitas ainda não se veem) em espaços de destaque na mídia brasileira. Apenas recentemente em alguns comerciais, *Reality Shows*, ou papéis intermediários em telenovelas, elas aparecem cumprindo a “cota obrigatória” para negros. As personagens de mulheres negras na teledramaturgia, na maioria das vezes, não têm vida própria, possuem a sua existência atrelada a casa do patrão, a vida de uma outra personagem principal ou de uma empresa. Geralmente, as mulheres negras nos dramas televisivos não têm família, não vivem romances e não interferem de forma indispensável nos principais desfechos das tramas.

Como no exemplo da “*Globeleza*” registrado aqui anteriormente, a mulher negra refletida no corpo de Karina é aquela ou essa, ainda estigmatizada, sexualizada, servil ao sexo e sem nenhuma conexão com outros saberes, que não os libidinosos.

A pesquisadora Braga (2011), em seu artigo intitulado “Dispositivos de uma Beleza Negra no Brasil”, apresenta uma série de análises sobre a construção da beleza da mulher negra a partir de anúncios publicitários. Dentre outros anúncios publicitários, é analisado o de uma cerveja com o nome de “*Mulata*”, lançada em 2006 (Figura 16).



**Figura 29.** Cerveja Mulata - cartão publicitário lançado em 2006: Pode chamar de gostosa.

A autora Braga chama a atenção para a forma caricaturada que a mulher negra é apresentada, atenuando o seu quadril e seios, associando o seu corpo, a sua essência aos



possíveis prazeres sexuais. A imagem é reforçada pelo termo “*Pode chamar de gostosa*”, remetendo ao ato de saborear, de comer literalmente.

“A mulher *mulata* se constitui, aqui, entre a caricaturização de um corpo exacerbado e o teor sexual nele presente. A partir do modo como está posta a linguagem verbal – *Pode chamar de gostosa* – o anúncio resgata uma dimensão histórica que está, ao mesmo tempo, impressa e além da imagem. Freyre ([1933] 2006) nos falará sobre o retrato de uma *mulata fácil*, docilizada ao sabor dos desejos patriarcais: aquela que iniciou nossos meninos de engenho *no amor físico e os transmitiu, ao ranger da cama de vento, a primeira sensação completa de homem* (FREYRE, [1933] 2006, p. 367). Estamos falando, assim, de um imaginário historicamente construído, de uma mulata sem rosto, que abarca, em si, a memória de todas as mulatas escravizadas nos primeiros quatro séculos deste país, sobre a qual (e para a qual) se pode falar tudo; *pode*, inclusive, *chamar de gostosa*. Sem maiores pudores.”

O corpo da mulher negra é marcado por processos históricos de subalternidade, objetificação e sexualidade. Essa conduta, oriunda do processo de colonização, ganhou força nos veículos de mídia, no meio acadêmico e nos algoritmos da *web* e redes sociais. Isso traduz o pensamento hegemônico, racista, machista e patriarcal que ainda domina nossa sociedade.

A pesquisadora Gonzales (1983), relata que a mulher negra é vista a partir de dois tipos de qualificação profissional: doméstica e mulata. Esta primeira é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico, um tipo especial de mercado de trabalho, uma espécie de produto de exportação. A opressão exercida pelas forças da supremacia branca tem sido rompida paulatinamente pelos corpos negros - em destaque, pelos corpos das mulheres negras – através das conquistas, das lutas e da sua estética.

#### **4.5 UNEB, Campus XII - Desafios da Permanência Simbólica. A voz de quem fez ou está fazendo a travessia**

**Amarelo**

(Antônio Carlos Belchior / Leandro Roque De Oliveira  
Felipe Adorno Vassao / Eduardo Dos Santos Balbino)

(...)

*“Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes  
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes  
Que nem devia tá aqui  
Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes  
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?  
Alvos passeando por aí*

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência  
É roubar um pouco de bom que vivi  
Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes  
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir  
(...)"*

Para estudantes oriundos das classes mais populares, como é o caso do grupo que participa desse estudo, o ingresso na universidade é marcado por dois aspectos importantes: o primeiro, se trata da incerteza sobre conseguir chegar ao final e concluir o curso; o segundo, diz respeito ao do cotidiano, atravessado por dificuldades materiais e simbólicas. No que tangem as questões materiais pode-se elencar desde a alimentação à aquisição do material didático. No caso do curso de Educação Física, alia-se ainda às indumentárias adequadas para as aulas práticas. De modo geral, soma-se também o transporte, moradia e outras questões básicas relativas a sobrevivência humana como remédios e itens de higiene. Ao me referir às questões simbólicas, destaco o fato de que grande parte desses alunos são oriundos de famílias com renda baixa, vindas do campo ou moradores de bairros periféricos com baixo investimento em infraestrutura.

Segundo a professora Santos (2009), a permanência simbólica e a material acabam se encontrando durante a trajetória de jovens negros na universidade, pois não é apenas necessário prover a vida universitária de livros, papel, roupas e comida. É necessário existir enquanto pessoa, como ser atuante, incluído e respeitado.

“A permanência simbólica tem uma ligação com a permanência material - já que para fazer história o homem e a mulher precisam comer, beber e vestir, enfim garantir as condições materiais de existência – mas a transcende. Permanecer simbolicamente significa para nós a constância do indivíduo no ensino superior que permita a sua transformação, a partilha com seus pares e o pertencimento ao ambiente universitário. Atualmente, a presença numericamente massiva de jovens de grupos sociais, até então impedidos de frequentar os bancos universitários, nos levam a alguns questionamentos: qual o lugar do negro quando ele passa de objeto a agente reflexivo na academia brasileira? Qual o papel que o estudante negro tem desempenhado? Como tem sido instaurada a sua legitimação e a sua pertença à universidade? (SANTOS, 2009, p.159).”

Tratando especificamente sobre permanência simbólica, percebemos que muitos estudantes, quando ingressam no ensino superior, estranham bastante o ambiente universitário. Esse estranhamento vai desde as metodologias utilizadas pelos professores, até a “vida social” da universidade. Em Guanambi é comum encontrarmos estudantes que são os primeiros de suas famílias a cursarem o nível superior. No grupo dos participantes

desse estudo, temos 04 nessa condição. Outros 05 não são os primeiros, mas os pais não têm o nível superior. Há apenas 01 que, além de não ser a primeira da família, a sua mãe conseguiu, com muita dificuldade, o diploma em pedagogia.

“Para grande parte destes estudantes o ingresso na universidade é marcado pelo estranhamento. Trata-se de um mundo distante e distinto do seu (lembramos que muitos destes jovens são os primeiros da família a ingressar na universidade). Estes jovens “estrangeiros” ou *outsiders*, em geral, vindos de um universo marcado pela escassez material e cultural, experimentam uma sensação de não pertencimento ao espaço acadêmico e, para isso, muito contribui os tratamentos indiferentes, discriminatórios ou mesmo estigmatizante dos colegas de turma, às vezes sob forma de olhares, comentários, outras vezes, recusando a participação nos trabalhos de grupo, o que os deixam humilhados, ressentidos ou com um profundo sentimento de inferioridade (SANTOS, 2009, p.178),”

Como ressalta Santos (2009), os olhares e comentários dos colegas, funcionários e até de docentes, impactam diretamente os corpos desses alunos. Nesse aspecto, chamo a atenção para o quanto a corporeidade desses estudantes é colocada diariamente à prova. Cotidianamente são submetidas e submetidos a situações físicas e emocionais que para muitos não faz parte da rotina acadêmica.

A corporeidade transcende o corpo físico. É o corpo que a gente idealiza, que a gente lida com ele no imaginário. Está entre o corpo real, o corpo sentido, o corpo idealizado e o corpo negado. A corporeidade que Nina, uma das participantes desse estudo, fala em seu depoimento é a junção ou o reflexo dessas variantes refletidas no nosso dia a dia corpóreo. Nossa corporeidade é mutante e mutável. Ela pode ser influenciada por um dia de sol ou de chuva, fatores que não dependem de nossa interferência ou pode ser modificada pela nossa autoafirmação e autoestima. A corporeidade é um reflexo dessa mistura interna que, aparentemente não é palpável, mas é visível. Mesmo quando a gente tenta esconder de alguém ela acaba se manifestando em nós mesmos. Às vezes é um esconderijo dentro daquilo que alguns chamam de alma, outros de consciência e outros ainda, pensamento. Mas no final “você desconta no corpo” como vai nos dizer a Nina, mais adiante. Esse “descontar no corpo” é justamente e tão somente os impactos corporais que as experiências vividas nos trazem. Experiências boas, ruins ou não classificadas.

A chegada e a permanência de jovens negros numa instituição pública de ensino superior serão relatadas a seguir. As falas e as fotografias apresentadas buscam espelhar a realidade vivida por esses jovens em suas vidas acadêmicas. Família, amigos,

sexualidade, feminismo, sororidade, sonhos, desejos, raça, corpo, autorreconhecimento e autoafirmação, tudo isso imbricado na corporeidade de jovens negros universitários durante suas trajetórias acadêmicas.

Em sua tese de doutoramento, a professora Dyane Brito (2009), pergunta: “*O que é ser negro nos corredores e departamentos mais prestigiados da universidade brasileira*”? Neste estudo, fiz a mesma pergunta, mudando apenas o local: *O que é ser negro nos corredores do departamento da UNEB/Campus XII de Guanambi?*

Por uma opção metodológica, apresentarei a seguir a íntegra das falas dos jovens participantes desse estudo, a respeito sobre o ingresso na universidade ter ou não provocado alguma mudança/impacto em suas imagens corporais e corporeidade e como isso aconteceu. Penso que seja salutar que falem sem minha interrupção a respeito de como foi chegar, estar, e para alguns, ter passado pela universidade.

Barbara:

*“Enfim, entro na universidade e tomo um choque: primeiro porque eu fui criada pela minha avó, dentro da religião evangélica. E eu sempre vi coisas em algumas igrejas que eu frequentei, que não condizia com aquilo que eu estava vendo. Vocês sabem da minha religião, né? E uma dessas coisas era a questão do amor ao próximo ser muito pelo que o próximo era representado. Eu entendi o amor de Cristo de uma forma muito ampla, não restringida. Então quando eu entrei na universidade eu me encontrei nesse sentido. De olhar. Via e falava assim: aqui eu realmente posso amar da forma que eu amo. O primeiro contato que eu tive, na verdade, foi com a Deise, que é uma menina enfermagem. Ela estava fazendo uma fala e tal. E eu tomei um choque em relação as vestimentas porque eu imaginava que era igual ao ensino médio: todo mundo com jeans e a blusinha branca. Eu falei: Nossa! Pode vir assim pra faculdade? E aí foi tudo muito, muito, muito novo pra mim! A questão do comportamento, a questão dessa diversidade, a questão do cabelo, a questão da orientação sexual. Foi tudo muito novo. Eu tinha amigos, sempre tive amigos gays, mas assim... aqui eu vi que as pessoas eram quem elas eram e que não tinha medo de ser quem era. Eu me recordo que logo de início, eu, muito curiosa, eu fui me envolvendo em tudo. Só que eu tinha muito medo de dizer quem eu*

*era. Dentro dos espaços eu tinha muito medo de dizer que eu vim de uma religião. Eu tinha medo, não por conta das pessoas, mas porque as pessoas que diziam que representavam a minha religião, feriam essas outras pessoas. E eu não queria ser vista como uma representação disso. Muitas vezes eu me calei. Eu não dizia quem eu era e aos poucos eu disse assim, a estratégia que eu utilizei foi dizer: eu vou estar no meio deles e vou mostrar esse meu jeito. Vou tentar mostrar o que eu defendo de uma forma diferente, que era o que eu acreditava. E aí eu fui me envolvendo com Gabi, eu fui me envolvendo com Nina, fui me envolvendo com Letícia, com as meninas que estavam ali e não tinha falado ainda. Aí numa roda eu disse que eu tinha vergonha de dizer qual foi a religião que eu fui criada por conta dos apontamentos que a minha religião fazia. De como as pessoas que diziam ser da minha religião agrediam as outras. Então eu não acreditava que o Deus que eu servia era aquele que as pessoas diziam que era. Quando eu entrei aqui eu percebi a questão de me encontrar frente a tudo que eu questionava da minha religião, como por exemplo: a questão da vestimenta, que eu sempre questionei muitas coisas, né? Das vestimentas dentro da minha religião. A questão do feminismo, que era algo que eu sempre questionei. Por que que eu questionei? Porque eu vivi um relacionamento abusivo e por muito tempo eu fiquei nesse relacionamento abusivo, porque a minha irmã era casada e ficou com o marido até hoje; porque o meu irmão, quando ele casou, é a pessoa que ele está até hoje. Então eu entendia é que eu não podia me separar. Eu não podia ser a única pessoa a estragar a minha família. Eu não podia ser a ovelha negra da minha família. Eu fui agredida durante a gestação. Eu fui agredida depois da gestação. Sofri três tentativas de homicídio. Sempre fui a mãe, tanto da Yasmin quanto da minha própria mãe. Então, eu trouxe uma carga de responsabilidade da minha vida desde muito nova. E quando eu entrei na universidade, eu consegui colocar para fora tudo aquilo que acreditava. Defender a mulher da forma que eu acreditava. Lutar por essas mulheres da forma que eu acreditava.*

*Trazer a minha... não a minha religiosidade, mas o que eu acredito, da forma que eu acredito, que é o amor ao próximo, independente de quem seja o próximo. Isso refletiu na minha forma de se portar, na minha forma de falar, na minha forma de... o cabelo foi uma questão de representação, mas eu ainda nem vejo muito a questão do cabelo, porque eu acho que dentro de todas as outras modificações, a do cabelo foi o menos, sabe? Tanto, é o que eu digo: eu tenho muita preguiça mesmo de pentear o cabelo. Porque tem vezes que eu escovo porque eu tenho preguiça de pentear o cabelo. Mas quem me conhece sabe. Às vezes eu faço pra vir pra universidade. Tem dia que eu acordo e quero deixar ele todo armado e venho. E não tenho, de fato, problema algum como as pessoas me olham. Eu nunca tive problema em como essas me olhavam nesse sentido do cabelo, né? Mas eu acho que a questão do corpo foi mais nesse corpo e quem estava dentro desse corpo. (...)*

*Então eu acho que a universidade, os movimentos que tem dentro da universidade, eles foram muito importantes na minha concepção, nesse sentido: De eu me reafirmar. Hoje eu me recordo que a Ana Paula<sup>64</sup> uma vez disse assim para mim. Eu ia entrar na sala de aula e aí ela disse no primeiro dia de aula dela:*

*- “Me diga aí, que cor eu tenho”?*

*Eu parei assim... porque pra mim dizer preta era um xingamento. Então eu parei e me senti intimidada quando ela me disse:*

*- “Anda! Me diga! Me diga que cor eu tenho”?*

---

<sup>64</sup> Ana Paula é professora substituta no Departamento de Educação, *Campus XII*, UNEB de Guanambi. Solicitei que ela me enviasse um pequeno currículo para que eu fizesse a referência dela. Ela me enviou o seguinte:

Eu sou Ana Paula dos Santos Souza, Yaô do Ilê Axé Odé Nilê e nasci em 1987 na porta da Igreja de Santa Bárbara em São Félix no Recôncavo Baiano.

Sou fundadora do Coletivo Catarinas e militante pelo bem viver de mulheres negras, pelos direitos humanos e pelo fim da intolerância religiosa.

Me graduei em Licenciatura em Educação Física em 2013 de lá pra cá já trabalhei na área da saúde e finalmente hoje consegui chegar na educação atuando como professora substituta no Colegiado de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia - UNEB *Campus XII* desde 2018.

Sou especialista em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça NEIM/UFBA e Metodologia e Pesquisa em Educação Física Esporte e Lazer LEPEL/UFBA

Sou pesquisa GEPEECS/UNEB estudo questões relacionadas a construção e efetivação da educação antirracista na educação pública e gosto de palestrar sobre reconhecimento de identidades negras.

*Aí eu falei: Eu não sei se eu devo dizer.*

*- “Deve! Eu sou preta”.*

*Aí ela pergunta:*

*- “Por que que você não quis dizer que eu sou preta”?*

*E aí eu disse: porque para mim se eu dissesse preta, era como se eu tivesse te agredindo. Então eu sempre fui ensinada chamar de negra.*

*Negra, mas nunca de preta.*

*Tanto que hoje, quando as pessoas me falam: Ah, que morena linda!*

*Eu falo: preta!*

*Então, eu percebo que esses grupos, essa convivência com essas meninas que estão aqui... eu preciso falar que elas me fortaleceram no sentido de eu poder dizer quem eu era. Que eu também tenho a minha religião e que eu preciso respeitar a dos outros, mas que eu tenho a minha. Que eu não precisava me esconder. E talvez elas até olharem para mim de uma forma diferenciada e não me enquadrarem dentro daquele grupo que massacraram elas. Dentro daquele grupo que apontam elas e demonizam elas, sabe?*

*Para mim isso daqui é enriquecedor. Eu jamais teria isso em São Paulo, eu tenho certeza.”*

Gabriela:

*“Tudo o que eu e os meus irmãos fazemos, me refiro a família, é uma relação, acho que de parceira mesmo. Porque tudo o que a gente teve que estruturar foi sozinhos, pra gente conseguir, né? Porque o meu pai morreu e a gente teve que cuidar de uma peixaria, né? Meus irmãos eram quem gerenciavam a peixaria, mas a gente sempre estive lá ajudando, vendendo peixe na feira e meu cotidiano sempre foi pautado nisso. Daí, por coincidência, eu não sei, por alguma coisa, eu consegui adentrar a universidade junto com a minha irmã, né? A gente pensou assim:*

*- “Pô! Vamos fazer um curso que a gente consiga entrar, né”?*

*Acho que a gente não teve uma base educacional que as pessoas consideram a ideal para estar dentro de uma universidade. Porque, talvez... escola pública... e aí a gente conseguiu entrar. Minha irmã*

*é estudante de ciências contábeis na UNEB de Barreiras, e eu daqui. E aí foi a transformação da minha vida estar aqui.*

*A partir daqui eu passei a ser... é... Inclusive Land, também, as meninas falam, né, mas é porque isso é muito forte mesmo. Land foi a primeira pessoa que eu vi dentro da universidade, que eu é... Quando o professor faz essa pesquisa sobre o corpo, é porque o corpo da pessoa, ele tá mandando mensagens, entendeu?*

*Quando eu cheguei na universidade a primeira pessoa que eu vi, que me marcou, foi Land. Porque o corpo dela me mandou uma mensagem. A identidade dela, de uma mulher negra, mesmo que ela não esteja falando isso, passa na dimensão do corpo dela. Porque quando ela chegou dentro da Universidade, a professora nem conhecia ela, mas a professora parou ela e perguntou a ela, né? A professora viu nela já ali, uma pessoa que talvez debate as questões raciais, né? Eu acho que tá muito implícito assim no corpo, coisas que às vezes a gente não fala, mas o corpo tá falando, né? E aí assim: Foi Land a primeira pessoa que eu vi aqui dentro da universidade que pôde me falar assim:*

*- “Ô Bi, você pode também ser”!*

*Na verdade, eu já vinha nesse processo, né? Mais de aceitação corporal, cabelo...*

*A minha irmã vinha me incentivando, mesmo que ela tava forçando para mim que eu me aceitasse, mas que o padrão ideal do cabelo seria um cacheado, parecido com o dela. A gente sempre teve esse embate dentro de casa. E aí assim, professor: Quando você se propõe a pesquisar imagem corporal, corporeidade de pessoas negras, sobre a negritude, isso também me intriga muito, porque o corpo dentro da educação física sempre foi o eixo científico que eu me identifiquei. Quem me conhece sabe que na minha trajetória de ensino, o corpo sempre mexeu muito comigo. Minha pesquisa de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), hoje, está sendo voltada para o corpo e as práticas corporais numa comunidade ribeirinha da minha cidade, né? Comunidade ribeirinha que eu estou vinculada e minha família também. É isso, gente. O corpo da gente tá falando,*



*a todo momento. A autoafirmação, se aceitar nos espaços, se reconhecer. E para mim, me reconhecer enquanto negra, deixar que o meu corpo fale enquanto mulher negra, é muito difícil também, né? E eu não tou falando aqui, difícil, no sentido de sofrer muito racismo, não. Eu sei que eu não sofro em questão de quantidade, o mesmo racismo que Land sofre. Quando eu chego em minha cidade que eu vejo um cara negro, embora não tenha uma boa escolarização, ele fala assim pra mim:*

*- Como é que você vai se formar desse jeito. Com esse cabelo feio, horroroso, assim?*

*O nome disso é racismo. O nome disso é racismo. (...) Deixa eu fazer aqui uma defesa, um “Merchant” da UNEB: (risos) a UNEB precisa de fato, da gente se reconhecer enquanto UNEBianos nos espaços. De reconhecer esse caráter popular, esse caráter de interior, de universidade do interior. Sertaneja. É necessário que a gente faça esse debate de uma maneira mais identitária. É um caráter popular, multicampi que a UNEB tem. De trazer pessoa sertaneja, da zona rural, da roça, do quilombo...”*

Keila pede a palavra:

*“Deixa eu só falar! Eu estive numa universidade federal<sup>65</sup> esses dias. Quando eu cheguei lá eu falei:*

*Eita!*

*Eu só via branco. Era eita, atrás de vixe e vixe atrás de eita. Eu só via branco. Quando eu entrei no auditório a plateia era branca. Quem estava na mesa discutindo, eram pessoas brancas: professores, doutoras e doutores brancos. E isso tudo naturalizado, né? E a minha angústia era que só eu que tava percebendo aquilo. Porque Cláudia, que tava comigo, por mais que ela seja politizada e que ela veio daqui também, ela é branca. Então só eu tava tendo aquela angústia, naquele momento de eu tá ali só com branco. Quando eu entrei na sala pra apresentar o meu trabalho, eu tava no*

---

<sup>65</sup> A universidade a qual Keila se Refere é a EEEFTO – UFMG - A Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, localizada dentro do campus Pampulha da universidade.

*meio de só doutores e doutoras brancas. E mestrandos também, né. Mas só tinha eu de graduanda, mulher negra nordestina, do interior da Bahia. Que eu vim lá de uma região periférica de Caetité, que é mais interior ainda. E aí eu falei assim:*

*Eita! Que ousadia a minha!*

*Ao mesmo tempo que eu ia me corrigindo:*

*Não! Não é ousadia minha. Eu tenho que tá aqui, sim! Isso aqui é o meu lugar e eu tenho que voltar pra tá aqui. Mestranda!<sup>66</sup>.”*

Jonathan:

*“Chegando na UNEB, acredito, no meu primeiro dia, eu não vou esquecer nunca, dentro da van, eu vou encontrar quem?*

*Leticia!*

*Já chegou e disse:*

*- “É bicho<sup>67</sup>, né”?*

*Eu falei: meu Deus, pronto! Achei! (Risos)*

*Eu já olhei diferente. Ela tava de aplique, ainda. De cabelo cacheadinho. Eu já conhecia ela, que ela dançava. Eu já conhecia quem era. Aí quando eu entrei, eu acabei achando pessoas modelo, para poder crescer... de inspiração... é como eu falo pra ela, hoje e sempre: ela é minha inspiração na dança, enquanto pessoa, enquanto... a dar um passo a frente, a mim reafirmar. E quando ela tirou o aplique pra deixar o cabelo dela natural, acho que foi o ponto chave, ali. Quando eu entrei (na UNEB) eu ainda tinha o cabelo raspado na lateral e ele ainda estava cacheadinho aqui em cima... foi quando eu fui fazer as tranças com Ângelo<sup>68</sup>. Comecei a trançar meu cabelo pra que ele pudesse crescer mais rápido e criar uma identidade totalmente diferente. Então eu passei 2015, 2016, 2017 tudo usando trança. Sempre! Seguido! Sempre tirava a trança, lavava o cabelo, secava o cabelo e colocava a trança de novo, por que eu não conseguia aceitar o meu cabelo do jeito que tava, porque eu passei a minha vida inteira tentando tirar ele. Aí, depois disso é*

<sup>66</sup> Em 2020 Keila foi aprovada do programa de mestrado em estudos do lazer na EEEFTO/UFMG

<sup>67</sup> Bicho é como os veteranos da Uneb – Campus XII de Guanambi, denominam os calouros.

<sup>68</sup> Ângelo é um colega de curso, que ingressou junto com Jonathan.

*que eu acho que eu consegui me aceitar e aceitar o meu cabelo, aceitar o meu corpo. Aceitar e começar a realmente ter essa visão de que eu preciso lutar para que eu seja o que eu quero ser. Porque se eu mesmo não lutar, eu vou continuar sendo influenciado, fragmentado, padronizado por essa sociedade. Eu acredito que hoje... Eu antes, né? Eu pulei essa parte da história, que minha mãe sempre dizia que eu era pardo e que não tinha condições de dizer, de marcar que eu era negro, nas provas, essas coisas. Que eu era pardo, e que na minha certidão tá pardo, e que não tinha como mudar isso. E hoje, não. Hoje eu sou negro, de cor preta, eu assumo o meu cabelo. Falo igual as meninas: Se tá torto, tá bagunçado, “nóis sai” na rua bagunçado mesmo. Bota um grampo aqui, e sai com ele assim mesmo! Porque eu acho que hoje eu sou, e ainda busco a ser, cada vez mais, o que eu quero ser. Sempre que eu quero dar um passo a frente, eu preciso buscar uma forma de que eu tenha, é ... como é que eu vou dizer? (pausa) Vou dizer assim: A minha força inteira que eu sempre busquei pra poder me auto reafirmar e ser eu, onde eu quiser e da forma que eu quiser, são nas minhas parceiras de luta. Foi como eu disse: eu sempre cheguei aqui... Keila, quando a gente entrou, tinha o cabelo liso (alisado), depois que ela começou se auto afirmar e começou a fazer a transição (capilar) dela, foi quando eu comecei a olhar e falar, não: Acho que agora eu tenho uma outra parceira de luta. Não tenho só mais a Letícia. Não tenho só Land. Ai quando foram chegando pessoas, tipo, que estão na mesma luta, e eu olho, então eu crio coragem e vontade de continuar seguindo ali. Então eu acho que a minha força vem das parceiras. Do âmbito que... Fora do ambiente hostil que a gente vive naquela turma, todos santo dia, né? Lá dentro a gente é da forma que a gente é, porém do lado de fora da nossa turma a gente consegue buscar força para que a gente continue sendo lá dentro.”*

Joselandia:

*“E essa minha vinda para a universidade me empoderou a tal ponto de não só conhecer a minha história, mas foi justamente conhecendo essa minha história, passando tudo que eu passei, eu falei: Cara, eu não preciso disso! Meu povo é lindo! Meu cabelo é maravilhoso! Eu tirava minhas tranças, olhava pro meu cabelo e ficava brincando com ele. Achava lindo só que eu não tinha coragem de sair para rua com ele. E aí Somente depois da universidade e ocupando os espaços, que eu percebi o quanto bonito meu cabelo era, o quanto bonito o meu povo era e o quanto eu deveria brigar para que os meus pudessem se perceber como eu estava me percebendo naquele momento. E uma das coisas que foi mais gritante assim pra mim, foi o uso do turbante. O cabelo para mim foi uma descoberta muito fod\* assim, eu perceber o meu cabelo, mas o turbante veio junto, assim. Foi um uma reafirmação grande em mim, porque foi o momento que eu estava começando a me aproximar de autores que discutiram isso também, sabe... Elisa Lucinda<sup>69</sup> mesmo é uma mulher que eu carrego... Todas as falas que eu trago, eu trago ela junto. Porque tem poesias que marcam. E eu me aproximei muito dessa minha descoberta, do meu empoderamento, através das artes, poesia, a música me ajudou muito. Foi em 2013, num evento que teve do COMBRACE<sup>70</sup>, em Brasília. Ali foi um marco decisivo na minha vida. Foi a partir daquele momento que eu falei assim:*

*Velho, é isso! Eu não preciso mais esconder a minha pele, muito pelo contrário, eu vou usar isso para tentar, de alguma forma, ajudar os meus a se reconhecer, a se empoderar. E aí quando eu pisei o pé em Brasília... eu tava usando... eu tava com o meu Black e amassou. E eu só usava o turbante aberto. Que é mais bonito, né? O turbante aberto. Se você for usar o turbante fechado, grande, você*

---

<sup>69</sup> Elisa Lucinda dos Campos Gomes é uma poetisa, jornalista, escritora, cantora e atriz brasileira.

<sup>70</sup> O COMBRACE é o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Esse evento que Joselandia cita foi realizado em Brasília no período entre 02 e 07 de agosto de 2013. Trata-se de um evento científico de periodicidade bienal. Constitui-se no maior evento do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e É considerado um dos mais importantes Congressos dentre as Sociedades Científicas da área. Nesta 18ª edição o tema foi: Identidade da educação física e ciências do esporte em tempos de megaeventos.

*precisa tá empoderadíssima pra isso, sabe? Porque depois que eu usei o turbante grande, junto com questão da minha tonalidade de pele, veio outras questões que foi a intolerância religiosa. E tudo isso dialogou, sabe? E aí outras coisas veio fazer sentido junto a isso. Atrelado a isso. E lá, quando eu desci (do ônibus), eu tive que amarrar o turbante, porque meu cabelo tava bagunçado. E eu meio que com vergonha ainda, mas eu fiquei receosa, porque eu queria tá usando o meu Black... E aí quando eu cheguei, que o pessoal falou assim:*

*- “Meu Deeeus! Ahhhh”!*

*Aí eu falei assim:*

*Pronto, eu sou maravilhosa de qualquer jeito. (Risos)*

*A partir de então, eu comecei a usar o turbante cada vez mais alto. Só que quando você sai de Brasília e vem para o interior, vem para Guanambi, pra Lagoa Real, vai para Caetité, por exemplo, você sente as cutucadas maiores. O racismo é escancarado assim, sabe? Quantas e quantas vezes eu estava aqui na UNEB, com o meu turbante, me sentindo diva, maravilhosa e uma pessoa vem e pergunta:*

*- “Quanto é que eu fazia a leitura na mão”?*

*Me chamando de Mãe de Santo, sabe? Então isso também me fez começar a pesquisar sobre. Foi justamente a repressão que eu sofri que me fez querer buscar mais. O porquê. O porquê. O porquê e o porquê que me trouxeram a ser Joselandia que eu sou hoje. Buscar as respostas nos espaços. Os espaços auto organizados. As pessoas da Universidade perceberem que Land (apelido pelo qual é chamada), já não era mais a mesma Land, que saiu para ir para Brasília. Land voltou de maneira diferente. No primeiro evento que teve aqui, já me convidaram para poder fazer/ministrar oficina de turbante. Isto também me deu um certo, um certo empoderamento a mais, né? Por que foi a valorização daquilo que eu sou. Porque desde quando eu me assumi, eu só tinha ouvido coisas negativas em sua maioria das vezes. (...) A minha fala, é a fala de Joselandia, que saiu da zona rural de uma cidade pequenininha e que ocupou a*

*universidade. Se Joselandia não tivesse saído de Lagoa Real e vindo para a universidade, provavelmente Joselandia não teria conhecido pessoas para tá nesse espaço. Quando eu digo que a universidade me possibilitou a conhecer esse espaço que estou militando, eu não me referindo a grade curricular. Eu estou dizendo dos movimentos que surgiu dentro da universidade, que é o Movimento estudantil, o Movimento Negro... Eu, por exemplo, comecei... a minha base, veio do Levante<sup>71</sup>. Tinham dois ou três alunos daqui que me levou por esse caminho. Então a universidade, lá dentro da grade curricular não promove essa discussão, mas de uma certa forma me levou para conhecer essas pessoas. Se eu não tivesse na universidade jamais eu teria feito. Provavelmente estaria lá hoje, casada com outro “Zé Ninguém”, provavelmente branco, continuar apanhando e com uma “renca de fi” (porção de filhos) atrás. Sem saber que era preta. ... junto com o meu cabelo veio a percepção de mulher negra. Por isso eu relaciono muito meu cabelo, com o meu turbante. Porque antes disso eu me aceitava a ser chamada de morena e de mulata exportação e gostava de ser chamada dessa forma. Porque era a maneira de clarear. Então eu ser chamada de morena e de mulata era bacana. Era bonito. Era massa, entendeu? Então quando Joselandia atrela ao cabelo dela, é que nesse momento ela vai perceber de que era um estereótipo te chamar de moreno e de mulato. E Elisa Lucinda traz uma poesia: Mulata Exportação (Anexo – 3). E foi ali que eu percebi, de que o fato de eu ser chamada de morena ou de mulata, não era somente por causa de minha tez da pele mais clara. Era por conta desse estereótipo, de que eu sou uma preta-padrão. Que a sociedade exige, né? Que por exemplo os traços de corpo, de bunda, de quadril... e quando você percebe isso*

---

<sup>71</sup> O Levante Popular da Juventude é um movimento social que como o próprio nome diz, reivindica para si bandeiras de lutas históricas da juventude brasileira, intitulada como: “[...] uma organização de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação da sociedade. Somos a juventude do projeto popular e nos propomos a ser o fermento na massa jovem brasileira [...]” (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2012a).

*há a ruptura com a aceitação de que eu não sou uma morena, não sou mulata: Eu sou negra!”*

Nesse momento, Letícia intervêm:

*“Deixa eu só fazer uma ressalva?*

*Tem a questão da identidade da mulher negra. Ela tem duas identidades muito fortes. Lélia Gonzales<sup>72</sup>, que fala muito disso também. Que é a da mulata exportação e aquela da Tia Nastácia, né? Que é aquela mulher. A mulher negra é aquela identidade: ou ela sempre é aquela mulher boa de cama, boa do sexo, que é fruto da escravidão da violência sexual dessa época... É a mulher que samba, é a mulher que rebola, é a mulher erotizada. Ou é aquela mulher que ela é a cuidadora. A ama, a mucama daquela casa grande, né? Essas referências da escravidão, até hoje estão sobre o nosso corpo. Ou você é a erotizada, ou você é a mulher negra que cuida da casa, que cuida dos filhos, que limpa a casa, que faz boa comida, que é cozinheira, que é a cuidadora. Essas imagens, elas são muito presentes no nosso corpo negro. Se o corpo negro é magro, ele leva essa imagem de estereótipo erotizado. Se ele é gordo, se ele é doméstico, ele carrega essa identidade de Tia Nastácia<sup>73</sup>, né? Então são questões que tem que refletir sobre o corpo, né?”*

Juliana:

*“Meu período na universidade, ele foi bem intenso. Desde quando eu me aceitei como mulher preta, como eu falei anteriormente eu sofri muito na minha infância por ter sido criada em uma família de brancos e eu não me aceitava naquele lugar ali, né? Eu não via ninguém da minha cor, e aí queria ser branca também. Como minha mãe tem o cabelo liso, eu queria que o meu cabelo fosse liso. Eu*

---

<sup>72</sup> Lélia Gonzales foi uma intelectual, política, professora, filósofa e antropóloga brasileira. Militante negra e feminista, atuou como desencadeadora das mais importantes propostas de atuação do Movimento Negro Brasileiro. Participou da criação do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN-RJ), do Movimento Negro Unificado (MNU), em nível nacional, do Nzinga Coletivo de Mulheres Negras-RJ, do Olodum-BA, dentre outros.

<sup>73</sup> Tia Nastácia é uma personagem da obra “O Sítio do Pica Pau Amarelo” de Monteiro Lobato. Ela é uma senhora negra, cuida da cozinha e faz o papel estereotipado da antiga mucama das casas grandes brasileiras. Na obra, Tia Nastácia, mulher negra é alvo de designações e ofensas racistas.

*queria ter o cabelo da minha prima, sabe? Eu era amada, mas sabe? Você se sente que é diferente. Então, quando veio o meu período da adolescência, eu comecei a me aceitar, eu via que o meu cabelo alisado não era eu. Eu sentia que não era eu. E aí a partir da minha adolescência eu optei por não alisar mais o meu cabelo. E aí comecei a usar o meu cabelo cacheado, normal. E ainda bem que não tinha passado nenhuma química nele. Era alisando mesmo na escovinha, naquela época, né? Quando eu tive essa consciência de que eu era uma mulher preta, foi na adolescência. Período de escola. Foi tranquilo, porque eu estudava numa escola pública e tinha bastante negos. Graças a Deus! Eu não me senti um peixe fora d'água. Na universidade é que isso foi mais intenso pra mim. Porque eu acabei vestindo mesmo a armadura de fortaleza, de mulher preta. Comecei a sacar a questão dos elogios que eram ofensivos. Que são até hoje ofensivos para as mulheres negras, né. A questão de:*

*-“Ah, não sei que, é mulata”!*

*Antigamente, se eu não tivesse ido pra universidade, não tivesse o entendimento que eu tenho hoje, pra mim tava legal, tava beleza. E hoje em dia eu já não vejo dessa forma mais, entendeu? A questão também é de que a universidade me libertou muito, foi a questão da minha religião. Eu costumo frequentar religião de matriz africana, foi bastante assim, esclarecedor pra mim. Porque antigamente, antes de eu entrar pra faculdade, eu não tinha assim essa liberdade de falar: ah, eu frequento o Candomblé, entendeu? Eu me sentia envergonhada, sabe? E na universidade eu conheci outras pessoas que também frequentavam e em conversas, eu me libertei também, e hoje eu digo pra todo mundo. Não tenho vergonha alguma. Não tenho vergonha! (...) e foi isso. A questão mesmo que eu passei, que eu sofri bastante, mesmo, foi a questão do meu cabelo durante a minha infância. Por ter sido criada numa família de gente branca. Isso foi bastante triste. Deixou marcas. Bastante marcas, mas graças a Deus, essas marcas estão sendo cicatrizadas. A gente não esquece. Elas sempre tão ali, mas, eu consigo já conviver e não sofrer mais como eu sofria antes (...). O racismo que eu tive durante os meus*



*primeiros trabalhos como modelo. Eu cheguei a ouvir que “uma mulher preta não usa marca”. “Que aquilo não servia pra mim”. E que “uma mulher preta não ia nunca comprar uma marca daquela”. Eu fui escolhida para fazer um desfile e fui dispensada na hora de fazer o teste (de roupa), de fazer o provador. Isso me deixou mal. Muito mal! Mas, graças a Deus, as pessoas têm tomado consciência, né, de que a mulher preta, o homem preto, os negros, eles têm espaço sim, e estão aí, cada dia mais construindo espaços, graças a Deus, estão aí no poder. Eu conheço vários negros que são empreendedores, que são maravilhosos. Que estão aí, colocou sua cara a tapa, conquistou o seu espaço com muita dignidade. E eu fico muito feliz por isso.”*

Karina:

*“Eu descobri o meu cabelo na UNEB... Aos 12 anos de idade eu alisei meu cabelo e fiquei até na UNEB. Todos os produtos que eu usava, tá... assim... Ele ficava ondulado. Eu adorava ondulado. E nas festas...quando eu chegava na festa, eu chegava e molhava. Ia pro banheiro e molhava o cabelo. Tava assanhando um pouquinho, eu chegava e molhava o cabelo. Até então, eu conheci Jaqueline<sup>74</sup>, né? Eu não posso deixar de citar Jaqueline!*

(Nesse momento Karina se emociona, chora e se esforça para continuar falando.)

*E assim, o que mais intriga, é porque assim: Se Jaqueline não estivesse aqui na UNEB? Eu ia sair da UNEB sem nenhuma representatividade. Na época Jaqueline estava com o cabelo liso. Mas não é por conta do cabelo dela, que eu ia deixar de ter representatividade. Porque ela me deu essa força. Ela falou assim: - “Olha, você sabe qual é o significado de mulata”? “Você sabe”? E aí, eu comecei a ter essa curiosidade. Quer saber e tal. E assim: Eu sou pedagoga. Né? E naquela ânsia de querer*

---

<sup>74</sup> Jaqueline é uma professora negra que colaborou no Campus de Guanambi. Graduada em Pedagogia, especialista em Gestão Governamental e Mestre em Administração Estratégica, com ênfase na Gestão Escolar. Suas pesquisas abordam a gestão educativa e o currículo das escolas públicas, especialmente no que tange aos direitos humanos, à diversidade étnica e de gênero e a inclusão social e são voltadas, especialmente, para escolas públicas e quilombolas. Atualmente, é coordenadora pedagógica na rede municipal de São Francisco do Conde e pesquisadora na Universidade do Estado da Bahia, Campus VI-Caetitê.

*demonstrar muitas coisas, e eu fiz muitas coisas dentro do meu estágio, que reforçava a negatividade para o meu aluno, né? E aí eu peguei - só que na época eu estava achando que eu estava abalando - e fui pra Caetité. Achando que ia abalar num evento que teve de Africanidade e Leituras de África<sup>75</sup>. E eu sempre fui muito curiosa. Nunca tive questão de: Ah, você não vai! Ou você vai e tal, tal. Minha mãe sempre me deu essa coisa de autoestima, né? Mas assim: Em questão do cabelo, ela um pouquinho que me prendia. Que falava assim:*

*-“Não! Você tem que ser o cabelo mais arrumadinho”.*

*E aí teve questão de Jaqueline, né? Jaqueline me trouxe essa força. Com uma aula! Uma aula. E ela planejou uma viagem. Só que a viagem não foi para nossa turma. Foi pra turma anterior. E eu falei: Eu vou nessa viagem.*

*E eu acho que foi a primeira vez que eu soltei o meu cabelo. (Volta a chorar) Assim... pra falar assim:*

*Voa! Voa que o cabelo é seu! E hoje eu tô com meu cabelo escovado, tá! Mas quando eu quero ir para igreja, casamento, eu uso o meu cabelo cacheado. E se tiver chovendo eu uso. E assim... e eu acho que eu ainda tenho isso, porque toda vez que o meu cabelo tá solto, eu quero prender. Eu não sei se vocês repararam que eu toda hora tô prendendo o meu cabelo. Todo liso ou cacheado, eu tenho essa dificuldade ainda em soltar o meu cabelo. Porque eu sempre vi isso desde a minha infância. (Choro misturado com ridos). Em fim.... É doloroso! É doloroso!”*

Joselandia, intervém:

*“É uma vida inteira. É doloroso! E por mais que você se empodere, sabe? Você percebe que ainda não é o suficiente.*

Karina retoma:

---

<sup>75</sup> Refere-se ao II Seminário Leituras de África: Leituras Afro-indígenas e IV Encontro das Comunidades Quilombolas de Caetité, realizado pela Uneb, Campus VI – Departamento de Ciências Humanas (DCH), entre os dias 20 e 22 de novembro de 2013. O evento tem se repetido e acontecem intervenções em vários espaços da cidade, inclusive em terreiros de Candomblé.

*Sim! Sim! E eu tô no Reda<sup>76</sup>, né? É provisório. E eu tenho que chegar para os meus alunos e tentar passar. As eu sei que eu ainda estou em fase de crescimento, né? E a oportunidade de está com vocês aqui, está sendo maravilhosa porque eu tô me conhecendo primeiro, para depois eu falar. Eu ainda não tô transformada totalmente. Não tô! Porque eu não fui cuidada para tá com meu cabelo Black! Eu vejo um avanço, até na questão de foto. No meu Facebook, só tinha eu de cabelo liso. Aí depois já tinha uma parte: cabelo liso, cabelo cacheado. Então eu vejo que é uma evolução muito boa. E esses espaços assim, dentro da universidade é que são importantíssimos. Porque o nosso currículo, ele é eurocêntrico, né? Se Jaqueline não fosse contratada, e aí?”*

Joselandia contribui:

*“São os espaços organizados, né? Porque em poucos momentos ou quase nenhum, dentro da universidade ou dentro do nosso currículo, abraça isso. Agora que está começando timidamente a aparecer. Mas esse processo aqui de empoderamento, você pode perguntar a cada um de nós aqui: quem foi que aprendeu isso dentro da sala de aula? Foram poucos. É fora. É nos espaços. É nos espaços de movimentos. Nos coletivos. É no movimento estudantil. É a gente que organiza. A universidade nos proporciona aproximar desses espaços, mas ela não faz esses espaços, dentro do dia a dia.”*

Letícia acrescenta:

*“As vezes quem tá de fora acha que a gente fala disso o tempo inteiro, que a gente só fala disso. “Que tá chato”! Que todo mundo só fala disso e não é! Se for (verificar), de disciplina por disciplina, conteúdo por conteúdo, ninguém fala disso. Ninguém fala!”*

Keila:

*“Quando eu vim pra universidade, que eu nunca pude tentar uma*

---

<sup>76</sup> Regime Especial de Direito Administrativo – REDA foi implementado na Bahia pela Lei nº 6.403/1992, tornando-se o instrumento apto para que a Administração Direta e Indireta pudesse contratar agentes públicos em regime temporário e sem a realização de concurso público. Através dessa lei, professores são contratados por escolas e universidades para prestarem serviço por um tempo determinado.

*bolsa, como a PRAS<sup>77</sup>, né? Porque sempre pedia um documento ou outro do pai e eu só vi o meu pai uma vez na vida que foi pra fazer o teste do DNA. Então eu não sei por onde anda. Não é o meu pai. Eu não o considero meu pai. E aí entrei pra faculdade. Minha mãe foi sempre muito esforçada. Nunca deixou de trabalhar. Ela me levava também pro sol quente, pra o trabalho dela. Ela trabalhava no estádio, lá em Caetité e aí ela me levava. Pra dentro dos banheiros, para lavar roupa... porque minha avó não ficava comigo e ela não tinha condições de pagar alguém pra ficar comigo. Então ela me levava pra trabalhar junto com ela. Desde pequena essa é a realidade que eu conheço, né. E aí, ela se esforçou muito para que um dia eu conseguisse estar dentro da universidade. Quando eu entrei em 2015, foi a primeira vez que a minha mãe pisou dentro de uma universidade. Não pra estudar, por que ela não concluiu o ensino médio e a primeira vez que ela entrou foi pra me trazer pra eu fazer a matrícula. E entrei, cotista. E não me reconhecia... eu preferia não falar que eu era cotista, né. Porque era como se eu fosse assim: menos. Que eu era inferior por ser cotista. E aí, eu não conseguia, em 2015, me assumir cotista. Quando eu entrei pra universidade meu cabelo ainda era alisado. Eu já tinha tentado parar de fazer chapinha várias vezes. Eu parei de dar progressiva, de alisar, mas eu ainda continuava com a chapinha, com a prancha. Só dentro dos espaços mesmo, quando eu passei a ter contato com Land, com Leticia, com professores como Tião, né, que hoje eu consigo me aceitar como uma mulher negra, cotista, que vem de um interior, de um bairro periférico. Mesmo dentro da universidade, parece que vai evoluindo só os anos, mas a realidade dentro da família da gente continua a mesma. Minha mãe ainda continuou batalhando, trabalhando. Só ela sozinha pra poder me manter aqui dentro. No início eu vinha nos carros de linha e depois passei a pegar carona (de Caetité para Guanambi). Pra eu conseguir vir*

---

<sup>77</sup> Bolsa Praes é um Programa de Bolsa-Auxílio para estudantes de graduação da UNEB, administrado pela Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PRAES).

*morar aqui, pra alugar casa, dividir casa, foi sempre com a minha mãe sozinha. E assim: depois do teste de DNA, o dito meu pai teve que pagar pensão. Mas era o que? Era uma mixaria de R\$ 80,00 (oitenta reais), R\$ 100,00 (cem reais), que pra eles lá (refere-se ao pai e avó paterna) isso era o suficiente pra me manter. Quantas vezes, eu enquanto criança, era obrigada a ir pra lá, pra casa dela (avó paterna), pedir, perguntar por quê ainda não tinha pagado a pensão? Quantas vezes ela não já me xingou na porta da casa dela? Que eu tava aqui em Guanambi me prostituindo. Que eu não tava estudando. Que o dinheiro era pra vagabundar... quantas vezes eu já não tive que me ver nessa situação?*

*(Keila se emociona e chora.)*

*(...) Até depois de dentro da universidade, eu me via nessa situação. De briga de família por questão de eu tá aqui em Guanambi. Que eu queria pensão pra ficar aqui em Guanambi luxando ou vagabundando... Até hoje ainda paga a pensão, porque é lei. É até eu me formar. É assim. E até hoje eu ainda me vejo... eu vejo a minha mãe brigando com a minha avó, por parte de pai. Minha avó, já chegou a agredir a minha mãe na rua, por causa disso: de cobrança de pensão. E aí é muito difícil falar disso, porque parece que quanto mais a gente vai estudando, quanto mais a gente vai se empoderando, mais difícil é. Porque a gente entende o porquê que a gente passa por isso, né? A gente entende o porquê disso”.*

Nesse momento foi necessário fazer uma pausa. Praticamente todos nós que participávamos da oficina nos emocionamos. Fizemos uma pausa de poucos minutos e reiniciamos. Solicitei que Keila retomasse a sua fala. Ela continuou:

*“Hoje, no 9º semestre, eu me vejo em lugares que eu não gostaria de estar. Não era o que eu tinha pra mim. Estar dentro de uma academia e estar esse ano todo de 2019, dentro de um colégio militar, estagiando. E aí, é outra coisa que eu vou falar depois. Mas dentro de uma academia é o tempo todo. Só tem eu e Jhon (Jonathan), de lá da academia aonde a gente trabalha, que se assume. Que não faz questão de esconder que a gente é assim. E é*

*difícil. Porque a todo momento, querendo ou não, vem alguém querendo te podar, querendo negar que você é assim. Quando eu coloco as tranças e vou, nossa! É muito mais bonito eu estar com as tranças do que com o Black. Porque as tranças não tá igual a minha avó fala: pra cima. Esvoaçado. Não tá esse fuá. Não tá armado. Então quando eu coloco as tranças, lá dentro (na academia) é muito mais fácil. E não é só dos alunos, que vêm de todo lugar, é dos donos também, dos outros professores também. Na forma como eles falam com a gente. Então querendo ou não, acaba sendo um lugar que é muito tóxico, que é muito difícil de tá todo dia. Se eu pudesse eu não estaria mais lá, se eu pudesse. É questão de sobrevivência mesmo. De que infelizmente a bolsa de R\$ 400,00 (quatrocentos reais) não dá pra gente se manter, só pela bolsa. Então é muito difícil. E no Colégio Militar<sup>78</sup>, quando eu entrei pro residência pedagógica (estágio curricular), que aí fez a seleção das escolas. Nadson e Leninha<sup>79</sup>, falaram:*

*- “Você e Cláudia vão pro colégio militar”.*

*Na verdade, não tinha a proposta ainda da militarização. Aí logo depois do residência, a escola passou a assumir a disciplina militar. Aí, nossa! Era o tempo inteiro de chegar em casa mal. Eu já tive pesadelo com essa escola. Eu tenho pesadelo com essa escola. De que está tendo uma revolução lá dentro dessa escola. Já sonhei que os policiais estavam soltando bomba de gás lá dentro. É o tempo inteiro. Tava comentando com Cláudia, ontem, que essa escola afetou mais a gente do que a gente acha que afetou. Porque não é normal você está num estágio e você ter pesadelo com a escola que você está lá num processo de formação. Não é normal. E é contraditório com tudo aquilo que a gente vê aqui durante a graduação. Quando a gente abre a caderneta, e vê... não sei por que, lá tem nome, sexo, idade e tem a cor. Na cor, todos são pardos. Tem alunos com a pele muito mais retinta que a nossa, tem muitos*

---

<sup>78</sup> Referência ao Colégio Municipal Josefina Teixeira de Azevedo, que a partir do ano letivo de 2019, passou a adotar a doutrina militar.

<sup>79</sup> Professores do componente curricular Residência Pedagógica – estágio curricular.

*alunos negros nas salas que a gente ensina, mas a gente abre a caderneta e a gente olha: são pardos. E a gente sabe o porquê disso. A gente sabe o porquê chamam eles de pardos, né?*

*É o corpo da gente que não pode se expressar. É o cabelo das meninas que não pode aparecer. Tá sempre na polpinha, com a redezinha. Quando elas vão pra aula na quadra, a gente sempre tenta quebrar um pouquinho das regras. Elas chegam na quadra, soltam o cabelo e é uma alegria pra elas poder soltar o cabelo. Já chegou até de elas pegarem o celular e fazerem self. Pra gente aquilo tá dentro do processo de formação, né? É um papel nosso também, fazer com que elas se enxerguem assim e que possam fazer isso. Quando os meninos entram na sala, que têm que estar com a blusa sempre pra dentro da calça... Quando as meninas se sentem na liberdade de chegar pra gente, meninas negras, se sentem na liberdade de chegar pra gente e contar casos de abuso. Pelos próprios policiais do colégio... (Keila se emociona novamente). É difícil colocar isso, porque a gente não tem prova, né? Aí quando as meninas vêm contar isso pra gente, dói! Dói demais!*

*Quando uma menina engravida e aí tem que sair da escola, porque a escola não aceita. Então não é essa maravilha que tá saindo falando em Guanambi, que tá tendo os melhores resultados. Que a escola está sendo as mil maravilhas. Porque não tá! Só a gente que está lá dentro consegue ver. Só a gente sabe. Porque a tentativa é de esconder mesmo. É de silenciar. Então hoje eu digo o quanto foi importante eu ter entrado na UNEB e ter passado por onde eu passei ter conhecido as pessoas que eu conheci, porque talvez se eu chegasse no colégio militar sem ter toda essa bagagem, o que poderia fazer era afirmar mais ainda, o que eles estão tentando fazer, com essas meninas. Uma das partes boas que a gente vê, é que mesmo em poucas pessoas, a gente conseguiu plantar assim uma sementinha de... de... pra os alunos de lá mesmo, quando uma aluna vem e fala: - "Ô professora, eu preciso de você na escola na minha apresentação da Consciência Negra, senão eu não vou conseguir. Eu preciso que você esteja, senão eu não vou conseguir".*

*Então a gente vê a importância do processo de formação que a gente passou também pra fora da UNEB. Mas que foi a UNEB.”*

Letícia:

*“Fiz vestibular para aqui e sem perspectiva de vir morar aqui, porque eu fiz o vestibular, mas a minha mãe ganhava um salário mínimo como professora, e para mim passar, eu poderia até passar, mas para mim viver aqui, como eu iria fazer? Então durante muito tempo da minha graduação eu tive que limpar a casa de muita gente, né? Limpar a casa das minhas tias só para receber uma feira no lugar. Para poder pagar meu aluguel. Eu trabalhei dando aula de dança aqui. R\$16,00 (dezesseis reais) a hora aula. Saía da aula sem terminar a aula. De bicicleta emprestada. Emprestava a bicicleta de Larissa<sup>80</sup>.”*

Nesse momento, Letícia não consegue mais conter o choro. No início, ela declarou que não chorava mais. Sugere que por conta da terapia. Mas, nesse momento ela não conseguiu se conter. Ainda assim, fez questão de continuar:

*“Descia. Dava aula. Dava aula em uma academia, em outra academia e em outra academia (três no total). Até completar um valor que dava pra pagar o aluguel e pra pagar as coisas básicas. Eu nunca tive condição de concorrer às políticas da universidade. Eu tinha que comprovar, por exemplo, quem era o meu pai. Eu tinha que comprovar quem era a minha mãe. Eu nunca achava meu pai! Eu nunca achava meu pai para pegar um documento. Então eu nunca pude usufruir de nenhuma política da universidade. A bolsa que eu consegui, foi uma bolsa de ensino. Eu nunca consegui uma bolsa da PRAES (Pró-reitoria de Assistência Estudantil da UNEB), uma bolsa extra, porque para mim achar o meu pai, para ele me dar o laudo dele, para ele me dar um documento, para eu comprovar... e eu era uma pessoa que precisava daquilo. Era difícil. Era difícil! Eu não tinha dinheiro para tirar xerox necessárias de todos os documentos. Então assim, eu tive que contar infelizmente, com o*

---

<sup>80</sup> Colega de sala que lhe cedia a bicicleta para que pudesse chegar a tempo no trabalho.



*meu mérito. E eu não me vanglorio por isso. Porque o mérito, eu não reconheço ele. Eu não reconheço. Eu tive que usar dele, mas eu não reconheço ele, porque eu não quero ele para minha vida. Eu não quero que outras mulheres negras tenham que estudar e passar pela questão do mérito. Quero que elas tenham só o seu direito livre, tranquilamente, de estudar. E aí, fiquei durante algum tempo na universidade. Nas férias, eu dançava em banda, juntava uma grana, vinha, minha tia fazia uma troca comigo de limpar a casa dela e ela mandava feira. Por um tempo fui me mantendo na universidade dessa forma. Pra mim era natural, porque a minha mãe foi 10 anos para fazer uma graduação. E eu ainda me sinto privilegiada pela minha mãe ter uma graduação, né? Porque talvez a mãe da maioria das minhas colegas aqui, não tenha. E aí, fui construindo essa trajetória dentro da universidade, me descobrindo. Fui percebendo que, por exemplo, eu como mulher negra, tô fazendo uma graduação, mas na hora que eu vou nas academias, eu não vejo as mulheres negras no mercado de trabalho. Todas nós aqui, a gente tem a política de cotas, a gente tá ingressando na universidade, mas a gente tá saindo e tá sendo desempregada. Está continuando trabalhando na informalidade. A gente continua na informalidade. A gente continua sem ter condições, sem ser contratadas, entendeu? A maioria, as que são contratadas, são altamente exploradas. Então, o meu corpo negro, ele além de ser sexualizado, ele é explorado no mundo do trabalho. Eu trabalho e eu não recebo o tanto que eu mereço. Eu não tenho direito às férias. Enquanto tem mulheres aí que estão lutando por algumas liberdades, a gente tá lutando ainda pelo direito ao trabalho. Que é a sobrevivência básica. E nenhum direito que eu tenho, ele é garantido. Os meus direitos não são garantidos. Eu produzo cultura, mas eu não vivencio ela, sabe? Eu sou uma mulher artista. E de quando eu me entendo por gente foi a dança, e eu tenho orgulho disso, foi a dança que pagou esses óculos, esse celular, esse cabelo, esse brinco, esta roupa que eu estou. Foi a dança! Eu tenho muito respeito pela cultura, sabe? Mas eu não queria que fosse só esse espaço direcionado aos corpos negros, né?*

*Então quando eu penso em corpo negro, eu não penso só assim na minha estética, eu penso na onde esse corpo negro pode ou não entrar. Aonde esse corpo negro entra? Aonde é que esse corpo negro entra? Qual é a mobilidade desse corpo? Esse corpo pode se movimentar para ir para onde? Para entrar na universidade? Para entrar num emprego? Nesse emprego, o que que esse corpo vai passar? Porque eu sou um corpo que traz história, que traz um passado. Então fica assim sempre nessa jogada, né? De que corpo é esse que eu tenho? Qual é o direito desse corpo meu, né? O que que eu posso fazer com esse corpo? Para além da hipersexualização, eu como uma pessoa, um ser humano que precisa comprar comida, precisa pagar a conta de luz, de energia, que precisa trabalhar... quem é esse corpo, né? Quem é esse corpo negro? É um corpo que tem direito ao trabalho? Ontem eu fiz uma apresentação de dança que falava que a gente não precisa ser Amélia, que a gente pode arrumar uma coisa. Eu puxava na dança, né? E eu trabalho desde os meus 16 anos! Trabalho desde os meus 16 anos. Nessa dança a gente questionava o direito do trabalho da mulher negra. Quando eu puxei a minha carteira de trabalho que eu fiz tem muito tempo, e apontava ela na dança, eu lembrava: Poxa! Minha carteira nunca foi assinada na vida e eu não tenho perspectiva nenhuma de que ela vai ser assinada. E agora, muito menos! Eu tô aqui fazendo uma dança, uma reivindicação, como se isso fosse distante de mim. Não é!*

*(O choro volta)*

*Eu não tenho direitos trabalhistas. Eu trabalho hoje e eu não sei... Então...que escravidão é essa que acabou com o corpo negro? Se eu e a outras mulheres negras, a gente trabalha, trabalha, trabalha e não tem nada! Não tem nada! Não tem direito! Não tem cultura! Não tem lazer! A gente trabalha 60 horas para poder conseguir juntar uma grana que dá, para no final do mês, ter o mínimo de qualidade para comer, entendeu? Então, assim: É muito mais do que a estética. É sobrevivência! É um corpo em sobrevivência na sociedade. Que tá f\*\*\*! E agora com esse governo que tá retrocedendo o mínimo*

*de avanços que a gente tem na democracia, eu não sei o que vai ser do meu corpo. Eu não sei o que vai ser da minha vida. Eu não sei. Eu não tenho o direito de me aposentar. Eu não tenho o direito a ter um trabalho. Eu não tenho direito a comprar um gás. Pra mim, tá difícil. Tá difícil ser mulher negra na sociedade racista. Nunca foi fácil e agora só piora.”*

Queila:

*“(...) E aí eu entrei na universidade e eu vi Land e eu vi Letícia... Pra mim foi incrível! Foi a primeira vez que eu vi duas mulheres negras se auto afirmando enquanto mulheres negras. E que não tinham vergonha nenhuma de ser quem era. E depois que entrei aqui, tudo mudou assim. Eu consegui me entender. A questão da sexualidade já era algo que eu já tinha conseguido me desvencilhar e que eu já conseguia entender quem eu era, e tal. Toda vez, no primeiro semestre, toda vez que um professor entrava e ele pedia pra se apresentar, eu falava que eu era, eu sou LGBT. E isso pra mim, era porque era a primeira vez que eu conseguia me colocar. Que eu conseguia assumir quem eu era de verdade. Mas a questão do cabelo, de mulher negra na sociedade, foi tudo aqui dentro. Eu via Land passando, assim, aquele mulherão parecendo uma divindade andando, assim. E eu ficava: Meu Deus! Para mim tudo aquilo era incrível. E depois que eu passei a me assumir e me auto afirmar, a estar nos diálogos e nos espaços, tudo mudou. Eu consegui ter forças e aí esses dois anjos vieram pra minha vida (abraça Gabriela e Nina). E junto com elas, assim, a gente é o trio da sala. Todo mundo já sabe que as provas batem (risos). Qualquer coisa que acontece na sala o povo já olha pra gente assim:*

*- “Foram elas que fizeram isso aí, ó”!*

*Mas é porque a gente luta! Sermos companheiras de luta assim, é muito importante. Porque quem me viu em 2014 não... nem imaginava que eu iria me tornar quem eu sou hoje. Eu tava conversando com Gabi ontem da minha bisavó, que ela tem Alzheimer. Ela não me reconhece quando eu vou lá. Porque a última vez que ela me viu, eu era totalmente diferente do que eu sou hoje*

*em dia, sabe? E tudo isso foi a universidade. Foi não a universidade em si, mas o movimento estudantil e ter essas mulheres do meu lado. Tudo isso fez com que eu me assumisse e fez com que eu tivesse forças para lutar e falar:*

*Não! Eu sou assim! Eu sou uma mulher negra, LGBT! E é por isso que eu luto. É por isso que eu tô aqui. E eu quero que a minha irmã venha para cá. Eu quero que a minha mãe... a minha mãe, ela entrou... ela fez curso no CEEP<sup>81</sup>, porque eu falei Eu falei:*

*Mainha, entra no CEEP, vai fazer.*

*Porque ela gosta da área da saúde. Eu falei:*

*Eu faço a inscrição para você.*

*Eu inscrevi ela, aí ela passou. Ela terminou agora. Ela fez saúde e gestão lá no CEEP. Então, para mim tudo isso, ver como elas mudaram e ver que eu dei o pontapé inicial, sabe? Foi a parte de tudo isso, para mim, incrível. E participar, e tá aqui com vocês para mim é maravilha. Eu sou muito, muito... eu tenho muita gratidão por todos vocês, por terem estado comigo todo esse tempo. Pode parecer que eu não tenho uma relação muito forte com um ou outro, mas tudo isso me influenciou. Tudo isso me ajudou a estar aqui e a ser quem eu sou hoje em dia. Toda a minha trajetória, desde quando eu entrei na UNEB: A ocupação, um relacionamento abusivo, tudo isso, sabe? E ter essas pessoas do meu lado me ajudou muito em fortalecer como ser humano.”*

Nina:

*“Quando eu entrei na universidade, eu lembro que foi assim: Durante todos os meses eu falava com a minha mãe que eu ia deixar meu cabelo Black:*

*Mãe eu vou deixar o meu cabelo Black.*

*E quando ela fala, que a mãe dela amarrava ela, eu lembro que minha mãe não me amarrava em nada.*

---

<sup>81</sup> Centro Estadual de Educação Profissional em Saúde e Gestão (CEEP), que oferta cursos profissionalizantes (ensino médio e educação de jovens e adultos) para um número significativo de pessoas do município de Guanambi e regiões vizinhas.

*Mãe eu vou para a festa?*

- “Vai”!

*Mãe eu vou sair com fulana?*

- “Vai”!

*Minha mãe sempre me deu essa liberdade. Mas quando se tratava do cabelo, minha mãe sempre falava:*

- “As trancinhas, aquelas trancinhas”.

*E eu tinha ódio! Porque esticava tudo. E minha mãe tinha que deixar o cabelo sossegado. E aí quando eu entrei na universidade, logo quando eu entrei, no primeiro dia, eu saí da aula de história e vi Leticia e Land, que chegou para mim assim:*

- “Oi tudo bem”?

*Aí eu assustada, né? Cabelo liso, aqueles óculos... eu falei:*

*Tudo!*

- “Porque você usa o cabelo assim”?

*Aí eu fiquei calada, porque eu não tinha o que falar para elas. E elas:*

- “Ah, deixa o seu cabelo cacheado”!

*E não sei o quê, não sei o quê...*

*E eu fiquei naquela e falei: Velho! Sabe? Você se identificar, em ver uma mesa toda assim (aponta para o grupo que estava ali, referindo-se ao fato das pessoas que compunham a mesa serem todas negras). Era a mesa do Movimento Estudantil. Eu me lembro como se fosse hoje. Ai Tarcísio<sup>82</sup> veio e falou:*

- “ Olha, entra para o Levante!

*Nossa! Eu ia entrar pro Levante!*

(As colegas riem a ponto de interromper a fala)

*Deixa eu falar!*

*A juventude do MST, a maioria é do Levante. Então eu era criança eu via os meninos do Levante fazendo todas aquelas coisas de teatro, e eu sempre gostei de teatro, de poesia de música. Então eu via e falava:*

---

<sup>82</sup> Aluno veterano da universidade que fazia parte do Levante Popular da Juventude.

*Gente, que massa!*

*E quando eu vi Tarcísio com aquela blusa do Levante, eu lembrei de Tapetinho<sup>83</sup>. Não sei se vocês conhecem. Dos dreads e tal. E quando era na época que eu ia para o MST, ele fazia aula para gente, né? Ciranda. Era a Ciranda das Crianças. Eram as cirandas. E eu participava, assim. E aí eu lembrei, falei:*

*Nossa! Aqui também tem o Levante. Que massa!*

*E o Levante me ajudou muito, professor, sabe? A falar. Porque eu era retraída. O Levante me ajudou a sair dessa coisa da timidez, sabe? Hoje em dia a timidez é algo assim que a gente romantiza. Eu acho que não deve ser romantizada, a timidez. As pessoas têm que se expressar. As pessoas têm que falar. O corpo fala!*

*Logo no primeiro ano (na UNEB): Ocupação. Então eu falei:*

*O MST tá aqui de qualquer forma, né?*

*Entrei na ocupação... Eu lembro que Letícia começou a cortar meu cabelo. A professora Falando e Letícia picando a tesoura no meu cabelo. Ficou uns buracos aqui, outro aqui... Foi quando então, eu entrei na transição? Eu parei de alisar o meu cabelo, não tinha nem seis meses, um ano, né? Que corta as pontas? Letícia, com 3 meses, já tava cortando o meu cabelo. E o meu medo sabe de ir para casa e chegar em casa com cabelo cortado. Aí, eu fui em casa pegar uns lençóis, para poder vir para cá, para ficar aqui. Aí minha irmã foi e tirou uma foto minha e mandou para minha mãe. Eu lembro até hoje minha mãe me ligando:*

*- “Para que você fez isso”? “Você quer virar homem”?*

*Porque toda a minha adolescência eu andava com as meninas lésbicas. Andava com as meninas sapatão. E minha mãe me tirou do futebol, porque ouviu uma conversa de que eu tinha ficado com uma menina. E na verdade eu não fiquei. Eu comecei a ficar com meninas aqui na universidade. Há um ano atrás, na verdade. Mas eu me coloquei aqui na universidade. E minha mãe falou que não ela não...*

*- “Não vou deixar você não, porque influencia”.*

---

<sup>83</sup> Professor de arte e cultura no MST, que atua na região.

*E me tirou de futebol por conta disso. Eu sempre fui de jogar, de participar. E aí, quando eu entrei na universidade, eu comecei a me soltar. Tanto em relação a minha sexualidade, em relação do meu cabelo, do meu corpo. Hoje eu falo que meu corpo fala pela Universidade. Quando entro ali as pessoas sabem quem é Nina, sabe? Pelo cabelo, pelo corpo, pela cor, por tudo. Nas minhas poesias eu falo sobre isso, sabe? Então eu agradeço muito. Tenho enorme gratidão à Letícia. Eu falei isso até hoje. Quando Letícia posta qualquer coisa, eu falo:*

*Lê, eu tenho a maior gratidão por você, maior gratidão por Joselandia. Que foi quem me ajudou a estar aqui hoje, sabe? A me identificar como pessoa negra, dentro do espaço que é a universidade pública. E eu tenho maior gratidão total a minha mãe, sabe? Que ela nunca baixou a cabeça para o meu pai. Meu pai chegava bêbado em casa, quebrava a televisão, minha mãe falava:*

*- “Vai comprar outra”!*

*Meu pai ia lá na loja comprar outra, porque senão ele não entrava dentro de casa. Minha mãe não era aquela mulher que pegava a comida e dava na mão do marido.*

*- “Se você quiser, você vai lá na panela. A comida tá lá. Eu fiz agora. Se não quiser, você vai cozinhar”.*

*Os mesmos direitos que meus irmãos tinham, eu tive. Minha mãe chegava com camisinha em casa e dava para os meus irmãos e falava:*

*- “Aqui é para você não engravidar uma menina da mesma idade da sua irmã”.*

*Eu tinha 15, 16 anos? Eu tenho um norte porque minha mãe foi minha base. E hoje, minha mãe é MST. Eu sou MST. Minha família é MST. E eu tenho o maior orgulho de falar isso. Esses dias, as meninas estavam falando que quando eu chego, eu boto ordem em tudo. Porque o MST me demonstrou isso, sabe? De que quando a gente tá lá caminhando na fila, vem um cara com o carro, a gente quebra a p\*\*\*\* do carro ou ele passa por cima.*

*Você vai passar? Pera aí:*

*Pega logo um pau e quebra logo, que é mais fácil. (Risos)*

*Sério! O MST me mostrou isso.*

*Quando eu comecei a falar do corpo. O corpo negro, professor, é visto como algo...”*

Joselandia completa:

- *“De fácil acesso”.*

Nina continua:

*“Sim! E como você disse: A gente não tem como dizer não. Mesmo que eu fale aqui que eu sou forte, eu não consigo falar quando eu tô nessa situação. Esses dias, um senhor... eu peguei carona com um senhor, quando chegou dali para cá, ele veio passando a mão nas minhas pernas. E eu não conseguia dizer, não. Eu só conseguia encolher, encolher, encolher, encolher... o mais pequeno que fosse. Porque isso está tão forte, sabe? Talvez se fosse outra pessoa, eu falava. Mas eu não consigo. Eu não consigo. É muito forte. Às vezes eu saio da minha casa, até chegar na UNEB, da minha casa até chegar aqui, eu acho que eu encontro uns 30 caras mexendo comigo. Aí as pessoas falam assim:*

*- “Ah, Nina, você tem um corpo lindo”! “Sua bunda é linda”!*

*Eu odeio minha bunda! Ah, por que eu odeio? Porque machuca! Porque quando eu venho de casa para cá, as pessoas só olham ela. As pessoas não olham quem eu sou. Quando eu me relaciono com uma menina, que ela começa a me elogiar pelo corpo, eu odeio. Eu prefiro sair. Porque isso é o reforço de quê meu corpo é que é bonito. É mais do que eu. Mais que qualquer coisa. Eu odeio minha bunda. Eu tô falando com toda força: Eu odeio! Odeio minha bunda. Porque uma coisa assim, que chega primeiro que eu. E eu não queria que fosse assim, sabe? Eu queria que eu, Nina chegasse e que as pessoas me conhecem pelo que eu sou. Uma libriana, o que for. Mas não fala que eu sou... que minha bunda... é... é... Ah! Sua bunda é linda! Velho! É tão sofredor você ter o corpo que você tem e você ser subjugada, resumida a sexo. Ser resumida de que eu vou usar o seu corpo para o meu interesse sexual, meu desejo. E você não consegue falar nada. As meninas falam assim:*



- “Nina, você é *Palmiteira*”<sup>84</sup>.

*Eu falo assim:*

*Gente! É que eu não encontrei uma pessoa que fale assim, que me quer do jeito que eu sou. Eu vou pra festa, aí eu olho pra pessoa e falo assim: me interessei. Mas isso não quer dizer que aquela pessoa vai me querer. É muito isso. Quando Leticia fala da solidão da mulher negra, eu entendo, professor. Porque eu já passei por isso, de ficar com uma menina, terminar comigo, não passar uma semana e assumir outra. E com uma semana assumir a branca. E você só servir para que? Pro sexo.*

*Professor, eu estava passando por um período especial esses dias, né?*

*Todo mundo fala assim:*

- “Ah. Nina é sumida! Nina não tá aqui”.

*Sabe quando fala assim: Eu não ver ninguém, eu não quero ver nada!?*

*Eu fiquei sentada na cama hoje, pensando várias vezes em vir praqui. Porque... não é as pessoas que estão em volta. Não é Gaby, não é Leticia, não é Jú. Sou eu, contra eu mesma. E tá f\*\*\* você viver numa sociedade como essa. Tá muito F\*\*\*. E eu tava passando por algumas situações assim. Eu tava passando por questões assim, que eu não sei por quê, mas eu estava passando. Eu sei que muita gente fala:*

- “Ah, vai pra terapia”. “Vai fazer psicanálise”.

*Eu sei que me ajuda muito, mas eu não tenho condições de pagar terapia. E aí a gente desconta no próprio corpo, sabe? A gente desconta no nosso corpo. Quem não desconta no corpo físico, desconta no corpo da alma, no corpo espiritual. Desconta no corpo que você coloca na sua mente de que você não pode, de que você não consegue. Você desconta de qualquer jeito. Você desconta...”*

---

<sup>84</sup> Diz-se da mulher negra que sente atração física ou sentimental por homens e/ou mulheres brancas. O termo é usado para criticar ou apontar as problemáticas de um casal inter-racial.

Naquele início de tarde de sábado, o depoimento de Nina estava encerrando os nossos trabalhos. Nossa oficina teve uma duração de um pouco mais de duas horas e trinta minutos. Depois da atividade iríamos almoçar. Um caldeirão de feijoada nos aguardava na cozinha da cantina. Como disse anteriormente, a ideia do feijão fora de Leticia e a receita foi minha.

Já tínhamos nos abraçado e estávamos nos encaminhando para comermos quando Joselandia entendeu ser necessário fazer uma última ponderação:

*“Ô, gente, eu tenho que pontuar uma coisa, sabe? Porque eu vejo a necessidade de registrar. Assim: Eu falei sobre a minha árvore genealógica, da minha família, do processo que passei... Só que tem uma coisa que eu não pontuei e é necessário fazer isso. Que é a minha linhagem. Eu sou remanescente quilombola e isso tem se afirmado no tempo todo, sabe? Porque isso também me reforça. Isso me reforça a ser uma pessoa na sociedade, hoje. Se eu boto meu turbante, se eu boto minha biojóia, se eu boto minha precata de pneu, de couro no pé, também é bem isso: Da minha herança. Por isso, eu não posso deixar de sair daqui sem pontuar isso. Do meu quilombo, do meu povo.”*

Naquele momento fiz um novo agradecimento e disse o quão grato eu me sentia pela contribuição que estavam me dando. Disse que era algo imensurável e de uma generosidade sem tamanho. Antes de eu terminar de falar, Leticia interrompeu:

*“Tudo isso que a gente falou aqui eu não consigo imaginar ser superado se a gente não associar a luta de classes e a luta contra o capitalismo. Então não tem como romantizar e dizer que é algo que a gente vai superar pela estética, sem a gente conseguir superar o sistema econômico, filosófico que é o sistema capitalista. Porque ele sustenta, alimenta e mantém o racismo. Porque não dá pra finalizar o racismo nessa mesma estrutura social. Pra mim é primordial. E outra coisa: pra mim, esse momento aqui hoje, não é esforço, não é nada. É muito gratificante eu poder estar aqui com vocês, conversando sobre isso. Não é um peso. É leve, é necessário. São os nossos, produzindo sobre a gente e a gente tem que fazer isso*

*mesmo. (...) Ocupar os espaços e bater o pé! Arrombar mesmo, porque esse espaço é nosso.”*

Considere essas, como sendo as últimas falas registradas daquele dia. Desligamos os equipamentos de gravação, cada um foi até o caldeirão e serviu o seu prato. Sentamos à mesa, conversamos sobre trivialidades, sobre a intensidade daquele encontro e sobre coisas corriqueiras do dia a dia.

#### **4.6 - O casulo da universidade**

O ambiente universitário pode se apresentar com um espaço de transformações para estudantes negras e negros que ingressam no ensino superior. De acordo com a professora Gomes (2017):

“As ações afirmativas e as cotas raciais no Brasil, ao colocarem jovens negros lado a lado com os da classe média e da elite branca, podem agir como um processo de desconstrução da ideologia racista no Brasil. São também uma nova forma de garantia de direitos. Nisso, reside o seu potencial emancipatório. Para que tenha eficácia, o saber corpóreo negro advindo dessa nova situação precisa ser socializado e entrar em contato com outros saberes. Por isso, o encontro de jovens de diferentes pertencimentos étnico-raciais, via política de cotas (ou não), é acompanhado de mais uma tensão e de mais um conflito. Os jovens negros são, na realidade, corpos negros que se contrapõem a ideologia da cor e do corpo do brasileiro (GOMES, 2017, p. 116).”

A seguir, apresento imagens de cada colaborador(a) desse estudo e breves anotações sobre a percepção acerca de cada um(a) dele(as). As fotos, apresentadas por eles, tentam reportar o antes da universidade e o período da graduação. As apresentações seguem uma ordem cronológica da época quando ingressaram a vida acadêmica até o semestre que estavam cursando à época da pesquisa, ou, no caso das concluintes, fotos do último semestre. Em conversas posteriores, através de um aplicativo de bate-papo, solicitei que me enviassem uma foto atual que cada participante considerasse como sendo uma imagem sua atualizada.

Ao acompanharmos a “evolução” das fotografias podemos observar as mudanças nos corpos desses jovens durante a sua trajetória acadêmica. Suas respectivas imagens corporais falam bastante e podem nos dizer muito a respeito de suas permanências na

universidade. Não apenas permanecer, mas (r) existir. As fotografias mostram o quanto eles modificaram a sua estética e aparência, mas não significa que eles não podem ou não vão mais promover e vivenciar mudanças corporais.

As anotações feitas a respeito de cada uma das jovens e de Jonathan são baseadas em seus depoimentos a partir do olhar e da escuta do pesquisador. As imagens, ao serem *linckada* com as falas, refletem a busca pelo mapeamento corporal, através das memórias de experiências vividas por cada participante. Observa-se que as imagens refletem as fases pelas quais os seus corpos passaram e como esses períodos interferiram ou impactaram em suas imagens corporais.



Barbara:

Aos 20 anos, morava em São Paulo. Acabara de ter uma filha e vivia um relacionamento abusivo com um homem branco. Segundo relata, não se reconhecia como negra. O homem com quem convivia utilizava de palavras como morena e mulata para elogiar sua beleza. “Não tinha essa consciência ainda do que era ser negra”. Quando veio de São Paulo para morar na Bahia fez o vestibular para Educação Física e mudou completamente de vida. Deixou a mãe e a filha de 10 anos em outro município e mudou-se para Guanambi. Segundo relata, um dos maiores conflitos que enfrenta na vida acadêmica é relacionado à sua religião de base pentecostal evangélica.

Em seus depoimentos, a questão religiosa aparece muito forte. Em alguns momentos demonstrou entrar em conflito com a doutrina que segue na igreja e com as experiências vividas na universidade. Mudou sua aparência por um período mas retomou o mesmo padrão estético algum tempo depois. Bárbara revela que a universidade tem mexido profundamente em conceitos que ela cultivava anteriormente. Conceitos relacionados as questões de gênero, sexualidade, raça e feminismo. Credita as diversas mudanças internas e externas pelas quais tem passado, ao contato com os coletivos UNEBianos assim como as relações afetivas construídas com as colegas.

Gabriela:

Antes da Universidade	No início da graduação	Ao longo da graduação	Na época da oficina	Foto atual
				

Aos 16 anos, era adepta da “chapinha”. Aparece assim em todas as suas fotos da época. Relata que durante sua adolescência enfrentou diversos problemas com a aceitação do próprio corpo. Entendia que a sua imagem corporal não era a ideal para o grupo social com o qual convivia.

Ao chegar à universidade, passou a ter contato com um estilo de vida diferente do que levava anteriormente, em sua cidade natal. Novas amizades, acesso a novas informações e conceitos diferentes de sociedade. Conta que finalmente pôde encontrar um caminho de se relacionar bem com seu corpo e com sua imagem corporal. Passa a aceitar-se e a viver sua corporeidade com plenitude. Na universidade, de acordo com o seu relato, teve um contato mais íntimo com a sua corporeidade. Assumiu-se lésbica e deixou de ceder às exigências do padrão embranquecido de beleza, assumindo seu corpo e sua feminilidade. Reitera sua negritude e tem uma compreensão de como o racismo age com ela de uma maneira mais branda diferente de como é com outras pessoas negras que tem a pele mais retinta.

Jonathan:

Antes da universidade	No início da graduação	Ao longo da graduação	Na época da oficina	Foto atual
				

*"Ele já tomou bebidas alcoólicas, e talvez já usou drogas. Ele já jogou carne no teto, ele não comia. Ele é bipolar, mas não por escolha. Ele sorria quando sua dor gritava, ele já ficou bêbado. Ele provavelmente já beijou garotos. Talvez ele não seja mais virgem, e não se importe com isso. Mas vem cá... quem é você pra julgar? Ele não é perfeito, e não é obrigado a ser. Ele não pode ser julgado por cometer erros. Quando ele erra todos apontam o dedo, mas e quando ele faz o bem? O que você faz? o que foi mesmo que você fez para poder julga-lo? um pouquinho sobre mim..."* (Texto que usou para legendar a primeira foto desse quadro em de suas redes sociais).

Quando chegou à UNEB teve contato com uma possibilidade de fortalecer sua autoafirmação, como diz. Decidiu mudar o estilo do cabelo e passou a ter uma relação mais segura com sua condição de homem negro. Narra que passou a assumir-se enquanto negro e não aceitar mais ser chamado de pardo. Jonathan é praticante de várias modalidades esportivas, como por exemplo futsal, handebol e vôlei. Em seu depoimento, revela como se impõe enquanto homem negro e homossexual em ambientes dominados pelo machismo. O curso de Educação Física e a universidade têm possibilitado que ele se fortaleça e se redescubra, emancipando seu corpo e compreendendo melhor sua corporeidade. Após o ingresso na universidade e mudanças em sua estética, passou a ser convidado para atuar como modelo fotográfico.



Joselandia:




Aos 12 anos, usava tranças para esconder o cabelo. Apesar de residir na zona rural, sua mãe a matriculou numa escola na zona urbana. Na opinião dela, isso interferiu bastante na formação de sua identidade e na tentativa de embranquecer-se. A maioria de seus colegas eram brancos e de condição financeira superior à sua. Em seu entendimento, isso seria uma influência a mais para ela tentar se clarear.

A universidade foi para Joselandia um caminho de transformação total de sua aparência e existência. As mudanças em sua aparência são reflexos de suas mudanças internas. À medida que foi se aprofundando no meio acadêmico foi reconstruindo sua identidade e, como ela diz, se empoderando. Relata que a universidade possibilitou que ela conhecesse melhor a sua história. Além disso, ela nos conta que essa permanência foi repleta de desafios. As cobranças do meio acadêmico em alguns momentos, fizeram com que ela achasse que não seria capaz de concluir a graduação. Atrasou-se na construção de seu trabalho de conclusão de curso e sentiu o peso de ser a única de uma família quilombola a pisar o chão

da universidade. Para ela, o período em que esteve na universidade foi vital para a construção de sua identidade de mulher preta, quilombola, feminista e ativista. Fala com orgulho de seu corpo, de seu cabelo de suas indumentárias e de como isso tem lhe assegurado uma condição de se impor e de existir no planeta.

Juliana:

Antes da universidade	No início da graduação	Ao longo da graduação	Na época da oficina	Foto atual
				

Juliana relata que aos 11 anos/12 anos passou por um processo interno de querer ser aceita pela família da sua mãe, onde tinha mais contato. Todos eram brancos, então se viu praticamente obrigada a alisar o cabelo para se sentir como parte da família. Para ela a universidade foi um período bem intenso. Ganhou força em sua autoafirmação de mulher preta compreendeu as nuances do racismo que sofria em determinados espaços. Foi na universidade que “perdeu a vergonha” de sua religião de matriz africana. Em suas palavras, a universidade a libertou nesse sentido.

Segundo Juliana, a relação com o seu corpo e corporeidade fora da universidade era sempre conflituosa por questões familiares e profissionais. Em relação a família, sempre foi pressionada a manter uma estética embranquecida, principalmente no que se refere às roupas e ao cabelo. No campo profissional, declarou ter sofrido preconceito racial em diversas situações, onde donos de loja e produtores lhe diziam que determinada marca não poderia ser usada por uma mulher negra. A universidade foi alicerce para fortalecer sua negritude e compreender melhor a sua condição de mulher negra.

Karina:



Karina contou que aos 14 anos se sentia muito incomodada com o tamanho de seus seios, tentava escondê-los e não se sentia bem com seu corpo. Assumiu seus seios por causa da Gisele Bündchen e sentia orgulhos de ser chamada de mulata. Achava um elogio quando alguém lhe dizia que ela era uma mulata tipo exportação. Para Karina, o ambiente universitário foi um choque de realidades. Ela relata que para ela tudo mudou em

sua vida e toda a compreensão que tinha de si e dos outros foi impactada depois da universidade. Destaca em especial uma professora e alguns eventos que participou. Explana em suas falas que vivia uma relação de conflito com o seu corpo. Já sentiu vergonha de seus seios, de seu cabelo e da sua cor. Escondia-se como podia. A universidade possibilitou que passasse a compreender a sua condição de mulher negra e que fosse reconstruindo a sua corporeidade a partir de referências mais ligadas à sua imagem corporal.

Keila:

Antes da universidade	No início da graduação	Ao longo da graduação	Na época da oficina	Foto atual
				

Aos 17 anos, Keila usava o cabelo alisado. Relatou que os produtos que utilizava irritava os olhos, o pente quente provocava dor, mas ainda assim sentia-se obrigada a passar por esse processo para atender uma exigência de um certo padrão de beleza e estética feminina. Era um processo

doloroso, que provocava sofrimento físico e mental para modificar a sua aparência e não parecer negra. Cabelo, corpo, feminismo, autoafirmação e empoderamento: tudo isso como uma avalanche durante sua vida acadêmica. Destaca que pode compreender melhor seu corpo e sua corporeidade, assim como traçar uma perspectiva de futuro profissional a partir de suas experiências dentro e fora da sala de aula. Tanto as experiências que julga positivas quanto as negativas.

Letícia:



Aos 17 anos, usava com frequência o cabelo alisado apesar de dizer que gostava mais dos “cachos”. Dançava em uma banda de Axé Music e tinha o seu corpo como principal instrumento de trabalho. Sua estética corporal era moldada pelas exigências do palco. Hoje, ao se lembrar desse período, reconhece que faria diferente. Letícia relata que enfrentou vários problemas para se manter na universidade, pois tinha que trabalhar para

pagar as suas despesas. Conta que pelo fato de ter que enfrentar as condições difíceis da vida acadêmica, acabou se aproximando de políticas públicas que fortaleceram a sua identidade. Leticia foi aluna militante dos movimentos estudantis e é feminista atuante. Assim como todos os participantes deste estudo, participou dos movimentos do diretório acadêmico, lutou pelas políticas de permanência e foi uma das fundadoras do movimento Crespas e Crespos em Guanambi e em Caetité. O seu corpo é sua principal bandeira. Uma citação dela pode definir isso: “Não é só um corpo, um cabelo. É toda uma condição de se fazer presente no mundo”.

Queila:

Antes da universidade	No início da graduação	Ao longo da graduação	Na época da oficina	Foto atual
				

Aos 16 anos, era uma adolescente que vivia um conflito com seu corpo e sua sexualidade. Conta que algumas vezes foi hostilizada pelas colegas com xingamentos racistas. Em relação ao seu corpo e a sua estética, tentava estampar cabelos alisados para responder a uma expectativa da família que lhe dizia que ela era quase branca e que isso era muito bom. Diz que quando entrou na universidade “tudo mudou”. Descreve como foi impactada em sua imagem corporal e em sua sexualidade. Quem a viu em 2014, provavelmente não a reconheceria hoje, tamanha as mudanças que tem construído. Queila, que é moradora em um distrito do município de Guanambi, encontrou na universidade o caminho para assumir seu corpo com mais propriedade. Reafirmou a sua orientação sexual e está engajada na luta pelos direitos das mulheres e pelas políticas estudantis de permanência.

Nina:



Nina nos apresentou essa primeira foto de quando ela tinha 17 anos e participava de uma festa em sua escola no ensino médio. Ela revela que tentava a todo custo moldar a sua aparência para agradar aos outros, desde as roupas que usava até o alisamento do cabelo. Frustrou-se algumas vezes e, em uma dessas, que lhe marcou bastante, quando se achava linda e bem-produzida, atendendo as exigências que lhe eram impostas, um colega lhe disse que ela estava parecendo uma travesti. Ela conta que essa observação foi chocante para ela, pois mexeu profundamente com a sua autoestima. Relata que a universidade tem sido um espaço de conquistas e mudanças corporais e comportamentais. Revela que foi na universidade que reuniu condições para assumir seu corpo de uma forma mais verdadeira. Segundo ela, ainda vive alguns conflitos com a sua imagem corporal, mas o contato com o meio tem favorecido avançar na compreensão de sua corporeidade. Deixou de alisar o cabelo e assumiu o crespo. Segundo informa, fez a transição capilar mesmo contrariando a vontade da mãe. Conta que durante a ocupação, teve o seu cabelo cortado por Letícia e por outros estudantes que estavam participando do ato. Aquele momento foi determinante para as mudanças corporais que tem vivido até então.



## CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

### As Negras

(Chico César)

As negras estão chegando trazendo d'África o axé vital  
 Herança das matriarcas da arca sagrada imaterial  
 As negras vêm carregando sustentam o pote d'água abissal  
 Do abismo de todo ser da primeira sede essencial  
 As negras aqui estando instalam o totem que acalma o caos  
 Desdobram nosso destino desde o origami original  
 As negras alimentando de leite o leite manacial  
 Dentro e fora do peito o amor perfeito primordial  
 Ori céu do pensamento, ali coração do mundo  
 E aí o poço profundo, onde se banham as almas  
 Ori céu do pensamento, ali coração do mundo  
 E aí o poço profundo, onde se banham as almas

Em 2001 ingressei na Universidade do Estado da Bahia – UNEB como docente no curso de Licenciatura em Educação Física do *Campus XII* de Guanambi. Comecei como professor substituto, mas, no ano seguinte, fui aprovado em concurso público e fui efetivado. Ao longo dessas duas décadas tenho observado o quanto o perfil de nossos alunos e alunas tem se modificado. O próprio departamento e a instituição têm feito estudos específicos sobre o tema e estes podem ser encontrados nos relatórios construídos pela Comissão Própria de Avaliação - CPA da instituição, disponíveis no Portal da UNEB na seção da Secretaria Especial de Avaliação Institucional<sup>85</sup>. Vários artigos e trabalhos de conclusão de curso *lato e stricto senso* também falam sobre o perfil desses alunos e alunas especificamente.

Em relação às Políticas de Ação Afirmativa, havia no departamento várias ações oferecidas pela UNEB que caracterizam o seu pioneirismo nessas políticas, não só na Bahia, como em todo o território nacional. Desde 2004 o *Campus XII* mantém uma residência universitária para estudantes que não tinham condições de bancar o aluguel. Inicialmente era uma casa alugada para 12 jovens, depois evoluiu para 14. Com o aumento da demanda uma casa maior foi alugada e passou a abrigar 18 estudantes. Em 2014 eram duas casas oferecendo 16 vagas cada uma e em 2017 foi inaugurada a sede própria da residência estudantil, oferecendo 40 vagas no total.

Além da residência, a UNEB mantinha um cursinho pré-vestibular gratuito onde os alunos da universidade tinham a possibilidade de atuarem dando aulas e recebendo

---

85 <https://portal.uneb.br/seavi/>

uma bolsa para isso. No departamento tínhamos um projeto piloto denominado “Pré-vestibular Social”, que mais tarde se transformaria no “Universidade para Todos”.

A UNEB, em sua política de permanência e afirmação, sempre dispôs de bolsas de permanência, residência, Mais Futuro, extensão, ensino e iniciação científica. Atualmente mais de 300 estudantes do *Campus XII* são contemplados com bolsas que variam de R\$ 200,00 a R\$ 600,00, a depender da distância onde residem e as condições sociais e econômicas.

Sem desconsiderar todas as iniciativas mencionadas acima, avalio que a iniciativa de maior repercussão institucional foi a adoção de políticas afirmativas em sua modalidade de reservas de vagas que está em vigor na instituição desde 2002. No dia 18 de julho de 2002, a Universidade do Estado da Bahia, fazendo uso da sua autonomia institucional, aprovou no seu Conselho Superior - CONSUR a implementação do Sistema de Cotas para o acesso aos seus cursos de graduação e pós-graduação. Já no vestibular de 2003 essa ação foi efetivada, sendo a UNEB a primeira universidade do Brasil a adotar essa política, valendo-se de sua autonomia universitária, em uma decisão de seu Conselho interno.

Em Guanambi, assim como em todo o país, a política de cotas fez com que um número maior de estudantes negros acessasse o ensino superior. Em 2003, apenas os cursos de Pedagogia e Educação Física funcionavam no departamento, mas em 2005 foi implantado o curso de Administração e, um ano mais tarde, o curso de Enfermagem. Com um contingente maior de alunos, a presença dos alunos e alunas negras ficou mais evidente. Em pouco tempo deram início à organização em movimentos estudantis e coletivos de luta popular e começaram a “aparecer” como protagonistas de suas histórias estudantis.

O meu ingresso como docente e o meu contato com políticas, que até então eu desconhecia, acabaram por impactar também a minha estética e imagem corporal. Logo em 2002 fiz parte da Comissão Própria de Avaliação - CPA e permaneci até 2008. Neste ano ingressei como membro da comissão da residência universitária e permaneci até 2017. Coordenei por 2 anos consecutivos o cursinho pré-vestibular Universidade para Todos e coordenei grupos de estudo e projetos de extensão que tinham como principal público alunos cotistas, moradores da residência universitária e/ou alunos com algum risco social. De certo modo, pude vivenciar e perceber que o contato com a universidade e as políticas ações afirmativas poderiam estar promovendo mudanças na corporeidade dos estudantes, assim como estaria provocando na minha.

Num estado majoritariamente negro, onde muitas vezes eu tinha que “embranquecer” para garantir algum reconhecimento ou conforto social, vi na carreira docente da UNEB um caminho para encontrar e amar o homem negro que sou. Esse caminho foi trilhado com a ajuda de uma banda de forró genuinamente universitária, visto que era formada por mim e por alunos do curso de Educação Física: era a “Entre um Gole e Outro”, que começou tocando nos eventos da universidade e se profissionalizou mais tarde chegando a gravar CD’s e a realizar shows por toda Bahia. A história dessa banda não cabe aqui nesse texto, mas posso rapidamente dizer que foi importante em minha permanência e trajetória enquanto professor, artista e homem negro.

Nesse contexto e com a intenção e inquietude de verificar como os corpos negros foram e são impactados por políticas de ações afirmativas no meio universitário e de como as respostas que esses corpos dão a essas políticas podem auxiliar na compreensão dessas ações, esse trabalho foi construído. Os resultados obtidos demonstram que para além das cotas, para além das bolsas permanência, para além da residência universitária, os corpos e as vidas de pessoas foram e são profundamente transformados a partir do momento em que ingressaram no ensino superior. Os participantes desse estudo podem assegurar isso.

Apesar de ainda termos um currículo e boa parte da prática docente arraigada às perspectivas coloniais e colonizadoras, é possível notar e anotar que esses jovens têm promovido um enfrentamento e rompimento à essa lógica através de suas iniciativas nos coletivos e outros espaços de resistência. Em várias passagens narradas aqui encontramos exemplos desses coletivos e espaços: o movimento estudantil; os coletivos criados pelos próprios alunos e alunas a exemplo do Crespas & Crespos; a residência universitária. Essa rebeldia e resistência ganha maior embasamento teórico nos grupos de estudo, nos projetos de extensão, assim como nos congressos, encontros e jornadas científicas das quais participam. Observamos ainda o intercâmbio e a presença de universitários oriundos de grupos de luta popular e social, a exemplo do Levante Popular da Juventude e do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Em mais de uma vez tivemos depoimentos que fazem referência a professoras e professores que também compreendem a necessidade e importância da autoafirmação desses e dessas estudantes enquanto jovens negros e negras.

Penso que esse trabalho pode trazer grande contribuição para o meio acadêmico ao revelar como a mudança nas políticas de acesso e permanência das universidades públicas podem promover mudanças tão profundas nas vidas das pessoas. Não apenas no campo profissional, mas principalmente no campo pessoal. Esse trabalho retrata um outro

lado da formação profissional que está para além do ementário dos currículos. Ele fala da (re)construção do indivíduo e das marcas que o ambiente acadêmico deixa no corpo. Marcas que podem ser ruins, mas que também podem ser boas.

Os mapas corporais dos jovens participantes deste trabalho revelam que o não lugar pode ser transformado no lugar. Suas trajetórias demonstram que a quilombola, a ribeirinha, a filha da moça que lava banheiros, a evangélica que é mãe solo, a moradora do assentamento do MST, podem ingressar numa universidade pública e obter o diploma de um curso superior. A permanência simbólica de pessoas como a filha de uma professora que recebe apenas um salário-mínimo, de um jovem negro periférico e homossexual, de uma jovem negra moradora da zona rural, de uma mulher que durante toda a juventude tinha vergonha de seu corpo ou de uma moça que se sentiu segura em assumir a sua religião de matriz africana influenciada a partir do contato com a universidade, revelam que existe um currículo oculto que é capaz de possibilitar outros níveis de conhecimento.

Podemos verificar que, apesar do racismo algorítmico que invisibiliza os corpos negros como sendo belos e/ou ideais, existe um cultivo a beleza e estética negra dentro das universidades promovidas por ações e atitudes resultantes/consequentes das políticas de ações afirmativas. Apesar de sites de busca e redes sociais insistirem em conservar a estrutura racista da sociedade que não vê beleza em corpos negros e ainda cultiva o ideal europeu de brancura como sendo o corpo ideal, os jovens negros universitários estão desestabilizando essa lógica.

Fazem isso através do diálogo intercultural, da articulação com os movimentos sociais, do enfrentamento ao patriarcado, à violência e ao preconceito racial e social, construindo, como diz a professora Gomes (2017), subjetividades emancipatórias, dinâmicas, rebeldes e desestabilizadoras. Os corpos que outrora eram considerados exóticos, estranhos, anormais, passam a se impor enquanto corpos emancipados, livres e revolucionários.

“(...) as subjetividades emancipatórias, dinâmicas, rebeldes e desestabilizadoras emergirão de forma radical. Por meio delas encontraremos novos rumos para a continuidade das lutas sociais com o objetivo de democratizar a democracia, reinventar as esquerdas, descolonizar os conhecimentos e refundar o Estado (GOMES, 2017, p. 129).”

Emprestando o termo “saberes estético-corpóreos”, grafado por Gomes (2017), verificamos o enfrentamento à folclorização, à negação e ao hibridismo associados

preconceituosamente à corporeidade negra. Como ressaltado por Gomes (2017), estes saberes dizem respeito à estética como forma de sentir o mundo, como corporeidade, como forma de viver o corpo no mundo. Percebemos assim que esses jovens usam os seus saberes estético-corpóreos não apenas para alimentar e potencializar as suas autoestimas, mas também para ocupar espaços e construir políticas de equidade e reparação.

Dos 10 jovens que participaram desse estudo científico, 09 são do curso de Educação Física. Nesse sentido, é necessário observar que apesar de historicamente a Educação Física brasileira ter se aliado a projetos hegemônicos, eugenistas, higienistas e positivistas de sociedade, há uma corrente contrária a essa lógica imposta pelo capital. Existe uma resistência à ideologia do corpo perfeito. Essa resistência tem construído a ideia dos corpos livres e autênticos. Corpos que não aceitam mais a invisibilidade e a marginalidade, corpos possíveis, normais e revolucionários, corpos que rompem tabus de um racismo científico que há séculos tenta estigmatizar a negritude. Os mapas corporais desses jovens são uma reivindicação de normalidade ao corpo e corporeidade da mulher negra, do jovem negro homossexual, da jovem negra sarará.

É importante ressaltar o momento histórico em que esse trabalho está inserido e sendo concluído. Vivemos tempos de ameaças constantes à democracia e hoje em meio a pandemia mundial da Covid-19, o Brasil registra o óbito de aproximadamente 400 mil brasileiras e brasileiros. Ao detalharmos esses números vemos que essa catástrofe é ainda mais avassaladora entre os negros e negras do país.

“Homens negros são os que mais morrem pela covid-19 no país: são 250 óbitos pela doença a cada 100 mil habitantes. Entre os brancos, são 157 mortes a cada 100 mil. Os dados são do levantamento da ONG Instituto Polis que analisou casos da cidade de São Paulo entre 01 de março e 31 de julho. Entre as mulheres, as que têm a pele preta também morreram mais: foram a 140 mortes por 100 mil habitantes, contra 85 por 100 mil entre as brancas. Outro levantamento, desta vez pelo IBGE, mostrou que mulheres, negros e pobres são os mais afetados pela doença. A cada dez pessoas que relatam mais de um sintoma da covid-19, sete são pretas ou pardas. Esse padrão se explica por desigualdades sociais e pelo preconceito (PECHIM, medicina.ufmg.br, 2020).”

Situando esse trabalho no tempo e no espaço, é preciso dizer que esse estudo teve seu início logo após o golpe machista de 2016, que destituiu a presidenta Dilma Rousseff. Seu início se deu durante o governo oportunista de Michel Temer e está sendo concluído em meio ao desastroso e genocida governo da família Bolsonaro. Os últimos anos têm sido marcados por ameaças e desrespeito à democracia e aos direitos conquistados. Os

racistas e fascistas saíram do armário e hoje ocupam cargos importantes no governo, valendo-se disso para destruir e desqualificar o pouco que foi edificado no âmbito das políticas públicas. A Fundação Palmares e o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, que no governo Dilma era o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos são exemplos disso.

Temos um governo racista que nega a existência do racismo.

Há, sem nenhuma dúvida, uma relação das políticas públicas atualmente adotados no Brasil, com o resultado desse trabalho. Mais uma vez, não há consentimento por parte da população negra. Existe o aquilombamento, a revolta e a resistência. Essas formas de luta estão presentes também nas universidades através dos corpos negros que por ali transitam.

Diante do exposto, concluo dizendo que esse trabalho fala da corporeidade e da imagem corporal de jovens universitários negros e negras. Penso que foi possível delinear a trajetória desses jovens relacionando suas mudanças estéticas corporais com a sua permanência na universidade, especificamente na UNEB, *Campus XII* de Guanambi. Em muitos casos, percebe-se que esses jovens saíram de uma condição de subalternidade e de sofrimento e assumiram que são sujeitos de seus próprios corpos e de suas próprias histórias.

Esse estudo traz a reflexão de que um dos principais impactos das ações afirmativas sobre a corporeidade dos jovens negros e das jovens negras é a possibilidade de retirar esses corpos da subalternidade e sofrimento e elevá-los aos extratos de poder. É transformar os subjugados em sujeitos agentes e transformadores de uma própria realidade através de corpos e trajetórias potentes, viabilizando a permanência e ascensão de outros corpos de natureza semelhante nesses espaços, onde ainda são vistos como estranhos ou exóticos. É transformar o não lugar em lugar.

Para mim, está sendo a possibilidade de compreender que o intelectual negro pode ser negro dentro do seu corpo negro. Não tem que se embranquecer para ser um doutor. Eu posso ser negro dentro de um espaço de poder que é a intelectualidade científica brasileira.

Durante a construção desse trabalho, como nesse exato momento, em várias situações me emocionei profundamente. A emoção foi uma companheira das escritas, das transcrições, das leituras, das análises e das lembranças que esse trabalho me proporcionou. Um aprendizado que não imaginava quando iniciei essa caminhada. Nesse momento, em que resisto em parar de escrever, percebo que nós não temos ideia de

quantos dos nossos nós carregamos com a gente. E esta é uma responsabilidade que definitivamente nós não deveríamos ter, mas que ainda temos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Aline Neves Rodrigues, **Juventude Quilombola : projetos de vida, sonhos comunitários e luta por reconhecimento**. Tese (Doutorado) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. Belo Horizonte.

ASSMANN, H. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. Piracicaba: UNIMEP, 1995.

ARANTES, Ana Cristina, **A História da Educação Física escolar no Brasil**, *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Año 17, Nº 175, Diciembre de 2012.

AZEVEDO, Denis de Souza; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. SER NO MUNDO, MUNDO VIVIDO E CORPO PRÓPRIO SEGUNDO MERLEAU-PONTY. *Dialektiké*, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 15-37, jun. 2015. ISSN 2359-1323. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/dialektike/article/view/3009/1077>>. Acesso em: 27 mar. 2021. doi:<https://doi.org/10.15628/dialektike.2015.3009>.

BARBOSA, F. Vidal; COSTA, A. Marino; COSTA, D. de Melo. Financiamento público e expansão da educação superior federal no Brasil: o REUNI e as perspectivas para o REUNI 2. **Gestão Universitária na América Latina- GUAL**, Florianópolis, V.6, n.1, p. 106-127, jan. 2013. Disponível em: <https://periodicosufsc.br/index.php/gual/article/download/1983-4515.2013v6n1p106/23989>. Acesso em: 26/08/2019.

BARROS, Fernando. Será o fim do IMC?. *Veja Saúde – Saude.abril.com*, 2016. Disponível em: < <https://saude.abril.com.br/bem-estar/sera-o-fim-do-imc/>>

BELMON, G. dos S. Identidade racial e identificação racial. **Griot : Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 129-141, 2010. DOI: 10.31977/griofi.v2i2.480. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/480>. Acesso em: 19 jan. 2021.

BERALDO, Lilian. **Cotas Raciais, UNB, 15 anos de cotas, negros, brancos, escolaridade, CONAPIR 2018**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educa%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcia/2018-05/cotas-foram-revolu%C3%A7%C3%A3o-silenciosa-no-brasil-afirma-especialista>. Acesso em: 24/08/2019.

BITTENCOURT, Circe. **Identidade nacional e ensino de História do Brasil**. In: KARNAL, Leandro. (Org.). *História na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003, p p. 185-204.

BOCCA, Ana Paula. **Nina Rodrigues e a construção social do estereótipo sobre o criminoso no Brasil**. 2020. 32f. Trabalho de conclusão de curso de graduação (serviço Social) – Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2020.

BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. **A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação Física**. *Revista Brasileira da Ciência do Esporte*, Campinas, v. 24, n. 3, p. 87-101, maio 2003.



BRAGA, Amanda, **Dispositivos de uma Beleza Negra no Brasil**. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

BRAGA, Tuwile Jorge Kin. **A territorialidade do corpo negro na USP**. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.8.2020.tde-03032020-162818. Acesso em: 2021-03-24.

CARVALHO, Airuan Silva de, **Kwanissa**, São Luís, n. 2, p. 20-34, jul/dez, 2018.

COLEN, Natália Silva. **Uma universidade negra é possível? a criação da UFRB no contexto das ações afirmativas no Brasil** - Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação. Belo Horizonte, 2019.

COMIN, Fabio Scorsolini. AMORIM, Katia de Souza. **"Em meu gesto existe o teu gesto": corporeidade na inclusão de crianças deficientes**. 2010. Scielo. Acesso em: 15 out. 2010.

COUBE, Roberta Jardim. SANTOS, Felipe Lameu dos. **A Educação Física no parecer sobre a Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da instrução pública: educação integral no projeto de modernidade**, *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Año 17, N° 175, Diciembre de 2012.

CRUZ, Mariléia dos Santos. **Uma Abordagem Sobre A História da Educação dos negros**, P 21 a 34, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC) 2005.

CUNHA, Adriana Miranda da. **Mapeando o Corpo: proposições práticas para a partilha do sensível nas representações do corpo em criação**, *Urdimento*, v.2, n.27, p.228-240, Dezembro 2016.

CUNHA, Maria Couto. **A dinâmica dos fatores condicionantes da criação de cursos de Educação Superior no Estado da Bahia**. 2002. Tese (doutorado em Educação) – Programa de pós-graduação em educação, Universidade Federal da Bahia, 2202, 215 p. DANIELLA Ramos Silva e Sérgio Carvalho Benício de Mello.

**Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação** | E-compós, Brasília, v.13, n.1, jan./abr. 2010

DELEUZE, G. Nietzsche e a Filosofia. Ed. Rio, Rio de Janeiro, 1976.

DOMINGUES, Petrônio. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005 **MOVIMENTO DA NEGRITUDE: UMA BREVE RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA**

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

ELIAS, N.; SOCTSON, J. L. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

FERNANDES, V.; SOUZA, M. C. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 63, p. 103-120, 29 abr. 2016.

FERREIRA, L. F. “Negritude”, “Negridade” , “Negrícia”: **História e Sentidos de Três Conceitos Viajantes**. Via Atlântica, [S. l.], n. 9, p. 163-184, 2006. DOI: 10.11606/va.v0i9.50048. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50048>. Acesso em: 22 mar. 2021.

FERREIRA, Heraldo Simões, SAMPAIO, José Jackson Coelho, **Tendências e abordagens pedagógicas da Educação Física escolar e suas interfaces com a saúde**, em <http://www.efdeportes.com/efd182/tendencias-pedagogicas-da-educacao-fisica-escolar.htm> 4/14 12/9/2014, acessado em 22/08/2019.

FIALHO, Nádia Hage. **Universidades Estaduais no Brasil: pauta para a construção de um Sistema Nacional Articulado de Educação**. Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade, Salvador, V.21, n.38, p.81-93, jul./dez. 2012.

FISHKIN, Rand. **New Jumpshot 2018 Data: Where Searches Happen on the Web (Google, Amazon, Facebook, & Beyond)**, em <https://sparktoro.com/blog/new-jumpshot-2018-data-where-searches-happen-on-the-web-google-amazon-facebook-beyond/>, acessado em 28 de janeiro de 2021.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1993. (1933).

GASTALDO, D., Carrasco, C., Magalhães, L., & Davy, C. (2012). **Body-map storytelling as research: methodological considerations for telling the stories of undocumented workers through body mapping**. Toronto: Livro Digital. Recuperado de: [http://www.migrationhealth.ca/sites/default/files/Bodymap\\_storytelling\\_as\\_research\\_HQ.pdf](http://www.migrationhealth.ca/sites/default/files/Bodymap_storytelling_as_research_HQ.pdf)

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. LTC, 2004.

GOMES, Joaquim B. B. **Discriminação Racial e princípio constitucional da igualdade**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. São Paulo:USP, 2002 (tese: doutorado).

\_\_\_\_\_, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, Jun. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151797022003000100012&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151797022003000100012&script=sci_abstract&lng=pt)

\_\_\_\_\_, Nilma Lino. **Movimento negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra**. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*.

São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2, p. 37-60.

\_\_\_\_\_, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_, Nilma Lino. Apresentação. In: SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; REGIS, Kátia; MIRANDA, Shirley Aparecida de. *Educação das relações étnico-raciais: o Estado da Arte*. Curitiba: NEAB-UFPR; ABPN, 2018.

GOMES, Nilma Lino; MIRANDA, Shirley Aparecida de. **Gênero, Raça e Educação: Indagações Adivindas de um Olhar Sobre uma Academia de Modelos**. *Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, [S.l.], v. 8, n. 13, p. 81-103, jun. 2014. ISSN 2179-2534. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/1373>>. Acesso em: 18 mar. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.19177/prppge.v8e13201481-103>.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, Pensar, Agir: Corporeidade e Educação**. 8. ed. São Paulo: Papirus, 2005.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na sociedade brasileira**. In: *Movimentos Sociais Urbanos: memórias étnicas e outros estudos*. Org. Antonio Silva Brasília, ANPOCS, 1983.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. 2ª.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 372-388.

IBGE. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e socioeconômica N° 41. **Desigualdades Sociais por cor e raça no Brasil**. 2018.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Brasil em desenvolvimento: Estado, planejamento e políticas públicas**. Brasília: Ipea, 2017. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. **Mecanismos Eficientes na Produção do Fracasso Escolar de Jovens Negros: Estereótipos, Silenciamento e Invisibilização**. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 34, e167901, 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982018000100102&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100102&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 18 mar. 2021. Epub 18-Jan-2018. <https://doi.org/10.1590/0102-4698167901>.

\_\_\_\_\_, Rodrigo Ednilson de, GOMES, Nilma Lino, **A “Constituição” da Nação Brasileira em Disputa: o Debate em Torno da (in) Constitucionalidade das Ações Afirmativas**. 2014.

\_\_\_\_\_, Rodrigo Ednilson de. **Ações Afirmativas, Educação e Relações Raciais: conservação, atualização ou reinvenção do Brasil**. UFMG, Programa de pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social. Minas Gerais, 2011.

\_\_\_\_\_, Rodrigo Edmilson de, *REIS, Juliana Batista dos* Juventude e Diversidade Étnico-racial, **Cadernos temáticos : juventude brasileira e Ensino Médio** / Licinia Maria Correa, Maria Zenaide Alves, Carla Linhares Maia, organizadoras. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014.

\_\_\_\_\_, Rodrigo Edmilson de, **Auto-declaração e Heteroidentificação racial no contexto das Políticas de Cotas: Quem quer (pode) ser negro no Brasil?**, 2019.

\_\_\_\_\_, Rodrigo Edmilson de, **Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro**, Organizador, Belo Horizonte - Minas Gerais 2019.

JOVCHELOVITCH, S; BAUER, M. W. **Entrevista Narrativa**. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.p. 90-113.

LARROSA, Jorge. **Literatura, experiência e formação**. In: COSTA, M. V. (Org.). Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 1996.

MARTINS, Bárbara, **Racismo algorítmico: o que é e quais são os impactos da discriminação racial na tecnologia**, Disponível em <<https://www.hypeness.com.br/2020/09/racismo-algoritmico-o-que-e-e-quais-sao-os-impactos-da-discriminacao-racial-na-tecnologia/>>, acesso em 23/02/2021.

MATOS, Juliana Alves Viana; SILVA, Kênia Lara; GARCIA, Marie-Carmen. **O mapa corporal narrado: relato de experiência de pesquisa com aporte teórico de Bourdieu**. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, e20170407, 2018. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452018000300706&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452018000300706&lng=en&nrm=iso)>. access on 17 Mar. 2021. Epub Aug 06, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2017-0407>.

MATTOS, Ivanilde Guedes de, **Memórias e trajetórias: educação física e o corpo negro**, Espaço Plural — Ano VI - No 14 - 1o Semestre de 2006 — Versão eletrônica disponível na internet: [www.unioeste.br/saber](http://www.unioeste.br/saber)

\_\_\_\_\_, Ivanilde. G. de . **A (im)perfeição dos Corpos: Representação e Identidade de Gênero e Raça no Ensino da educação Física**. Seminário Ítalo Brasileiro de Educação Comparada, Salvador, 2004.

\_\_\_\_\_, Ivanilde (Ivy) Guedes de, SANTOS, Ana Paula Medeiros Teixeira dos, **Empoderamento feminino e revolução**, in *Roteiros temáticos da diáspora: caminhos para o enfrentamento ao racismo no Brasil [recurso eletrônico] / Andrea Maila Voss Kominek; Ana Crhistina Vanali (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.*

MATTOS, Wilson Roberto de, 2003 - **O ano do começo: características e aspectos iniciais da implantação do sistema de cotas para negros na Universidade do Estado da Bahia (UNEB)**, Plurais – revista interdisciplinar da UNEB – Salvador, v1, n.1, p. 120-142, jan/abr. 2010.

MAYORGA, Claudia e SOUZA, Luciana Maria de. **Ação Afirmativa na Universidade: a permanência em foco** - PSICOLOGIA POLÍTICA. VOL. 12. No 24. PP. 263-281. MAIO – AGO. 2012.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”:** bases para a renovação e transformação da Educação Física. Campinas: Papyrus, 1983.

MEDINA, J. P. S. **O Brasileiro e Seu Corpo**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1988

MELO, Leyland Galletti de. **Mapas Corporais Narrados em Homens em Situação de Rua**. Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília – IP/UnB, Brasília, 2020.

MENEZES, VITOR; **“Identidade e processos de identificação: um apanhado teórico”** In: Revista Intratextos, 2014, vol 6, no1, p. 68-81 DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2014.7106>

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MIRANDA, Marta R. F. de Almeida. **Investimentos públicos diretos em educação superior da Bahia**, 2013. Dissertação (Mestrado em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação). Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 229p.

MOEHLECKE, S. **Ação Afirmativa no ensino superior: entre a excelência e a justiça racial. Educação & Sociedade**. Campinas, V.25, n.88, p. 757-776, out. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n88/aO6v2588.pdf>. Acesso em: 25/05/2019.

MOURA, Clóvis. **Brasil: raízes do protesto negro**. São Paulo: Global, 1983. p.40-46, 100-105: Ideologia de branqueamento das elites brasileiras e os dilemas da negritude.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MURASAKI, Aryel Ken; GALHEIGO, Sandra Maria. **Juventude, homossexualidade e diversidade: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais**, Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional - Brazilian Journal of Occupational Therapy, v.24, n.1, p.53-68, 2016

NASCIMENTO, Abdias do (Org.). **O Negro Revoltado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1968.

NOBREGA, Terezinha Petrucia da. **Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo**. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 91, pág. 599-615, agosto de 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302005000200015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000200015&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 24 de março de 2021. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200015>.

PAIM, Altair dos Santos, **Aparência física, estereótipos e inserção profissional: um estudo sobre a profissão de secretário executivo segundo a percepção das estudantes de secretariado**. Dissertação (mestrado em psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador – Bahia, 106 f.: il. 2007.

PAIXÃO, Marcelo (org.). **Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil. 2009-2010**. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

PECHIM, Lethicia. **Negros morrem mais pela covid-19**. medicina.ufmg.br. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/negros-morrem-mais-pela-covid-19/> acesso em 20/04/2021.

PEREIRA, M. E., ÁLVARO, j. l., OLIVEIRA, a. C., & DANTAS, G. S. (2011). **Estereótipos e essencialização de brancos e negros: um estudo comparativo**. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 144-153.

PESTANA, Cristiane Veloso de Araújo e OLIVEIRA, Marcos Vinícius Ferreira de. **A Morenização Predominante na Literatura Infantil: Um Projeto de Apagamento da Identidade Negra**. VERBO DE MINAS, Juiz de Fora, v. 21, n. 37, p. 150-169, jan./jun. 2020 – ISSN 1984-6959 – Qualis B1, acesso em 19/11/2020.

PILETTI, Claudino e Nelson. **Filosofia e História da Educação**. Ed. Ática. São Paulo, 1986.

POLAK, Y. N. S. (1997). **O corpo como mediador da relação homem/mundo**. *Texto & Contexto Enfermagem*, 6(3), 29-43.

REDAÇÃO ITFORUM365, **Algoritmos e preconceito: tecnologia pode perpetuar o racismo**, 30/09/2020, disponível em < <https://ceert.org.br/noticias/dados-estatisticas/43437/algoritmos-e-preconceito-tecnologia-pode-perpetuar-o-racismo>>, acesso em 21/02/2021.

REVISTA DA ABPN, V.10, n.24, nov. 2017-fev. 2018, p. 339-365.

REVISTA EPOCA ONLINE, <https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-promete-fim-do-coitadismo-de-negro-gay-mulher-e-nordestino/>

ROCHA, Saulo J. dos Santos. **O desenvolvimento da região promovido pela Universidade Estadual de Feira de Santana(UDFS) pelos seus egressos**. 2013. Tese (doutorado). Programa de pós-graduação de Desenvolvimento Regional e Urbano. Universidade de Salvador, Salvador.

RODRIGUES, Joyce Maria. **A relação do corpo negro para a construção da identidade negra**. In: FELINTO, Renata (Org.). **Culturas africanas e afro-brasileiras na sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. p. 61-66.

SANTIN, S. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí, RS: Livraria UNIJUÍ Editora, 1987. 125p.

SANTOS, Dyane Brito Reis. **Acesso e Permanência de Negros(as) no Ensino Superior: o caso da UFBA**, in Acesso e Permanência da população negra no ensino superior / Maria Auxiliadora Lopes e Maria Lúcia de Santana Braga, organização. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade : Unesco, 2007.

SANTOS, Dyane Brito Reis. **Para além das cotas: A permanência de estudantes negros no Ensino Superior como política de ação afirmativa**. Tese (Doutorado), Universidade Federal da Bahia. Salvador Editora da UFBA, 2009.

SANTOS, S. Q. S; MACHADO, V. L. C. **Políticas públicas Educacionais: antigas reivindicações, conquistas (Lei Nº 10.639) e novos desafios**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, V.16, n.58, p.95-112, jan./mar. 2008.

SARAIVA, M. DO C. **Co-Educação Física e esportes: quando a diferença é um mito**. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia: polêmicas do nosso tempo**. São Paulo: Cortez, 2000.

SCHWARCZ, L. M. **Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. 1.ed - São Paulo; Claro Enigma, 2012.

SCHEFFER, M. et al. **Demografia Médica no Brasil 2018**. São Paulo, SP: FMUSP, CFM, Cremesp, 2018. 286 p. ISBN: 978-85-87077-55-4.

SILVA, José Carlos Gomes da; ARAÚJO, Melvina Afra Mendes de; SOUSA, Flávia Alves de, (orgs.). **Política da promoção da igualdade racial na escola** - São Paulo: Unifesp, 2017.

SILVA, Paulo V. B. da; MIRANDA, Shirley Aparecida de, (orgs.). **Educação das Relações étnico-raciais: o Estado da Arte**. Universidade Federal do Paraná-Sistema de Bibliotecas. Curitiba: NEAB – UFPR e ABPN, 2018.

SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. In: SILVA, Tarcízio (org).. Comunidades, Algoritmos e Ativismo Digitais: olhares afrodiáspóricos. São Paulo: LiteraRUA, 2020.

SOARES, C. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.

SOUZA, R. F. **Inovação educacional no século XIX: a construção do currículo da escola primária no Brasil**. Caderno CEDES. v. 20 Nº 51. Campinas. 2000. 15p.

SOUZA, Rouf Ribeiro de. **As Representações do Homem Negro e as Suas Consequências**, Revista Fórum Identidades, Edição: Ano III, v. 06, n. 06, jul. – dez. 2009

Seção Dossiê: Culturas e Diferenças.

SOUZA, Neusa Santos, **Tornar-se negro- As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**, Ed. Graal, RJ-1983.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de, **As Idéias Eugênicas no Brasil: ciência, raça e projeto nacional no entre-guerras** – Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 6 n. 11 – UFGD - Dourados jan/jun 2012.

Spink, M. J., Menegon, V. M., & Medrado, B. (2014). **Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas**. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 32-43.

STIGGER, Marco Paulo (org.). **Educação Física + humanas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

TEIXEIRA, A. **O Ensino superior no Brasil-análise e interpretação de sua evolução até 1969**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1969.

\_\_\_\_\_. **Uma perspectiva da educação superior no Brasil**. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, V.50, n.111, jul./set. 1968. P.21-82. Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/perspectiva.html>. Acesso em: 25/08/2019.

VARON, Paloma, **“Racismo algorítmico”**: pesquisador mostra como os algoritmos podem discriminar, 06 de agosto de 2019, disponível em < <https://www.rfi.fr/br/brasil/20190806-racismo-algoritmico-pesquisador-mostra-como-os-algoritmos-podem-discriminar>>, Acesso em 22/02/2021.

VIEIRA, Kauê, **Como o racismo algoritmo se vale da ausência de negros na tecnologia**, disponível em < <https://www.hypeness.com.br/2019/08/como-o-racismo-algoritmo-se-vale-da-ausencia-de-negros-na-tecnologia/>>, Acesso em 23/02/2021.

WARREN, Ilse Scherer; WARREN, Joana Célia dos Passos (org.), **Relações étnico-raciais nas universidades: os controversos caminhos da inclusão**, Florianópolis : Atilênde, 2014. 148 p.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. 56 ed. Petrópolis: Vozes, 2003



**ANEXOS****Anexo 1**

Imagem de Cristo presente em um quadro que ficava na sala de minha casa. Esse quadro era bem comum na época e era visto com frequência em casas de famílias católicas. (Imagem retirada da internet)

<http://www.catholicismoromano.com.br/content/view/415/29/>, Acessado em 02/12/18.

## **Anexo 2**

Trecho do Evangelho de São Pedro, Capítulo 2, versículos de 13 a 25. (Retirado do site Bíblia on, no seguinte endereço: [https://www.bibliaon.com/1\\_pedro\\_2/](https://www.bibliaon.com/1_pedro_2/) )

### **O respeito pela autoridade**

13 Por causa do Senhor, sujeitem-se a toda autoridade constituída entre os homens; seja ao rei, como autoridade suprema,

14 seja aos governantes, como por ele enviados para punir os que praticam o mal e honrar os que praticam o bem.

15 Pois é da vontade de Deus que, praticando o bem, vocês silenciem a ignorância dos insensatos.

16 Vivam como pessoas livres, mas não usem a liberdade como desculpa para fazer o mal; vivam como servos de Deus.

17 Tratem a todos com o devido respeito: amem os irmãos, temam a Deus e honrem o rei.

18 Escravos, sujeitem-se a seus senhores com todo o respeito, não apenas aos bons e amáveis, mas também aos maus.

19 Porque é louvável que, por motivo de sua consciência para com Deus, alguém suporte aflições sofrendo injustamente.

20 Pois que vantagem há em suportar açoites recebidos por terem cometido o mal? Mas, se vocês suportam o sofrimento por terem feito o bem, isso é louvável diante de Deus.

21 Para isso vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando exemplo, para que sigam os seus passos.

22 "Ele não cometeu pecado algum, e nenhum engano foi encontrado em sua boca."

23 Quando insultado, não revidava; quando sofria, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça.

24 Ele mesmo levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, a fim de que morrêssemos para os pecados e vivêssemos para a justiça; por suas feridas vocês foram curados.

25 Pois vocês eram como ovelhas desgarradas, mas agora se converteram ao Pastor e Bispo de suas almas.

## Anexo 3

*Mulata Exportação*

Elisa Lucinda

“Mas que nega linda  
 E de olho verde ainda  
 Olho de veneno e açúcar!  
 Vem nega, vem ser minha desculpa  
 Vem que aqui dentro ainda te cabe  
 Vem ser meu álibi, minha bela conduta  
 Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!  
 (Monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu meu dendê?)  
 Minha tonteira minha história contundida  
 Minha memória confundida, meu futebol, entendeu meu gelol?  
 Rebola bem meu bem-querer, que sou seu improvisado, seu karaôquê;  
 Vem nega, sem eu ter que fazer nada. Vem sem ter que me mexer  
 Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer.  
 Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem nega, me ama, me colore  
 Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê.  
 Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar.”  
 Imaginem: Ouvi tudo isso com calma e sem dor.  
 Já preso esse ex-feitor, eu disse: “Seu delegado...”  
 E o delegado piscou.  
 Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena  
 com cela especial por ser cara intelectual...  
 Eu disse: “Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade, Genocídio  
 nada disso se cura trepando com uma escura!”  
 Ó minha máxima lei, deixai de asneira  
 Não vai ser um branco mal resolvido  
 que vai libertar uma negra:

Esse está fadado  
 porque não é com lábia de pseudo-oprimido  
 que vai aliviar seu passado.  
 Olha aqui meu senhor:  
 Eu me lembro da senzala  
 e tu te lembrás da Casa-Grande  
 e vamos juntos escrever sinceramente outra história  
 Digo, repito e não minto:  
 Vamos passar essa verdade a limpo  
 porque não é dançando samba  
 que eu te redimo ou te acredito:  
 Vê se te afasta, não invista, não insista!  
 Meu nojo!  
 Meu engodo cultural!  
 Minha lavagem de lata!

Porque deixar de ser racista, meu amor,  
 não é comer uma mulata

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **“O IMPACTO DAS AÇÕES AFIRMATIVAS NA ESTÉTICA E NA IMAGEM CORPORAL DE UNIVERSITÁRIAS(OS) NEGRAS E NEGROS”**. Nesta pesquisa pretendemos **“Compreender o processo de ingresso de estudantes negros e negras no Campus XII da UNEB, via Ações Afirmativas e os possíveis impactos em suas percepções estéticas e em suas imagens corporais.”** Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: **“Grupos Focais, Entrevistas Narrativas e Mapas Corporais”**. Os procedimentos adotados não apresentam nenhum risco para sua saúde física. Com relação aos riscos que envolvem a quebra de sigilo e confidencialidade e, para tanto, o pesquisador se compromete manter em sigilo a sua identidade assim como dados que possibilitem a sua identificação a fim de garantir o anonimato.

Como o estudo está relacionado a questões ligadas ao racismo e ao preconceito racial, enquanto participante, você poderá interromper a qualquer momento a sua participação na pesquisa, assim como solicitar a retirada de informações por você prestadas, caso sinta algum tipo de constrangimento.

A pesquisa contribuirá para **“um melhor entendimento do comportamento dos jovens universitários e como a sua estética e imagem corporal tem modificado ao decorrer do nosso tempo”**.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. Você terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, pode retirar o consentimento de guarda e utilização das informações cedidas, valendo a desistência a partir da data de formalização desta. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que você é atendido (a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados obtidos pela pesquisa, estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos na sala do Professor Rodrigo Ednilson de Jesus da Faculdade de Educação da UFMG e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções N° 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa **“O IMPACTO DAS AÇÕES AFIRMATIVAS NA ESTÉTICA E IMAGEM CORPORAL DE UNIVERSITÁRIOS NEGRAS/NEGROS”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

- ( ) Concordo que o meu material biológico seja utilizado somente para esta pesquisa.
- ( ) Concordo que o meu material biológico possa ser utilizado em outras pesquisa, mas serei comunicado pelo pesquisador novamente e assinarei outro termo de consentimento livre e esclarecido que explique para que será utilizado o material.

**Rubrica do pesquisador:** \_\_\_\_\_

**Rubrica do participante:** \_\_\_\_\_

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

---

Nome completo do participante \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

---

Assinatura do participante \_\_\_\_\_

**Nome completo do Pesquisador Responsável: Rodrigo Ednilson de Jesus**

Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.  
 Avenida Presidente Antônio Carlos  
 Pampulha  
 31270-901 - Belo Horizonte, MG - Brasil  
 Telefone: (31) 34095325  
 E-mail: rodrigoednilson@gmail.com

---

Assinatura do pesquisador responsável \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

**Nome completo do Pesquisador: Sebastião Carlos dos Santos Carvalho**

Endereço: Rua boa Ventura, 1003, Liberdade  
 CEP: 31270-310/ Belo Horizonte – MG  
 Telefones: (77) 999719203  
 E-mail: tiaocarvalho72@gmail.com

---

Assinatura do pesquisador (doutorando) \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

**COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG**

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.  
 Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.  
 E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592.